DESAFIANDO O RIO-MAR

NAVEGANDO O TAPAJÓS I

HIRAM REIS E SILVA

A presente obra, 6ª fase do "*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar - Navegando o Tapajós I*", presta um justo tributo ao patrono dos engenheiros militares brasileiros

Os leitores, certamente, ao conhecerem a vida e a obra do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, entenderão a homenagem que a ele presto humilde e respeitosamente nesta obra.

A conduta irrepreensível de Ricardo Franco como cidadão e soldado foi muito bem caracterizada pelo Capitão-General, João Carlos de Oyenhausen e Grevenburg ao comunicar a morte do herói do Forte Coimbra:

"*O zelo, inteligência e conhecimentos que o distinguiram, os serviços feitos a S.A.R. e, finalmente, os sentimentos de piedade que acompanharam a sua agonia e a particular amizade com que eu estimava este honrado oficial, são outros tantos títulos que justificam a mágoa com que faço esta comunicação a V. Exª*".

Prefácio

General Tibério Kimmel de Macedo

O autor deste extraordinário trabalho concede-me a distinção de prefaciá-lo. Desde logo, digo que é obra para consulta de pesquisadores, para figurar entre os clássicos da literatura Amazônica. Obra magistral, que, estou convicto, como lhe disse reiteradamente, está a requerer outro "*prefaciador*" que não este batedor de mato. Resumi-la, é tarefa impraticável.

Os trinta títulos que compõem o sumário, são fruto de demorada e cuidadosa pesquisa. O leitor sentirá que o Capitão Hiram já pensava escrevê-la um dia. Caberia ao Coronel – já com as experiências ajuntadas ao longo de anos de continuado estudo que sempre desenvolveu no percurso de sua proficiente carreira de Oficial Superior e de Professor – escrevê-la.

Há que ler para apreciar seus relatos e suas descobertas. Relatos que têm a valorá-los a observação ao vivo e, as descobertas, o depoimento verídico. Junte-se, ainda que a observação ao vivo, a descoberta, o depoimento verídico são registrados e proferidos por um natural desta nossa terra. É um filho da Terra de Santa Cruz que relata o que viu, não um estranho ansioso por inserir seu nome nas oitocentistas "*Reais Sociedades de Sciencias*"; tampouco, pena paga por conhecidos, mas, não declarados grupos do outro hemisfério. Destes dois gêneros, abundam títulos na bibliografia sobre a nossa Amazônia. Pensa este mateiro que escreve o antelóquio ([1]) que, em ambos, os fins eram e são convergentes e conhecidos por todos os homens bons, de antes e de agora.

---

[1] Antelóquio: prefácio.

O autor é pesquisador militar. De entre as especializações que possui, com a modéstia de todos sabida, no seu currículo alinha: Comunicações de Campanha, Análise de Sistemas, Sistemas de Informação e Telemática, e Operações na Selva. É de justiça lembrar a sua vasta experiência da Amazônia, que o faz emérito conferencista com mais de quatrocentas palestras proferidas em escolas, universidades e outras instituições públicas e privadas.

Destaca-se entre os maiores especialistas da atualidade nos assuntos pertinentes à Amazônia Brasileira, e profundo conhecedor da Questão Indígena, não só da cobiçada Hileia mas, também, nos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.

Questão Indígena que, na verdade como bem sabem os brasileiros de boa-fé [os "*homens bons*"], não visa atender reivindicações ou supostos direitos de tribos, mas objetivos de estrangeiros interesses decididos, como muito bem aponta o autor, a dividir o País em etnias hostis. Estrangeiros interesses com os quais já se deparava o homenageado desta parte da obra do Coronel Hiram, o Fronteiro Insigne, o solitário escravo do dever, Coronel de Engenheiros do Exército Português, Ricardo Franco de Almeida Serra.

O brasileiro e santista Alexandre de Gusmão, o criador do território brasileiro, arqueou o Meridiano, incluindo no domínio de Portugal a imensa mesopotâmia delimitada pelos divisores dos manadeiros do Oeste do Tocantins até as calhas dos Rios Madeira, Mamoré e Guaporé. Esta conquista de 1750 aguardaria o homenageado, então jovem Capitão para, nos 1782, iniciar a demarcação dos talvegues dos imensos Rios do Extremo Oeste assim incluídos no domínio lusitano.

Nesta faina, Ricardo Franco empenharia vinte e nove dos incompletos sessenta e um anos, da sua breve, mas fecunda existência.

Para homenagear o heroico Soldado, defensor do inconcluso, desguarnecido e desartilhado Coimbra, o Cartógrafo, o Engenheiro, "*o mais tenaz Explorador do Estado de Matto Grosso, nos tempos coloniais*", como o qualificou Rondon, na mesma imensa mesopotâmia que demarcou, cartografou e defendeu só três pontos, na "*Carta Geral*", há que lembram o Fronteiro: uma serra, um majestoso salto, e um Rio, afluente do Ji-Paraná, batizado Rio Ricardo Franco, por Rondon pessoalmente.

O leitor encontrará na obra do Coronel Hiram, o relato completo de um historiador minudente e pesquisador inquisitivo. A transcrição de documentos, inclusive os relativos ao inesperado e insólito ataque de D. Lázaro de Ribera, esgota o tema Ricardo Franco de Almeida Serra. Esteja certo, o tenaz Explorador dos tempos modernos que navegou o Tapajós em caiaque, o mesmo Rio caudaloso que seu antecessor, o tenaz Explorador dos tempos coloniais em ubá de muitos remos, navegou no arrepio das águas, que a homenagem pretendida está brilhantemente feita.

Ao ler as rotas das "*pernas*" navegadas pelo Coronel Hiram e que diz ser "*aventura*", aflora na mente a fala de Vieira, no seu Sermão da Visitação, proferido na presença do Vice- Rei [na cidade da Bahia, 1640]:

> Quem andou nunca, nem ainda correu com a imaginação os caminhos que fazem estes Soldados?

Roquete Pinto da sua aventura, na obra que chamou "*Rondônia*", disse ser ela, a aventura, "*filha caprichosa do meu entusiasmo*".

O entusiasmo, por sua natureza, é sempre uma explosão de vontade rápida e pouco duradoura. Esta obra do Coronel Hiram, "*é filha caprichosa da tenaz resiliência e de pertinaz constância*". Forças morais, estas, antinômicas daquele e, por isso, mais ressaltam o autor, porque entusiasmo nunca lhe faltaria.

O autor é um Soldado; afirmativa que já aponta, implicitamente, para Professor. O Soldado e Engenheiro, Professor e Matemático, é atento e ávido observador. Sua meticulosa perquirição para conhecer as origens do que observa e com clareza e método relata na sua obra, justifica batizá-lo de "*Indagador*", pois que conhecedor da linguagem do Universo – decifrada por Galileu [no seu "*Il Saggiatore*": "*A matemática é o alfabeto com que Deus escreveu o universo*"] – deseja ainda mais perscrutá-lo.

Há muito que o "*Indagador*" convive com este "*alfabeto*" e o Professor o explana, desvendando para seus alunos fenômenos seus conhecidos e antigos companheiros desde quando, jovem Capitão trecheiro observava a mata, as águas e os céus das estreladas noites de Roraima, junto das águas do Abonari.

Nestas águas do Abonari é que se localizam as nascentes do acalentado sonho, ou quase plano, que se haveria de fazer imperioso desiderato, de percorrer outras águas que seus predecessores sulcaram e ver, ele mesmo, o que outros olhos assustados viram e pés pisaram, em terras e águas "*que dês que Adão pecou aos nossos anos, não as romperam nunca pés humanos...*" [Lusíadas. IV, 70].

Os Rios, que Blaise Pascal dizia, espelhando-se nos que conhecera na sua Europa domesticada, "*são estradas que andam*".

Aqui, neste nosso descomunal sistema potamográfico, em que há ainda hoje águas pouco visitadas por proeiros e remadores, enredadas de Igapós e Paranás, de saltos e corredeiras, de tombos e sumidouros, o Rio é, não só a morada de imaginários entes que, como escreveu Dante "*Che sotto l'acqua sospira*", mas, ele próprio, pode se tornar um ofídio perigoso com inesperados banzeiros, submersas tranqueiras como as dos camalotes, as Ilhas flutuantes, ou já paradas, criando escondidos baixios de lodaçais imensos.

Há que haver fé inabalável, pertinaz constância e destemida coragem para, mesmo nestes tempos de novas tecnologias, enfrentar só com dois camaradas, o desconhecido em cada curva, em cada tombo dos ofídios Amazônicos.

Notável escritor, viajante incansável e explorador de rara energia o Coronel Hiram é, com justiça, o maior e o mais tenaz explorador dos tempos modernos. Entre seus contemporâneos, ninguém rompeu caminhos, tantos e tão alongados, pelas águas dos Rios brasileiros. Viagens, pelas cristas das ondas, "*na bubuia*" como dizem por aqueles lados, com a água a perigar "*alagação*" do valoroso "*Cabo Horn*", nunca "*empurrado*" ou, em espia "*puxado*", mas na força dos braços, remado.

A leitura de sua obra gera uma sensação de se olhar a região, o homem, as águas calmas e as turbilhonantes, a vida, as artes, os costumes, as seculares tradições, por um magnífico caleidoscópio. O "*Investigador*" viajou lentamente, colhendo fatos e dados, observando e estudando a humanidade em sua vida pela sobrevivência nas mais remotas e solitárias paragens, desde o pescador ribeirinho, ao seringueiro nas suas "*estradas*" de semana de caminhadas solitárias.

Esta colheita, a fez mais aprofundada e mais minudente porque como escreveu, era seu intento:

> despertar a juventude brasileira, mantendo-a acordada, com conhecimento de causa, para exercer uma pressão cidadã, no sentido de reverter o maior esbulho do patrimônio brasileiro, atualmente em andamento.

Precisamente por isto, e a tal intento sujeito, munido de documentação abundante que soma ao invulgar conhecimento de quem viveu na área retratada o autor é, aqui, Viajante, Historiador, Geógrafo, Naturalista, Geólogo, Etnólogo, Filólogo e o Comentarista abalizado de acontecimentos pretéritos e recentes da história da integração da Amazônia ao Ecúmeno Nacional.

A documentação gerada por este "*Investigador*" atualiza os trabalhos de exploradores do passado, e serão os formadores da última coleção de obra clássica sobre a Amazônia brasileira. Nada fica a dever aos trabalhos de renomados naturalistas e homens de ciência que abundavam por estes mesmos nossos Amazônicos rincões.

Gen Bda Tibério Kimmel de Macedo [Agora, Ref].

SEEEEELVA!!!

Agradecimentos

A Vanessa, Danielle e João Paulo, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao Grupo Fluvial do 8° BEC, em especial ao Cb Eng *Mário* *Elder* Guimarães Marinho e Sd Eng *Marçal* Washington Barbosa Santos, dois grandes amigos e irmãos que deixamos na Pérola do Tapajós;

Ao meus irmãos, Luiz Carlos Reis e Silva e Carlos Henrique Reis e Silva, amigos de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de *Araújo*, esteio fundamental na divulgação do Projeto e conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas e artigos;

A meus amigos, irmãos e mestres Cristian *Mairesse* Cavalheiro e Daniel Luís Costa *Scherer* nossos primeiros e mais fieis colaboradores que continuam apoiando nossas jornadas;

Aos Professores *Sérgio* Pedrinho Minúscoli e Major R/1 *Eneida* Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro. À minha querida parceira *Rosângela* Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, artífice do Blog "*desafiandooriomar.blogspot.com*", que incansavelmente contribuiu nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto–aventura e a questões

amazônicas em diversos periódicos nacionais, além de assessorar no planejamento e coordenação da captação de recursos;

Aos professores e alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) pelo incentivo e apoio integral ao nosso Projeto;

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Amigos Investidores

Poema do Amigo Aprendiz

(Fernando Pessoa)

Quero ser o teu amigo.
Nem demais e nem de menos.
Nem tão longe e nem tão perto.
Na medida mais precisa que eu puder.
Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida,
Da maneira mais discreta que eu souber.
Sem tirar-te a liberdade, sem jamais te sufocar.
Sem forçar tua vontade.
Sem falar, quando for hora de calar.
E sem calar, quando for hora de falar.
Nem ausente, nem presente por demais.
Simplesmente, calmamente, ser-te paz.
É bonito ser amigo, mas confesso: é tão difícil aprender!
E por isso eu te suplico paciência.
Vou encher este teu rosto de lembranças,
Dá-me tempo de acertar nossas distâncias...

Quero, aqui, deixar gravado o nome de cada um dos amigos que, ao contribuir com recursos financeiros, passagens e equipamentos, permitiram–nos cumprir mais esta etapa do Projeto Aventura Desafiando o Rio–Mar – Navegando no Rio Tapajós. Não fosse a colaboração voluntária de cada uma das senhoras e dos senhores, jamais teríamos conseguido dar continuidade ao nosso Projeto de Soberania.

Investidores: Adão Maciel, A.D.T., Ademir Bisotto, Aderbal Domingos Tortato, Adriano Pires Ribas, AHIMTB, Alberto Moreira Costa, Alberto Mota Porto Alegre, Alfredo José Coelho dos Santos, Altino Berthier Brasil, Álvaro Nereu Klaus Calazans, Álvaro Pereira, AMAN – Tu 75, Amarcy de Castro e Araújo, Américo

Adnauer Heckert, Ana Elizabeth Noll Prudente, André Luiz Oliveira Conceição, André Tiago S., Antônio de Pádua Sousa Lopes, Antônio Fernando Rosa Dini, Antônio Loureiro, Arnalberto Jacques Nunes Seixas, Batalhão de Engenheiros – Província de São Pedro, Cacinaldo Gomes Kobayashi, Carlos Alberto Da Cás, Carlos Henrique Reis e Silva, Carlos Humberto Furlan, Carlos Vilmar da Silva, Centro de Estudos Themas, Cesar Eduardo Pintos Trindade, Cícero Novo Fornari, Círculo Militar de Campinas, Clayton Barroso Colvello, Cristian Mairesse Cavalheiro, Daniel Luís Costa Scherer, David Daniel Carmem Prado, David Waisman, Décio José Dias, Deoclécio José de Souza, Edison Bittencourt, Edmir Mármora Jr., Edson M. Areias, Eduardo de Moura Gomes, Eduíno Carlos Barboza, Elias dos Santos Cavalcante, Eliéser Girão Monteiro Filho, Eneida Aparecida Mader, Enzo PI, Ernesto Jorge Alvorcem Neto, Everton Marc, Félix Maier, Floriano Gonçalves Filho, Francisco B. C., Gelio Augusto Barbosa Fregapani, Geraldo de Souza Romano, Gerson Luís Batistella (Rotary Barril), Getúlio de Souza Neiva, Gilberto Machado da Rosa, Gisele Pandolfo Braga, Glaucir Lopes, Hélio M. Mello, Hiram de Freitas Câmara, Humberto R. Sodré, Jacinto Rodrigues, João Batista Carneiro Borges, Johnson Bertolucci, Jorge Alberto Barreto, Jorge Alberto Forrer Garcia, Jorge Luiz Ribeiro Morales, Jorge Mello, Jorge Vieira Freire, José Augusto Mariz de Mendonça, José de Araújo Madeiro, José Gobbo Ferreira, José Luiz Dalla Vechia, José Luiz Poncio Tristão, José Santiago Magalhães, Joviano Alfredo Lopes, Leandro Enor Danelus, Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, Levy Paulo da Silva Falcão, Linelson de Souza Gonçalves, Luciano Martins Tavares, Luciano S. Campos, Lúcio Batista Guaraldi Ebling, Luís Andreoli, Luiz A. Oliveira, Luiz Caramurú Xavier, Luiz Carlos Bado Bittencourt,

Luiz Carlos Nunes Bueno, Luiz Ernani Caminha Giorgis, Luiz Roberto Dias Nunes, Luiz Roberto J., Mães da AACV (CMPA), Magnus Bertoglio, Manoel Soriano Neto, Marcelo Augusto S. Barros, Marco A. Dias P., Marco Antônio Andrés Pascual, Marcos Coimbra, Marcus Antônio Balbi, Marcus Balbi, Maria de Vargas Schardosim, Maria Helena Gravina, Mario Monteiro Campos, Milton B. Viana, Moacir Barbosa, Olavo Montauri Silva Severo Jr., Osmarino Borges, Patrícia Buche, Paulo Augusto Lacaz, Paulo Emílio Silva, Paulo Ricardo Chies, Paulo Roberto Viana Rabelo, Pedro Arnóbio de Medeiros, Pedro da Veiga, Pedro Eduardo Paes de Almeida, Pedro Fernando Malta, Pedro Meyers (Irmão Dr. Marc André Meyers), Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia, Pedro Santana, Petrônio Maia Vieira do Nascimento e Sá, R.S.F., Renato Dias da Costa Aita, Renato Dutra de Oliveira, Renato Pozolo, Rogério Amaro, Rogério João Baggio, Rogério Oliveira da Cunha, Roner Guerra Fabris, Rosângela Maria de Vargas Schardosim, Sérgio Tavares Carneiro, Sidney Charles Day, Stelson Santos Ponce de Azevedo, Tibério Kimmel de Macedo, Tullio Enzo Pinto Perozzi, Turma 82 (Eng-AMAN), Turma C Infor Nr 3 (atual 1ª CTA), Uirassú Litwinski Gonçalves, Valmir Fonseca Azevedo Pereira, Valmor Nazareno, Venesiano de Brito Almeida, Virgílio Ribeiro Muxfeldt, Vitor Mário Scipioni Chiesa e Wanrley dos Anjos Perazzo.

Meu muito obrigado a cada um de vocês, amigos investidores e que o Grande Arquiteto do Universo vos abençoe, ilumine e guarde.

O Navio Negreiro

(Castro Alves)

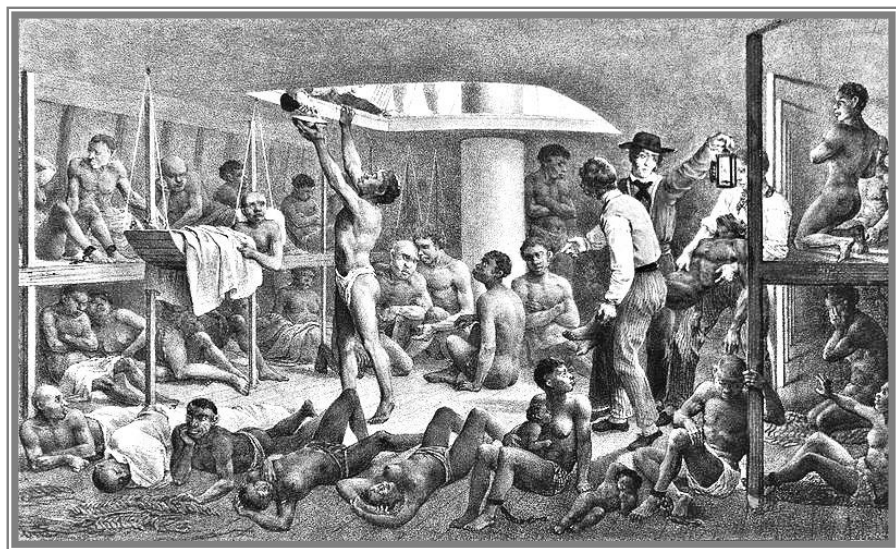



Imagem 01 – Negres a Fond de Calle – Rugendas, 1830

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho Mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena ([2])
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

---

[2] Mezena: vela que se enverga na carangueja do mastro de ré em ocasião de mau tempo. Carangueja é uma verga colocada obliquamente e pela face de ré de um mastro, no plano diametral do casco. A parte mais grossa, que fica junto ao mastro tem um pino de aço que se chama garlindéu e emecha numa peça fixa ao mastro, podendo esta peça ser um pé-de-galinha ou um cachimbo.

Mensagens

Cel Eng Paulo Roberto Viana Rabelo

Prezado Cel Hiram,

A sua capacidade de superar os obstáculos e persistir nas jornadas castrenses são exemplos vivos para todos nós. Isso não é novidade pra quem o conheceu nas primeiras remadas nas plagas pantaneiras, lá pelas barrancas do Aquidauana, Piraputanga e tantos outros do nosso Pantanal. Lembro, perfeitamente, a primeira instrução do então Cap Hiram, naquele auditório de piso de madeira do Carlos Camisão, sobre a informática como meio para cálculo de material de pontes, algo impensável naquela quadra.

Lembro da pacata vila do 9° BECmb, a jiboia, a vida familiar simples, as caças do Léo, momentos ricos de amizade, coesão e camaradagem. Em anexo, uma pequena contribuição para a realização desse belo trabalho, de um sonho grandioso que se completa a cada remada, apesar da extrema adversidade. A cada expedição, o senhor avança o LAT na imensidão amazônica. Sucesso, saúde e paz de espírito. Que Deus o abençoe junto aos familiares.

Um forte abraço, Cel Eng Viana, Ex-Cmt do 5° BECnst

Gen Tibério Kimmel de Macedo

Cel Hiram, meu caro amigo e valoroso camarada. Boa tarde.

Ontem, logo após teu telefonema, chegou o texto. Dei uma passada d'olhos "*a voo de pássaro*", e impressionei-me. Trabalho magnífico, meu caro amigo, "*marupiara gapuiadô*".

O texto está muito bem formatado, lindo de se ver e agradável de se ler. Não sei como consegues formatar, assim, com páginas em dois quadros sucessivas e, ainda, com aquela seta indicativa de "*virar*" a página. Um dia, quem sabe, dominarei esta técnica, em que pese minha senectude...

Mas, meu caro amigo, é trabalho de cientista e de explorador, que supera os "*Relatórios de viagem*", desde os da "*entrada*" de Palheta, à "*Expedição Filosófica*" do "*doutor*" conimbrense, Alexandre Rodrigues Ferreira, e mais os que se seguiram, até o segundo império. Alinhando-se, todos, não há um te sirva de parelha.

Já te disse, "*no antes*", que te estavas ombreando com Palheta e Rondon e, acrescento agora, com menos apoio que aqueles tiveram.

É, precisamente estas conclusões que me fazem temeroso da tarefa que me quer incumbir.

Distingue-me e honra-me sobremodo. Temo, no entanto, ser "*areia*" demais para a minha "*basculante*".

Mas, honrado e distinguido, como já te disse acima, aceito a assustadora incumbência.

Não é humilde convite, como dizes, é chamamento de um intemerato explorador, de um intrépido bandeirante dos dias que vazam.

Sua atividade neste campo, sempre por adustas paragens e com incansada persistência, é exemplo para todas as gerações que, nos dias de hoje, desatentas de tão importantes valores quais os que a tua obra revela, alegres vivem neste continente de Santa Cruz.

Temo que meu caro amigo esteja enganado, quanto à imagem que faz deste batedor de mato e amassador de pasto de picada. Sei que me olhas com o "*prisma*" da amizade e, por ser prisma, distorce e refrata a luz, fazendo-te ver tons que este cavalo velho, realmente, os não tem.

Mas, Soldado de Selva, honrado, repito, aceito o desafio.

É uma peregrina homenagem, para este velho, que a sente aquecendo-lhe o peito octogenário.

Parabéns, pelo excelente trabalho. Continuado sucesso. Obrigado pelo exemplo que proporcionas a todos os que tem a satisfação e a bênção de conhecer-te.

Obrigado, outra vez, pelo teu convite e pela gentileza de lembrar-te deste "*véio mateiro*".

Abraços. Saúde. Abençoados dias.

SEEEEELVA!!!

Os Lusíadas – Canto I – 19/21

(Luís Vaz de Camões)

19

[...] Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Proteu ([3]) são cortadas,

20

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21

Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só com pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro tem e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde. [...]

---

[3] Proteu: personagem da Mitologia Grega, pastor dos rebanhos de Poseidon, filho de Tétis e Oceanus, que tinha o poder de premonição.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Rio Símbolo

(Felisbelo Jaguar Sussuarana)

Soberbo flúmen ([4]), Tapajós altivo,
De longe vens nesse lutar sem tréguas,
Vivo, vencendo léguas e mais léguas,
Ora a espraiar-te
Em fúlgidos lençóis, ora a estreitar-te
Em veios
De ouro cheios,
Fertilizando as terras
Por onde erras,
Altivo Tapajós.

Vens de longe correndo,
Vens vencendo
Saltos e cachoeiras
Altaneiras,
Beijando praias e barrancos altos,
Dando vida e valor,
Dando alegria
À ubertosa ([5]) região de que és senhor.

A marcha a te deter quem ousaria,
Ó rico e belo flúmen brasileiro? [...]

---

[4] Flúmen: o mesmo que Rio.
[5] Ubertosa: fecunda.

Rio Tapajós

Tapajós

O Rio Tapajós nasce no Estado de Mato Grosso. Recebe seu nome após a confluência dos Rios Juruena e Teles Pires. Faz divisa entre o Estado do Pará e o Sudeste do Amazonas, banha parte do Estado do Pará e deságua no Rio Amazonas na altura da Cidade de Santarém.

Expedições ao Tapajós

Antes mesmo da Expedição de Pedro Teixeira, a Bacia do Baixo Tapajós já era conhecida pelos portugueses. O escritor Manuel Rodrigues, o "*Marañon*", relata que os ingleses, em busca de ouro, haviam empreendido duas expedições mal sucedidas, no Tapajós, onde grande parte dos expedicionários tinha perdido a vida.

A navegação do Tapajós, desde o princípio, foi realizada, simultaneamente, a partir do Sul e do Norte. Foram os próprios habitantes do Mato Grosso que descobriram que ele se origina da confluência do Juruena com o Arinos.

Os missionários Jesuítas fundaram seis missões desde a Foz, no Amazonas, até as cataratas, por volta de 1735.

João de Souza Azevedo, em 1745, desceu pelo Rio Sumidor até suas cachoeiras.

Em 1747, Pascoal Arruda desce o Tapajós a partir das Minas de Santa Isabel nas nascentes do Arinos.

Em 1805, João Viegas desceu o Rio e, em 1812, Antônio Tomé de França comandou a primeira Expedição mercante até a Cidade do Pará ([6]) e, no ano seguinte, retornou com suas canoas carregadas, pelo mesmo caminho.

A partir de então, as viagens pelo Tapajós se tornaram mais comuns e a mais importante, sem dúvida, foi a realizada pelo francês Henri Coudreau a serviço do governo Paraense com a finalidade de definir a localização exata das fronteiras do Estado com o Mato Grosso.

Relatos Pretéritos – Tapajós

Cristóbal de Acuña (1639)

LXXIV – Rio e Nação dos Tapajós

A 40 léguas ([7]) deste estreito desemboca, pela margem Sul, o grande e vistoso Rio dos Tapajós, que toma o nome da nação e Província de nativos que vivem em suas margens, que são muito bem povoadas por bárbaros, com boas terras e abundantes mantimentos. (ACUÑA)

Bernardo P. de Berredo e Castro (1718)

Livro 7

568. Conhecia bem Manoel de Souza os interesses da Capitania; e não duvidando de que os mais importantes eram os dos resgates de escravos Tapuias, para o serviço dela, encarregou esta diligência ao Capitão Pedro Teixeira, que assistido do Padre Frei Christovão de São Joseph, Religioso Capucho de

---

[6] Cidade do Pará: Belém.

[7] 40 léguas = 264 km.

Santo Antônio, saiu da Cidade de Belém com vinte e seis Soldados, e copioso número de índios ; mas como chegando à Aldeia dos Tapuyusus teve as informações de que no Tapajós comerciavam eles com uma Nação muito populosa, que tomava o nome deste mesmo Rio, deixando logo o das Amazonas, por onde navegava, entrou por aquelas doze léguas ([8]) até uma enseada de cristalinas águas, a que servia de docel um belo arvoredo; aprazível sítio, em que descobriu os novos Tapuias, avisados já desta visita pelos seus amigos Tapuyusus, generosamente subornados do mesmo Comandante.

Porém ele, que entre as lisonjas da fortuna se lembrava sempre da sua inconstância, desembarcando muito nas vizinhanças da Povoação, se fortificou com toda a boa ordem da disciplina militar; até que satisfeito da fidelidade destes índios, os comunicou com mais confiança; e achando neles um trato menos bárbaro, indagou também as prováveis notícias de o haverem devido ao comércio das Índias Castelhanas, de que se tinham separado.

Aqui se deteve alguns dias com amigável correspondência; e depois do resgate de galantes esteiras, e outras curiosidades, se recolheu ao Pará, justissimamente gostoso deste descobrimento, mas com poucos escravos; porque os Tapajós os estimam de sorte, que raras vezes chegam a consentir nesta qualidade de permutações. [...]

Livro 10

733. Navegando mais quarenta léguas ([10]), à parte do Sul, entrou Pedro Teixeira na grande Boca do Tapajós, Rio tão aprazível, como caudaloso, que toma o nome da principal Nação dos seus habitado-

[8] Doze léguas = 79,2 km; quarenta léguas = 264 km.

res que, além de serem todos muito guerreiros, usam também de flechas ervadas ([9]) e aportando uma das suas Povoações achou nela, pelos resgates ordinários, abundante refresco de carnes do mato, aves, peixes, frutas e farinhas, com um sumo agrado daqueles bárbaros Tapuias, que tratou alguns dias.

A sua entrada é defendida de uma Fortaleza, que conservamos há muitos anos; mas ainda que várias vezes se tem intentado o seu descobrimento, só pode conseguir-se até os primeiros rochedos, embaraçado sempre da oposição forte daquele gentilismo. Tem dilatadas matas de pau cravo; e na eminência das suas montanhas, se presumem nelas umas pedras muito pesadas, que sendo de metal é de tão baixa qualidade, que se exala todo a sua fundição. (BERREDO)

Charles-Marie de La Condamine (1735)

XI

Em menos de dezesseis horas de caminhada, fomos de Pauxis à Fortaleza de Tapajós, na entrada do Rio do mesmo nome. Este é também um Rio de primeira ordem. Deflui das minas do Brasil, atravessando países desconhecidos, onde habitam nações selvagens e guerreiras, que os missionários jesuítas trabalham em amansar.

Dos restos do aldeamento de Tupinambara, situado outrora numa grande Ilha, na Foz do Rio da Madeira, formou-se o de Tapajós, e seus habitantes são quase que tudo o que resta da valente nação dos Tupinambá, dominante há dois séculos no Brasil, onde deixaram a língua. Pode-se-lhe ver a história e a longa peregrinação na Relação do Padre d'Acuña.

---

[9] Ervadas: envenenadas.

É entre os Tapajós que se acham hoje, mais facilmente, dessas pedras verdes, conhecidas pelo nome de pedras das amazonas, cuja origem se ignora, e que foram tão procuradas outrora, por causa da virtude que se lhes atribuía, para curar a "*pedra*" a cólica nefrítica, e a epilepsia. Houve um tratado impresso sob a denominação de Pedra Divina.

A verdade é que elas não diferem, nem na cor nem na dureza, do jade oriental: resistem à lima, e ninguém imagina por qual artifício os antigos americanos a talhavam, e lhes davam diversas configurações de animais. Foi, sem dúvida, o que deu lugar a uma fábula digna de refutar-se. Acreditou-se muito a sério que tal pedra não era mais que o limo do Rio, ao qual se dava a forma requerida, petrificando-o quando era tirado ainda fresco, e que adquiria ao ar esta dureza extrema.

Quando se concordasse gratuitamente com semelhante maravilha, de que alguns crédulos não se desenganaram senão depois de ter experimentado inutilmente um processo tão simples, restaria outro problema da mesma espécie a propor aos lapidários.

São as esmeraldas arredondadas, polidas e furadas por dois buracos cônicos, diametralmente opostos num eixo comum, tais como ainda hoje se encontram no Peru, nas margens do Rio de Santiago, na Província das Esmeraldas, a quarenta léguas ([10]) de Quito, com diversos outros monumentos da indústria de seus antigos habitantes. Quanto às pedras verdes, elas se tornam cada vez mais raras, já porque os índios, que lhes dão grande importância, delas se não desfazem de boa vontade, já porque grande número delas foi enviado à Europa. (CONDAMINE)

---

[10] Quarenta léguas = 264 km.

João Daniel (1741-1757)

[...] o Rio Tapajós na verdade é um dos mais avultados, que, da banda do Sul, recebe o Amazonas. Tem este Rio as suas cabeceiras muito perto das minas de Cuiabá, que tomam o nome do Rio Cuiabá, que tomam o seu curso para o Sul, e se vai meter no Rio da Prata; e talvez que pelo Rio Cuiabá, ou algum outro tenha o Rio Tapajós comunicação com o Rio da Prata; pois consta que na verdade há a tal comunicação, posto que ainda não se sabe de certo por qual Rio: se pelo Tapajós, ou pelo Madeira, de que falamos supra. E quando não seja por este Rio Cuiabá, ao menos se afirma estarem vizinhas as cabeceiras de um e outro Rio. Recolhe o Rio Tapajós de uma e outra banda muitas e grandes ribeiras, e alguns Rios de nome, especialmente da banda de nascente. [...]

É o Rio Tapajós navegável até suas cabeceiras; porém com alguma dificuldade nas suas catadupas, e daí para cima, onde corre muito violento, por não atender ao grande princípio, que nas cachoeiras o espera, bem como os pescadores, que não atendendo à grande queda, que os espera no fim da vida, para o inferno correm sem freios nos seus vícios, "*nullus est qui recogitet*" ([11]). Contudo não são as cachoeiras do Tapajós tão medonhas, como as do Rio Madeira porque se podem navegar para cima facilmente no tempo da enchente, e ainda na vazante em embarcações pequenas.

Quase na sua Foz forma grandes Baías, onde recolhe o Rio Cumane, que nele deságua da banda de Oeste; é de poucos dias de viagem. Deságua o Rio Tapajós no Amazonas com tanto ímpeto que, por um grande espaço, se conhecem divididas por uma corda as

[11] "*Nullus est qui recogitet*": ninguém há que reflita.

águas de um e outro; ou porque quer mostrar que ainda à vista do Amazonas é Rio grande ou que é Rio de distinção. Já para cima da sua Foz, coisa de duas léguas ([12]), tem furo para o Amazonas, bem pelo meio de uma língua de terra, capaz de grandes embarcações em todas as estações do ano, exceto na Boca que, nas secas do verão, quase fica em seco. Nesta Boca do Tapajós está uma Fortaleza, que é a primeira Rio abaixo da banda do Sul. [...]

Junto à catadupa do Rio Tapajós, acima da sua Foz pouco mais de cinco dias de viagem, está uma fábrica, a que os portugueses chamam convento, por ter o feitio dele. Consiste este em um comprido corredor com seus cubículos por banda, e com suas janelas conventuais em cada ponta do corredor. É fábrica, segundo me parece das poucas notícias que dão os índios brutais em cujas terras estão, de pedra e cal, e conforme a sua muita antiguidade, mostra ser feito por mãos de bons mestres. É todo de abóbada, e muito proporcionado nas suas medidas, e não é feito, ou cavado em rochedo por modo de lapa, ou concavidade, como são os templos supra, mas obra levantada sobre a terra. Alguns duvidam se toda a fábrica consta de uma só pedra, porque não se lhe veem as junturas: famoso calhau se assim é e, na verdade, só sendo um inteiro calhau parece podia durar tanto, pois segundo o ditame da razão se infere que ou é obra antes do Universal Dilúvio, ou ao menos dos primeiros povoadores da América que, por tão antigos, ainda se não sabe decerto donde foram, e donde procedem. A tradição, ou fábula, que de pais a filhos corre nos índios , é que ali moraram, e viveram nossos primeiros pais, de quem todos descendem, brancos e índios ; porém que os índios descendem dos que se serviam pela porta, que corresponde às suas Aldeias, e que por isso saíram

[12] Duas léguas = 13,2 km.

diferentes na cor aos brancos, que descendem dos que tinham saído pela porta correspondente à Foz, ou Boca do Rio; será talvez a principal e ordinária serventia do palácio, e a outra uma como porta travessa; outros dizem que naquele convento moraram os primeiros povoadores da América e que, repartindo a seus filhos e descendentes aquelas terras, eles bulharam ([13]) entre si sobre quem havia de ficar senhor da casa, e que finalmente só se acomodaram desamparando a todos.

Eu não discuto agora sobre estas tradições, cuja ponderação deixo à discrição dos leitores, só digo que o palácio, ou convento bem merece veneração por velho e gozar dos privilégios dos mais antigos. Algum autor houve que discorria ser a América o Paraíso Terreal, onde Deus pusera Adão, apontava para isso várias razões, fundadas já na sua grande fertilidade, e já nos seus grandes Rios; e outros que não aponto por me parecerem quiméricos, além de assentarem os maiores escriturários, que o lugar do paraíso era, e é na Ásia, encoberto, e oculto aos homens; e também pode ser na América do que prescindo; só digo que os que o põem na América têm neste "*Convento*" e tradição dos índios grande fundamento. A verdade é que os índios lhe têm tal respeito e veneração, que se não atrevem a morar nele, não obstante o viverem em suas fracas choupanas quanto basta a encobrir os raios do Sol, e incomodidade da chuva; nem têm instrumentos para maiores fábricas, por não terem uso do ferro; e tendo ali casas feitas, e bem acomodadas, as deixam estar solitárias, servindo de covis aos bichos do mato, e de palácio aos grandes morcegos, e aves noturnas que ali vivem e moram muito contentes e sossegadas, enquanto os tapuias não lhes dão caça com as suas flechas, para deles fazerem bons

[13] Bulharam: discutiram irracionalmente.

assados, e melhores bocados para os seus. Ao sair pela sua porta os índios, e por isso saíram tisnados ([14]), e vermelhos; e quem sabe se por causa deste fogo, e fumo, não habitam o convento? [...]

Mais curiosos foram os que mediram outra semelhante no Rio Tapajós, que com grande cabedal ([15]) deságua acima do Rio Coroa. Entre os mais Rios e Ribeiras que recolhe o Tapajós é um o Rio Cupari, a pouca mais distância de três dias e meio de viagem da banda de Leste no alegre sítio chamado Santa Cruz; é célebre este Rio, mais que pelas suas riquezas, de muito cravo, por uma grande lapa feita, e talhada por modo de uma grande Igreja, ou Templo, que bem mostra foi obra de arte, ou prodígio da natureza. É grande de cento e tantos palmos no comprimento; e todas as mais medidas de largura e altura são proporcionadas segundo as regras da arte, como informou um missionário jesuíta, dos que missionavam no Rio Tapajós, que teve a curiosidade de lhe mandar tomar bem as medidas.

Tem seu portal, corpo de Igreja, Capela-mor com seu arco; e de cada parte do arco, uma grande pedra por modo de dois Altares colaterais, como hoje se costuma em muitas Igrejas; dentro do arco e Capela-mor, tem uma porta para um lado, para serventia da sacristia. O missionário que aí quiser fundar missão já tem bom adjutório ([16]) na Igreja, e não o desmerece o lugar, que é muito alegre. Bem pode ser que nos mais Rios e Distritos do Amazonas, e seus colaterais, haja algumas outras Igrejas, ou Capelas; nestes três Rios Tapajós, Coroa e Xingu se descobriram estas, por serem mais frequentados. (DANIEL)

---

[14] Tisnados: enegrecidos.
[15] Cabedal: caudal.
[16] Adjutório: auxílio.

José Monteiro de Noronha (1768)

Da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias dos Domínios Portugueses em os Rios Amazonas e Negro

54. O Rio Tapajós tem as suas fontes junto à cordilheira das Gerais. Desce do Sul ao Norte paralelo aos Rios Xingu e Madeira, e deságua na margem austral do Amazonas em 02°25′ ao mesmo Polo do Sul. Unem-se-lhe vários Rios; um dos quais é o das Três Barras que lhe é Oriental, aonde o Sargento-Mor ([17]) João de Souza de Azevedo achou ouro no ano de 1746 e o Rio Arinos, aonde no mesmo ano foram descobertas as minas de Santa Isabel por Pascoal Arruda, passando por terra do Mato Grosso ao Rio Arinos, cuja jornada se faz em quinze dias, e em menos de Cuiabá.

55. Há neste Rio grandes Saltos, chamados vulgarmente cachoeiras, cravo e óleo de copaíba. As suas terras ainda são povoadas de muitas nações de índios infiéis das quais as mais conhecidas são: Tapakurá, Carary, Maué, Jacaretapiya, Sapopé, Yauain, Uarupá, Suarirana, Piriquita, Uarapiranga. Os índios das nações Jacaretapiya e Sapopé são antropófagos. Os da nação Yauain têm por sinal distintivo um listão largo e preto no rosto, principiando do alto da testa até a barba.

Os das nações Uarupá, Suarirana, e Piriquita têm as faces matizadas com sinais pretos, que lhe fazem os pais na sua infância com pontas de espinhos, e tinta negra aplicadas nas picaduras dos mesmos espinhos. Nos seus ritos, costumes e armas, são como os demais, sem especialidade notável.

---

[17] Sargento-Mor: Major.

56. Na Barra do Rio Tapajós, à parte Oriental dele está a Vila de Santarém, defendida por uma Fortaleza. Pelo Rio acima, há mais quatro povoações, a saber: a Vila de Alter do Chão [antiga Borary ou Iburari], na margem Oriental e superior a Santarém 8 léguas ([18]); a Vila Franca [antiga Cumaru ou Arapiuns] na margem Ocidental fronteira a Alter do Chão com a mediação de uma Baía de mais de 4 léguas e pouco acima da Barra do Rio Arapiuns.

A Vila Boim [antiga S. Inácio ou Tupinambaranas] distante da Vila Franca 10 léguas na mesma margem. A Vila de Pinhel [antiga Maitapus] também Ocidental, e acima da Vila Boim 4,5 léguas. Os índios, que habitam nestas Vilas e em todas as demais povoações, que ficam do Tapajós para baixo se chamam vulgarmente entre eles "*Canicaruz*"; em distinção dos que assistem nas povoações de cima, aos quais apelidam por "*Yapyruara*", e vale o mesmo que "*gente do sertão, ou parte superior do Rio*". (NORONHA)

Manoel Ayres de Cazal (1817)

Tapajônia

Os navegadores do Tapajós observaram numerosas colinas, e alguns montes, estando ainda muito distantes do Amazonas, em cujas vizinhanças as terras são baixas, e nenhum Rio considerável sai deste país para o primeiro, que é assaz largo e cheio de Ilhas de todas as grandezas povoadas de matos. Não nos atrevemos a dizer se a parte do Sudoeste é regada pelo caudaloso e cristalino Rio das Três Barras por ainda não estar acertada a Latitude das suas Bocas.

[18] 08 léguas = 52,8 km.

Mas ou estejam dentro ou fora dos limites, que assinamos ([19]) à Comarca, e que por hora só servem para clareza da descrição empreendida, é provável que, quando com o tempo a povoação crescer nestas paragens, venha ele a ser em parte a divisão comum com a Província dos Arinos. Pela sua grandeza se supõe ser navegável por larguíssimo espaço, com grande vantagem dos futuros povoadores de uma e outra Comarca, facilitando-lhes a condução das suas produções ao Tapajós.

Santarém: Vila grande, e florescente situada pouco dentro da embocadura do Rio Tapajós escala das canoas, que navegam para Mato Grosso e Alto Amazonas, e o depósito de grande quantidade de cacau, cujas árvores têm sido cuidadosamente cultivadas no seu território, que lhes é particularmente apropriado [...]. É povoação abastada de pescado. Tem uma Igreja Paroquial dedicada a Nossa Senhora da Conceição, e muitas casas de sobrado. No Fortim, que a princípio a defendia contra os bárbaros, há hoje um Destacamento para registrar as canoas que sobem e descem por um e outro Rio. Seus habitantes, em grande parte Brancos, criam ainda pouco gado "*vacum*". (CAZAL)

J. B. Von Spix e C. F. P. Von Martius (1819)

Ao sair do camarote, notamos uma grande mudança na água; não tinha mais o tom amarelo-sujo da do Amazonas, mas era verde-escura e mesmo mais clara que a do Xingu; achávamo-nos, portanto na Foz do Tapajós. Em breve, subíamos, por esse Rio cuja largura não nos pareceu muito maior que a do Xingu em Porto de Moz. (SPIX & MARTIUS)

[19] Assinamos: firmamos.

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Nota

O Rio Tapajós com o Juruena, que o constitui, tem as cabeceiras nas Serras dos Parecis, ao Ocidente das do Rio Guaporé, situadas no terreno mais excelso do Brasil; destas Serras ele rola para o Setentrião paralelamente ao Xingu. As suas correntes são escuras, mas em fundo de duas braças ([20]) deixam divisar as áreas e os seixinhos da margem. A situação geográfica da sua Foz é o paralelo austral 02°29' cruzado pelo meridiano 323°15' e a largura de 2.998 braças craveiras ([21]).

Este Rio extrai o nome dos silvícolas denominados Tapajós que antigamente desceram das possessões castelhanas no alto Peru e tomaram assento na parte contiguamente superior ao sítio que hoje ocupa a Vila de Alter do Chão. Estes silvícolas eram menos broncos e menos bravos e infestadores que os outros indígenas; entre os quais muito abalizavam os Muturicus na valentia. As últimas hostilidades que eles praticaram nos povos do Tapajós, ajudados das suas mulheres, foram em 1773, em cujo tempo também combateram o Comandante da Fortaleza da Foz do Rio sem pavor do fogo que ele lhes fez por um largo espaço de tempo.

É penhascoso o Tapajós. Cinco dias de navegação para cima das suas faces o estorva grande número de catadupas e muito difíceis de montar.

Na proximidade delas ou as águas ou os ares causam doenças segundo dizem os que ali vão apanhar cravo e outros gêneros da espessura.

[20] Duas braças = 4,4 m (uma braça craveira = 2,2 metros).
[21] 2.998 braças craveiras = 6,6 km.

As terras que este Rio retalha apresentam logo da Foz do mesmo Rio para cima de grandes Lagos, campos, colinas e montes. Os sobreditos campos dos Parecis, terminados na fralda da serrania que corre da altura de 14° para o Norte e para o Poente, assumem este nome de uma cabilda de silvícolas assim chamados, que foi desbaratada e extirpada do solo pátrio com bastante feridade ([22]) por frequentes tropas saídas do Cuiabá a explorar ouro.

Em 1626, entrou o Capitão Pedro Teixeira neste Rio a fazer resgates de escravos indígenas bravos em companhia de um religioso capucho e à testa de 28 soldados e avultado número de índios. Começaram em 1668 os Padres da companhia a plantar Aldeias neste Rio e chegaram a administrar cinco.

Em 1747, João de Sousa de Azevedo desceu das terras Setentrionais de Mato Grosso pelo Sumidouro ao Arinos, no qual havia embocado ([23]) com Pascoal Arruda à cata de ouro e voltando este seu companheiro para a capital da sua Capitania, intentou ver se deparava com o mesmo metal em outra paragem e com este pressuposto seguiu a undação ([24]) do Arinos e entrou no Tapajós, do qual se dirigiu à Cidade do Pará ([25]) em 1749, com o ouro achado.

O aparecimento deste homem provocou a curiosidade do Governador do Pará, Francisco Pedro de Mendonça Gurjão, para exigir dele notícias topográficas de Mato Grosso: e a este fim foi chamado ao Colégio Jesuítico, onde disse tudo quanto sabia da matéria e referiu que a descoberta das Minas de Mato Grosso fora praticada pelo

[22] Feridade: brutalidade.
[23] Embocado: acertado.
[24] Undação: corrente.
[25] Cidade do Pará: Belém.

Sargento-Mor ([26]) Antônio Fernandes de Abreu no que se não mostrou cabalmente noticiado porque o verdadeiro descobridor de Mato Grosso foi em 1734 o sorocabano Fernando Paes de Barros, com o seu irmão Arthur Paes; e o dito Sargento-Mor só viu o descoberto país em companhia do mencionado Fernando Paes em consequência de ser mandado pelo Brigadeiro Antônio de Almeida Lara, Regente de Cuiabá, a examinar o novo país.

Este mesmo Azevedo escreveu, a 16.01.1752, uma Memória sobre o Tratado de Limites de 1750 entre as duas Coroas do último Ocidente da Europa e deu-a ao Governador do Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o qual enviou para a Corte. (BAENA, 2004)

Paul Marcoy (1847)

Depois de uma série de bordejadas ([27]) entre o Nordeste e o Sudeste, chegamos à embocadura do Rio e lançamos a âncora a meia milha da Cidade de Santarém, localizada na margem direita. A confluência do Tapajós com o Amazonas forma uma Baía mais ampla do que qualquer outra que eu já tinha visto. Tanto na direção do grande Rio como na do seu afluente, a margem de terra firme recuava tanto que a vista tinha dificuldade de acompanhar as sinuosidades. A junção do Ucayali com o Maranhão, que me havia surpreendido, parecia agora medíocre em comparação com a enorme extensão de água à nossa frente. Uma dupla linha de morros, baixos e pelados, rodeava a margem direita do Tapajós, Rio que se forma no interior pela união de muitos riachos que nascem na chapada dos Parecis.

---

[26] Sargento-Mor: Major.

[27] Bordejadas: navegar aproveitando os ventos, mudando frequentemente o rumo.

A cor de sua água é um verde puxado para o cinza; ela se move tão imperceptivelmente que chega a parecer água parada.

Na ponta formada pela junção dos dois Rios, sobre o topo achatado de uma longa colina, estão os muros de barro de uma Fortificação outrora destinada a proteger as possessões portuguesas do Amazonas e do Tapajós contra as incursões dos índios e os ataques dos piratas da Guiana Holandesa. Ao pé da colina e à sombra da Fortificação, espalham-se as casas de Santarém, que se estende para além das duas torres quadradas de uma igreja. Algumas escunas, chalupas, igarités e canoas ancoradas defronte à Cidade davam um toque de alegre animação à Capital do Tapajós, que conta uma centena de casas. A primeira exploração do Rio Tapajós data de 1626.

Foi feita por Pedro Teixeira, que subiu o seu curso por doze léguas em companhia de um Frade capuchinho chamado Cristóvão ([28]), um comissário da inquisição, 26 soldados e uma leva de índios Tapuias nutridos no seio da igreja romana e que já haviam recebido o duplo batismo de água e de sangue. Ninguém ignorava o objetivo da viagem e não será preciso agora fazer mistério dele.

Pedro Teixeira, em nome do primeiro Governador da Província do Pará, Francisco Coelho de Carvalho, foi buscar um acordo com os índios. Havia necessidade de braços para o trabalho na Cidade e nos campos, e as nações Tupinambá, Tapuia e Tucuju, que até então haviam suprido a demanda, não eram mais suficientes para repor os índios que durante onze anos, haviam perecido nas mãos dos portugueses em seus novos domínios. (MARCOY)

---

[28] Cristóvão: Frei Cristóbal de Acuña.

Alfred Russel Wallace (1848)

Finalmente, após 28 dias de viagem, na Barra do Tapajós, cujas águas azuladas e transparentes formavam um curiosíssimo contraste com a turva correnteza amazônica. (WALLACE)

Henry Walter Bates (1849)

A Baía de Mapiri marcava o limite de minhas expedições pelo Rio, a Oeste de Santarém. Contudo, na estação da seca é possível viajar por terra, como fazem comumente os índios, podendo-se percorrer 80 ou 90 km ao longo das vastas praias do Tapajós, com suas alvas areias. [...] Para Leste, minhas andanças me levavam até a Barra do Maiacá, que entra no Amazonas cerca de quatro quilômetros e meio abaixo de Santarém, onde a límpida corrente do Tapajós começa a ser manchada pelas águas do Rio principal. (BATES)

Richard Spruce (1851)

[...], o nome local do Tapajós é "*Rio Preto*", mas a verdadeira coloração das águas é azul-escura. Quando o avistei pela primeira vez, na estação seca, a água azul se estendia Rio abaixo por diversas milhas, até ser absorvido pela vastidão barrenta do Amazonas. Junto à Cidade havia uma ampla praia de areia branca, que se estendia por cerca de uma légua ([29]) para jusante, enquanto que, a montante, o Rio seguia sinuosamente por cerca de 5 milhas ([30]). Contudo, quando chega a estação chuvosa e o nível do Amazonas sobe, suas águas represam as do Tapajós, e nenhuma gota de água azul ou nesga de praia arenosa pode ser vista da confluência. (SPRUCE)

---

[29] Uma légua = 6,6 km.
[30] 5 milhas = 9,25 km (1 milha = 1,85 km).

Robert C. Barthold Avé–Lallemant (1859)

Essa é a chamada "*água preta*" do caudaloso Tapajós, em cuja margem direita se ergue Santarém. O Tapajós é o segundo Rio, em tamanho, que corre do Sul para o Amazonas. Nasce também no coração do Brasil. Sua nascente mais distante poderá encontrar-se quase sob 15° de Latitude Sul. Da sua embocadura para cima, correndo quase paralelamente com o Xingu e o Tocantins, é navegável perto de 60 milhas, até Itaituba; então os rápidos e cachoeiras interrompem a navegação de barcos maiores.

É curioso que todos esses três Rios, Tocantins com o Araguaia, Xingu e Tapajós procedam de regiões de igual formação e quase do mesmo grau de Latitude, corram regularmente ao lado um do outro, formem quase na mesma Latitude suas cachoeiras inferiores e deságuem quase na mesma proximidade equatorial no Amazonas e no Grão-Pará, comparação em que naturalmente não entra cálculo matemático exato. Três Rios fluindo para o Sul, Paraguai, Paraná e Uruguai, este último, é verdade, mais sinuoso, oferecem algo semelhante. Antes de se afastar inteiramente da margem esquerda do Amazonas, goza-se, diante da desembocadura do Tapajós, belíssima vista. As águas dos grandes Rios correndo do Nordeste para Sul, e as superfícies de seus afluentes, quando se contemplam, são realmente infindas; em três direções vê-se o horizonte encostar na água – "*Mare o no*?" ([31]) desejaríamos exclamar diante dessa perspectiva. O continente parece na verdade um arquipélago. A água do Tapajós é cristalina e perfeitamente limpa, sobretudo comparada com a água turva, pardacenta, do Amazonas. A profundidade, porém, faze-lhe parecer preta. (AVÉ-LALLEMANT)

---

[31] "*Mare o no?*": do italiano – Mar ou não?

Luiz Agassiz (1865)

Deixando o Porto, vimos as águas negras do Tapajós se reunirem às amareladas do Amazonas e os dois correrem juntos durante algum tempo, como os Rios Arve e Ródano na Suíça, unidos, porém não confundidos. [...]

Volta da Expedição Enviada ao Tapajós

9 de setembro – Acabamos de passar alguns dias tão calmos que não encontro nenhum incidente para narrar. Trabalhou-se como de costume; todas as coleções feitas desde o Pará foram embaladas e estão prontas para serem enviadas para esse porto. Reuniram-se a nós, de volta de sua excursão ao Tapajós, os nossos companheiros para isso destacados, e trazem desse Rio importantes coleções. Parecem encantados com a viagem que fizeram e declaram que aquele curso d'água em nada cede ao próprio Amazonas em extensão e grandeza. Sobre as suas margens se estendem largas praias arenosas nas quais, quando o vento está forte, rolam ondas como nas praias do Mar. Agassiz não se preocupou em colecionar animais da localidade; limitou-se a obter os peixes que se podem pescar nas redondezas; deixou para a volta a exploração do Rio Negro. (AGASSIZ)

Rufino Luiz Tavares (1875)

Hidrografia

O Rio Tapajós, cujo nome tomou dos indígenas assim denominados, que habitaram por muito tempo suas margens nas proximidades da Foz, é um dos maiores e dos mais notáveis confluentes do Rio Amazonas.

Deságua aos 06°12’50” de Longitude ao Oeste de Belém, Capital da Província do Pará, e aos 02°24’50” de Latitude Sul, na distância de 950 quilômetros daquela cidade, pelas voltas do Rio. É formado pelo Rio Juruena, ou antes seu próprio prolongamento. Tem as nascentes no extenso – “*plateau*” – de Mato Grosso, seguindo proximamente de Sul para o Norte, percorrendo um leito obstruído em parte por perigosas cachoeiras, todas, com mais ou menos dificuldades, acessíveis em determinada época do ano, com exceção de uma só o – “*Salto Augusto*”.

No ponto onde suas águas se repartem em dois ramos, recebe a denominação por que é conhecido na embocadura, cuja largura regula 1.700 m, tomada da margem direita à Ponta Negra. Ainda não foi explorado convenientemente, pelo menos a torná-lo conhecido cientificamente de Itaituba para cima. O que porém se sabe do curso e direção das suas águas, deve-se tão somente ao acaso da sua descoberta, em 1746, pelo Sargento-Mor João de Souza Azevedo. Descendo o Sumidouro até a sua junção com o Rio Arinos, navegou por este e o Tapajós até Santarém, deste ponto pelo Amazonas abaixo até Belém. Mais de meio século depois, no ano de 1812, outra exploração foi empreendida, mas tomado o Rio Preto como ponto de partida o qual, como o Sumidouro se lança no Arinos. Com 75 dias de viagem águas abaixo alcançou Santarém, com 110, águas acima, o porto extremo, porém partindo de Uxituba. [...] Em 1828, foi ao Tapajós uma Comissão ordenada por Nicolau I ([32]), sob a direção do Conselheiro Langsdorff, e o resultado que obteve foi por muito tempo ignorado. O ano próximo findo, viajando em minha companhia o geógrafo russo Alexandre Woeikof com quem entretive as mais agradáveis relações, deu-me alguns esclarecimentos a respeito.

[32] Nicolau I: Czar Alexandre.

Asseverou-me que infelizmente a dita Comissão não correspondera à expectativa do seu governo, que seus trabalhos sobre o Tapajós não gozaram da menor importância científica porquanto não passam de uma mera descrição de viagem. Quisera também alguma coisa me referir relativamente à de 1871, determinada pelo governo da Província do Pará, composta dos engenheiros Tocantins e Julião; constando-me porém que não seguiram além da Cachoeira Buburé, pouco acima do tributário Joanchim, 33 milhas ([33]) ao Sul de Itaituba, limito-me a registrá-la aqui. O Rio Juruena recebe pela sua margem direita o Arinos, que também constitui o Tapajós. Nasce das Serras dos Parecis na Província de Mato Grosso, engrossa suas águas com as de muitos afluentes, dos quais os mais notáveis são, o Rio Preto com a Foz na margem esquerda, o Sumidouro, o dos Peixes, o dos Patos, Tapanhuã-açu e Tapanhuã-mirim, na direita. Em seguida à cachoeira "*Todos os Santos*" se lança pela margem esquerda ao Rio São Manoel, de curso bastante extenso, regular largura, alimentadas suas águas com as de muitos mananciais de pequena importância e na maior parte desconhecidos. [...] Contíguo ao lugar onde está situada Vila Franca, na margem esquerda do Tapajós, deságua em uma Bacia o Rio Arapium, tributário de grande curso com cachoeiras, as cabeceiras para o centro das terras firmes que pela parte do Sul limita o Lago Grande de Vila Franca, cujo desaguadouro acha-se na margem direita do Amazonas, acima da costa de Paricatuba, 56 km de Santarém. Nas vizinhanças do porto desta cidade, nenhum outro Rio existe mais importante, não só pela abundância de riquezas naturais que possui, como também porque está habitado e facilita de alguma forma as comunicações entre o referido Lago e a Vila, através da margem esquerda.

[33] 33 milhas = 72,6 km.

Também se comunica o Tapajós com o Rio Amazonas pelos estreitos ou Canais denominados Arapixuna e Igarapé-açu, este accessível a vapores, encurtando assim a viagem geralmente feita pela Ponta Negra. O primeiro dos referidos Canais demora a Este, fica defronte da Foz do Arapium e só dá passagem durante a enchente pelo Furo Cararyacá. É habitado, possui muitos sítios e plantações de cacau e café, o segundo acha-se – NS – com a ponta Salé, na distância de 1.850 metros. Presentemente tem a Boca de comunicação com o Amazonas obstruída com plantas aquáticas, que mui facilmente pode-se remover. Estes Canais pelos quais o Tapajós recebe águas do Amazonas, deram causa a asseverar alguém que aquele tributário se lançava no segundo por três Bocas, o que não passa de um erro palmar ([34]) em hidrografia.

A região encachoeirada do Rio Tapajós compreende uma faixa de mais de 400 km. Estes obstáculos naturais, a partir das nascentes, são conhecidos sob os nomes seguintes: corredeiras "*Meia-Carga*", "*Pequena Cachoeira do Espinho*"; grandes cachoeiras "*Rebojo*", "*João da Barra*" e "*São Carlos*"; paredão "*Salto Augusto*", de todas a mais terrível e a única inacessível [...] As águas do Rio Tapajós são escuras, mas tão transparentes que à pequena profundidade permite distinguir perfeitamente os materiais de seu leito, tais como areia grossa, vasa ([35]), seixos rolados, pedregulho e cabeças de que está semeado. A correnteza das águas varia segundo o estado do Rio, pois no começo da enchente é que sua velocidade torna-se maior, da Foz até Boim é quase nula, de 2 quilômetros por hora até Aveiros, de 5,5 em Itaituba, no mês de fevereiro. (TAVARES)

[34] Palmar: evidente.
[35] Vasa: argila.

Henri Anatole Coudreau (1895)

No igarapé do Igapó Açu, fronteira à casa principal de Pedro Pinto, e a curta distância para o interior, é que se ergue a maloca Mundurucu mais Setentrional do Tapajós. Constituem-na umas trinta pessoas, homens, mulheres e crianças, trabalhando com Pedro Pinto.

Este famoso Igapó Açu, que dá nome a todo o Distrito, na realidade, não existe! Em toda a faixa onde de ordinário o localizam, não se veem senão alguns pequenos igapós ou charcos, de extensão limitada. Sem dúvida formavam um só e grande charco no tempo em que o nome foi escolhido. Fenômenos como este não são raros nestas bandas.

Das Ilhas do Igapó Açu aos rochedos de Cuatacuara, é a região da antiga Missão de Bacabal.

Não é intuito meu fazer nestas linhas o histórico desta Missão, hoje completamente extinta, mas de Memória bem viva na Memória local. Permito-me referir, no entanto, que o fundador e diretor dessa obra, Frei Pelino de Castro Valva, conseguiu reunir uns seiscentos índios, na maioria Mundurucu, recrutados ao longo do Tapajós, até as vizinhanças do Chacorão e do Airí. Eram índios já civilizados, que já tinham trabalhado ou trabalhavam com patrões. Não havia ninguém das Campinas, nem para aí viajou o Frade. Sucedeu, infelizmente, que pela maior parte os índios morreram. Quando Frei Pelino deixou a Missão, dos seiscentos silvícolas, sobravam no máximo cinquenta; o resto havia morrido.

Frei Pelino foi inquietado por haver sido mais feliz nos seus negócios que na sua obra de caridade. E fizeram um inquérito, que nada apurou.

Foi isto vinte anos atrás. Se Frei Pelino voltasse de Roma, onde, parece, soube preparar para si uma doce existência, reveria seu pobre Bacabal tão deserto como no dia em que o abordou para a sua obra cristã. No lugar da Missão um instante florescente, depararia tão só inútil e triste ruína da mata virgem abatida: a melancólica capoeira.

Bacabal virou deserto. Contudo, neste ponto como em outros, onde a "*organização*" malogra, triunfa a iniciativa privada. Apenas pelo esforço individual, o Tapajós povoa-se. Sem o concurso de empresas subvencionadas de colonização e de civilização. Povoa-se, e no futuro se povoará cada vez mais rapidamente. Bastam para tal, a este Rio, seu clima e suas belezas naturais.

Onde encontrar algo mais belo que os rochedos de Cuatacuara? Imagine-se uma muralha a pique, uma grande muralha de 100 a 150 m de altura estendendo-se ao longo do Rio por cerca de três quilômetros. Rochedos abruptos que lembram frontões de edifícios, obeliscos, catedrais disformes mas gigantescas; rochedos com aparência de uma ciclópica Fortaleza, e na rocha desnuda, com seções perpendiculares cortando nitidamente as estratificações, formas que parecem pilares meio murados na enorme massa, gigantescos capitéis, janelas!

Sempre e sempre a rocha despida, salvo na cúpula da monstruosa obra, onde magros arbustos se estiolam. Aqui e além, ameaças de desmoronamentos sobre as canoas que passam em baixo. Mais longe, cômoros pelados, com uma outra mancha de hera ([36]) avermelhada, tentando inutilmente cobrir a nudez triste da pedra. (COUDREAU)

---

[36] Hera: erva.

Amílcar A. Botelho de Magalhães (1928)

Nota 14

O notável geógrafo Pimenta Bueno, sem uma razão plausível e com evidente menosprezo pelas de ordem antropogeográfica, quando organizou o mapa de Mato Grosso de que foi autor, considerou como Rio Tapajós o trecho desse curso d'água desde sua Foz no grandioso Rio Amazonas, até a confluência dos Rios Juruena e Arinos; desta forma o Tapajós ficava sendo o produto da confluência destes dois Rios e o São Manoel ou das Três Barras, modernamente Rio "*Teles Pires*", deveria ser considerado como afluente da margem direita do Tapajós.

Esta caprichosa imposição aberrava das tradições guardadas pelos habitantes ribeirinhos, para os quais:

1. o Rio Tapajós era formado pela junção do Juruena e do São Manoel;
2. o trecho do Rio entre a Boca do São Manoel e a do Arinos, era ainda o Rio Juruena.

Rondon, estudando minuciosamente o assunto, entendeu, muito judiciosamente, restabelecer as primitivas inscrições cartográficas, anteriores a Pimenta Bueno, porque o estudo das plantas levantadas pela Comissão Rondon, tanto do Juruena como do Arinos, revelaram claramente que o Arinos devia ser considerado como afluente do Juruena – o que corroborava a hipótese de se continuar a chamar Juruena o trecho do curso d'água compreendido entre as fozes dos Rios Arinos e São Manoel ou "*Teles Pires*". [...]

Eis como se exprimiu a propósito o General Rondon [Conferências 1915]:

Os geógrafos modernos, porém, aceitaram a lição de Pimenta Bueno, publicada no seu mapa de Mato Grosso, que consiste em fazer o nome "*Juruena*" morrer na Barra do Arinos, figurando pois, o Tapajós como resultado do concurso das águas que descem reunidas desde essa Foz até o Amazonas.

Semelhante modificação, que contraria a tradição histórica constante das crônicas dos dois séculos passados, e as indicações da população ribeirinha, e de todos os navegantes antigos e modernos, não tem a ampará-la nenhuma razão de ordem superior a esses elementos.

No ponto em que o Juruena vai receber o Arinos, verificou o Capitão Pinheiro [oficial da Comissão Rondon] ser a sua descarga de 1975 metros cúbicos, e ter o seu leito a largura de 1.080 metros.

A medição não deu para a descarga do Arinos mais do que 1.283 metros cúbicos, e para a largura, 734 metros.

Comparando-se estes elementos, vê-se que não há razão para os dois Rios serem considerados equivalentes; o poder de um, não se apresenta em condições de ser neutralizado pelo do outro, de modo a dar lugar ao aparecimento de nova entidade geográfica, exigindo designação também nova.

A direção que o "*Juruena*" trazia, continua-se daí para baixo; o seu volume é bastante superior ao do Arinos; portanto, é perfeitamente cabível considerar-se este como tributário daquele cujo nome deve ser conservado e prolongado, pelo menos até a Foz do "*Teles Pires*".

O Tapajós forma-se, pois, da reunião das águas do antigo São Manoel [hoje Teles Pires], com as do Juruena; o 1° contribui, em cada segundo, para esta formação, com o volume de 1.747 metros cúbicos e o outro com o de 2.480 metros cúbicos. (MAGALHÃES)

Canção do Quadro de Engenheiros Militares

(Cel QEM Gilberto Gonçalves de Lima)

Para frente, Engenheiros Militares!
Trabalhemos, com toda a união
E a pureza dos tempos escolares,
No fiel cumprimento da missão,

Sempre avante, Engenheiros sem abandono,
Da coragem na defesa
De nossa terra
Inspirado no exemplo do teu Patrono:
Cel Ricardo Franco de Almeida Serra!

Combatentes da tecnologia
Pela Pátria devemos nos impor;
Conjugando saber e valentia,
Nós do QEM: lutaremos sem temor!

Sempre avante, Engenheiros sem abandono,
Da coragem na defesa
De nossa terra
Inspirado no exemplo do teu Patrono:
Cel Ricardo Franco de Almeida Serra!

Certamente, o nobre Engenheiro
Tem no peito a fibra varonil.
É vibrante, veraz e, altaneiro,
Segue honrado, de pé pelo Brasil!
Dos projetos maiores à história
Vem provar a dedicação inteira
De Engenheiros que doam vida e glória
À Força Terrestre brasileira.

Joguem Minhas Cinzas no Rio Tapajós

(Paulo Paixão)

Santarém, ontem estive contigo
E pisei a terra arenosa
Dos teus translúcidos igarapés
E caminhei nas águas
Azuis e límpidas do teu rio
De quimeras!

Sim, o incrível rio Tapajós, tributo aos índios
De mesmo nome, contemporâneos
De Pedro Teixeira.
Foi daí que entendi a razão do poeta,
Seu êxtase, sua obsessão,
Sua rendição...

Conversei longamente com teus
Filhos jovens e idosos,
Todos orgulhosos de ti.
Falaram do teu passado apoteótico
E das tuas belezas naturais
Que são tantas e intraduzíveis.
Admirei sabê-los artistas e apreciadores
Das artes.

Intuí fosse pura coincidência,
Mas, as evidências mo venceram
E convencido aventuro-me a sugerir:
"Seria o azul hipnótico do teu rio
Ou a alvura celestial das tuas praias
O motivo de esfuziante inspiração?" [...]

Complexo Hidrelétrico do Tapajós

A conclusão, óbvia, é que a Amazônia precisa ser internacionalizada para evitar que utilizemos os cursos d'água daquela Bacia Hidrográfica para produzir energia e proporcionar o desenvolvimento daquela região em nosso benefício exclusivo. Então, para começar, é urgente impedir a construção das hidrelétricas, enviando seguidas delegações de notáveis que se prestem a fazer o ridículo papel de defensores de etnias das quais mal conhecem a designação correta e certamente desconhecem a localização das aldeias. (Antônio Delfim Neto)

As inúmeras manifestações de personalidades tanto estrangeiras como nacionais e de alienados artistas Globais sobre a construção da Hidrelétrica de Belo Monte fizeram minha mente madrugar no passado. No longínquo pretérito, o escritor Gastão Cruls dissertava sobre a área sem nunca tê-la conhecido pessoalmente baseando-se apenas em relatos e vivências de outros cronistas.

Seu romance "*A Amazônia Misteriosa*" e a "*Hileia Amazônica*" tinham como cenário a Região Norte do país, ainda desconhecida pessoalmente por ele. Em 1928, porém, Cruls resolveu conhecê-la acompanhando a Expedição do General Rondon, que subiu o Rio Cuminá até os campos do Tumucumaque, nos idos de 1928 e 1929, e que resultou no épico "*A Amazônia que eu vi*". Os relatos, em forma de diário, são ricos e encantadores, trazendo à baila o conhecimento nativo e mostrando a beleza da Hileia captada pela atenta retina de Cruls. O escritor retrata fielmente, através de sua inspirada e impecável escrita, como nenhum pesquisador ou naturalista estrangeiro teve a capacidade de fazer antes dele.

Gastão precisou vê-la "*in loco*" para captar e entender sua essência, sua magia, suas carências, seus mistérios e suas riquezas.

A Região Amazônica precisa de energia limpa, renovável, com menor custo para a sociedade para empreender sua jornada definitiva na senda do desenvolvimento sustentável. Os projetos atuais dos Complexos Hidrelétricos dos Rios Madeira, Xingu e Tapajós são, sem dúvida, as melhores opções para a ampliação do parque energético brasileiro pois, além de serem capazes de produzir grande quantidade de energia, permitirão a integração ao Sistema Interligado Nacional (SIN) reforçando a transferência de energia entre as várias regiões, aumentando a oferta e segurança do sistema elétrico.

Os linhões que estão sendo construídos para levar energia de Tucuruí até Manaus serão aproveitados por Belo Monte, possibilitando, num futuro próximo, que a bauxita extraída no Porto Trombetas e Juriti seja processada, transformando-nos, de meros vendedores terceiro-mundistas de matéria-prima, em exportadores de alumínio. A energia propiciará mais conforto aos ribeirinhos, mais eficiência aos hospitais e escolas, mais segurança, mas isso não interessa aos "*talibãzinhos verdes*" que usam roupas de grife e são pagos por Organizações que costumam rasgar ou desrespeitar nosso sagrado pavilhão verde-amarelo.

Aqueles que condenam a construção das hidrelétricas deixam-se arrastar pelas cantilenas das ONGs e missionários estrangeiros a quem não interessa que suas ovelhas tenham acesso à modernidade, a oportunidade de melhorar de vida e de livrar-se de seu jugo.

Apagões e Racionamentos à Vista

O consumo nacional de energia elétrica vem registrando uma expansão média de 7,0 % ao ano, liderado, fundamentalmente, pelo consumo industrial. Para que o Brasil possa continuar sua marcha para o desenvolvimento sustentável, atendendo às demandas crescentes, sem enfrentar problemas com o fornecimento de energia, é necessário que se acelere a liberação das licenças ambientais e que nossos governantes enfrentem corajosamente as questões sociais que afligem os atingidos pelas barragens.

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) defende a necessidade de serem construídas 34 novas usinas até 2021, sendo 15 delas na Amazônia Legal. Caso isto não se concretize virá, o apagão e o caos se instalará.

Eletronorte e os Programas Indígenas

O governo tem uma carta na manga que não está sendo devidamente apresentada à sociedade nacional e às lideranças indígenas atingidas pelas barragens que são dois Programas Indígenas modelares desenvolvidos em parceria com a Eletronorte.

Programa Waimiri Atroari
www.waimiriatroari.org.br

Em maio de 2011, a população dos índios Waimiri Atroari era de 1.469 pessoas, com uma taxa de crescimento de 6% ao ano. Esse índice somente foi possível com as ações mitigadoras empreendidas pela Eletrobras Eletronorte devido aos impactos provocados pela construção da Usina Hidrelétrica Balbina em suas terras.

A situação dos índios Waimiri Atroari antes do início do Programa, em 1988, era totalmente diferente. A população contava com 374 pessoas. A redução populacional chegava a 20% ao ano. Na produção havia pequenas roças e dependência alimentar externa. A cultura estava em processo de perda dos seus valores, não se realizando mais as principais manifestações de seu patrimônio cultural e os Waimiri Atroari se encontravam em fase de desmoralização como etnia. Na educação, as escolas não existiam e eles desconheciam a escrita. No campo da saúde, o quadro era de epidemias de sarampo, malária e gripe, subnutrição, diarreias crônicas, falta de atendimento odontológico e de vacinação. A terra não estava delimitada nem demarcada e havia processo de invasão em andamento, além da situação fundiária totalmente irregular.

Hoje é totalmente diferente. Na produção observam-se grandes roças, estoque de animais para abate [peixes e gado] e total independência alimentar. Houve o resgate de todas as práticas culturais e de sua dignidade como povo indígena. Na educação, são 21 escolas com 60 professores indígenas, 63,4% dos Waimiri Atroari são alfabetizados e o restante em processo de alfabetização. Na saúde, nenhuma doença imunoprevenível nos últimos 15 anos, com controle total de doenças respiratórias, da malária e de outras doenças endêmicas, boa nutrição e vacinação de 100% da população. O controle da saúde dos índios é informatizado. A terra está demarcada, homologada, sem nenhum invasor e com fiscalização sistemática dos seus limites e dos transeuntes das estradas existentes dentro dos territórios Waimiri Atroari. A situação fundiária está totalmente regularizada, com registro em cartório de imóveis e serviço de patrimônio da União. (www.eln.gov.br)

Programa Parakanã

www.parakana.org.br

Em maio de 2011, a população dos índios Parakanã era de 883 pessoas, resultado da taxa de crescimento de 5,1% ao ano. Esse índice somente foi possível com as ações mitigadoras empreendidas pela Eletrobras Eletronorte devido aos impactos provocados pela construção da Usina Hidrelétrica Tucuruí nas terras dos Parakanã. A situação do povo Parakanã antes do início do Programa, em 1986, era totalmente diferente. A população contabilizava 247 pessoas. Na produção havia dependência total dos alimentos fornecidos pela Funai. A cultura encontrava-se em processo de perda dos seus valores culturais e manifestações como festas tradicionais, pinturas corporais e ritos de passagem e morte. A língua estava sendo perdida gradativamente, bem como os conhecimentos dos mais velhos sobre a natureza, seus mitos, sua medicina e tecnologia. Enfim, sua história.

As escolas não existiam e desconheciam a escrita. No campo da saúde, o quadro era grave: epidemias de sarampo, malária e gripe, hepatite B, subnutrição, diarreias crônicas, nenhum atendimento odontológico, falta de vacinação e de qualquer controle sobre a saúde. A terra era demarcada, mas com pendências de registros e regularização. Hoje, além do aumento populacional, grandes roças têm produção de excedentes; foi resgatada a prática do extrativismo e da coleta de frutos para comercialização, como açaí, cupuaçu, castanha, entre outros, o que resultou em total independência alimentar. Também houve o resgate de todas as práticas culturais. Na educação, são doze escolas com 57,86% da população Parakanã alfabetizada na língua materna e em Português, além de grande parte da população em processo de alfabetização.

Na saúde, não se observou nenhuma doença imunoprevenível nos últimos 12 anos. Há controle total das doenças respiratórias, malária, hepatite B e de outras doenças endêmicas, além de boa nutrição, vacinação de 100% da população, controle informatizado da saúde dos índios e um programa de saúde bucal preventivo, curativo e corretivo.

A terra está demarcada, homologada e sem nenhum invasor, com fiscalização sistemática dos seus limites e dos transeuntes da rodovia Transamazônica, que faz limite com as terras indígenas Parakanã. A situação fundiária está totalmente regularizada, com registro em cartório de imóveis e no serviço de patrimônio da União. (www.eln.gov.br)

Hidrelétricas a "*Fio D'água*"

Nas novas usinas, denominadas hidrelétricas a "*fio d'água*", a produção de energia é proporcional à vazão natural do Rio. Nelas, como é o caso das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, em Rondônia e Dardanelos, no Mato Grosso, não é necessária a construção de grandes barramentos para acumular água. Estas hidrelétricas dependem, fundamentalmente, do volume e da velocidade dos cursos d'água. No caso de Santo Antônio, por exemplo, a barragem é de 13,9 metros de altura com um reservatório de 271 km², sendo que deste total 164 km² são de áreas que o Rio inunda, normalmente, no período das cheias.

Quebram-se Ovos para se Fazer uma Omeleta

Felizmente o governo abandonou sua surrada cartilha ambientalista e está construindo as tão necessárias Hidrelétricas no Xingu, Madeira e planejando as do Tapajós.

Sem estes projetos o país mergulharia definitivamente no lodaçal da estagnação. A falta de investimentos de toda ordem gerariam, sem dúvida, a curto prazo o desemprego, e a recessão se instalaria.

É preciso conhecer a realidade da Amazônia e do Brasil para não se deixar levar por movimentos hipócritas dos que não se interessam pelo futuro de nossa gente e de nossa nação. Aos abutres estrangeiros interessa o engessamento da região para que, em caso de necessidade, no futuro, dela se sirvam como lhes aprouver, sem resistência nem luta.

Mitigação dos Impactos e Compensação Ambiental

O Setor Elétrico vem cumprindo fielmente as obrigações de mitigação dos impactos e de compensação ambiental. Tucuruí, por exemplo, já recuperou praticamente 100% das áreas degradadas com espécies nativas oriundas do Banco de Germoplasma (um dos projetos ambientais desenvolvidos pela Eletrobras/Eletronorte), onde permanecem armazenadas as espécies florestais coletadas na época do enchimento do reservatório.

O Projeto Banco de Germoplasma conta com mais de 400 espécies de árvores produtoras de sementes e mudas de alta qualidade.

Talibãs Verdes

Os meios de comunicação, contrapondo-se à construção de hidrelétricas, apresentam, sistematicamente, fontes alternativas de energia, carregadas de lirismo e totalmente desvinculadas da realidade.

Complexo Hidrelétrico do Rio Tapajós

Foi publicado, no dia 25.05.2009, no Diário Oficial da União, o Estudo de Inventário Hidrelétrico do Rio Tapajós (Pará), que identifica 14,2 mil megawatts de capacidade instalada no Rio. Isso significa que poderão ser construídas "*até sete pequenas*" hidrelétricas no Tapajós. O próximo passo para a implantação das hidrelétricas é a elaboração dos estudos de viabilidade dos sete aproveitamentos indicados no inventário, que também deverão ser aprovados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Diário Oficial da União
N° 97, segunda–feira, 25.05.2009
Superintendência de Gestão e Estudos Hidroenergéticos
Despachos do Superintendente
Em 22.05.2009

....

N° 1.887 – O Superintendente de Gestão e Estudos Hidroenergéticos da Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL, no uso das atribuições estabelecidas [...] resolve:

I – *Aprovar os Estudos de Inventário Hidrelétrico do Rio Tapajós, no trecho entre a confluência de seus formadores Juruena e Teles Pires e sua Foz, no Rio Amazonas, com uma área de drenagem total de 492.481km², incluindo também seu afluente pela margem direita, Rio Jamanxim, com área de drenagem de 58.633km², localizados na sub-bacia 17, Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas, nos Estados do Pará e Amazonas, apresentados pelas empresas Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A. – Eletronorte e Construções Camargo Corrêa S.A., inscritas no CNPJ sob os nos 00.357.038/0001-16 e 01.098.905/0001-09;*

II – Estes estudos identificaram um potencial total de 14.245 MW, distribuídos em 3 aproveitamentos no Rio Tapajós e 4 no Rio Jamanxim, conforme quadro abaixo:

	INFORMAÇÕES DE REFERÊNCIA						
	Coordenadas Geográficas	Dist. da Foz (km)	Área de Drenag. (km²)	N.A. de montante (m)	N.A. de jusante (m)	Potência (MW)	Área do Reservatório (km²)
TAPAJÓS							
S. Luiz do Tapajós	04°34'10"S 56°47'06"O	321	**452.783**	50,0	14,2	**6.133**	**722,25**
Jatobá	05°11'48"S 56°55'11"O	456	**386.711**	66,0	50,0	**2.338**	**646,30**
Chacorão	06°30'08"S 58°18'53"O	699	346.861	96,0	71,9	3.336	616,23
Subtotal			**1.186.355**			**11.807**	**1.984,78**
JAMANXIM							
Cachoeira do Caí	05°05'05"S 56°28'05"O	44	**56.661**	85,0	50,5	**802**	**420,00**
Jamanxim	05°38'48"S 55°52'38"O	171	**39.888**	143,0	85,5	**881**	**74,45**
Cachoeira dos Patos	05°54'59"S 55°45'36"O	212	**38.758**	176,0	143,0	**528**	**116,50**
Jardim do Ouro	06°15'49"S 55°45'53"	259	37.456	190,0	176,0	227	426,06
Subotal			**172.763**			**2.438**	**1.037,01**

III – *As recomendações contidas na Nota Técnica que subsidiou a aprovação do inventário hidrelétrico em tela devem obrigatoriamente ser atendidas na etapa subsequente de estudo.*

IV – *A presente aprovação não exime os autores dos estudos de suas responsabilidades técnicas e correspondente registro perante o CREA, bem como não assegura qualquer direito quanto à obtenção da concessão ou autorização do aproveitamento dos potenciais hidráulicos identificados, devendo as mesmas atenderem às disposições da legislação vigente. (DOU N° 97)*

Hidroeletricidade

O Brasil utiliza, preferencialmente, a fonte hidrelétrica para geração de energia. Aproximadamente, 70% de nossa matriz energética provém dessas fontes. Além de possuirmos Bacias passíveis de serem aproveitadas, de se tratar de um recurso renovável, o parque industrial nacional é capaz de atender com mais de 90% a necessidade de bens e serviços para a construção de complexos hidrelétricos. O país é detentor de uma das mais exigentes legislações ambientais do mundo e é capaz fazer com que as hidrelétricas sejam construídas atendendo aos ditames do desenvolvimento sustentável.

Evidentemente todo tipo de empreendimento doméstico, industrial, ou de qualquer gênero causará impacto ao meio ambiente. O que as legislações vigentes pretendem é minimizá-los já que o aproveitamento destes recursos é inevitável frente ao desenvolvimento e ao crescimento populacional. Volta e meia surgem "*ecologistas*" estrangeiros apresentando soluções mágicas, menos impactantes, como alternativas para a Amazônia baseadas em energia nuclear.

Logicamente os países de origem destes "*mercenários ecologistas*" teriam muito a lucrar considerando a venda de produtos e tecnologia para implantação deste tipo de usina, sem considerar os riscos que as mesmas podem trazer, além da insolucionável questão do transporte e depósito de seus rejeitos nucleares.

Recursos Hidrelétricos

O Plano Nacional de Energia Elétrica 1987/2010 avaliou que nosso Potencial Hidrelétrico era de 213 mil MW. O inventário hidrelétrico brasileiro evoluiu consideravelmente, não somente do ponto de vista da identificação do potencial, mas também no que diz respeito à metodologia de trabalho, graças a uma nova geração de engenheiros que tem como meta aproveitar esse patrimônio da melhor forma e com o menor impacto possível. A maior parte dos grandes aproveitamentos de potencial hidrelétrico estão na Amazônia. Os aproveitamentos hidrológicos localizados na Bacia Amazônia têm um Potencial Hidrelétrico avaliado em 104 mil MW. Este potencial hídrico se encontra, fundamentalmente, nas Sub-Bacias dos Rios Madeira, Tapajós e Xingu.

As Usinas "*Verdes*" de Zimmermann

O Rio Tapajós tem um aproveitamento hidrelétrico muito bom, mas a região ainda é de mata virgem, de difícil acesso, e a intenção de erguer usinas lá gera forte resistência dos ambientalistas. Agora, com o conceito de usina-plataforma, os impactos logísticos causados por uma obra deste tamanho não existirão. O projeto prevê a abertura do canteiro de obras em meio à mata e a concentração dos trabalhos apenas naquele local específico.
(João Carlos Mello)

O engenheiro eletricista Márcio Zimmermann assumiu o Ministério das Minas e Energia dia 31.03.2010 e logo enfrentou o polêmico leilão da Hidrelétrica de Belo Monte, no Xingu. Zimmermann, à frente de uma das mais poderosas pastas do governo, que envolve energia elétrica, petróleo e gás, dedica atenção especial tanto às ações de curto prazo, quanto aos investimentos para as próximas três décadas. Zimmermann deverá adotar, para novas hidrelétricas da região amazônica, um conceito que ele próprio criou, o de "*usina plataforma*". Segundo o Ministro, o Brasil precisa continuar investindo em hidrelétricas e na Amazônia, onde está o seu grande potencial, e afirma que:

> a região não precisa de grandes reservatórios, podemos usar usinas mais de fluxo, a fio d'água. E para evitar que nasçam cidades onde são feitas as usinas, eu desenvolvi o modelo plataforma. Quando estão prontas, elas funcionam como uma plataforma de petróleo. Hoje as usinas têm telecontrole e, depois de implantadas, é preciso pouca gente para operar. Então, é possível ter trocas de turno, como se faz nas plataformas. Terminada a implantação da usina, você não deixou nascer uma Cidade, transforma tudo aquilo em reserva florestal. Vamos usar esse conceito em Tapajós. De uma área que vamos inundar, cerca de 2 mil quilômetros quadrados, vão ficar protegidos em torno de 100 mil quilômetros quadrados.

Os benefícios ambientais gerados pelo novo conceito aumentarão, substancialmente, o preço de obra das usinas. A polêmica usina de Belo Monte, que terá potência de 11 mil megawatts, semelhante ao do Complexo Energético do Tapajós, irá custar, segundo estimativas do governo federal, R$ 16 bilhões.

Hidrelétricas do Bem

O conceito das usinas-plataforma harmoniza a construção e a operação de hidrelétricas com a conservação do meio ambiente. Na sua implantação, a população do entorno é 2/3 menor que a de uma hidrelétrica comum. Principais etapas desse projeto:

1. **Desmatamento Cirúrgico**: a preparação da obra começa com a intervenção mínima na natureza, restrita à área da usina. Não haverá grandes canteiros de obras associados às vilas residenciais para os trabalhadores, como no método tradicional.
2. **Trabalhos por Turnos**: ao longo da construção, as equipes de funcionários se revezarão em turnos longos, a exemplo das plataformas de petróleo. O pessoal que estiver no turno ficará acomodado em alojamentos temporários no local da obra.
3. **Recomposição do local**: na conclusão da hidrelétrica, o canteiro de obras será totalmente desmontado. Todos os equipamentos, construções e trabalhadores que não forem essenciais e indispensáveis à operação da usina serão retirados do local.
4. **Reflorestamento Radical**: paralelamente, será iniciada a recuperação do ambiente. A área será reflorestada, voltando quase a ser como era antes. Na operação da usina, o trabalho por turnos continua, com o transporte do pessoal feito, prioritariamente, por helicóptero. (Fonte: www.complexotapajos.com.br)

Nova Fronteira Energética

O Complexo do Tapajós terá 10.682 MW de potência instalada e irá produzir 50,9 milhões de MW/ano, valor superior ao da energia pertencente ao Brasil gerada pela Usina de Itaipu.

A Bacia do Tapajós está localizada, predominantemente, no Estado do Pará e é formada pelos Rios Tapajós e Jamanxim. Os Lagos das usinas do Complexo têm uma relação área alagada/capacidade instalada de 0,18 km²/MW instalado, ante uma média nacional de 0,56 km²/MW instalado. As cinco usinas do Complexo do Tapajós serão equipadas com turbinas de diferentes modelos e potências. A explicação para isso é simples: a escolha do equipamento depende de vários fatores, sendo o principal deles a eficiência da turbina com a combinação às variáveis queda-d’água e vazão do Rio. As turbinas que serão empregadas no Complexo Tapajós são:

1. **Bulbo**: operam em quedas abaixo de 20 m. Possui a turbina similar a uma turbina Kaplan horizontal, porém devido à baixa queda, o gerador hidráulico encontra-se em um bulbo por onde a água flui antes de chegar às pás da Turbina.
2. **Kaplan**: adequadas para operar entre quedas de 20 m até 50 m. A única diferença entre as turbinas Kaplan e a Francis é o rotor. Este assemelha-se a um propulsor de navio [similar a uma hélice] com duas a seis pás móveis. Um sistema de êmbolo e manivelas montado dentro do cubo do rotor é responsável pela variação do ângulo de inclinação das pás. O óleo é injetado por um sistema de bombeamento localizado fora da turbina, e conduzido até o rotor por um conjunto de tubulações rotativas que passam por dentro do eixo. O acionamento das pás é acoplado ao das palhetas do distribuidor, de modo que, para uma determinada abertura do distribuidor, corresponde um determinado valor de inclinação das pás do rotor.
3. **Francis**: adequadas para operar entre quedas de 40 m até 400 m. A Usina hidrelétrica de Itaipu, assim como a Usina hidrelétrica de Tucuruí, Furnas e outras no Brasil funcionam com turbinas tipo Francis, com cerca de 100 m de queda d’água. (Fonte: www.complexotapajos.com.br)

Cuidado com a Natureza

É um conceito técnico que visa mitigar os impactos socioambientais. (Nivalde de Castro)

O Complexo Tapajós está inserido em 200.480 km² de áreas de preservação ambiental, comparados a apenas 1.979 km² de intervenção, 0,99% da área total. Juntas, as áreas conservadas correspondem aos Estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Sergipe e incluem terras indígenas e 22 unidades de preservação. Outra preocupação ecológica do projeto é com os peixes que sobem o Rio para se alimentar ou reproduzir no período da piracema.

Por isso, canais artificiais serão construídos junto às hidrelétricas do complexo, ligando o reservatório ao leito do Rio e, assim, permitindo a migração dos peixes. A energia gerada pelo Complexo é suficiente para abastecer duas cidades como São Paulo ou três como o Rio de Janeiro, substituir a queima de 30,5 milhões de barris de petróleo por ano e economizar R$ 9 bilhões de reais por ano com a compra de petróleo. (Fonte: www.complexotapajos.com.br)

Rio Tapajós

Usina Hidrelétrica São Luiz do Tapajós

A Usina Hidrelétrica São Luiz do Tapajós terá capacidade instalada de 6.138 MW, quando concluída, sendo a maior do Complexo do Tapajós. A licitação está programada para ser realizada no ano de 2011 e a primeira unidade de geração entrará em funcionamento em 2016. O Lago terá área de 722,25 km². A queda será de 35,9 metros, gerando 6.133 MW através de 31 turbinas Kaplan de 198 MW e 2 de 109,2 MW. Produzirá 29.548,8 GW/ano. (Fonte: www.complexotapajos.com.br)

Usina Hidrelétrica Jatobá

A Usina Hidrelétrica Jatobá terá capacidade instalada de 2.338 MW, quando concluída, sendo a segunda maior do Complexo do Tapajós. A licitação está programada para ser realizada no ano de 2011 e a primeira unidade de geração entrará em funcionamento em 2017. O Lago terá área de 646,3 km². A queda será de 16 metros, gerando 2.338 MW através de 40 turbinas bulbo de 59,7 MW cada. Produzirá 11.264 GW/ano.

Rio Jamanxim

Usina Hidrelétrica Cachoeira do Caí

A Usina Hidrelétrica Cachoeira do Caí terá capacidade instalada de 802 MW, quando concluída, sendo a segunda menor do Complexo do Tapajós. A licitação está programada para ser realizada no ano de 2011 e a primeira unidade de geração entrará em funcionamento em 2017. O Lago terá área de 420 km². A queda será de 34,6 metros, gerando 802 MW através de 5 turbinas Kaplan de 163,37 MW cada. Produzirá 3.864 GW/ano.

Usina Hidrelétrica Jamanxim

A Usina Hidrelétrica Jamanxim terá capacidade instalada de 881 MW, quando concluída, sendo a irmã do meio no Complexo do Tapajós. A licitação está programada para ser realizada no ano de 2011 e a primeira unidade de geração entrará em funcionamento em 2017. O Lago terá área de 74,45 km². A queda será de 57,6 metros, gerando 881 MW através de 3 turbinas Francis de 293,7 MW cada. Produzirá 4.244,7 GW/ano.

Usina Hidrelétrica Cachoeira dos Patos

A Usina Hidrelétrica Cachoeira dos Patos terá capacidade instalada de 528 MW, quando concluída, sendo a menor usina do Complexo do Tapajós. A licitação está programada para ser realizada no ano de 2011 e a primeira unidade de geração entrará em funcionamento em 2017. O Lago terá área de 116,5 km². A queda será de 33 metros, gerando 528 MW através de 3 turbinas Kaplan de 179,6 MW cada. Produzirá 2.544 GW/ano. (complexotapajos.com.br)

O Grito dos Mundurucu Contra as Barragens

Infelizmente, as populações afetadas ainda não foram devidamente esclarecidas, propiciando que "*talibãs verdes*" (inocentes úteis ou a soldo de interesses estrangeiros) tentem fazer prevalecer sua visão distorcida sem levar em conta as reais necessidades do país. A questão não é se a construção é necessária ou não e sim de procurar minimizar os impactos ao meio ambiente e às populações ribeirinhas.

A discussão tem um viés importante que é o sustentável, todos os empreendimentos que montem na Amazônia o seu canteiro de obras vão gerar, sem dúvida, polêmica dos "*bem intencionados ambientalistas*" e "*mercenários apátridas*". Temos que reconhecer que nossa engenharia hidrelétrica e nossa legislação ambiental são as melhores do mundo, atendendo às normas vigentes e, utilizando nossa tecnologia estaremos, certamente, evitando que o país enfrente o caos energético na próxima década.

A carta dos Mundurucu, certamente, foi redigida por mal informados e/ou mal intencionados "*guardiões da floresta*" que omitem, intencionalmente, os benefícios auferidos pelas populações atingidas pelas barragens:

> Missão São Francisco do Rio Cururu, 06.11.2009
>
> Exm° Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva
>
> Exm° Senhor Ministro das Minas e Energia, Edson Lobão e demais Autoridades responsáveis pelo setor energético do Brasil.
>
> Nós, Comunidade indígena, etnia Mundurucu, localizada nas margens do Rio Cururu do Alto Tapajós, em reunião na Missão São Francisco, nos dias 5 e 6 de novembro, vimos por meio deste manifestar à vossa excelência nossa preocupação com o projeto federal de construir cinco barragens no nosso Rio Tapajós e Rio Jamanxim. Para quem vão servir?
>
> Será que o governo quer acabar com todas as populações da Bacia do Rio Tapajós? Se apenas a barragem de São Luís for construída, vai inundar mais de 730 km². E daí? Onde vamos morar? No fundo do Rio ou em cima da árvore? Não somos peixes para morar no fundo do Rio, nem pássaros, nem macacos para morar nos galhos das árvores.
>
> Nos deixem em paz. Não façam essas coisas ruins. Essas barragens vão trazer destruição e morte, desrespeito e crime ambiental, por isso não aceitamos a construção das barragens. Se o governo não desistir do seu plano de barragens, já estamos unidos e preparados com mais de 1.000 mil guerreiros, incluindo as várias etnias e não índios.

Nós, etnia Munducuru, queremos mostrar agora como acontecia com os nossos antepassados e os brancos [pariwat] quando em guerra, cortando a cabeça, como vocês veem na capa deste documento. Por isso não queremos mais ouvir sobre essas barragens na Bacia do Rio Tapajós. Por que motivo o governo não traz coisas que são importantes para a vida dos Munduruc, para suprir as necessidades que temos, como educação de qualidade, ensino médio regular, escola estadual, posto de saúde, etc? Já moramos mais de 500 anos dentro da floresta amazônica, nunca pensamos destruir, porque nossa mata e nossa terra são nossa mãe. Portanto, não destruam o que guardamos com tanto carinho

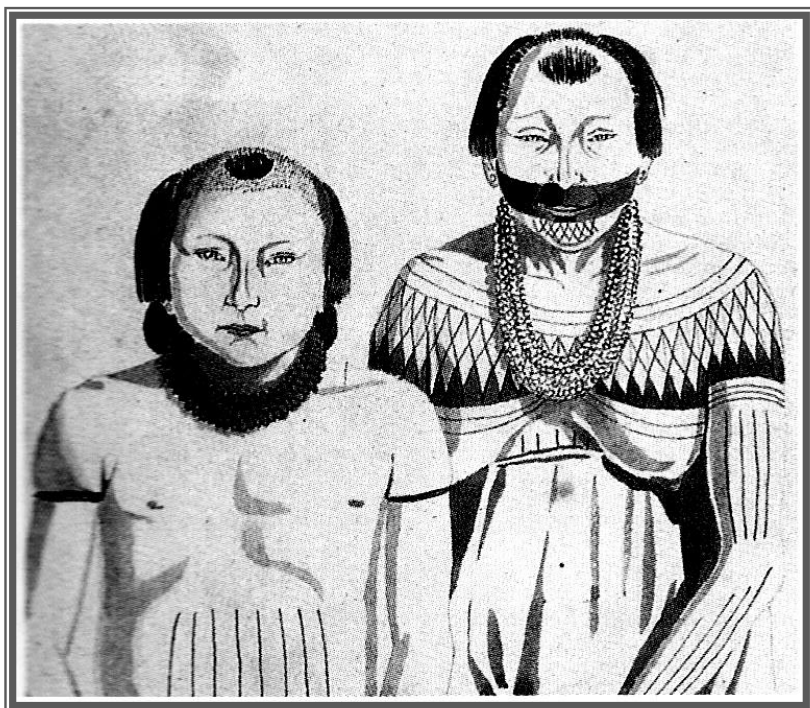



Imagem 02 – Mundurucus (Hércules Florence, 1828)

Os Lusíadas – Canto I – 27/29
(Luís Vaz de Camões)

27

[...] Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico ([37]) e Noto ([38]) a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

28

Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta Lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas têm passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

29

E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana, como amigos.
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota. [...]

---

[37] Áfrico: vento Sudoeste.
[38] Noto: vento Sul.

Ricardo Franco de Almeida Serra

Tenho a honra de responder categoricamente a V. Exª que a desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e defendê-los, até as suas extremidades, ou de repelirem o inimigo ou sepultarem-se debaixo das ruínas dos Fortes que se lhes confiaram: e nesta resolução se acham todos os defensores deste presídio *([39]), que tem a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Exª a quem Deus guarde muitos anos.*
(Cel Ricardo Franco de Almeida Serra – RFAS)

Origens da Engenharia Militar

A primeira civilização a contar com elementos totalmente dedicados à Engenharia Militar foi a Romana, cujas Legiões contavam com um Corpo de Engenheiros conhecidos como "*architecti*". O advento da pólvora e a invenção do canhão deram um grande impulso à Engenharia, que teve de adequar suas Fortificações para fazer frente ao poder das novas armas.

Engenharia Militar no Brasil

Desde o Brasil Colônia, os Engenheiros Militares absorveram e aprimoraram a arte portuguesa de projetar e construir fortificações, edificações e acessos. Os testemunhos das obras realizadas, pela Engenharia, solidamente construídas e estrategicamente localizados, ainda fazem parte de nossa paisagem como bastiões de nossas fronteiras marítimas e terrestres. Naqueles tempos, ser engenheiro pressupunha ser, obrigatoriamente, Oficial do Exército, já que o ensino regular de Engenharia estava ligado à vertente militar.

---

[39] Presídio: Praça de Guerra.

Em 1792, foi criada a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, uma das primeiras escolas de Engenharia do mundo, embrião do Instituto Militar de Engenharia (IME) e da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na Real Academia é que se começou a estender o acesso de civis aos conhecimentos técnicos de Engenharia resultando, em 1874, na separação do ensino civil do militar, só então surgindo a "*Engenharia Civil*".

Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra

O Coronel Ricardo Franco nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 03.08.1748, ano de criação da Capitania de Mato Grosso. Uma incrível "*coincidência histórica*", arquitetada por determinação do Senhor de Todos os Exércitos, predestinando páginas gloriosas a este militar de escol, em defesa da Capitania recém-criada. Vamos repercutir os passos de Ricardo Franco em Portugal, reportados pelo General Raul Silveira de Mello na sua obra "*Um Homem do Dever - Cel Ricardo Franco de Almeida Serra*", publicada pela Bibliex em 1964.

XI CAPÍTULO – PRIMEIRA PARTE

ANTECEDENTES EM PORTUGAL

Primeira Arregimentação

Saindo da Academia Militar a 09.09.1766, arregimentara-se numa unidade de sua arma, ou, talvez, na Unidade-Escola da Academia Militar, antes de iniciar suas atividades de engenheiro. Um estágio mínimo de arregimentação era indispensável para entrar em contato com a tropa e participar das fainas ordinárias da caserna e dos exercícios táticos que preparam os jovens oficiais para a instrução de conscritos e o exercício e treino de comando.

À Disposição do Quartel-Mestre-General

Terminado seu primeiro ano na tropa, passa, em 1767, à disposição do Quartel-Mestre-General para ocupar-se em trabalhos de engenharia, nos quais auxiliou aquele chefe durante mais de dez anos, sem interrupção. Dos dizeres contidos no referido documento, tiram-se ainda as seguintes informações:

1° Ricardo Franco, a 26.11.1777, contava 2 anos, 2 meses e 6 dias como Partidista ([40]) da Academia Militar, e 9 anos e 2 dias como ajudante;

2° Segundo, a 09.09.1766, se lhe dera assento no exercício de engenheiro, e, a 15.09.1768, passou a ajudante de infantaria com o exercício desta arma.

Trabalhos de Engenharia em Portugal

Em 1767, passou Ricardo Franco à disposição do Coronel Guilherme Elsden, Quartel-Mestre-General, para realização de obras de engenharia. Eis como esse chefe, em 25.10.1777, abona-lhe os serviços prestados sob sua alta direção:

> Atesto que, sendo encarregado, por ordem de Sua Majestade, de muitas e diversas diligências, foi um dos oficiais que nelas me coadjuvaram o Ajudante de Infantaria, com exercício de engenheiro, Ricardo Franco de Almeida Serra, em que, sem interrupção de tempo, se tem ocupado por mais de dez anos continuados, com ciência, zelo e atividade em todas as diligências de que o incumbi, e de que as principais são as seguintes:

[40] Partidista: não é propriamente um posto no oficialato. Assim chamavam aos que obtinham os primeiros lugares nas turmas, com o que faziam jus a prêmios em dinheiro. Era, por assim dizer, o pré-oficialato, que corresponderia ao nosso Aspirante-a-Oficial. (MELLO)

- Mapa geral de todas as lezírias ([41]) e margens do Tejo, em que se configuraram as terras de todos os particulares, com o cálculo da superfície e produção de cada uma delas.
- As plantas de todas as vilas de Ribatejo da parte do Norte e Sul.
- O mapa do sítio dos olhos d'água até a Vila de Setúbal.
- O mapa que se tirou do campo e Foz do Rio Lima, níveis e projeto para a sua abertura e conserto.
- Mapa dos campos de Alcobaça, Alfeizerão e Foz de São Martinho.
- O mapa do sítio das minas de carvão de pedra na Vila de Buarcos e a de terrenos contíguos em uma légua de distância.
- A planta da cidade de Coimbra, e a do terreno em que se compreendem freguesias circunvizinhas e confinantes com as da dita cidade.
- Ultimamente, se empregou nos projetos, inspeção, construção, cálculos e medições dos edifícios, que novamente se edificam na Universidade de Coimbra para uso das ciências naturais, assistindo e dirigindo efetivamente a sua construção e aumento; indo, para o mesmo fim, à Mata da Magaraza na Serra da Estrela, consertar e fazer os novos caminhos, que se abriram até a Foz do Rio Alva, para mais facilmente se transportarem as madeiras que da referida mata fez conduzir para as referidas obras, etc.

O que, por ser verdade, e o dito Ajudante ter servido a Sua Majestade nas sobreditas e outras mais diligências às minhas ordens, sempre com satisfação, honra e atividade pelo decurso de dez anos sucessivos, somente com o intervalo de algumas moléstias que padeceu pelos maus sítios em que trabalhou. Lisboa, aos 25.10.1777.

[41] Lezíria: zona agrícola muito fértil, situada na região do Ribatejo, vale do Rio Tejo, em Portugal.

Destes últimos trabalhos, realizados na Universidade de Coimbra, consta um segundo atestado, de 30.11.1777, passado pelo Bispo Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho ([42]), reformador e Reitor da Universidade, do qual se verifica ter sido Ricardo Franco nomeado por ordem de Sua Majestade:

> Para delinear, dirigir e fazer executar a construção dos edifícios que novamente se construíram na Universidade de Coimbra para uso das ciências naturais, o que cumpriu pelo espaço de mais de quatro anos continuados, assistindo efetivamente a sua construção, indo repetidas vezes aprontar e fazer conduzir de sítios distantes alguns materiais preciosos, executando sempre com ciência, zelo e atividade tudo quanto lhe foi determinado.

Segunda Arregimentação

O atestado do Quartel-Mestre-General é de 25.10.1777, o que leva a crer que, nessa data, deixou Ricardo Franco os serviços de Engenharia para voltar à tropa, com o objetivo de fazer jus ao posto de Capitão, conforme requereu, após obter dispensa daqueles encargos técnicos. Essa promoção lhe teria vindo em 1778, dando-lhe ensejo de passar esse ano e o seguinte no comando de sua companhia e nos mais misteres da vida arregimentada.

Não se pode duvidar que Ricardo Franco tenha feito esses dois estágios de arregimentação, um ao sair da Academia Militar, como subalterno, e o segundo, em vista de ser promovido a Capitão, e parte, neste posto, após seus 10 e tantos anos de atividade técnica.

---

[42] Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho: natural de Marapicu, Rio de Janeiro, Reitor da Universidade de Coimbra entre 1770 e 1779, novamente de 1799 a 1821, e Bispo de Coimbra entre 1779 e 1822.

Nem se pode duvidar que nos últimos anos de Academia Militar e nos de arregimentação se tenha aplicado à tática e à História Militar pois, como veremos, no comando da fronteira sul e nos trabalhos que ali redigiu, mostrou-se muito versado nesses conhecimentos.

Designado para a Comissão de Limites na América

Não cheguei a conhecer nem o ato nem a data da nomeação de Ricardo Franco para participar da 3ª Partida de Demarcação de Limites na América, pertinentes ao Tratado de 1777. Teria sido, pelo menos, três a quatro meses antes do embarque para o Brasil. Foi então que deixou a tropa e passou a ambientar-se do assunto, a receber a documentação e as instruções que lhe cabiam e a preparar-se para a Expedição. A designação para essa Comissão, de alta relevância, diz bem da competência e das qualidades morais de Ricardo Franco.

Tempo de Serviço em Portugal

Os primeiros quatro anos [provavelmente] de Academia Militar, passados ali até 08.09.1766, não foram contados a Ricardo Franco, como tempo de serviço. A contagem de tempo só se lhe averbou na fé-de-ofício a partir de 9 de setembro desse ano, dia em que aparece como Partidista da mesma escola. [...]

Se incluirmos, como entre nós, o tempo de simples Cadete, passados na Academia Militar, Ricardo Franco teria contado, em Portugal, 16 a 17 anos de farda. Conquanto não se lhe tenha contado o tempo de Academia, por tempo de serviço ativo, não se pode negar foi uma etapa dedicada realmente ao estudo e ao adestramento para o oficialato.

Viagem para o Brasil

> Ricardo Franco, em companhia de seu colega de farda Joaquim José Ferreira, ambos portugueses, e dos astrônomos brasileiros Francisco José de Lacerda e Almeida e Antonio Pires da Silva Pontes, e outros, embarcou em Lisboa no dia 08.01.1780, na charrua Coração de Jesus e Águia Real, com destino a Belém do Pará. Com esses três companheiros de viagem, iria Ricardo Franco trabalhar vários anos nos sertões do Brasil. (MELLO)

Vamos dar sequência à biografia de Ricardo Franco com um texto de Virgílio Alves Correia Filho, engenheiro, jornalista e historiador. Virgílio Correia Filho nasceu em Cuiabá, MT, no dia 06.01.1887, foi Secretário Geral do Estado de Mato Grosso (1922-1926); Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia (1950 e 1956); membro da Academia Mato-grossense de Letras, de Institutos Históricos Estaduais, da Academia Portuguesa de História e Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1931). O texto foi publicado na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (RIHGB), Volume 243 – abril/junho – 1959.

Ricardo Franco de Almeida Serra

> Embora o Tratado de Limites de 01.10.1777, assinado em Santo Ildefonso, favorecesse o imperialismo castelhano, especialmente na região Meridional do Brasil, não vacilou o governo português em cumprir-lhe as cláusulas ajustadas. Para apressar a demarcação da extensa fronteira, consideraram-na repartida os governos metropolitanos por quatro segmentos, em cada um dos quais operaria um grupo de técnicos proficientes, que formariam a respectiva Divisão, composta de dois comissários principais,

dois engenheiros, dois geógrafos, dois práticos do País, e auxiliares necessários, conforme acentuou Carta ([43]) da Rainha, de 07.01.1780. Ao recebê-la, preparava-se João Pereira Caldas para ir a Vila Bela assumir o governo da Capitania de Mato Grosso, mas a 8 de março comunicou a Luís de Albuquerque não lhe ser mais possível empreender a viagem combinada, pois que iria chefiar a demarcação nas paragens do Rio Negro. Com tais poderes, organizou a Expedição que deixou o Porto de Belém a 02.08.1780, constituída de individualidades notáveis, como jamais ocorrera em número tão avultado.

Com os vencimentos anuais respectivos, assim os relacionou Alexandre Rodrigues Ferreira que, por outubro de 1783, conheceu o Pará, onde começou as suas pesquisas memoráveis:

Teodorico C. de Chermont – Ten Cel ....600$000

Euzébio Antônio de Ribeiros – Sargento-mor 600$000

João Bernardes Borracho – Almoxarife ....130$000

Pedro Álvaro Loureiro da Fonseca Zuzarte ...120$000

António José de Araújo Braga – 1° cirurgião 240$000

Henrique J. Wilkens – 2° Com. da 4ª Partida 380$000

Ricardo Franco de A. S. – Cap de Infantaria 384$000

Joaquim J. Ferreira – Capitão de Infantaria .384$000

Dr. José Simões de Carvalho – Astrônomo ...400$000

Dr. José Joaquim Vitório – Astrônomo ....400$000

Dr. Francisco J. de L. e Almeida – Astrônomo 400$000

Dr. Antônio Pires da S. Pontes – Astrônomo 400$000

João P. Caldas – Governador [por ano].... 4:800$000

---

[43] Carta de D. Maria I ao Capitão João Pereira Caldas – Nossa Senhora da Ajuda, 07.01.1780.

Começaram os expedicionários a aplicar os seus conhecimentos na Amazônia, antes que pudesse o Governador dispensar a colaboração dos que deveriam atuar no Mato Grosso, onde encontrariam Luís de Albuquerque ansioso de aperfeiçoar a "*importante Carta deste País limítrofe, corrigindo-se, quanto for possível, o muito que aliás tenho nisso mesmo trabalhado*".

Depois do reconhecimento do Rio até o Forte de São José de Marabitanas e do Uaupés, efetuado pelo Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida e o Capitão Joaquim José Ferreira, e do Rio Branco, perlustrado pelo Dr. Antônio Pires da Silva Pontes e Ricardo Franco de Almeida Serra, reuniram-se, de novo para, juntos, prosseguirem ao Sul.

VIAGEM A VILA BELA

Ao raiar setembro de 1781, deixaram a Vila de Barcelos, onde tinha sede o governo da região, e no dia 09.09.1781 embocaram no Rio Madeira, onde os astrônomos determinaram as coordenadas de ponto conveniente.

A 15.09.1781, atalhou-lhes a marcha a primeira cachoeira, "*chamada de Santo Antônio*", em que se fez mister descarregar as canoas.

Nesse episódio, verificaram os viajantes que não lhes correriam de feição os dias retidos no trecho revolto do Rio, de cujos obstáculos só se libertaram em Guajará-mirim, a 27 de dezembro de 1781. "*Neste espaço, em que estão as 17 cachoeiras, que é de 70 léguas*", anotou o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida em seu Diário, "*gastamos 73 dias*".

Não registrou, porém, os sofrimentos que molestaram os expedicionários, além da breve nota referente ao dia 12 de novembro, ao transpor a cachoeira das Araras: "*já tínhamos 30 doentes, e muita falta de mantimentos*".

Algum esclarecimento decorre, todavia, da carta de 24.06.1782, em que Luís de Albuquerque dá ciência a João Pereira Caldas da chegada a Vila Bela dos profissionais da 3ª Partida ([44]).

Estragados os víveres, em naufrágios, e acometidos os passageiros de doenças, a que sucumbiram vinte índios e um soldado, afiguravam-se mofinos ([45]) sobreviventes de grave epidemia os que alcançaram Vila Bela, antes de findar fevereiro.

A propósito, afirmaria o Capitão General, decorridos cinco meses após a chegada: "*o Dr. Lacerda se conserva quase no mesmo miserável estado de saúde que a V. Exª já participei*", e os militares, apesar de "*ativos e cuidadosos*", não poderiam ainda trabalhar, por causa das sezões de que foram acometidos.

Entretanto, não tardou em bem aquilatar os altos préstimos dos dois "*Capitães de Infantaria com exercício de Engenheiros*", a quem teria por ventura aconselhado a petição de 13 de abril de 1782, deferida sem demora.

---

[44] Partida: as Comissões de Limites eram formadas por astrônomos, matemáticos, engenheiros, oficiais, soldados, artífices e escravos. Em decorrência das grandes extensões de fronteira a serem levantadas, essas Comissões foram subdivididas em equipes chamadas de "*partidas*", que percorriam as áreas de fronteira determinadas pelo Tratado em busca de referências físicas tais como cursos d'água, elevações e outras feições geográficas para o estabelecimento dos marcos físicos.

[45] Mofinos: abatidos.

Mercê dos trabalhos extraordinários de que os encarregou, em que se incluíam aulas apropriadas a praticantes, decidiu "*hei por bem que hajam de vencer ([46]) mais cem oitavas de ouro cada um anualmente desde que chegaram a esta Capital, que foi em 28 de fevereiro do corrente ano*". Com a recuperação da saúde, começaram os demarcadores a comprovar as suas habilitações, confirmando assim opinião do Ministro Martinho de Melo e Castro, de 07.01.1780, que asseverara: "*Os astrônomos são Doutores na Universidade de Coimbra, escolhidos entre os melhores, e nesta Corte tiveram um contínuo exercício e prática de sua profissão debaixo da inspeção do Doutor Ciera ([47])*". Quanto aos militares, deram boa conta de si nas Comissões de que foram incumbidos. Depois da atuação benemérita em Mato Grosso, cujo Governador Luís de Albuquerque lhes utilizou as aptidões em campanhas cartográficas perseverantes, que tornaram conhecida larga faixa fronteiriça, regressaram em datas diferentes, exceto Ricardo Franco de Almeida Serra.

ACIDENTE LAMENTÁVEL

Todavia, por um triz não se lhe interrompeu a vida operosa. A 02.11.1783, quando seguia em operações de reconhecimento, ao atravessar o Ribeirão das Cinzas, falseou o animal, que montava, e atirou-o à correnteza, engurgitada ([48]) pelas chuvas recentes.

---

[46] Vencer: perceber, receber de vencimento.

[47] Miguel António Ciera: ilustre engenheiro Piemontês que trabalhou na delimitação de fronteiras na América do Sul, professor de matemática no Colégio dos Nobres e responsável pela cadeira de Astronomia, na Universidade de Coimbra. (General Tibério Kimmel de Macedo)

[48] Engurgitada: ingurgitada, aumentada no seu volume.

Por não saber nadar, pereceria, sem demora, se o Porta-estandarte Manuel Rabelo Leite não se empenhasse em salvá-lo. Nessa ocasião, apenas ensaiava a justificação da sua escolha, e escassas lhe seriam as comprovações da eficiência, que se desdobraria por vários ramos, da Geografia à História, da Etnologia à Estratégia e à Engenharia Castrense.

Designado para atuar como um dos componentes da 3ª Partida, não conseguiria deixar o seu nome assinalado na fixação das fronteiras Ocidentais, por ausência dos castelhanos, que deveriam participar da Comissão Mista.

Em compensação, porém, cumpriria a primor as incumbências que lhe atribuiu, e aos demais companheiros, o Capitão-General. Porventura até estimaria que não comparecessem os vizinhos, para melhor executar os planos de trabalhos técnicos, traçados com descortino de estadista.

CASALVASCO

Começa pela exploração, em fevereiro de 1783, do Rio Barbados e arredores, onde Luís de Albuquerque fundou o Povoado de Casalvasco, em lembrança de um dos títulos paternos, para concretizar a posse portuguesa naquelas bandas.

Por lá existia "*fazenda de gado chamada do Custódio perto do Sítio de João Corrêa*", em cujas imediações o atilado ([49]) Governador mandou levantar, "*ainda que sempre com alguns disfarces, um pequeno Quartel e outras casas mais, que ao mesmo tempo servirão de armazéns – para diferentes outras*

[49] Atilado: perspicaz.

comodidades que se precisam, como também outra pequena Capela, a qual, além de interessar grandemente os ditos fins políticos, espero que constituirão um bastante atrativo para que mais alguns moradores se vão pouco a pouco estabelecendo segundo cuidadosamente solicito naquela paragem, por tantos princípios digna de se povoar e sustentar até a última extremidade". [Carta de 12.03.1783]

Vigilante na defesa da Capitania, não poderia Luís de Albuquerque de bom grado consentir que a linha limítrofe separasse Vila Bela do Arraial organizado à margem direita do Barbados, distante cerca de quarenta quilômetros.

E para patentear que não pretendia desistir daquele povoado, decidiu frequentá-lo, para "*passar nele com toda a minha comitiva e família os últimos quatro meses de cada um dos decorridos anos*". [Carta de 08.08.1787]

Não bastava simplesmente a ocupação. Fazia-se mister justificá-la, mediante documentação cartográfica, de que se encarregaram Silva Pontes e Ricardo Franco, designados para efetuarem minuciosa exploração do vale.

SERRA DO GRÃO PARÁ

Ultimadas as tarefas recebidas, marinham ([50]), em companhia do Governador, pela Serra do Grão Pará, em cujo topo calculam a altura de 2.600 pés ([51]) acima da Vila, que a fronteia ([52]).

---

[50] Marinham: realizam pesquisas.
[51] 2.600 pés = 792,5 m.
[52] Fronteia: fica defronte.

Em outubro [1783], dirigem-se ao Aguapeí, donde passam ao Jauru até o marco, enquanto Lacerda e Almeida roteava o ([53]) Branco, o Baurés e outros afluentes do Guaporé, a respeito dos quais redigiu Memória que a Revista do IHGB estampou em seu número XII ([54]).

As chuvaradas, abundantes na ocasião, impediram, mais de uma vez, a continuação das marchas, alternadas com regressos ao escritório, onde Ricardo Franco desenvolvia a sua perícia de desenhista.

VOLTA À PRANCHETA

As operações de campo não se registravam apenas em cadernetas, que se arquivavam para uso exclusivo dos governantes. Assim que se abrisse oportunidade, eram interpretadas em Cartas, que evidenciam a operosidade fecunda dos expedicionários, entre os quais se extremou Ricardo Franco. Com a declaração de sua autoria, ou não, a Mapoteca do Itamarati conserva, entre outros, os exemplares:

> 106 – 2 – Rios Madeira, Guaporé e Mamoré – 1784.
>
> 006 – 40 – Carta do Rio Guaporé desde a sua origem principalmente até a sua confluência com o Rio Mamoré e igualmente dos Rios Alegre, Barbados, Verde e Paraguai, com parte do Baurés e Itonamas que neles deságuam... Pelos Sargentos-Mores Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira.
>
> 037 – 20 – Mapa Suplemento do "*Guaporé*", que compreende resto do Rio Cuiabá até sua confluência

---

[53] Roteava o: conduzia as embarcações pelos Rios.

[54] XII: Revista Trimestral de História e Geografia (RIHGB), Volume 12, páginas 106 a 119.

no Paraguai e grande parte deste Rio... pelos Sargentos-Mores Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira.

008 – 02 – Mapa Geográfico do nascimento e origens principais dos Rios Galera, Sararé, Guaporé e Juruena, principal Braço do Tapajós... e mais Distritos adjacentes a Vila Bela, Capital do Governo de Mato Grosso, levantado no ano de 1794 pelo Tenente-Coronel Engenheiro Ricardo Franco.

045 – 26 – Mapa de parte do Rio Guaporé e dos Rios Sararé, Galera, São João e Branco, seus Braços, no qual vai lançada a derrota da diligência que fez o Alferes de Dragões Francisco Pedro de Melo, no ano de 1795, navegando pelo Rio Branco, até perto do seu nascimento e atravessando dele por terra até o Rio de São João e Aldeia Carlota... Igualmente vai configurada derrota da Diligência que no ano de 1794 fez o Tenente-Coronel Ricardo Franco, pelos campos dos Parecis e cabeceiras dos Rios Galera, Juína, com parte do notável Rio Juruena.

Semelhantemente, o Serviço Geográfico do Exército menciona, em seu Catálogo das Cartas Históricas, de 1953, entre as peças que possui:

N° 0977 – Mapa que oferece na Soberana Presença da Rainha Nossa Senhora o Governador e Capitão-General de Mato Grosso e Cuiabá Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.

N° 0979 – Carta limítrofe do País de Mato Grosso e Cuiabá, desde a Foz do Rio Mamoré até o Lago Xaraiés e seus adjacentes.

N° 0985 – Carta topográfica de uma parte da vasta Capitania de Mato Grosso que o Governador e Capitão-General atual dela, Luís de Albuquerque de Melo, mandou fazer.

N° 1.180 – Planta de Vila Bela da Santíssima Trindade, Capital da Capitania de Mato Grosso. Levantada em 1789 aos 37 anos de sua fundação que foi em 1752.

Progressivamente foi crescendo o apreço do Capitão-General por Almeida Serra, incumbido de desenhar o Mapa referido em Carta de 20.12.1784, em que lhe realça os méritos.

> Tarjado com os bustos da Rainha, por Francisco Xavier de Oliveira, de 75 anos, que mora em Cuiabá, destinava-se a mostrar a inexigibilidade patente do Tratado, principalmente no trecho entre o Jauru e o Guaporé, pois que são nesta parte não só prejudicialíssimas, mas absolutamente impraticáveis as suas Disposições.

EXPLORAÇÃO DO PARAGUAI

Para mais fortemente apoiar o seu plano modificador das raias convencionadas, valeu-se da demora dos vizinhos para organizar laboriosa Comissão Exploradora, cujo comando confiou a Ricardo Franco. Recomendou Luís de Albuquerque, em Instruções de 04.04.1786:

> Tenho determinado que os meses de abril, maio, junho, julho e agosto do presente ano se empreguem na miúda indagação e configuração do Rio Paraguai.

Numerosa, exigiu três canoas em que se alojaram, além do Comandante, os Astrônomos Lacerda e Almeida e Silva Pontes, o Tenente Vitorino Lopes de Macedo, o Porta-estandarte Manuel Rabelo Leite – almoxarife, soldados e escravos, enquanto J. J. Ferreira permanecia em Casalvasco, para completar as construções previstas.

Era o maior empreendimento de caráter científico promovido pelo Capitão-General, que para a sua realização mobilizou todos os elementos ao seu alcance.

Não obstante, as dificuldades avultaram, depois que embarcaram, a 15 de maio, no Registro do Jauru, o 33,5 léguas ([55]) de Vila Bela. E vão à mercê da correnteza até o Marco, chantado ([56]) pela 3ª Partida de 1753, mandada para tal fim por Gomes Freire, de Martim Garcia, Rio acima.

Entram no Paraguai, a 19.05.1786, e examinam meticulosamente as Baías de Guaíba, Uberava, Mandioré e a morraria ([57]) que, pela direita, franqueia o Rio, até Albuquerque. Cruzam o lendário pantanal de Xaraiés, que na ocasião justificava a classificação de Lago, dos primitivos cronistas.

A inundação estendia-se de monte a monte, além do alcance da vista, afogando os campos ribeirinhos, a tal ponto que "*muitas noites nem lenha houve para fazer o comer*", conforme registrou Ricardo Franco em seu relatório.

Descansam em Coimbra, onde aligeiram a carga, antes de prosseguirem a marcha para jusante, ao denominado Rio Negro, que verificam ser mera Baía de "*cinco léguas* ([58]) *de comprido quase de Norte a Sul e uma* légua ([59]) *de largo*", cujo desaguadouro media seis léguas ([60]) de extensão.

De regresso, exploram o Paraguai-mirim, para mais exatamente avaliarem a Ilha que forma este Braço com a madre ([61]) do Rio. Sobem o São Lourenço e o Cuiabá, até a Vila deste nome, em cujo porto saltam a 01.09.1786.

---

[55] 33,5 léguas = 221 km.
[56] Chantado: plantado.
[57] Morraria: série de morros.
[58] Cinco léguas = 33 km.
[59] Uma légua = 6,6 km.
[60] Seis léguas = 39,6 km.
[61] Madre: nascente.

Em seguida, varam, por terra, Cocais, São Pedro d'El-Rei, ancestral do Poconé, Vila Maria, que perdurou com um dos títulos de Governador, Cáceres, Registro, em demanda da Capital, onde terminam, a 2 de novembro ([62]), "*a importante diligência em que se gastaram seis meses e configuraram perto de 600 léguas de terreno*", como assinalou Ricardo Franco em seu "*Diário*", publicado pela Tipografia Oficial de Cuiabá, em 1908.

Com os esclarecimentos colhidos na longa peregrinação, em cujo decurso foram determinadas coordenadas de mais de dez pontos notáveis, voltou Ricardo Franco, à prancheta, para que pudesse o Governador enviar, à Metrópole, a 09.08.1787, "*o mais correto mapa geográfico daqueles países, que debaixo dos meus próprios olhos fiz também delinear pelo dito Capitão*".

Depois, ainda acompanhou Silva Pontes aos campos de Parecis onde considerou encerradas as suas excursões geográficas, semelhantemente ao que sucedeu aos companheiros, que se ausentaram do cenário raiano ([63]). Primeiro a afastar-se, Francisco José de Lacerda e Almeida, encarregado do levantamento dos Rios sulcados na comunicação de Vila Bela com São Paulo, partiu a 13.09.1788, e nunca mais reviu as paragens mato-grossenses, que descrevera admiravelmente em seus "*Diários*".

De São Paulo, onde o maltratou penosa queda de cavalo, com a resultante fratura de uma das pernas, desceu a Santos. Velejou, a 10.06.1790, para Lisboa, cuja Academia Real das Ciências o acolheu com honras enaltecedoras, antes da entrepresa ([64]) da travessia da África, onde sucumbiu.

---

[62] 2 de novembro de 1786.
[63] Raiano: da fronteira.
[64] Entrepresa: empreitada ousada.

Silva Pontes ainda apresenta ao Governador, a 30.01.1790, o relatório acerca da "*diligência de reconhecimento dos Rios Tararé, Guaporé e Jauru*". Na primeira oportunidade, porém, em companhia de Luís de Albuquerque, de retirada para Portugal, em junho, roteia os Rios ao som das águas, até Belém, e prossegue, através do Atlântico.

Nomeado Lente ([65]) da Academia de Marinha, em Lisboa, completa a "*Carta Geográfica de Projeção Esférica Ortogonal da Nova Lusitânia*", e transferido para o Brasil, cabe-lhe a Missão de Governador do Espírito Santo. Joaquim José Ferreira, promovido a Sargento-Mor, a 31.12.1789, regressou a Portugal, já Tenente-Coronel, em 1793, depois de exercer o Comando do Forte de Coimbra, e conseguir levar dois prestigiosos caciques Guaicurus a Vila Bela, onde ajustaram paz com o Capitão-General João de Albuquerque.

O MATO-GROSSENSE ADOTIVO

Do quarteto glorioso, quem mais se creditou à gratidão de Mato Grosso foi incontestavelmente Ricardo Franco de Almeida Serra, Capitão, ao desembarcar, enfermiço em Vila Bela, e Coronel, desde 23.05.1804, um lustro ([66]) antes de baquear ([67]), a 21.01.1809. Nesse período, de mais de um quarto de século, avultou a individualidade insigne do fronteiro, que tanto manejava a pena, como a espada. Se aquela ([68]) se revelava um tanto pesadona, sem adornos que lhe amenizassem o estilo, esta ([69]) desconhecia perigos à sua frente.

[65] Lente: mestre.
[66] Lustro: período de cinco anos.
[67] Baquear: falecer.
[68] Aquela: aquela pena.
[69] Esta: esta espada.

De princípio, porém seria apenas o obreiro dedicado a tarefas técnicas. Em trabalhos de campo e de escritório. Quando não podia acompanhar os astrônomos, ocupava-se em desenhar cartas e preparar novos ajudantes pelo ensino prático.

Ao enviar um desses mapas a Martinho de Melo, esclareceu o Capitão-General que o elaborou o Capitão Ricardo Franco, "*oficial hábil e bastante inteligente na matéria*". Não era Luís de Albuquerque pródigo de louvores, de sorte que as suas referências ao auxiliar prestimoso crescem de significação. Acordes com os conceitos elogiosos ao militar, avultaram as missões que lhe foram confiadas.

LICENCIAMENTO DA COMISSÃO

A militança ([70]) reclamou-lhe o concurso ([71]), depois de dissolvida a Comissão Demarcadora, que não chegou a funcionar, por falta dos técnicos espanhóis.

Ao raiar janeiro de 1790, João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, sucessor do seu irmão Luís, que lhe passou o exercício a 20 de novembro ([72]), considerou-a desfeita, em cumprimento de ordem do Ministro Martinho de Melo, de 30.11.1788.
Não iniciou sequer as operações para que fora designado ([73]), mas auxiliou eficazmente o Capitão-General a defender a linha raiana ([74]) de suas preferências, mais tarde aceita nos Tratados de Limites.

---

70 Militança: os Chefes Militares.
71 Concurso: cooperação.
72 20 de novembro de 1788.
73 Designado: Comissão Demarcadora.
74 Raiana: de fronteira.

Não a logrou fixar, como aspirava, Luís de Albuquerque, mas o seu esforço, fortalecido pelo trabalho técnico de exímios operadores, serviria para documentar os diretos do Brasil ao território que ocupava.

Em sua investigação, avantajou-se a personalidade de Ricardo Franco, pelos trabalhos cartográficos, que lhe bastariam de fundamento à fama adquirida. Ainda mais prementes incumbências, porém, lhe solicitariam as aptidões peregrinas.

Por falecimento do Governador João de Albuquerque, a 28.02.1796, coube-lhe participar da Junta Governativa, por ser militar de maior graduação, juntamente com o Ouvidor Antônio da Silva do Amaral e Marcelino Ribeiro, Vereador mais velho. (FILHO)

Para entendermos melhor o contexto que levou o Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao assumir o Governo da Capitania do Mato Grosso, a nomear como Comandante da Fronteira Sul o Tenente-Coronel Ricardo Franco vamos reportar o Capítulo II, da Sexta Parte, do livro do General Raul Silveira de Mello.

SEXTA PARTE

II CAPÍTULO

RICARDO FRANCO ENCONTRA FRAGÍLIMA A DEFESA DE COIMBRA E DA FRONTEIRA SUL

A paliçada construída por Matias Ribeiro da Costa, em 1775, era uma obra de emergência. Os outros Comandantes, até 1797, nada mais fizeram do que

retocá-la e melhorá-la, sem nada adiantar quanto ao seu valor defensivo. A crosta terrosa do sítio em que fora construída media uns dois palmos de espessura e assentava diretamente na rocha, de tal sorte que as estacas, mal firmadas, podiam ser derrubadas com um murro, como dissera o Major Joaquim José Ferreira.

Certa vez, uma pedra, rolando do morro, de encontro ao Presídio, derrubou as estacas que achou pela frente, tal como bola no jogo do boliche. Este fato inquietou o então Comandante, advertindo-o de que tal expediente poderia ser usado de surpresa pelos castelhanos, em plena noite, e até pelos índios, para estabelecerem a desordem na guarnição.

Ricardo Franco, ao assumir o comando do Presídio em agosto de 1797, ficou admirado de como essa frágil posição se tivesse mantido, face às possibilidades oferecidas aos índios Guaicurus, senhores da região, ou aos castelhanos de Assunção, aliados dos Paiaguás, de virem expugná-la e varrerem dali os portugueses.

Foram certamente estes considerados e a responsabilidade de que estava investido que levaram Ricardo a formular o projeto de um Forte permanente, de alvenaria de pedra, e de propor a sua construção. Eis como se exprime ele a respeito, no ofício de 02.09.1797, a que me referi no capítulo anterior:

> Ficam patentes os defeitos que oferece esta estacada [...]. Mas, quando ainda os não tivesse, bastaria ser uma débil e estreita estacada de 12 palmos de altura e menos de um de grosso [...].

para que nada de resistência pudesse oferecer à artilharia do inimigo.

A obra, porém, que Ricardo Franco desejava levantar, em substituição à velha paliçada, por si só era bastante para aumentar a confiança e o valor dos homens da guarnição contra qualquer investida de inimigos.

Não se pode acusar de todo os Capitães-Generais de desleixo ou descaso pela falta de atendimento às necessidades de defesa da Fronteira Sul, reclamadas sem cessar pelos Comandantes de Coimbra e da Povoação de Albuquerque.

É sabido, todavia, que Luís de Albuquerque se interessara, em caráter de preferência, pela construção do Forte do Príncipe da Beira. Ali empenhara enormes somas de dinheiro, muito embora esse local, na margem direita do Guaporé, não mais sofresse contestação dos confrontantes, por estar resguardado pelos Tratados de Limites.

Assim, porém, não acontecia a Coimbra e Albuquerque. Estas se achavam na margem Oeste do Rio Paraguai, fora das raias portuguesas. Não havia direito líquido sobre elas. A partir de 1777, as Comissões Demarcadoras deveriam definir, no terreno, a linha de separação dos territórios das duas metrópoles.

Ora, prescrevendo o Tratado de Limites que as raias correriam pelo Rio Paraguai, era necessário que houvesse acordo nas demarcações para que fossem reconhecidas, como portuguesas, as ocupações destes na margem direita do Rio.

Todavia, os comissários de limites, durante longos anos de negaças ([75]) e desentendimentos, não conseguiram arrancar do impasse aqueles importantes casos controvertidos.

---

[75] Negaças: enganos, logros.

Os Capitães-Generais, não obstante sustentarem perante a Corte os direitos subsistentes, e as razões vitais da manutenção de Coimbra e Albuquerque, temiam que o governo português, por outros motivos, não menos poderosos, chegasse a negociar a evacuação daquelas posições e entregá-las às autoridades castelhanas.

Essa ideia não é gratuita. Ela andou bailando na cabeça dos governantes portugueses. Não fosse a resistência tenaz de Luís de Albuquerque, talvez ela tivesse vingado, à custa de compensações de outra ordem de interesses.

O gabinete português chegou mesmo a prometer à Corte Madrilena, talvez para lograr outras vantagens, talvez por despistamento, que abandonaria aquelas posições. Fá-lo-ia, no entanto, em duas etapas. Primeiramente, evacuaria a região de Albuquerque para que viesse a servir às ligações fluviais de Chiquitos com Assunção e o Prata. Posteriormente, mediante novo acordo quanto ao tempo, destruiria o Presídio de Coimbra e abandonaria também essa posição.

Não padece dúvida a existência desse entendimento luso-castelhano. Azara, em suas cartas, faz menção dele e acusa as autoridades mato-grossenses de não lhe darem cumprimento.

Sincero fosse ou não, o que é fato e que Luís de Albuquerque e seus sucessores não julgaram prudente realizar obras permanentes ou dispendiosas naquela região contestada.

Nem a Povoação de Albuquerque nem Coimbra, até 1790 pelo menos, tinham consentimento para construírem obras de alvenaria, na suposição de as terem de abandonar aos castelhanos.

Esta assertiva figura na conversação entretida por José Antonio Pinto de Figueiredo, Comandante de Albuquerque, e o piloto Martin Boneo ([76]), no encontro que tiveram no Rio Paraguai em setembro de 1790.

Declarou o Sargento-mor português àquele oficial espanhol, que o povoado de Albuquerque tudo produzia bem, e, portanto, no sentido de melhorar-lhe as condições de habitabilidade, propôs construir ali casas duráveis, de tijolo e telhas.

A isso lhe respondeu o Capitão-General que tratasse tão só de conservá-lo nas condições em que estava, até que se realizassem as demarcações, pois poderia acontecer que esses terrenos passassem à Espanha e tudo o que ali fizessem ficaria perdido.

Coimbra recebera idêntico aviso, afirmou Pinto de Figueiredo. Boneo certificou-se que Figueiredo não adiantara uma informação graciosa, porque, quanto a Coimbra, já antes lho havia dito o Comandante daquele Presídio:

> hay mucha piedra de cal, y se halla buen barro para teja y ladrillo, que no se hacían por prohibición.

---

[76] Martin Boneo e Inácio de Pasos, em 1790, por ordem do Governador do Paraguai, Joaquin Alós, comandaram uma Expedição que partiu de Assunção, Paraguai, com a missão de forçar a retirada dos portugueses do Forte de Nova Coimbra. Os castelhanos foram informados de que os portugueses tinham se estabelecido, na mesma margem do Rio Paraguai, na Povoação de Albuquerque. Boneo tentou, então, ir até lá, no que foi impedido pelo Comandante do Forte de Nova Coimbra. Boneo tentou, então, subir o Rio Paraguai, sendo impedido, desta feita, pelo Comandante de Albuquerque. Apesar destes contratempos, Boneo conseguiu obter e levar, até o Governador do Paraguai, informações importantes sobre o efetivo e artilhamento das guarnições dos Fortes construídos pelos portugueses nas regiões por onde passou sua Expedição.

Por estes considerandos ([77]), verifica-se que demoraram as providências dos Capitães-Generais para tornar o Presídio de Coimbra uma posição eficiente e capaz de impor-se definitivamente, a exemplo do Príncipe da Beira. Seria, neste caso, o melhor e mais legítimo título do domínio português na margem Ocidental do Rio Paraguai. A ideia e o interesse de melhorar as condições defensivas de Coimbra e Albuquerque só tomaram vulto após a visita de Martin Boneo àquele Presídio.

A esse tempo, não mais ocorria temor algum na Frente ([78]) do Guaporé. Aconteceu então que, excluído o ano de 1775, pela primeira vez volveu sua atenção para a Frente Sul o Governo de Vila Bela. Nos primeiros tempos, comandaram Coimbra oficiais de milícia, improvisados, homens dedicados e leais, capazes de todos os sacrifícios, mas grosseiros e sem luzes necessárias para apreciar devidamente uma situação tática e defrontar-se com tropas regulares inimigas.

Foi, pois, somente a partir de 1790, sob a perspectiva de um ataque castelhano, que a Expedição Martin Boneo fizera prever, que o governo de Vila Bela decidiu inscrever na ordem de primeira importância os problemas de segurança da fronteira Sul. O primeiro Comandante à altura da nova situação enviado para ali, foi o Major Joaquim José Ferreira, do Real Corpo de Engenheiros, que ali esteve de 1790 a 1792. Agravando-se, porém, de novo, em 1797, as relações entre as metrópoles, decidiu Caetano Pinto enviar para o Presídio de Coimbra, no comando da Fronteira Sul, o oficial de maior relevo na Capitania, que era Ricardo Franco, então Tenente-Coronel.

---

[77] Considerandos: motivos.

[78] Frente: linha de território contínuo sujeita a ações bélicas.

Foi este grande soldado que impôs, em definitivo, o domínio português na margem Ocidental do Rio Paraguai e assegurou defesa e respeito à Fronteira Sul da Capitania. (MELLO)

CAETANO PINTO

Nesse encargo o encontrou o novo Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao tomar posse do governo a 6 de novembro ([79]). Naturalmente, colheria informações referentes ao militar, caso não lhe bastasse o que porventura já soubesse a respeito do geógrafo. E como recebesse de Coimbra notícias alarmantes acerca da Expedição do Coronel José Espíndola contra os Guaicurus, e, de Lisboa, recomendação para se manter de sobreaviso, em consequência das inquietações provocadas por Napoleão, resolveu confiar a Ricardo Franco o Comando do Forte de Coimbra. E endossou-lhe, com louvável bom senso, todos os projetos de fortalecimento dos meios defensivos, apesar da penúria que o levou a escrever ao Governador de Goiás a 11.03.1797:

> aqui carece de tudo – ouro, gente, armas e munições, mas a primeira falta é a que se faz mais sensível, porque sem dinheiro só os índios silvestres é que sabem atacar e defender-se.

Sabia que fora transferido de Moxos para o Governo de Assunção D. Lázaro de Ribeira, no tocante a cujas hostilidades, esclareceu João de Albuquerque:

> sujeito que verdadeiramente não faz mistério de inventar chicanas, e engendrar ideias, para nos incomodar, tendo até mesmo correspondido mal à atenção com que foi tratado pelo Comandante e demais oficiais do Forte do Príncipe da Beira. [Carta de 30.09.1791].

---

[79] 6 de novembro de 1796.

> Além da abnegação do Tenente-Coronel, não poderia Caetano Pinto, magistrado mal afeito às apreensões guerreiras, dispor de indispensáveis elementos bélicos referidos por ocasião das hostilidades.
>
> > Eu tinha previsto, desde o ano de 1797, mas, com a infelicidade de não terem-me enviado ainda nem da Corte, nem do Pará, nem de São Paulo, nem do Rio de Janeiro, uma única peça de artilharia, uma única espingarda, um único artilheiro, um único cartucho de pólvora, além de outros muitos socorros que desde aquele ano requeri, ou sou tido e reputado por Santo, julgando-se que passo fazer milagres ou aliás sou o pior dos Governadores, pois me expõem a todos os caprichos da fortuna. (MELLO)

Continuando com o escritor Virgílio Correia Filho – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (RIHGB), Volume 243, abril/junho – 1959:

FRONTEIRO IMPÁVIDO

> Desprovido de tudo mais, poderia, em compensação, contar com a dedicação inexcedível de Ricardo Franco, a serviço de impávido patriotismo. Sem demora, destacou o ajudante Francisco Rodrigues do Prado para organizar a defesa do vale de Miranda, onde estabelece um Fortim, assim denominado, em homenagem ao Governador no 1° aniversário de sua chegada a Vila Bela. (FILHO)

O Capitão Reformado do Regimento de Milícias destas Minas, Guarda-Mor das Mesmas, e Fiscal dos Diamantes Joaquim da Costa Siqueira assim relata no seu Compêndio "*Histórico Cronológico das Notícias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso desde o Princípio do ano de 1778 até o fim do Ano de 1817*":

O Tenente-Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, Comandante em chefe da fronteira do Paraguai, participou em data de 23 de agosto que os índios Guaicurus verificavam a guerra entre nós e os espanhóis, e entre as notícias que davam, diziam que lhes tinham certificado no Forte de Bourbon que D. Lázaro da Ribeira, Governador da cidade da Assunção, era esperado ali para vir atacar o Presídio de Coimbra. Com estas notícias empregou-se o dito Tenente-Coronel em contentar aqueles índios por todas as formas, comprando-lhe igualmente seus cavalos por baetas, facões, machados e outros gêneros que eles estimam muito, a fim de os não venderem aos espanhóis, que solicitavam esta compra com dois fins, um para que eles sem tantas cavalgaduras lhes não fossem fazer inversões nas suas terras, e outro para privarem-nos deste indispensável auxílio. (SIQUEIRA)

Continua o escritor Virgílio Correia Filho:

E, em pessoa, dirige as obras do Forte, que deveria substituir a frágil estacada, vista pela espionagem castelhana, quando solertes comitivas, de D. Pedro Benites, sobrinho de Espíndola e outros, inclusive o Ministro da Real Fazenda, D. Barnabé Gonzalez, a visitaram, de maio a outubro. (FILHO)

Continua Joaquim da Costa Siqueira:

No dia 12 de setembro, depois de ter pedido socorro a esta Vila, mandando duas canoas armadas com o destino de saberem dos índios que viviam próximos ao dito Forte de Bourbon o estado e movimento dos espanhóis, sucedendo que passando pelas 03h00 pela Boca da Baía Negra, dez léguas de navegação abaixo do Presídio de Coimbra, ali foram atacados por mais de vinte canoas de Papaguás com alguns castelhanos dentro, sustidas por um grande bote,

gritando todos "*entrega*", "*entrega*", dando fogo às armas, que felizmente não dispararam. Os portugueses deram sete tiros, com que afastaram aqueles índios, e retiraram-se. (SIQUEIRA)

Continuando com o escritor Virgílio Correia Filho:

Cuidou, de princípio, de evitar pretexto para a repetição de observadores suspeitos, mediante viagens de pessoas de sua confiança ao posto paraguaio de Bourbon, onde entregassem a correspondência e recebessem as respostas enviadas de Assunção.

E como o seu projeto merecesse aprovação do Capitão-General, cumpria-lhe executá-lo a todo o transe, ainda que servisse até de pedreiro, como ocorreu. E a despeito das doenças que o molestavam, por vezes, conseguiu rematar em tempo a remodelação do Forte, onde se gloriou de maiores louros ([80]). (FILHO)

O General Raul Silveira de Mello reporta no capítulo III, da Sexta Parte, do seu livro:

SEXTA PARTE

III CAPÍTULO

Iniciativa, Projeto e Construção do Forte

Ricardo Franco conhecia a situação e as condições do velho Presídio. Ali estivera, por intervalos, em 1786, quando chefiava a Comissão de geógrafos que procedeu ao levantamento hidrográfico do Rio, de Baía Negra para o Norte.

[80] Louros: triunfos.

Não ignorava a história da frágil estacada. Sabia também da vida de penúrias e desconforto que levavam os homens daquela guarnição, visto que participara em 1796 do Governo de sucessão, por morte de João de Albuquerque.

Chegando ali a 11.08.1797, em poucos dias de observação, verificou que nada mais se podia esperar da velha paliçada. Estava em lugar baixo, sem comandamento, e sujeita a ser surpreendida e escalada pela retaguarda. O estudo do terreno, do Rio e da situação política, lhe deram a conhecer:

1° que era de capital necessidade a construção de um Forte permanente, de boa alvenaria;

2° que a melhor posição para o Forte seria a uns 130 m à esquerda da estacada, a cavaleiro do saliente do morro. A ponta deste, nesse ponto, avança até a beira do Rio, a moda de promontório, e nela estaca bruscamente, formando alterosa barranca, rochosa e a pique.

O lugar era escarpado e de difícil ajustagem a construções. Todavia, dali se podia enfiar, pela vista e pelo canhão, longo estirão, de uns 10 km Rio abaixo, e de onde se ficava em condições de bater os flancos da posição até muito além do alcance das armas portáteis. O ponto fraco seria a gola do reduto, à retaguarda, que olhava a encosta e o pico do morro.

Haveria um recurso: era dar maior vulto à muralha nessa parte e dispô-la de uma linha de seteiras e órgãos de flanqueamento, que responderiam à possibilidade de assaltos de revés ou da retaguarda. O Forte, assim disposto, ligar-se-ia pela vista com o pico do morro, de uns 100 m de elevação, e a 300 m de distância, excelente observatório, de onde se descortinava todo o horizonte.

Em longo ofício de 02.09.1797, Ricardo Franco propõe a construção do Forte, faz minuciosa exposição do projeto e submete tudo à consideração do Capitão-General. Eis alguns dizeres desse documento:

> Na adjunta folha, vão unidos três diversos planos, que a escassez do tempo só me permitiu formar um borrão, todos relativos e anexos ao Presídio de Coimbra.
>
> O nº 1 é a planta deste Presídio, em que a sua superfície vai lavada de cor escura, as casas de amarelo, e a estacada que forma o seu recinto, de contíguos e pequenos círculos pretos. O Monte pega com o lado da dita estacada, oposto ao da frente do Rio vai espanejado de tinta da China ([81]). Monte que ficando unido e eminentemente sobranceiro a este Presídio, lhe serve de inaudito padrasto ([82]).
>
> O nº 2 é a seção do mesmo Presídio no seu maior comprimento [...]

Continua a descrição do projeto, chamando a atenção para o desenho, no qual ele marca, com letras, os sítios e pontos que menciona. A seguir, relaciona o material de que precisa para as construções e acrescenta estas sugestões:

> [...] no caso que V. Exª queira mandar fazer esta obra, para animar estes trabalhadores da guarnição se faz necessário alguma aguardente de cana que todos os dias se dê a provar aos obreiros. Enfim, Senhor, eu julgo esta obra indispensável e só a positiva única e possível segurança deste lugar, que considero como o mais importante dos Estabelecimentos Portugueses do Paraguai; olhado como a mais Austral barreira; aos próximos Espanhóis de Bourbon, de que dista em linha reta vinte e duas léguas.

---

[81] Tinta da China: nanquim.
[82] Padrasto: que domina o terreno.

E a rivalidade destes dois vizinhos e diversos estabelecimentos exige que eles se respeitem temam e vigiem reciprocamente; sem que nos possamos avançar mais para o Sul, nem eles para Norte, enquanto existirem Coimbra e Bourbon.

Além do que Coimbra é a chave que guarda e cobre os Rios Emboteteu, e Taquari, e ainda Paraguai-mirim; entrando todos no grande Paraguai superiormente a este Presídio, e inferiores em igual distância à Povoação de Albuquerque; a qual não serve de obstáculo algum que possa impedir aos Espanhóis, ou seja como inimigos ou sub-reptícia e clandestinamente o penetrar, ver e navegarem pelos dois nossos privativos Rios Mondego e Taquari e ainda pelo Furo do Paraguai-mirim.

As ponderadas vantagens só as tem Coimbra que, sem dúvida, se deve considerar como um passo para a navegação Espanhola pois, apesar da larga inundação das respectivas campanhas, que lateralmente formam as extensas margens do Paraguai, estas alagadas planícies têm suas interpoladas elevações no terreno que veda o passo, e não dão vão aos grandes barcos Espanhóis que só pelo álveo do Paraguai, ou seja no tempo das secas, ou no das águas podem navegar, passando necessariamente entre o Monte de Coimbra e o que lhe fica na oposta margem: circunstância atendível, e que mostra quanto é preferível a segurança deste lugar ao de Albuquerque; que fortificado como exponho a V. Exª fica muito mais respeitável, e ainda defendido do que a dita Povoação.

O ofício a respeito dele que tenho a honra de juntamente dirigir agora, com este relativo a Coimbra, a respeitável presença de V. Exª evidencia, na combinação de ambos a preferência e atenção que por todas as faces patenteia e merece este Presídio de Coimbra.

Eu já quis dar alguns princípios a esta obra que não deixam de ter alguns defeitos e que só grande

> despesa e maior Guarnição podem evitar, porém o projeto exposto é o que os pode remediar da mais possível forma. Suspendi porém o dar algum princípio a esta obra temendo nos fizesse ela novidade, ou servisse de algum pretexto aos Espanhóis.
>
> Mormente por dizer o Cabo Batista, que foi a Bourbon levar as cartas de V. Exª, que o Padre Perico que ali se acha queria vir até este Presídio a confessar-se com o nosso Capelão. Por todo o expedido, espero as ordens de V. Exª que determinará o que lhe parecer mais justo.

Noutro ofício da mesma data, declara que projeta assentar o Forte na encosta do morro e discute todos os aspectos da defesa do Rio nesse lugar. A seguir, em ofício de 7 de setembro, volta a tratar do projeto do Forte.

Diz que o mapa, em borrão, n° 5, representa o terreno contíguo ao Presídio. Passa a descrever a situação deste, o morro adjacente, os canais do Rio, etc. Descreve o morro fronteiro, diz que é escarpado e inacessível, de aspérrima escarpa e sem assentos para opositores, havendo somente acesso praticável pela parte Norte. O cume é composto de furnas e saltos,

> havendo nele de espaço a espaço umas pequenas e estreitas assentadas que só podem acomodar pequeno número de ofensores.

Trata a seguir dos arredores do morro fronteiro, do paul ([83]) que se estende na frente até ao Rio, da Baía que lhe fica ao Norte, dos baixios em roda e da bateria que lá devia ser colocada para cruzar fogos sobre o Rio com os canhões do Forte.

[83] Paul: área plana de abundante vegetação que permanece grande parte do tempo inundada.

> Este mapa, e os do n° 1 e correspondentes ofícios que faço agora chegar a preclaríssima presença de V. Exª mostram que, se em lugar desta fraquíssima Estacada de Coimbra, se fortificasse com competentes muralhas a ponta [do morro], neste lugar se pode contar com um positivo fecho, que guarda as nossas atuais posições do Paraguai, e navegação do Taquari, Mondego, Paraguai-mirim, o que não guarda nem defende a Povoação de Albuquerque. [...]

Ricardo Franco, tendo chegado ao Presídio a 11.08.1778, a 03 de novembro lançou a primeira pedra das muralhas do Forte, como se lê na planta que ele mesmo desenhou. Esperara até aí a aprovação do projeto e a palavra do Governador para dar início às obras. Escolhera aquele dia, por ser o primeiro aniversário da chegada de Caetano Pinto à Vila Bela. Em 22 de dezembro, Ricardo Franco inicia a muralha e

> enquanto não chegou o mestre pedreiro que V. Exª remeteu, eu mesmo fui mestre

declara ele ao Capitão-General.

Em 01.01.1798, Ricardo Franco cai doente e só convalesce, a 20 de fevereiro. O impaludismo, de que era fértil a baixada mato-grossense, assaltava frequentemente o incansável lutador. A 06.03.1798, dirige Ricardo Franco longo ofício, 10 folhas de miúda caligrafia, ao Capitão-General. Começa dizendo que chegou ali o Capitão Pedro Antônio Miers, Comandante do Forte Bourbon, trazendo-lhe uma carta de D. Lázaro de Ribera, Governador do Paraguai, em resposta a que lhe escrevera a 06.10.1797.

> A dita carta de D. Lázaro não deixa de mostrar a hábil subtileza deste distinto oficial que, sem falar do estabelecimento de Mondego, derramou nela expressões vagas e lisonjeiras.

Informa Ricardo Franco que os oficiais espanhóis foram hospedados no Presídio e, quando saíram, foram observando, do meio do Rio, a nova Fortificação que se mostrava na ponta do morro e dava-lhes a ideia de quanto seria alterosa. Declara, em consequência, que espera que D. Lázaro mande qualquer dia um oficial a tratar com ele a respeito [...] da nova Fortificação. Quando assim acontecer:

> [...] faço conta de responder o seguinte: Que duas forçosas e pungentes razões me obrigam a isso:
>
> 1ª que reedificando-se a Estacada que forma o recinto deste Presídio há sete anos, e achando-se ela na maior parte arruinada e podre, sem que, nos largos campos e terrenos que a cercam e por distância de muitas léguas, haja madeiras próprias para esses consertos, esta dificuldade me suscitou e pôs na ideia daquela nova obra; e também a saúde desta guarnição, porque como a superfície da máxima enchente do Paraguai fica quase de nível com o solo e pavimento deste Presídio, sucede que no dito tempo fica [...] como um receptáculo de víboras, sapos, e outros insetos venenosos além da muita umidade que o cerca. O que o faz sumamente doentio.
>
> 2ª e principal razão daquela obra, além da referida, consiste que, resultando das três últimas expedições espanholas contra os Guaicurus, que se tinham acolhido e abrigado nos terrenos que formam o Rio Mondego, ou Emboteteu, o Domínio Português, que estes índios segundo a paz que tinham contraído com os Portugueses, esperando que nós os coadjuvássemos no seu despique ([84]), acharam pelo contrário só uma tácita negativa e repulsa dissuadindo-os dos seus intentos hostis, coibindo-os e embaraçando-os, e ainda com violência, motivo por que veio a maior parte deles

[84] Despique: na sua vingança.

> a mostrar manifesto alvoroto ([85]) derramando-se entre todos o conceito de que os Portugueses os queriam entregar à vingança dos Espanhóis. Conceito, segundo eles constantemente contam, lhes é ministrado pelos Guaicurus, do Capitão-General Montenegro, que vive próximo a Bourbon, com paz e aliança com eles, Espanhóis. Com que fez que alguns se retirassem mais para o interior do país e que outros, em magotes ([86]), dessem sinais da sua costumada cantiga pérfida, chegando a ameaçar-nos e a virem algumas e imprevistas vezes arrostar este Presídio, e só a grande vigilância, que houve com reforçadas e armadas patrulhas faria talvez ver, ineficazes os seus denegridos e bárbaros projetos, e que à vista de todo o referido, vendo-me dentro de uma Estacada podre, de [...] índios por vezes, para entrarem, arrancarem alguns paus, tudo me obrigou a urgentíssima precisão da segurança deste Presídio, e da sua diminuta Guarnição, construindo na ponta do morro conjunta a ele um muro de pedra e barro para formar um recinto que lhes fosse menos acessível, e não pudessem queimá-lo, e arrancar-lhe alguns paus.

Assim, Ilm° e Exm° Senhor lanço sobre eles, Espanhóis, a causa desta nova Fortificação, e espero talvez até o fim de maio o dito protesto, e se a V. Exª lhe parecer, que esta minha resposta não é coerente, nem correlativa ao estado político e críticas circunstâncias, em que se acha esta Fronteira me faça V. Exª especial graça em insinuar-me o que devo dizer, pois tenho amor próprio, como a minha reputação, inda que afigure para com estes Espanhóis com luzes alheias, muito Superiores a minha fraca instrução.

Em ofício de 02.10.1798, Ricardo Franco informa ao Governador:

---

[85] Alvoroto: alvoroço.

[86] Magotes: bandos.

> A obra deste Forte estaria mais adiantada a não ser falta de trabalhadores próprios, tendo já assentado o portão principal, e dado princípio ao parapeito, que deve ultimar toda a Tenalha ([87]) que olha para Poente e domina pelo alto do vizinho Monte: já está respeitável; e se ao concluir-se será a necessária e indispensável segurança da guarnição deste Presídio; que encurralada na antiga e fraquíssima Estacada, corre evidente perigo, pois duas horas não poderiam estas delgadas estacas resistirem a um ataque vigoroso de duas peças de maior alcance do que a de curtíssimo porte deste Presídio, ao mesmo passo que no novo Forte; inda ao alcance de mosquete, enquanto se não abatessem as muralhas só por um lado acessíveis se podia ofender e resistir muito.

Continua dizendo que, quando os espanhóis vierem ao presídio, dir-lhes-á que tais obras são feitas por causa dos Guaicurus, com o fim de impedir-lhes as correrias que fazem para cometer roubos e traições.

Ricardo Franco, não obstante a carência de operários, trabalhava ativamente na construção do Forte, pois sabia que os castelhanos de Assunção, alarmados do que se passava em Coimbra e Miranda, concertavam medidas para precaver-se delas ou contra-arresta-las ([88]). Denota Ricardo Franco certa apreensão, ao informar ao Capitão-General, em ofício de 22.12.1798, da estada de Lázaro de Ribera no Forte de Concepción, ao Norte do Ipané, consoante aviso que lhe trouxeram índios daquelas proximidades. Com o ofício de 05.08.1799, Ricardo Franco envia ao Capitão-General os mapas de efetivos das três guarnições e da população da fronteira. Anexa ainda os seguintes dizeres a respeito das obras e da importância militar do Forte e dos recursos que ele precisa armazenar para torná-lo inexpugnável:

---

[87] Tenalha: pequena obra de duas faces de uma Fortaleza que forma um ângulo reentrante para o lado do campo.

[88] Contra-arrestar: opor-se à força inimiga.

> As obras deste novo Forte de Coimbra, nos passados seis meses, apenas se trabalhou nelas pouco mais de três, pelas friagens chuvosas que ouve, e pela falta de gente pois quando estão fora deste Presídio, duas condutas ficamos na inação, contudo, a muralha que forma seu recinto, está quase fechada, faltando só uma Face Flanco, e parte dessa cortina, tudo de extensão de quinze braças ([89]), pouco dos parapeitos do resto da mais obra, a qual, acomodando e eu atendendo à desigualdade deste monstruoso terreno, tem alguma diferença de configuração da planta que já remeti a V. Exª pelo que devo fazer outra, como na realidade ficar esta Praça, quando se concluir. Esta obra é maior e mais forte do que se pensa, faltando-lhe só sua mais grossa Artilharia, e mantimento dobrado para seis meses: para se fazer respeitável a qualquer atentado dos nossos vizinhos.

Quanto ao ano de 1800, a única notícia que encontrei sobre as obras do Forte é a que consigna Ricardo Franco ao Capitão-General em ofício de 31 de maio, pelo qual se vem a conhecer que as construções prosseguiam com as dificuldades tais e tais, que enumera, faltando ainda 40 palmos de muralha, sem falar talvez as da gola, à retaguarda, como se verá a seguir. Em 1801, ano do ataque de Lázaro de Ribera, parece quase nada se fez. Nenhuma informação encontrei a esse respeito no Arquivo Histórico de Cuiabá. Levando em conta que Ricardo Franco trabalhava sempre com reduzido pessoal obreiro e, às vezes, fazendo ele mesmo o ofício de pedreiro e carpinteiro e, além de lutar com a falta de ferramentas e ferragens, de subsistência, etc., a progressão das obras teria sido lenta e penosa.

Dá-nos ideia dessas dificuldades e da assombrosa dedicação e atividade do grande soldado este tópico do ofício de 27.02.1802 de Caetano Pinto ao Ministro do Reino:

---

[89] Quinze braças = 33 m.

> O Tenente-Coronel Ricardo Franco foi quem me propôs esta obra, foi o primeiro que conheceu a sua necessidade, e o que tem continuado até o ponto em que se acha, com a mesma guarnição, e quase sem despesa da Real Fazenda, servindo ele de Arquiteto, de Feitor, de Mestre Pedreiro e Carpinteiro.

O melhor depoimento, porém, quanto à iniciativa das obras, a carência de meios e esforços para sua realização, é o que nos dá, anos depois, um colega, colaborador e sucessor de Ricardo Franco no Comando do Forte:

> [...] logo que foi comandada [a fronteira] pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco, que conheceu a inutilidade daquela estacada incapaz de defesa, e toda dominada pela montanha contígua, propôs ao sexto General, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, o projeto de novo Forte na extremidade da mesma montanha, que abeira o Rio; porém não permitindo o estado já decadente da Província, empreender esta obra, se resolveu o próprio Comandante fazer o que pudesse com a sua mesma guarnição, e sem despesa da Real Fazenda, mais que em algumas ferramentas, e um pouco de pano de algodão já servido em sacos que conduz do Cuiabá os mantimentos para os soldados fazerem camisas e calças, que consumiam no penoso serviço da pedra e barro de que a obra carecia, animando-os igualmente com alguma aguardente e fumo de sua própria algibeira ([90]), sendo mais notável a arte que teve em criar pedreiros e carpinteiros de pessoas que não possuíam tais ofícios. Quanto pode a industriosa necessidade! [...]
>
> Esta obra foi começada em novembro de 1797, entrando na sua construção pedra e barro, únicos materiais que o local oferecia; e pelo acima exposto se conhece quanto devia ser lento o seu andamento, de maneira que em 1801 ainda restava a fechar

[90] Sua própria algibeira: seu próprio bolso.

> parte do recinto, faltando a cortina da tenalha da montanha, e sem que houvesse cômodo ou habitação alguma no seu recinto. Neste estado se achava o novo Forte, quando os espanhóis em setembro do mesmo ano, empreenderam surpreender o Presídio, pois ainda se ignorava o rompimento entre as duas nações; porém, sendo o Comandante Ricardo avisado pelos Guaicurus dos preparativos de guerra que os espanhóis faziam, imediatamente abandonou a estacada, passando-se com a guarnição, e o diminuto número de petrechos, para o incompleto recinto: esta resolução transtornou completamente os planos do General espanhol D. Lázaro de Ribera, que esperava encontrá-los dentro da estacada, segundo as informações que ele havia obtido pelo Frade Espinoza, que dois meses antes tinha estado de visita em Coimbra, para onde tinha sido enviado como espião, a fim de reconhecer o estado do Forte, a força da guarnição, e se ela existia ([91]) na estacada.

Por este fidedigno testemunho, de quem conviveu e trabalhou com Ricardo Franco na construção do Forte, se vem a saber que, nem mesmo em setembro de 1801, se achava completa a ossatura externa do Forte. Faltava-lhe a gola ou cortina à retaguarda, que seria, nesse tempo, como foi em 1864, o ponto preferido para o assalto. Quanto ao recinto, nada havia nele, nem uma só coberta; nem se havia começado a desobstrução da rocha para as construções internas. A guarnição alojava-se ainda no velho Presídio. Foi nos dias 14 e 15 e na manhã de 16 de setembro de 1801 que Ricardo Franco, ao saber da aproximação da frota castelhana, mudou, às pressas, o armamento, o material prestante e o pessoal para o interior do Forte. Homens e material, tudo ficou ali ao relento. É o que nos diz o valoroso soldado em sua parte de combate de 1° de outubro:

---

[91] Se ela existia: se encontrava.

> esteve toda esta guarnição, nos nove dias de ataque, no maior incômodo, e no meio do terreno, sem casa, sem abrigo...

Incômodos esses agravados

> por causa de um grande vento Norte e não menor tempestade que houve nos dias 23 e 24.

Essas eram as condições materiais do Forte ao ser atacado por Lázaro de Ribera a 16.09.1801. Veremos depois que não menos desfavoráveis – irrisórias até – eram as condições da artilharia, da munição de guerra e de boca e do efetivo da guarnição; apenas sobrava intrepidez no destemido Comandante e nos poucos homens que lhe foram fiéis.

Da análise do desenho do Forte tiram-se as seguintes conclusões: é um polígono irregular, atenalhado e redentado ([92]) na frente e à esquerda, e abaluartado ([93]) à direita e à retaguarda. Um pronunciado saliente, como ponta de lança, justapõe os dois baluartes morro acima. Os redentes beiravam o Rio e as rampas rochosas de onde não se podia esperar assalto. Os baluartes, pelo contrário, olhavam as encostas do morro, únicas direções vulneráveis a investidas e assaltos do inimigo. O desenho faz ver um fosso na frente abaluartada. Todavia, esse fosso não chegou a ser construído.

Seria difícil cavá-lo na rocha viva, e, em Coimbra não ficou vestígio algum de que ele fosse realizado. Para supri-lo, nessa frente ao menos, as muralhas teriam sido mais altas, variando de 3,30 e 5,50 m de altura. [...] diz Ricardo Franco em sua Memória [...]:

---

[92] Redente: é uma obra de fortificação com duas faces, sem flancos, projetada da linha da murada formando um ângulo saliente voltado para o lado de um possível ataque.

[93] Baluarte: construção situada nas esquinas e avançada em relação à estrutura principal de uma fortificação.

> Tem as suas muralhas dez palmos de grosso, e de quinze até vinte cinco palmos palmos ([94]) de alto, sobre desigual terreno e áspera subida; pelos dois lados edificados sobre o angulo reto que este monte faz no Paraguai, e uma rocha cortada a prumo, e pelos outros dois mais praticáveis, cercado por um escavado recinto de áspera penedia, na áspera escarpa e descida deste íngreme monte [...].

Em tais condições de local e de penúria de recursos, fez o construtor o que pôde. Adaptou a obra, tática e arquitetonicamente, ao terreno. Objeta-se que o recinto se apresentava, à maneira de um alvo, às vistas do inimigo e aos tiros diretos do canhão. Grave foi esse defeito, inclusive na forma atual do Forte. [...] os atiradores, nas seteiras do baluarte posterior, ficavam expostos, pelas costas, aos disparos diretos partidos do Rio ou do morro fronteiro. Para corrigir esses defeitos seria necessário fossem construídos no interior do Forte três planos ou pavimentos providos de anteparos murados, não só para desenfiamento e proteção das comunicações internas, como para cobrirem as barbetas ([95]) e banquetas ([96]) escalonadas em altura. [...] Pelo estado atual do Forte, todavia, pode concluir-se que o recinto fora disposto, da frente para a retaguarda, em três pavimentos, ficando os alojamentos do pessoal e a administração no primeiro plano a frente, e, ainda assim, visíveis aos que passavam no Rio.

Os outros dois pavimentos, de 2ª e 3ª ordem, estariam protegidos por anteparos de alvenaria, atrás dos quais haveria barbetas e pátios. Numa depressão do segundo plano, a esquerda, vê-se o lugar para o paiol de pólvora a prova de bomba.

---

[94] Dez palmos = 2,2 m; quinze = 3,3 m; vinte cinco palmos = 5,5 m.

[95] Barbeta ou barbete: é uma plataforma de uma fortificação onde estão instaladas bocas de fogo que disparam por cima do parapeito.

[96] Banquetas: degrau ao longo da parte interna das muralhas, sobre o qual os combatentes atiram contra o inimigo, devidamente protegidos.

> O portão principal dava para a direita, onde ficaria a ponte sobre o fosso, se este tivesse existido. Outro portão secundário, ao centro da face esquerda, permitia saída para esse lado. Não há indicação de saída pela gola ([97]) do Forte, à retaguarda. Veremos na reconstrução do ano de 1874, as alterações introduzidas que ainda se podem ver no estado atual do Forte, em ruínas. (MELLO)

A par das providências relativas à construção do Forte de Coimbra outras medidas se fizeram necessárias como demonstra o Registro de Ordens do Forte redigido por Ricardo Franco:

Registro de Ordens do Forte

> Tendo em 22 ou 24 de Agosto de 1801, alguns índios Guaicurus participado, que os Espanhóis vinham em marcha para atacar esta fronteira, fiz os avisos necessários para a Capital, e pedi socorro de gente e mantimento a Cuiabá.
>
> Em 29 de agosto, mandei alguns Guaicurus de confiança até Bourbon para verificar esta notícia, e tardando estes índios mais do que deviam, mandei no dia 12 de setembro de 1801, o cabo Antonio Baptista em duas canoas, e mais três dragões, até os índios Cadiéus, vizinhos de Bourbon, a ver se davam alguma notícia dos outros, ou da guerra que nos tinham anunciado.
>
> Pelas três horas da noite desse dia 12 para o dia 13.09.1801, defronte da Boca da Baía Negra, indo as ditas canoas em descuido, navegando pela força da corrente [como de costume de noite], viram as embarcações espanholas, ancoradas; foram logo

[97] Gola: espaço compreendido entre as extremidades dos lados de um ângulo saliente, nas fortificações.

cercados por vinte pequenas canoas espanholas, gritando "*entrega Portugueses*" e que os pôs em algum embaraço, por irem em descuido. O dragão Manoel Correa de Mello deu seis tiros nas ditas canoinhas, que as pôs em desordem, causando-lhes algumas mortes; e as nossas se retiraram. No dia 14.09.1801, chegaram a Coimbra com esta notícia, nesse dia, e no dia 15.09.1801, nos mudamos para o Forte, onde não havia ainda casa alguma, e no Armazém apenas meio saco de farinha, um saco de arroz, e coisa de 5 libras ([98]) de toucinho. (MELLO)

Aqui cabe novamente uma ressalva. Quem teria tomado a iniciativa do confronto, quem teria dado o primeiro tiro: D. Lázaro de Ribeira ou Ricardo Franco? Voltemos ao livro do General Raul Silveira de Mello.

SEXTA PARTE

IV CAPÍTULO

Fundação do Presídio de Miranda e Mais Providências de Ricardo Franco na Fronteira Sul

Em ofício de 09.11.1802, Ricardo Franco esclarece:

Em 16.09.1801, dia da chegada dos espanhóis, mal eles dobraram a ponta da Ilha ([99]) e se expuseram em franquia [...].

Está bem claro que a frota castelhana, assim que ultrapassou a ponta Norte da Ilha do Coração, tomou o dispositivo de combate e abriu fogo contra o Forte. Quanto, porém, a quem coube a iniciativa do rompimento do fogo, subsistia até hoje divergência entre as duas partes de combate e a intimação de

[98] 5 libras = 2,26 quilos.
[99] Ilha = Ilha do Coração.

Lázaro de Ribera. Este alega que teve "*el honor de contestar el fuego de ese Fuerte*", e Ricardo Franco, pelo contrário, faz entender, numa e noutra parte, que a frota castelhana, vencida a ponta Norte da Ilha, pôs-se em franquia e abriu fogo. Estava eu na firme suposição, pouco antes, de que a abertura de fogo partira da frota castelhana e não de Ricardo Franco.

E entendi ainda que o dizer de Lázaro de Ribera "*contestar el fuego*" – não significava uma réplica, mas um jogo de palavras, de que ele era fértil, para descartar-se da responsabilidade do rompimento sem prévio sinal, pois que, no ataque paraguaio de 1864, Barrios só desencadeou o canhoneio após a troca de mensagens. Tal suposição, porém, se desvaneceu de todo quando deparei, por último, um apógrafo ([100]) da Biblioteca Nacional, em que se contém o relato principal ([101]) de Ricardo Franco sobre o ataque de 1801. Nesse documento, o grande soldado põe em evidência que os primeiros disparos não partiram da frota castelhana, mas dos canhões do Forte.

Registro de Ordens do Forte (R.F.A.S.)

> Em o dia 16 de setembro de 1801, a favor de um vento Sul, se viram vir remontando o Paraguai três grandes sumacas espanholas, um grande barco, e vinte e tantas canoas pequenas; e pelas 4 horas da tarde desse dia, tendo entrado pelo canal d'além da Ilha, e vencida a sua ponta de cima, iam navegando o Paraguai, pelo lado oposto a este Forte.
>
> Mandei-lhe fazer um tiro com a maior peça que tinha, de calibre 1, e levantar a bandeira, e continuando a navegação lhe mandei fazer segundo;

[100] Um apógrafo: uma cópia.
[101] Relato principal: Ordens.

> então içou o inimigo a bandeira, e logo uma sumaca, e depois outras duas fizeram fogo aturado até as Ave Marias ([102]). (MELLO)

Continuando com o escritor Virgílio Correia Filho – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (RIHGB), Volume 243, abril/junho – 1959:

> Confiante em sua Força de 600 a 800 homens, em três sumacas, armadas de peças de calibre quatro, seis e oito, começou o canhoneio pela tarde de 16.09.1801, sem prévia declaração, que julgou dispensável, pois sabia que rompera a guerra entre a Espanha e Portugal. Malograda a ofensiva, Lázaro de Ribera recorreu à intimidação, por meio de um atrevido "*ultimatum*".
>
> No dia 17.09.1801, por volta das oito horas da manhã, depois de içarem a bandeira branca, o Tenente D. José Theodoro Fernandes entregou uma carta a Ricardo Franco com o seguinte teor:
>
> > Ayer a la tarde, tuve el honor de contestar el fuego que V. S. me hizo; y habiendo reconocido en aquellas circunstancias que las fuerzas con que voy inmediatamente atacar ese Fuerte son muy superiores a las de V. S., no puedo menos de vaticinarle el último infortunio; pero, como los vasallos de S. M. Católica saben respetar las leyes de la humanidad, aun en medio de la misma guerra, requiero, por tanto, a V. S. se rinda prontamente a las armas del Rey mi Amo pues de lo contrario el cañón y la espada decidirán la suerte de Coímbra, sufriendo su desgraciada guarnición todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá libre si V. S. conviene con mi propuesta, contestándome categóricamente en el término de una hora. A bordo de la sumaca Nuestra Señora del Carmen, 17.09.1801.

[102] Ave Marias: 18h00.

Sr. Comandante del Fuerte de Coímbra.

De V. S. su atento y reverente servidor – Lázaro de Ribera.

Não necessitaria Ricardo Franco do prazo marcado para a resposta. Pesando bem as palavras e as consequências a que dariam lugar, retruca em termos incisivos.

Ilm° e Exm° Sr.

Tenho a honra de responder categoricamente a V. Exª que a desigualdade de forças sempre foi um estímulo que muito animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e defendê-los, até as suas extremidades, ou de repelir o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas dos Fortes que se lhes confiaram: nesta resolução se acham todos os defensores deste presídio ([103]), que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Exª a quem Deus guarde muitos anos.

Coimbra, 17.09.1801.

Ricardo Franco de Almeida Serra.

Não tinha, na frase, a fanfarronice do agressor, nem os recursos bélicos de que este se achava munido, mas sabia cumprir heroicamente o seu dever.

Em 18.09.1801, pelo meio-dia, desaferrando do ponto onde estavam, avançaram a reboque até mais da metade do Rio, e postas as três sumacas em batalha, fizeram um fogo terrível sobre a Praça por mais de três horas; e vendo que a nossa artilharia, pelo seu pequeno calibre e curto alcance não os ofendia, vieram a reboque, encostando-se à margem do Poente do Rio, e descendo até emboscarem pelo campo, que estava alagado, pouco acima da Boca chamada Barrinha, a primeira e segunda já estavam

[103] Presídio: Praça de Guerra.

ancoradas, os inimigos todos fardados, e armados de espada e armas, e gente embarcada nas canoas pequenas para desembarque, quando, fazendo-se fogo de mosquete sobre as duas primeiras que avançaram, em uma caíram 5 homens ao Rio, na outra 2 fazendo-se igualmente fogo sobre as mesmas sumacas, que deixou a gente exposta por um movimento de leme mal executado, com o que se retiraram para o meio do Rio. Esta ação durou 4 horas, e de noite se foram ancorar no pouso da noite antecedente.

Dia 19.09.1801, desde a meia-noite do dia antecedente até a tarde deste dia, nos fizeram um fogo constante e vago das três sumacas, e findo eles levantaram ferros e desceram o Rio pelo Canal de lá da Ilha que saltaram, e vieram a fundear no Canal de cá, de frente da Horta do Paratudo, de onde continuaram o fogo.

Dia 20.09.1801 continuaram o mesmo fogo.

No dia 21.09.1801 continuaram o mesmo fogo contra o portão, saltaram alguns em terra, apesar de estar ainda cheia de lodo, e alguma água da cheia, e principiaram a colher cebolas e couves da horta, e depois a laçar porcos e gado que ali encontraram; nesta diligência os colheu de emboscada o Anspeçada ([104]) de pedestres Joaquim de Souza Buenavides, com 10 pessoas armadas, que deram 10 tiros com os quais ficou um Espanhol morto no lugar, dois mortalmente feridos, que os Castelhanos conduziram às costas, e outros três bem feridos, que foram conduzidos e arrastados pelos braços dos outros.

---

[104] Anspeçada: nome que se dava antigamente ao posto militar acima de Soldado e subordinado ao Cabo.

> Em 22.09.1801, fizeram um ativo fogo, advertindo que as peças eram de calibre 8, 6, 4, e 3, e uma sumaca se veio postar na ponta da Ilha, sobre a qual fizemos fogo com a peça de um, suposto que por elevação, porém ativo; ela quis se retirar, o General a mandou ficar no seu posto, começou a fazer água, e querendo passar duas canoas da ponta da Ilha para adiante, com o fogo de mosquete, que se lhe fez, se retiraram. Não se continuando o fogo sobre aquela próxima sumaca, por haverem apenas 23 balas do dito calibre 1, que se guardaram enquanto se não fizeram outras de chumbo, para alguma ocasião em que as ditas sumacas estivessem mais próximas, ou para algum desembarque.
>
> No dia 23.09.1801, não houve fogo, ocuparam-se no conserto da sumaca, e em aterrar o terreno para a descarregarem.
>
> Em 24.09.1801, finalmente postas as três sumacas em linha atravessando o Rio, e muito próximo do Forte, principiaram pelas três horas da tarde, uma depois das outras, um terrível fogo na frente do portão em que deram 100 tiros até as Ave-Marias, uma sumaca foi postar-se na ponta da Ilha, e as outras duas à margem fronteira a ela, e pelas 8 horas da noite, com o grande escuro que fazia, desceram o Rio, foram pousar no lugar do Rebojo, e se retiraram. Estas foram em suma resultas da gloriosa defesa deste Forte, no qual, além de não haver mantimento como fica dito, havia apenas, ou constava a sua guarnição de 37 dragões, 12 pedestres e 60 paisanos, dos quais vinte e tantos eram uns negros de cabeça já branca. (FILHO)

As autoridades, tão logo chegou o pedido de socorro do Tenente-Coronel Ricardo Franco, buscaram, imediatamente, tomar as urgentes e devidas providências.

O Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro determinou ao Mestre de Campo José Peres Falcão das Neves, que selecionasse Oficiais e Praças que deveriam acompanhá-lo em socorro da fronteira, e ao Juiz de Fora Joaquim Ignácio da Silveira Motta que providenciasse gêneros e munições para a Expedição. Estas medidas estavam em andamento quando chegou, a 16.09.1801, a notícia de que o Forte fora atacado por três embarcações espanholas.

Relata Joaquim da Costa Siqueira:

> Se grandes eram até então os cuidados de socorrer a fronteira, maiores se tornaram com estas notícias, mas tudo faltava. Não havia armas, nem petrechos alguns de guerra nos armazéns reais, não havia embarcações no porto, nem esperanças de expedir prontamente o socorro, se o sobredito Dr. Juiz de Fora, executor dos Reais Decretos, não tomasse sobre seus ombros o grande peso de uma tão grande Expedição. Sem embargo da pouca saúde com que vivia, foi pessoalmente por todas as casas dos moradores desta Vila, e mandou para os Distritos de Fora tomar todas as espingardas que houvesse, com a limitada exceção das indispensáveis para guardas das fazendas e sítios expostos aos assaltos dos gentios e das feras.
>
> E para consertar as que disso necessitassem, juntou nas casas da sua residência os ferreiros mais hábeis, mandando vir alguns de distância de não poucas léguas, gastando em sustentá-los da sua própria fazenda, e obrigando-os a trabalhar de dia e de noite, domingos e dias santos e, a todos os mais ferreiros desta Vila, seleiros e carpinteiros fez empregar em diferentes obras, em cujas diferentes oficinas não cessava de comparecer, promovendo o adiantamento das obras.

Passou as mais estreitas ordens para que os poucos roceiros deste Distrito fornecessem o Real Armazém com todo o mantimento que tivessem, chegando além das ditas ordens a dirigir-lhe Carta Circular concebida nos termos mais urgentes.

Contribuíram os lavradores com efeito, e com a maior prontidão, com os mantimentos que cada um teve e pôde conduzir das longas distâncias das suas lavouras e, aos moradores do Rio Cuiabá acima e abaixo dirigiu também carta circular com expressões próprias da ocorrente necessidade, fazendo em consequência conduzir ao porto todas as canoas que se achassem em estado de prestar à Real Fazenda.

Foi, pessoalmente, pelas lojas dos negociantes da terra, que tinham os gêneros que as circunstâncias exigiam, comprá-los pelo menos que pudesse, a fim de evitar quanto lhe fosse possível o empenho da Real Fazenda, de cujos cofres pagou todos os gêneros comprados com palavra à vista.

Não tanto para contentar o povo para que não exasperasse com a calamidade pública, quanto para segurar o crédito da Real Fazenda vacilante nesta Capitania pelas grandes despesas que tem feito.

Juntaram-se na casa do dito Ministro o Mestre de Campo José Paes Falcão das Neves, o Capitão-Mor de ordenanças Antônio Luiz da Rocha, o Ajudante Comandante do Quartel pago Luiz Eller, e outros oficiais para deliberarem o melhor modo do expediente: foram de parecer que "*ex vi*" ([105]) da penúria, em que se achava o Presídio ([106]), enviassem já o fornecimento que se achava pronto, e que se fosse aprontando o mais que exigia maior demora, enquanto se recebiam ordens positivas do

[105] "*Ex vi*": em decorrência.
[106] Presídio: Forte.

Exm° General, que por momentos se esperavam da Capital, o que assim se fez.

Tudo ficou subordinado à defesa da Capitania, e a segurança pública era a suprema lei. Fecharam-se os auditórios, a casa da audiência do dito Ministro se tornou em casa de pólvora, aonde cinquenta dragões recrutados de novo, que estavam a cargo do Ajudante do Quartel pago, se ocupavam em fazer cartuchos.

Já se achava o sobredito Mestre de Campo Comandante aquartelado no porto geral para partir com o socorro da fronteira, com ânimo até lançar fora os espanhóis do Presídio, se estivesse em seu poder, e antes que partisse entregou o Governo da Vila ao Sargento-Mor de ordenanças Antônio da Silva de Albuquerque, e para se desaferrar ([107]) só se esperavam ordens positivas de S. Exª.

O Tenente-Coronel de Infantaria da cidade de São Paulo, Cândido Xavier de Almeida e Sousa, que descia da Capital para reunir-se na Povoação de Albuquerque com sua tropa a recolher-se à sua Praça, antes que chegasse aquela Povoação sabendo do movimento que havia na fronteira, mudou o caminho a que se destinava e veio para esta Vila, aonde depositou nos reais cofres o pagamento da tropa que conduzia a entregar aos respectivos Comandantes daquele Presídio.

Logo depois da sua chegada ao porto desta Vila, chegaram da Capital as ordens que se esperavam de S. Exª, que eram suspender o embarque do referido Mestre de Campo, para que não deixasse esta Vila, incumbindo-se ao dito Cândido Xavier de Almeida e Sousa a inteligência de conduzir o socorro aprontado, o que assim se cumpriu.

---

[107] Desaferrar: levantar ferro, partir.

Largou finalmente, no dia 31 de outubro de 1801, a Expedição do socorro, composta de 15 canoas e um bote, 200 homens de armas, além da tripulação, dois Capitães e mais oficiais competentes, tudo debaixo das ordens do dito Tem Cel de Infantaria Cândido Xavier de Almeida e Sousa. Pouco depois, marcharam para o registro do Jauru os 50 dragões novamente recrutados, duas companhias de infantaria, e duas de cavalaria. (SIQUEIRA)

Relata-nos o General Raul Silveira de Mello:

Registro de Ordens do Forte (R.F.A.S.)

Sobre os socorros pedidos, o Ten Francisco Rodrigues, Comandante de Miranda, com 5 canoas com mantimento e 54 pessoas, chegou, no dia 02.10.1801, ao lugar do Piúva. E de Vila Bela, em 13 de novembro, chegou o Cap de Milícias Francisco José Freitas, e o Quartel Mestre José de Brito Freire, o Cabo de Dragões Antonio Pinto da Fonseca e o Anspeçada Paulo Pires do Amaral, conduzindo 2 peças de bronze de calibres 3, e alguns petrechos.

E o socorro pedido a Cuiabá, com 3 meses de demora e conduzido pelo Ten-Cel Cândido Xavier de Almeida e Souza, chegou no dia 23 de novembro, chegando apenas a Coimbra, dos 300 homens que vinham de reforços, 100 milicianos e 50 remeiros de que se compôs a dita Expedição. (MELLO)

Continuando com Virgílio Correia Filho:

O Tratado de Paz de Badajós, 06.06.1801, certamente homologaria a conquista, como sucedeu no Rio Grande do Sul, em relação aos Sete Povos das Missões. Tal não aconteceu, todavia, mercê da presença do intrépido paladino e de sua atuação militar, enaltecida pelo Capitão-General a Rodrigo de Souza Coutinho.

Escudado em sua própria construção, resistiu bravamente ao inimigo, apesar de dispor apenas de 37 dragões, 12 pedestres, 60 paisanos, vinte dos quais eram "*Henriques Velhos*" ([108]), que rechaçaram a fúria de mais de seiscentos atacantes. (FILHO)

O LADO NEGRO DOS BASTIÕES DE COIMBRA

Nem mesmo Ricardo Franco conseguiu escapar das injúrias e calúnias promovidas por alguns degenerados, vis e covardes que, sem sucesso, tentaram macular a honra e a dignidade deste grande herói nacional. Dos 110 homens da guarnição de Forte Coimbra, apenas 42 permaneceram fiéis ao seu Comandante, os outros 68, inclusive oficiais, acovardaram-se e assinaram um pacto para renderem-se e abandonar o Forte. Narra-nos o Gen Raul Silveira de Mello:

SEXTA PARTE

XI CAPÍTULO

Elementos da Guarnição Maquinam a Rendição do Forte

Raras vezes se tem ouvido que, em ataques contra Fortalezas bem comandadas e sem assédio, elementos da defesa, atemorizados pelo bombardeio ou pela superioridade do atacante, houvessem tramado a

---

[108] Henriques: dois regimentos havia em Pernambuco em que soldados e oficiais todos deviam ser pretos, chamavam-se um dos velhos e outro dos novos Henriques, em honra de Henrique Dias, cujos serviços ainda recordam com gratidão os Pernambucanos em geral, e com entusiasmo os da mesma cor. Brancas eram as fardas com vivos escarlates, o aspecto militar e de impor a disciplina em nada inferior à dos outros regimentos. Nem soldados nem oficiais recebiam soldo, satisfeitos com a honra do serviço, e dava este sentimento seguro penhor da sua fidelidade. (SOUTHEY, Volume VI)

rendição da Praça ou aliciado companheiros para abandoná-la. Pois no Forte de Coimbra assim aconteceu em 1801. Em que pesem as provas de fidelidade ao dever manifestadas, em condições idênticas, tanto no Forte da Conceição do Guaporé, em 1763, como na Praça de N. S. dos Prazeres do Iguatemi ([109]), em 1777, grave defecção ocorreu no Forte de Coimbra – e tão grave – que esteve a pique de inverter a sorte das armas e de passar para as mãos dos castelhanos não apenas o domínio do velho baluarte, mas também o de toda a região Meridional de Mato Grosso. De fato, enquanto Lázaro de Ribera trovejava de fora com os canhões, alguns homens da guarnição, acovardados, considerando impossível resistir ao atacante, e julgando temerária a resposta que lhe dera Ricardo Franco, concertaram-se para abandonar o Forte sub-repticiamente.

Servia no Presídio, há uns dez anos, um Cabo de dragões, Antônio Baptista da Silva que, segundo a correspondência enviada dali para Cuiabá e Vila Bela, figurava frequentemente nas diligências enviadas àquelas Vilas, a Miranda, Albuquerque, a Bourbon, a Vila Real, a Aldeias de Guaicurus e Guanás. O Major Rodrigues [Ofício de 05.03.1791] diz o seguinte:

> Este soldado, pela docilidade do seu gênio e modo com que trata estes índios tem sido o primeiro móvel ([110]) de seter ([111]) dulcificado, moderado, a barbaridade destes índios; ele hoje influi autoridade sobre eles, e tudo que ele lhes diz se executa.

---

[109] Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi: esta Praça rendeu-se, de fato, mas a sua pequena guarnição saiu primeiramente a campo para lutar contra a numerosa trona castelhana. Foi batida na luta, teve de recolher-se aos muros da Praça, mas de tal modo portou-se que o comando inimigo decidiu parlamentar com ela e concedeu-lhe retirar-se da Praça com armas e honras militares.

[110] Móvel: itinerante.

[111] Seter: espião.

Tinha o Cabo Baptista capacidade para tais misteres e o desempenhava a contento. Era de ânimo pacífico e cortês. Todavia, talvez ignorassem os chefes, e quiçá os companheiros, ele era um tímido, um pusilânime. Provavelmente esse complexo de inferioridade teria passado despercebido por falta de fatos que o viessem comprovar. Eis por que o próprio Comandante Ricardo Franco, por tê-lo em boa conta, o mandara, a 12 de setembro de 1801, no comando das duas canoas a proceder o reconhecimento da frota castelhana.

As partes de combate e mais referências até agora publicadas nada dizem que faça entender que, a sombra das muralhas do Forte, tremeram mãos e queixos, apavorados do estrondo dos canhões de bordo, canhões estes, todavia, que nenhum dano fizeram aos homens da guarnição.

Essas ocorrências nem sempre cabem nos curtos limites das partes de combate. Figuram, de ordinário, com outros pormenores, no relato final das operações. Aí vêm citados os nomes dos que se distinguiram nos dias de luta e são omitidos ou estigmatizados os que ficaram na encolha, desertaram dos seus postos ou tentaram a fuga.

Ricardo Franco teria redigido calmamente, depois daqueles dias, um documento a esse respeito, afora o que exarou no "*Registro de Ordens*". Não consegui encontrá-lo no Arquivo Histórico cuiabano, mas dele dá testemunho o ofício que vou apresentar, no qual consta que o Cabo Antônio Batista, vendo seu nome excluído da relação dos que lograram citação honrosa por sua conduta durante as operações, requereu justificação ao Capitão-General e arrolou testemunhas de defesa. Procederam-se a inquirições e, ao remetê-las, Ricardo Franco analisa uma por uma as pessoas do queixoso e dos depoentes.

Não encontrei também esse inquérito. Foi pena. Por ele teríamos conhecido ocorrências passadas nos bastidores do Forte, bem como viriam à luz episódios desconhecidos. De outro documento, porém, vou colher subsídio para o nosso estudo. É o ofício a que me referi acima, datado de 09.11.1802, de Ricardo Franco a Caetano Pinto, importante documento para a análise dos acontecimentos e para a exaltação da nobreza e do valor de Ricardo Franco. Vejamos como ele expõe os fatos:

> Com o requerimento, e justificação de Antônio Baptista da Silva, recebi a carta de V. Exª de 16 de agosto, pela qual vejo não querer a piedade de V. Exª ficar no escrúpulo de castigar um inocente: declarando o Superintendente que eu mal informado, e pelos seus inimigos, é que me atrevi a expor a V. Exª com menos verdade, o seu pouco merecimento e no tono cobardia:
>
> Este escrúpulo, Ilm° e Exm° Sr., só devia recair em mim porém não tenho uma alma tão péssima e relaxada, que me animasse a fazer dano a terceiro na sua honra e fazenda ([112]), e a um homem que sempre estimei. Nem a minha conduta em 20 anos de demora nesta Capitania mostrará fato algum com que eu ainda indiretamente ofendesse alguém, antes enfadei sempre aos Srs. Exm^os^ Generais a favor de quem buscava o meu valimento: nem enfim me havia querer privar de um útil defensor que se figura valentíssimo, naquele mesmo tempo, em que ainda se esperava a volta dos espanhóis. E ainda que a inquirição que agora faço chegar à presença de V. Exª na qual juraram todos os Dragões que se achavam em Coimbra no tempo do ataque e estavam aqui presentemente bastava para mostrar a falsidade com que requereu a V. Exª o dito Antônio Baptista, Inquirição em que se não diz, senão parte do muito que se podia dizer; contudo eu não penso deixar de ser extenso, em dizer a V. Exª o que eu só

[112] Fazenda: caráter.

presenciei, e expus, sem que mo inspirasse alguém. Como no conceito geral, Antônio Baptista da Silva sempre foi contado como um soldado de paz; nesta ideia, a quem eu escolhi para explorar os espanhóis, foi ao Furriel Joaquim José Roiz; e embaraçando-lhe umas febres esta diligência, a encarreguei ao dito Baptista, ordenando-lhe fosse com toda a vigilância, pois podia encontrar de repente o inimigo, o que fez tanto pelo contrário, que todos iam dormindo, e à toa pelo meio do Rio; e a não ser um pedestre que viu as sumacas; as passavam em claro, com certa perda. Com o aviso do Pedestre, acordaram, e voltaram para trás as canoas, a do Baptista que ia mais traseira, foi a primeira, e a não ser um saran ([113]) que a embaraçou, ausentava-se sem a outra, que tanto por ir adiante como por o seu Piloto a voltar sobre as sumacas, se viu em maior risco. Mas com efeito, alcançou a primeira no embaraço dos sarans; neste lugar de que as cercaram as canoas espanholas, que não nos deram um tiro, nem a artilharia das sumacas os podiam dar por ficarem já muito atrás, e cobertas com duas voltas do Rio, e ainda a podê-lo fazer não atiraria de noite, sobre os montes das suas mesmas canoas: pelo que é encarecido o risco, e glória de salvarem as canoas, que iam perdendo pelo seu descuido; e sobre as quais não deram os espanhóis, um tiro. No dia 14 de setembro de 1801, quando Antônio Baptista nos veio dar parte daquele encontro, vinha tão trêmulo e desacordado que mal se explicava: pedindo-me nesse dia e com impertinência a mudança para o novo Forte: até que lhe disse que o inimigo não tinha azar; que feita a acomodação para guardar a pólvora, então nos mudaríamos, até que no outro dia se efetuou esta tal requerida mudança: dividi a gente a postos e fiz tanto conceito dele pelo seu notório susto que lhe não dei algum: encarregando-o só da guarda da pólvora; e fatura dos cartuchos.

---

[113] Saran: arbusto da família das Euforbiáceas que nasce nas praias e pedreiras e que nas cheias ficam cobertos pelas águas. O saranzal é um trecho do Rio coberto de sarans, oferecendo, na época das cheias, canais por entre os arbustos.

Em 16.09.1801, dia das chegadas dos espanhóis, mal eles dobraram a ponta da Ilha e se expuseram em franquia, o único homem que não pegou em armas, nem apareceu sobre os parapeitos, foi Antônio Baptista ainda os inimigos não tinham dado um tiro, já eu o fui achar assentado em um mocho ([114]), encostado, e com as costas no parapeito, embrulhado no seu poncho, perguntando a um soldado se estava ali a bom recado ou se ainda podia ser ofendido de algum tiro, eu mesmo lhe respondi que o chapéu estava a descoberto, e que lhe podia dar alguma bala; teve a feição de se deixar ficar assentado naquela·figura; e principiando o fogo do inimigo, no meio dele, o fui achar assentado na banqueta, embrulhado no poncho e no seu atual desacordo.

No dia 17.09.1801, de manhã quando respondi a intimação de D. Lázaro de Ribera, logo este homem principiou a derramar os seus sentimentos de fraqueza, dizendo que não havia partido ([115]) contra as forças inimigas, que não tínhamos mantimentos, que uma resposta daquela suposição se não dava sem consultar a todos; que era uma temeridade; que se me obrigasse a capitular, pois não deviam morrer tantos, pela teima de um só.

No dia 18.09.1801, postando-se o inimigo pelo meio-dia no meio do Rio, fazendo um fogo terrível; e encostando-se à sombra dele a parte de cima, e próxima deste Forte, para tentar um desembarque que lhe dificultamos à força de tiros de espingarda, pelo que se retirou para o seu posto na margem oposta do Rio; depois de o inimigo estar nesta posição, e toda a seção já finda, então apareceu, daí a bom espaço Antônio Baptista com uma clavina ([116]) dizendo queria também dar o seu tiro, quando já não tinha risco, nem a quem; foi esta a única vez que pegou em arma. E para não enfadar a V. Exª não falo em outras semelhantes circunstâncias, contraindo-me as

[114] Mocho: assento sem costas para um indivíduo, tamborete.
[115] Partido: recurso.
[116] Clavina: carabina.

mais [...] O Dragão João da Silva Nogueira, que naquele tempo era o Soldado de ordens que me acompanhava, indo nos intervalos que tinha fazer cartuchos, no 2° ou 3° dia me veio dar parte de que indo aquela Diligência o convidara o Cabo Baptista com mais outros, que já tinha reduzido ao seu parecer, para que os Dragões todos me obrigassem a capitular, e a eu não querer, cuidasse cada um em salvar-se pois todos já estavam seguindo a sua tímida fantasia, ou mortos, ou prisioneiros.

À vista desta informação, cheguei a ter papel pronto para fazer assinar estes fracos, e dispensei o dito João da Silva de acompanhar-me, e o encarreguei da guarda da porta travessa por cuja contígua muralha, por mais abaixo, se ia conduzir a água, e lhe dei ordem positiva, a mais 3 que escolhi, para que fizessem fogo, e tratassem como inimigo a todo aquele que pretendesse saltar aquela muralha sem licença minha. A mesma ordem passei logo depois ao Dragão Belchior Martins que comandava a parte de cima deste Forte vizinha ao Monte; e não dormi mais de noite, por uma continuada ronda, temendo verificado o conselho da fuga.

Eu mesmo fui o que presenciei, quanto consta do Itens 6° da Inquirição; nesse dia, pela sua notória fraqueza, e por ter mais certo conhecimento do seu covarde conventículo ([117]), o quis lançar em ferros, porém refletindo que esta prisão podia pôr susto àqueles a quem as persuasões do dito Baptista tinha desanimado e disposto para a fuga, os quais supondo-se com aquele merecido castigo descobertos, podiam fugir, e mesmo para o inimigo, o que facilmente o conseguiriam ou lançando facilmente no Rio, ou por perfídia ([118]) do Corpo da Guarda, que quase todo estava corrompido, suspendi este procedimento, dobrando as cautelas pessoais, quanto pude.

---

[117] Conventículo: reunião clandestina que só maquina o mal.
[118] Perfídia: traição.

No dia último do ataque, e em que o inimigo se aproximou bastante destas muralhas, temendo eu que debaixo do fogo terrível que fez, tentasse algum desembarque, e corricando ([119]) estas muralhas, digo estâncias e só Antônio Baptista com outro Dragão; por um forçoso feito do seu total desacordo e medo, teve o desembaraço de se deitar por terra, encostado à muralha; embrulhado em um poncho dos pés até a cabeça; que descobriu quando gritei por ele, dizendo-lhe, estava assim por conta dos estilhaços; e vendo-me exposto a eles, que nunca fizeram dano, pois nunca voltarão sobre alguém, por se evitarem facilmente, teve o brio de se deixar ficar na mesma fraca figura: os fatos referidos, ninguém nos contou, e se os presenciei, e vi, e julgo que só um deles era bastante causa para se lhe dar baixa sem o menor escrúpulo.

E segundo agora se verifica, pode ser que assim como D. Lázaro se retirou na noite de 24.09.1801, último dia dos seus ataques, amanhece na frente de Coimbra no dia 25 pode ser dito, que Antônio Baptista da Silva não molestasse a V. Exª com os seus requerimentos e falsíssima justificação; pois asseguram os que sabem daquele covarde mistério que nessa mesma noite se efetivava a fugida, de todos aqueles a quem as suas infiéis práticas tinha reduzido a tão infames sentimentos. Como em Coimbra, no tempo daquele intempestivo ataque que apenas existiam pouco mais de cem pessoas, tirando deste todo quase 20 dos quais, velhos; das oitenta e tantas, ou noventa de resto, muito mais de metade, estavam cheias de medo que aqueles práticos, e de outros igualmente cobardes, fizeram muito maior.

Este maior número todos estavam na mesma vil inteligência de se salvarem, e muitos já de mala feita; uns choravam publicamente, outros despediam-se até o dia do Juízo; outros e quase todos, os que estavam fora da Praça, de emboscada nos matos deste Morro, apesar de serem estes matos seguros luga-

[119] Corricando: correndo a passo miúdo.

res, desampararam os seus postos; e aos primeiros tiros do inimigo se concentravam, aonde não podiam defender os seus lugares, nem receber dano.

Todos estes por uma consequência infalível de todos os cobardes, para desculparem a sua timidez, e de acordo, fizeram causa comum; passaram-se certidões recíprocas, tiveram a infame lembrança de derramarem neste Presídio mil intrigas, espalharam no Cuiabá horrorosas invectivas contra as pessoas de merecimento, e contra mim, e muitas delas assaz injuriosas, contando-me por um iníquo; honrando-me com o epíteto do Nero; e se acabada a ação, a sua vergonha os devia cobrir de um confuso silêncio, pelo contrário brotou em mil intrigas, e mentirosos enredos.

Quando chegou a este Presídio o Capitão Francisco José de Freitas, com o Quartel Mestre Brito, a este último principalmente tiveram a arte de dizer junto e separadamente quantos embustes tinham imaginado para a sua desculpa, tentando justificar a Antônio Baptista, para consequentemente ficarem eles desculpados, pois receavam de que eu tivesse dado uma parte mais ampla a V. Exª.

Depois disso, eu tive a má condescendência de ceder a empenhos e mandar ao Cuiabá alguns dos culpados, que foram ali jurar falso, e espalhar quanto tinham excogitado ([120]) para sua desculpa, para denegrirem a minha conduta, infamarem aqueles que tiveram merecimento pessoal, cuja probidade temiam – pois os não puderam iludir, nem chamar aos seus infames sistemas; e não duvido que estas vozes cavilosas ([121]) e falsamente derramadas, abonassem em Vila Bela a conduta de Baptista pois este era o alvo destes homens; para trás dele ficarem igualmente justificados, a importunarem a V. Exª com outros semelhantes, e pouco verdadeiros requerimentos.

---

[120] Excogitado: imaginado.
[121] Cavilosas: capciosas.

> Chegando a tanto a esperança que davam a confusão de tantas intrigas, e a multidão dos ouvidos contra a verdade, que até suponho, faltaria V. Exª a piedade de ouvir-me; tanta força davam aos enredos que, por cartas e vocalmente, derramaram por toda esta Capitania, para em tanta confusão ficar um Comandante que lhes sofre, e que quereriam abonar com a perda deste Forte, e do Trem de S. Majestade informado e dito por injusto: além de quanto tenho com toda a verdade, e de presente exposto a V. Exª não posso deixar de falar alguma coisa das 6 testemunhas da justificação de Antônio Baptista da Silva. [...] A 6ª e última testemunha, o Henrique Filipe de Fontes, fugiu da sua escolta no Monte para dentro da Praça e a mim mesmo me disse que estava com muito medo que o matasse, antes do que ir para fora, suposto que depois malicioso clava outras razões, dizendo que não queria estar com os fracos.
>
> Este é o caráter das seis suspeitosas testemunhas que formam aquela justificação; e a mesma probidade tem bastante destes destacados que, com injúrias, intrigas, e cavilações quererão confundir a verdade para, no meio das trevas, salvar o seu pouco merecimento, confundir e denegrir as pessoas que obtiveram honrado; de tal forma que a doce satisfação que me podia resultar por defender Coimbra se me voltou em amarguras e veneno, à vista de tanta calúnia, e embustes. (MELLO)

Continuando com Virgílio Correia Filho:

MONOGRAFIAS GEOGRÁFICAS

A glória militar de Ricardo Franco, relevante sem dúvida, por impedir a invasão de Mato Grosso, não sobrepuja, todavia, a que alcançou como sagaz estudioso da terra mato-grossense. Somente a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro estampou em vários dos seus tomos:

- Memória ou Informação dada ao Governo sobre a Capitania de Mato Grosso em 31.01.1800. [Tomo II].
- Descrição Geográfica da Província de Mato Grosso [aliás, Capitania]. [Tomo VI].
- Navegação do Rio Tapajós para o Pará. [Tomo IX].
- Reflexões sobre a Capitania de Mato Grosso, pelos Tenentes-Coronéis J. J. Ferreira e R. F. de Almeida Serra. [Tomo XII].
- Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurus e Guaunás, com a descrição de seus usos, religião, estabilidade e costumes. [Tomos VII e XIII].
- Diário da diligência do Reconhecimento do Paraguai. [Tomos XX e XXV].

Quase todos os seus ensaios atendiam a solicitações do Governador Caetano Pinto, de quem se tornou consultor constante. Assim, em resposta à solicitação de 19.09.1799, redigiu conveniente Plano de Defesa da Capitania, de acordo com as diretrizes que lhe norteariam a ação em Coimbra. Quando já se pressentiam os rumores da guerra, que se avizinhava, em meio da apressada construção do Forte, ainda ultimou, ao findar junho de 1799, valioso ensaio, que evidencia os seus anseios de geógrafo.

> Nesta confiança, declarou ao Capitão-General, seu amigo, ordenei a Memória relativa ao Rio Tapajós, segundo as continuadas informações que dele tenho adquirido, as quais, não deixando de serem raras, serão talvez úteis, e interessantes para a Capitania de Mato Grosso. Adicionando-as com algumas reflexões que julguei necessárias, tendentes à utilização pública destes distantes povos, que cheios de geral complacência ao felicíssimo governo de V. Exª esperam nele em não duvidosas prosperidades o complemento das suas bem fundadas esperanças.

Mas, sufocando a sua vaidade de escritor, refletiu humildemente:

> Pode ser, Exm° Sr. que o amor próprio me alucine, e que estas memórias, não merecendo algum louvor, sejam só dignas da sua judiciosa reprovação. Nestas condições, que receoso temo, eu espero e evoco da notória bondade de V. Exª as faça entregar às chamas como uma heresia geográfica. Pois o ardente desejo de servir a V. Exª ligou gostosamente a minha vontade a empreender este trabalho, que me serviu de recreio nos solitários dias e melancólicas noites que se passam neste presídio de Coimbra.

Os sofrimentos íntimos, em vez de o amofinarem com o desespero, convertiam-se em monografias esclarecedoras que lhe contestavam os temores da inutilidade. Ao revés, eram contribuições valiosas, ainda na atualidade manuseadas com proveito por quem examine os assuntos de que tratou o preclaro geógrafo colonial arraigado em Mato Grosso. De Coimbra, cenário da sua façanha gloriosa, apenas se afaga para compor o triunvirato que sucede ao Governador Manuel Carlos de Abreu Menezes, em consequência do seu falecimento, a 08.11.1805.

Após a posse, a 18.11.1807, do novo Capitão-General, João Carlos de Oyenhausen e Grevenburg, regressa o Comandante ao seu reduto, donde suspeita não mais sairá. Sente-se "*gravemente molesto, de umas impertinentes sezões*". O organismo combalido já não resiste a novos acessos. Acama-se em condições angustiantes. E antes que receba os socorros que os seus auxiliares pedem com urgência às autoridades distantes, Ricardo Franco de Almeida Serra sucumbe aos 21.01.1809. Ao terem notícia da fatal ocorrência, de Cuiabá e Vila Bela se apossou geral consternação. Ao dar conta a Rodrigo de Souza Cominho do triste sucesso. Oyenhausen confessa nobremente a sua dor.

> O zelo, inteligência e conhecimentos que o distinguiram, os serviços feitos a S. A. R. e, finalmente, os sentimentos de piedade que acompanharam a sua agonia e a particular amizade com que eu estimava este honrado oficial, são outros tantos títulos que justificam a mágoa com que faço esta comunicação a V. Exª.

Ainda mais, providenciou a trasladação dos restos mortais, que o Capitão Francisco Paes foi receber, por junho de 1810, em Buriti, "*com a sua partida de cavalaria*" e conduzir à Capela de Santo Antônio dos Militares, de Vila Bela, onde expressiva inscrição assinalou:

R. F. A. S.

Coronel do R. C. de E.

Que Gloriosamente
Defendeu Coimbra em 1801,

No Mesmo Lugar Faleceu em
21 de Janeiro de 1809,

Aqui Jaz Sepultado.

Não obstante, descuido ulterior modificou-lhe a posição, de sorte que os ossos não foram encontrados onde deveriam jazer. Coube ao General Raul Silveira de Mello a boa sorte de promover, em 1950, pesquisas no local e verificar onde se achavam e removê-los para jazigo apropriado.

Além das providências que tomou quanto ao enterro de Ricardo Franco em local sagrado, de outra cogitou o Capitão-General para lhe amparar a descendência.

Como soubesse que havia alguma, em Coimbra, mandou dar, a 01.03.1809, a pensão de vinte oitavas de ouro por mês ao Padre Antônio Tavares da Silva, como tutor das menores Ricarda Manuela e Augusto Martiniano e à sua mãe, de acordo, aliás, com a vontade expressa do herói em verba testamentária descoberta por José de Mesquita.

> Declaro que em minha casa se acham dois meninos Augusto Martiniano e Ricarda Manuela de Santa Rita, esta de 25 meses, aquele de três, filhos de Mariana Guaná, batizada, dos quais tenho cuidado com muito mimo e, por não ter herdeiros forçados e o grande amor que tenho aos ditos, os nomeio por meus herdeiros legatários do resto dos meus bens que ficarem depois de pagas as minhas dívidas. [Registro de Testamentos, Livro 14, folhas 2 a 5]

Esta mensagem, de tons carinhosos, que se divulgou após o seu desaparecimento, revela desconhecidas feições de Ricardo Franco. Pelo proceder anterior, parecia empolgado apenas pelo inflexível cumprimento dos seus deveres, interpretados com rigor. (FILHO)

MELLO analisa o lado humano de nosso moribundo herói e as providências tomadas para amparar sua família:

NONA PARTE

III CAPÍTULO

Agonia e Morte Edificante

Homem de Apurado Sentimento: Quem ousaria increpá-lo ([122])? Os homens que iam destacados para as guarnições de fronteiras não podiam levar família.

O meio não o comportava. Os casados haviam de deixar as esposas, porque estas não encontravam ambiente propício para lá permanecer.

As guarnições de fronteira eram semelhantes a postos avançados em estado de pré-guerra. Não havia lugar ali para famílias. [...]

Na falta de mulheres da mesma condição, para se constituírem lares legítimos, onde o VI [guardar castidade nas palavras e nas obras] e o IX [guardar castidade nos pensamentos e nos desejos] mandamentos estivessem controlados, o que encontravam os homens era a fácil relação com as mulheres gentias, que não opunham impedimento algum.

Ricardo Franco, no primeiro comando, permaneceu em Coimbra nove anos consecutivos e dali não arredou pé, nem para ligeiro repouso em Cuiabá. Como disciplinar os impulsos da natureza? Não faltava espírito cristão aos Comandantes e aos Soldados. Eles gozavam de assistência religiosa, se não contínua, pelo menos frequente. Por ocasião da morte da índia Xamicoca, verificou-se terem sido os próprios soldados que a converteram e instruíram na religião.

Esses soldados, todavia, eram provavelmente, os mesmos que com ela coabitavam. Assim eram os costumes desse tempo naqueles sertões bravios. Assim procederam os conquistadores, assim os bandeirantes e garimpeiros. Homens rudes, bárbaros por vezes, como poderiam conter as solicitações da carne em face dos costumes licenciosos da época e do meio?

[122] Increpá-lo: acusá-lo, censurá-lo.

Ricardo Franco, que de todos os negócios da existência dera contas, entrega-se, por fim, ao seu negócio de coração, único que contraíra "*in secreto*" ([123]). Negócio humano e útil; todavia, quando realizado fora das normas da fé e da lei, agonia por fim os homens de bem, porque reclama justiça, caridade e reparação, nem sempre possíveis cabalmente. Estes afetos é que angustiavam o grande soldado. Eram os seus mais ternos sentimentos a romperem os diques das conveniências sociais, longamente sopitadas ([124]). Era a saudade dos entes queridos, pequeninos, que ele não pudera apresentar como seus, legitimamente. Seus derradeiros soluços foram soluços de desabafo e de suplica, soluços e suplicas que ele depositou no coração do camarada e amigo que o assistia, para que os comunicasse ao Governador, como manifestação da sua última vontade.

Valia pelo Testamento que os soldados moribundos prestam de viva voz ou que escrevem com o próprio sangue no campo de batalha: O reconhecimento e amparo dos seus filhos e da humilde índia e companheira que lhos dera. Veremos a seguir a forma por que o Major Rodrigues transmite ao Capitão-General o testamento afetivo de Ricardo Franco. [...]

Fez bem o Major Rodrigues em narrar separadamente esta ocorrência, deixando-a para o fim, como fecho de ouro da vida do ínclito soldado. Veja-se como aquele oficial descreve, resumida mas pateticamente, o drama final que se desenrolou na alma do moribundo:

> Nesta ocasião em que volta o Ld.º ([125]) Manoel Fernando Pimentel para essa Vila, devo participar a

[123] "*In secreto*": em segredo, confidencialmente.
[124] Sopitadas: adormecidas.
[125] Ld.º: Lídimo.

V.ª Exc.ª que, achando-se ainda vivo o Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, já impossibilitado de poder escrever pela suma debilidade em que se achava, me pediu com lágrimas e soluços escrevesse eu a V.ª Exc.ª pedindo-lhe em seu nome quisesse V.ª Ex.ª em recompensa dos seus bons serviços e tanta amizade que lhe devia amparar os seus filhinhos que por tais os reconhecia e igualmente a Mãe destes meninos, e que além da grande esmola que V.ª Exc.ª lhe fazia na sua última hora, era igualmente um serviço que V.ª Exc.ª fazia a Deus.

Atendendo eu ao peditório deste honrado Oficial, que tantas vezes me suplicou, quantas foram as horas que lhe restaram de vida, e atendendo ao mesmo tempo a crítica circunstância em que se achava esta Mulher e seus filhinhos em um lugar onde continuadamente se acham Pai e parentes, certos já trabalhando a reduzi-la outra vez à gentilidade, remeto em Companhia do Ld.º, Mãe e filhos a V.ª Exc.ª para deles dispor como lhe parecer, pois eu estou bem persuadido que V.ª Exc.ª cheio daquele amor Paternal e Suma Bondade com que costuma socorrer aos desgraçados e miseráveis, Virtudes estas há muito conhecidas em V.ª Exc.ª e que sempre brilharão nos seus Ilustres Maiores, jamais deixará de pôr os seus benignos olhos nestes inocentes e igualmente naquela que os cria. Na companhia desta Mulher vai uma Povoadora ([126]) para ajudar-lhe a tratar das suas crianças, e chegando que seja nessa Vila, V.ª Exc.ª determinará o que for servi-lo.

NONA PARTE

IV CAPÍTULO

Repercussão das Notícias da Doença e da Morte de Ricardo Franco

[126] Povoadora: habitante da região, nativa.

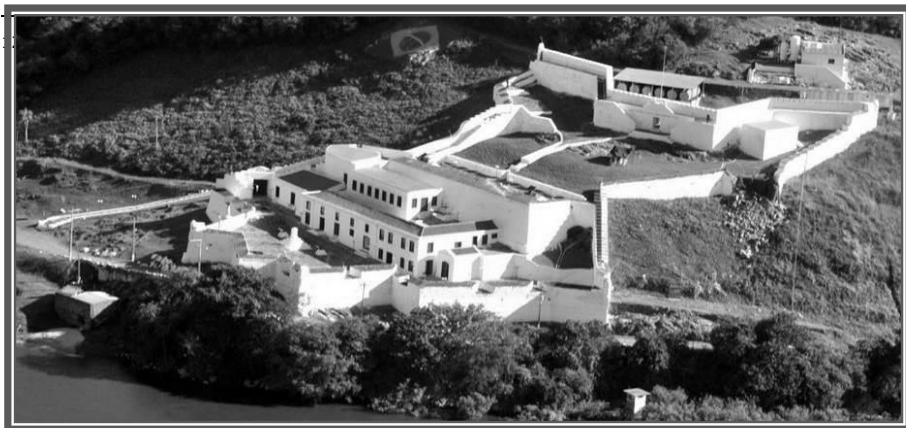
A Portaria do Exm° Sr. João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg, Governador e Capitão-General da Capitania do Mato Grosso, datada de 01.03.1809:

> Tendo falecido da vida presente o Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, e observando Eu do seu Testamento que ele há nomeado por seus herdeiros legítimos os dois meninos Augusto Martiniano e Ricarda Maria: Hei por bem Ordenar que, da data desta em diante, pela Provedoria Comissária desta Vila, se entregue no princípio de cada um mês, ao Reverendo Antonio Tavares da Silva, a cujo cuidado encarreguei a sua educação, a quantia de vinte oitavas de ouro que são aplicadas para sustentação dos ditos meninos, e de sua Mãe; cuja quantia em concorrência será em quaisquer circunstâncias preferível a outro qualquer pagamento. E, para que esta Minha Ordem tenha uma observância inviolável, Ordeno positivamente que ela subsista não só durante o tempo de Meu presente Governo, mas mesmo para o futuro, enquanto ela não for especialmente derrogada por qualquer dos Meus Sucessores, o que não espero. No fim de cada um ano se dará uma conta exata dessa assistência à Provedoria Geral para aí se fazer dela a competente descarga no rol dos vencimentos do mesmo defunto Coronel, e em consequência de seus herdeiros fazendo-se de tudo as clarezas necessárias. (MELLO)

Joaquim da Costa Siqueira, no seu "*Compêndio Histórico Cronológico das Notícias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso desde o Princípio do ano de 1778 até o fim do Ano de 1817*" relata que em 20.03.1804:

> Chegou a esta Vila, pelo caminho de terra, o Ilm° e Exm° Manoel Carlos de Abreu e Menezes para Governador e Capitão-General desta Capitania, o

> qual sucedeu no Governo de sucessão que existia pela ausência do Exm° Caetano Pinto acima mencionado. [...] Passados alguns dias, fez publicar o mesmo Exm° General as mercês que Sua Alteza Real se dignou fazer em remuneração de seus serviços: ao Tenente-Coronel do Corpo de Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, Comandante em chefe dos estabelecimentos do Paraguai, com a patente de Coronel do mesmo Corpo, com "*Hábito de Aviz*" e 300$000 de tença ([127]); ao Tenente de dragões Comandante do Forte de Miranda, Francisco Rodrigues do Prado, a patente de Capitão da mesma companhia e "*Hábito de Aviz*", com o exercício do mesmo comando; ao Sargento-Mor das ordenanças da Capitania de São Paulo, nesta residente, Gabriel da Fonseca e Serra, o posto de Tenente-Coronel do regimento desta Vila; e ao Capitão de Milícias Leonardo Soares de Sousa o "*Hábito de São Thiago*". (SIQUEIRA)

A atitude heroica do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra foi uma valiosa contribuição ao espírito valente e soberano do povo brasileiro. Nada mais justo então que hoje, três de agosto, seus discípulos, integrantes do Quadro de Engenheiros Militares, rendam merecida homenagem ao seu ilustre Patrono.

O Desterrado

(Francisco Gomes de Amorim)

Como são brancas as flores
Deste verde jasminal!
Recorda a sua fragrância
Perfumes de um laranjal...
Mas têm mais suave aroma
As rosas de Portugal!

O coração desses bosques
O brilhante e o oiro encerra;
São imensos estes Rios,
Imensos o vale e a serra;
Porém não têm a beleza

Dos campos da minha terra.
Estes astros são mais belos?
É mais belo o seu fulgor?
Mas luzem no céu do exílio
Não lhes tenho igual amor.
Ai! astros da minha terra
Quem me dera o vosso alvor!

Que me importam esplendores,
Prodígios que vejo aqui?
Aves de vivas plumagens,
Os cantos do juruti?
Se lhes faltam as belezas.
Da terra aonde eu nasci!

Lá, era a lua mais linda;
Mais para os olhos as flores;
Mais castos os beijos dados
Em mais sinceros amores. [...]

Tudo aqui veste mais galas,
De mais viçoso matiz?
Ao proscrito sempre diz,
Que não há terra formosa
Sem o Sol do seu país!

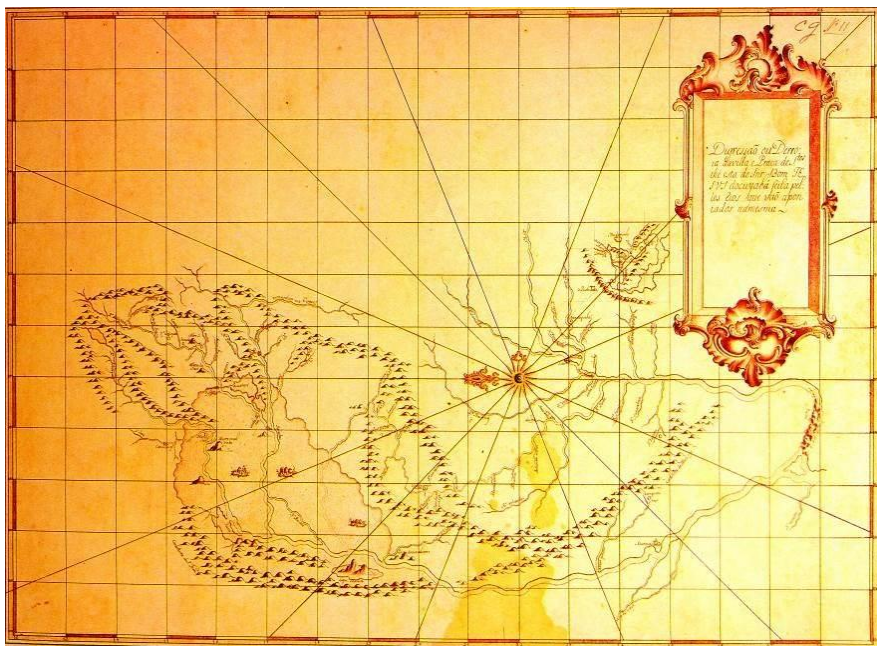



Imagem 03 – Varadouro de Camapuã

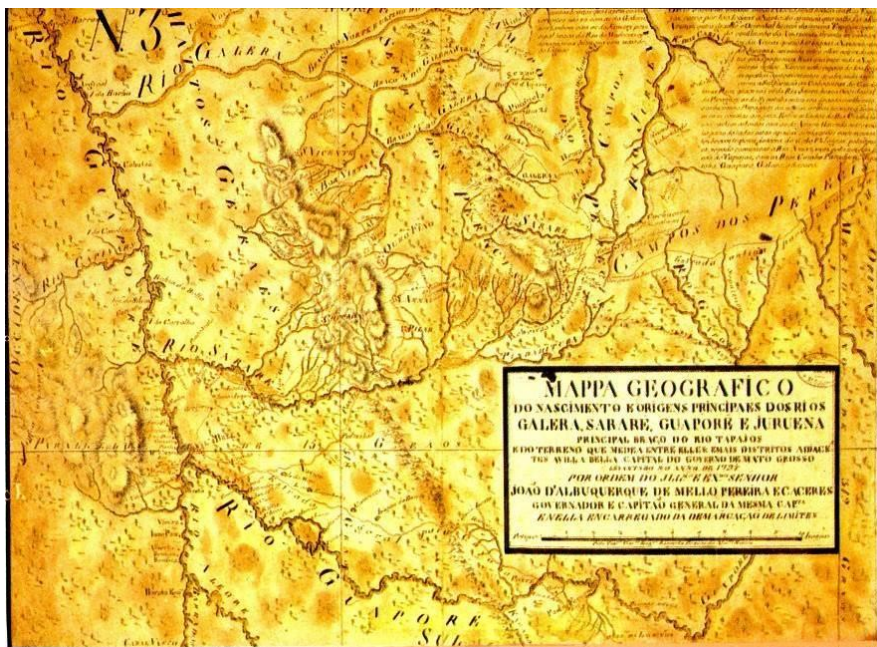



Imagem 04 – Região dos Parecis, 1794 (R.F.A.S.)

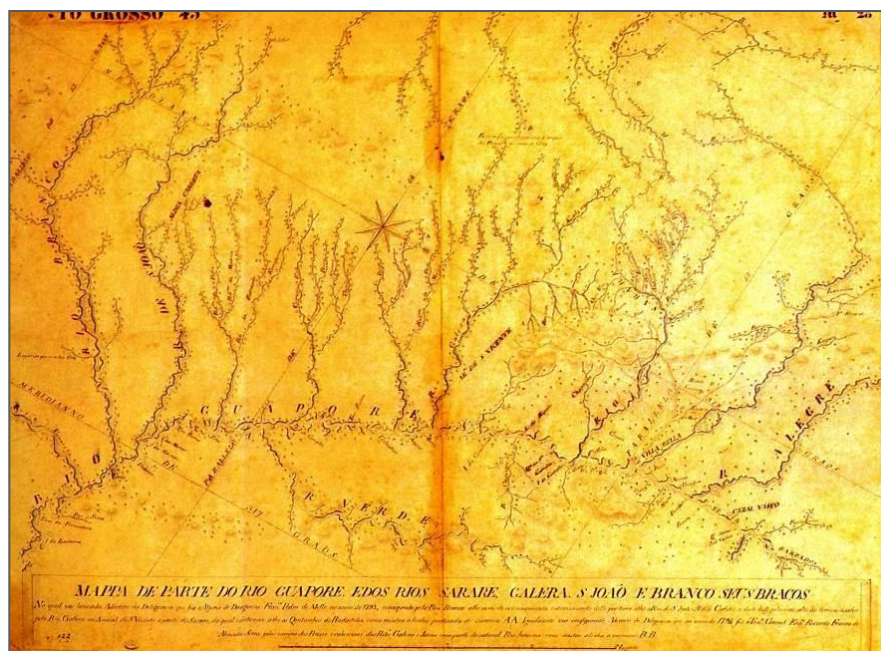



Imagem 05 – Rio Guaporé e Afluentes, 1795 (R.F.A.S.)

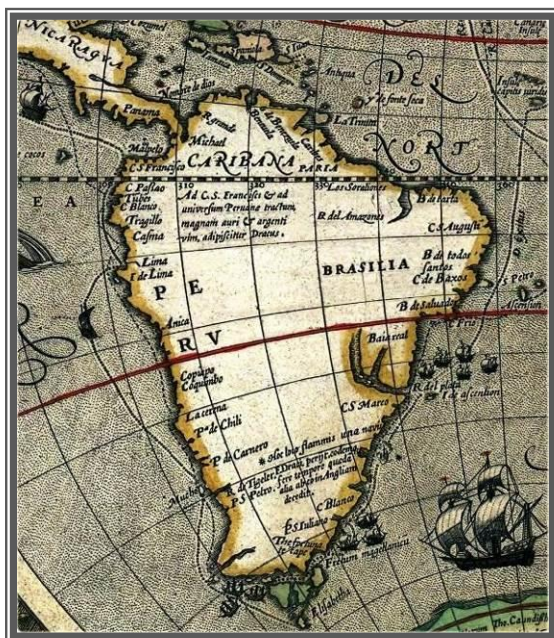



Imagem 06 – Caribana, 1595 (J. Hondius)

Fronteiras Setentrionais (R. F. A. S.)

A biografia de Ricardo Franco, redigida por Virgílio Correia Filho, não menciona o reconhecimento realizado por ele nas Fronteiras Setentrionais.

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA,
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO,
SOB OS AUSPICIOS
DA
SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL,
DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.
O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO SEXTO.

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

LAVS VIRTVTI VBIQVE QVANDOCVNQVE

Vol. 6
Rio de Janeiro 1844
KRAUS REPRINT
Nendeln/Liechtenstein
1973

Documento Oficial

[Oferecido ao Instituto pelo seu Sócio efetivo o Sr. Desembargador Rodrigues de Sousa da Silva Pontes]

Ilm° Exm° Sr.

Pela muito respeitável Ordem de V. Exª, datada de 26.12.1780, V. Exª nos ordenara que subíssemos o Rio Branco, ou Parimé, e dele fôssemos sucessivamente entrando pelos Rios Mau, Tacutu e Pirara, e nas suas cabeceiras respectivas, e que examinássemos as comunicações que por aquela parte podería-

mos ter com a Colônia Holandesa de Suriname, como também que Serras poderia haver, ou outras marcas naturais, que pudessem para sempre servir de raia ([128]) entre os Domínios Portugueses e os da sobredita Colônia. Assim como também pela parte de Leste do dito Rio Branco, nos ordenou V. Exª que buscássemos as fontes do Rio das Trombetas, e do Rio Urubu que deságuam sobre o Amazonas, para, pelo alto das suas vertentes, se conhecer a linha divisória, que a natureza do País por ali oferece, acrescentando V. Exª que as mesmas Ordens com as mesmas circunstâncias deviam dirigir as nossas diligências sobre as outras fontes do Rio Branco, da parte do Poente e de Norte, em que procurássemos do mesmo modo as Serras ou Cordilheira que pudesse por ali determinar os limites da Colônia Portuguesa e Espanhola, alcançando o conhecimento da Latitude e Longitude, a que demoram ([129]) as Serras, que fazem para Norte as vertentes do Orenoco, e para o Sul as do Rio Negro. Concluímos com o cumprimento de grande parte destes artigos do Plano, que nos dirigia, e a que obedecemos, vamos expor na presença de V Exª, na mesma ordem com que os fomos praticando os exames determinados. Partimos desta Capital de Barcelos no dia 01.01.1781, chegamos à Fortaleza de São Joaquim do Rio Branco ([130]) em 31.01.1781, tendo-nos demorado na Cachoeira grande deste Rio seis dias, esperando as canoas menores que deviam transportar-nos, sendo dali para cima difícil a navegação para barco maior de cinco remos por banda por espraiar muito o Rio. (PONTES)

---

[128] Raia: limite.

[129] Que demoram: se situam.

[130] Fortaleza de São Joaquim do Rio Branco (ou Forte de São Joaquim): construção trapezoidal, com a sua maior base voltada para o Rio Branco, com capacidade para a instalação de dezesseis canhoneiras, embora nunca tenha sido aparelhada com todas elas. Concluída em 1779, possuía instalações para o comandante, capelão (com capela e a residência), trinta soldados, além de índios e colonos.

A ameaça das invasões holandesas oriundas do Suriname, a partir de 1750, gerou a Provisão Régia, de 14.11.1752, que determinou ao Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado a construção da Fortaleza:

PROVISÃO RÉGIA

Do ano de 1752, para se construir uma Fortaleza no Rio Branco.

D. Joseph, por graça de Deus Rei de Portugal, e dos Algarves daquém e d'além Mar, em África de Guiné etc.

Faço saber a vós, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador e Capitão-Geral do Pará, que, tendo-me sido presente que pelo Rio Essequibo, têm passado alguns holandeses das terras de Suriname ao Rio Branco, que pertence aos meus domínios, e cometido naquelas partes alguns distúrbios. Fui servido ordenar, por resolução de 23 de outubro deste ano, tomada em consulta do meu Conselho Ultramarino, que sem dilatação alguma se edifique uma Fortaleza nas margens do dito Rio Branco, na paragem que considereis ser mais própria, ouvidos primeiro os engenheiros que nomeares para este exame, e que esta Fortaleza esteja sempre guarnecida com uma companhia do Regimento Macapá, a qual se mude anualmente. E aos ditos engenheiros fareis visitar outras paragens, e postos dessa companhia de que à defensa seja importante, particularmente das que forem mais próximas às colônias e estabelecimentos estrangeiros, para formarem um distinto Mapa das Fortificações, que julgarem conveniente, o qual remetereis com o vosso parecer, declarando ao mesmo tempo a Fortificação de que necessitarem as cidades do Pará e Maranhão, e as suas barras.

> El-Rei nosso senhor o mandou pelos conselheiros do seu Conselho Ultramarino abaixo assinados, e se passou por duas vias. Teodósio de Cabelos Pereira a fez em Lisboa a 14.11.1752. O conselheiro Diogo Rangel de Almeida Castello Branco a fez escrever, Thomé Joaquim da Costa Corte-Real.
>
> Fernando Joseph Marques Bacalhão. (RTHG, 1842)

Apesar das Ordens e dos constantes alertas das autoridades locais sobre a necessidade da construção de uma Fortificação na região, somente nos idos de 1775 e 1776 iniciou-se a construção do Forte de São Joaquim do Rio Branco que barrava definitivamente as ameaças de invasão espanhola ou holandesa por aquela via. Reporta-nos o Dr. Antonio Pires da Silva Pontes:

> Nele, pelas derrotas que sem interrupção fomos fazendo, e observações Astronômicas, achamos bastante que emendar no Mapa do Estado, observando muito mais para Norte, e para Poente os lugares notáveis, como bem se vê da presente Carta, que oferecemos com esta participação. Nos pusemos em viagem, no dia 06.02.1781, pelos Rios Tacutu e Mau acima, que por serem menos caudais de água estes Rios da parte de Leste, era necessário começarmos por eles, antes que a maior seca nos impossibilitasse a navegação. Com três dias desta, chegamos à Foz do Rio Tacutu, onde ele da parte de Nascente entra no Rio Mau, a quem dá o seu nome dali para baixo até a Fortaleza, não obstante ser ele braço do Mau, o qual vai continuando o mesmo rumo em que navegamos dia e meio até chegar à Boca do Rio Pirara, dentro do qual pouco mais de légua ([131]) aportamos, e nos pusemos em marcha de terra para irmos reconhecer para a parte do Nascente daquele terreno.

[131] Mais de légua: mais de 6,6 km.

Achamos doze léguas ([132]) em linha reta à direita da Boca do Pirara à margem do Rupununi, que deságua para o Oceano sobre a costa de Suriname, e depois que recebe em si o Rio Cipó ou Cybhu, toma o nome de Essequibo. Este intervalo do Pirara ao Rupununi é de campinas, e alagados, que em tempo das cheias formam um Lago contínuo, que por meio de três pequenos varadouros faz a comunicação por águas entre o Rio Branco e o dito Essequibo, ou Rupununi, e quase no meio das ditas campinas está o ponto mais elevado delas, junto do Lago Amacu, que vai notado com asterisco de carmim na mesma Carta que oferecemos, e do qual principiam as vertentes daqueles pequenos declives para a parte do Nascente a cair sobre o Rupununi, e para Poente formam a fonte do Rio Pirara, que deságua como temos dito para o Mau, e por ele para o Rio Branco. Estão estas campinas como fechadas pela parte do Sul com uma alta Cordilheira, que se estende Leste-Oeste coisa de dez léguas ([132]), e vai terminar pela ponta do Poente sobre o Rio Tacutu, e pela Região do Norte se veem cinco Cadeias de montes elevadas, que vão correndo em grandíssima extensão. Pela parte de Nascente ficam também as ditas campinas cercadas pelas águas do Rupununi, o que oferece um sítio, que achamos muito remarcável para nele, segundo nos adverte o mesmo Plano, e Ordens de V. Exª, se dever estabelecer uma Atalaia ([133]), que naquela fronteira vigie sobre as inovações ou pretensões que houver da parte dos Colonos de Suriname, a qual, com não menor comodidade, se poderá situar sobre a margem do Rupununi na vizinhança do Igarapé, ou pequeno Rio Tauarixuru, se caso isto não for contra as pretensões dos ditos Holandeses, havendo de atender-se às vertentes, e não à margem Ocidental do Rio Rupununi para os Limites.

[132] Doze léguas = 79,2 km; Dez léguas = 66 km.
[133] Atalaia: torre, guarita ou lugar alto.

No caso de se ali não fazer estabelecimento da Fortaleza de São Joaquim, se poderão lançar patrulhas sobre as mencionadas campinas de inverno por águas, e de verão por terra, as quais com grande utilidade do Real serviço e segurança perpétua daquele posto se fariam introduzindo-se cavalgaduras para o uso da tropa, vista as férteis pastagens que oferecem todos os adjacentes do Rio Branco para a criação e sustento destes animais, e de todas as espécies de gado que, em poucos anos, servirão de grandes recursos para a Capital do Pará, e de total fundo de subsistência para esta do Rio Negro, onde é tão notória a falta de carnes.

Concluído este reconhecimento da comunicação do Rio Branco com o do Rupununi, voltamos a embarcar nas canoas; e continuamos pelo Rio Mau acima até mais de 04° de Latitude Boreal ([134]), por meio de Serras desde a Latitude de 03°50′, em que as cinco Cadeias de montes que viemos uns por detrás de outros. Olhando dos campos do Pirara para Norte, aqui nos demoravam para o Sul e, depois de termos vencido algumas cachoeiras, chegamos a uma muito extensa, a que o Gentio Erimissano chama Urue-Buru, que diz na nossa língua – Cachoeira do Papagaio –, de onde nos vimos obrigados a voltar, podendo, contudo, asseverar que, ainda que aquele Rio não acabe por entre a mesma Serra, como nos disse o Gentio prático, mas venha por aquela parte a comunicar-se com alguns dos Rios que descem para o Oceano por Domínios estranhos, é tão difícil para nós a descida por meio das cachoeiras, e tão fácil de se vedar qualquer introdução que por ali se queira fazer, que absolutamente não há mister mais visto do que o sítio a que chegamos para se dar por inútil qualquer comunicação, que por ele se descubra.

---

[134] Boreal: Norte.

Aqui nos falta dizer que todas estas extensas Serras são povoadas do Gentio Macuxi que é o mais numeroso do Rio Branco, e menos guerreiro talvez.

Da cachoeira voltamos à Foz do Tacutu, onde logo nos foi preciso deixar a canoa em que vínhamos, que demandava dois palmos e meio ([135]) de fundo para navegar, e nos metemos em umas pequenas ([136]), nas quais fomos com grande dificuldade, por estar o Rio em poços, e a comunicação de uns e outros destes está quase seca e, tendo ido até a ponta da Serra, que dos campos do Pirara, dissemos avistar para Sul, não sendo possível navegar-se mais, assentamos em fazer a diligência da averiguação das Serras e fontes do Rio Trombetas e Urubu, de que V. Exª nos havia também encarregado, com marchas por terra desde a Fortaleza em caminho para Nascente, o que deixamos reservado para ultimar as nossas diligências, sendo-nos de maior importância "*ex vi*" ([137]) das mesmas referidas Ordens o reconhecimento das outras fontes do Rio Branco, por onde tinham clandestinamente descido para estes Domínios os Espanhóis da Caribana ([138]), e se iam estabelecendo pelas ditas fontes do Rio Branco, desde o ano de 1770, até o de 1775, em que por Ordem de V. Exª foram represados.

No dia 10 de março de 1781, nos pusemos em viagem pelo Rio Branco acima, a que os índios vizinhos chamam Uraricoera, levando sempre em vista a intenção das Ordens de buscar pela parte do Norte os Limites naturais que hajam de servir de inalterável demarcação, e tendo deixado a Boca do pequeno Rio Parimé em 03°30′ de Latitude Boreal

[135] Dois Palmos e meio = 57,15 cm.
[136] Pequenas: canoas.
[137] "*Ex vi*": em decorrência.
[138] Caribana: O Mapa do Mundo de Jodocus Hondius, de 1595 (Imagem 06), trata da região ao Norte do Equador de toda a América Latina.

([139]), e depois a de Majari, que também vem da parte do Norte, fomos subindo até o intruso estabelecimento que foi dos Espanhóis de Caya-Caya, o qual se acha quase neste mesmo paralelo, e ainda sobre as campinas, que ficam fechadas da Cordilheira, que por altura de 04° de Norte tínhamos observado.

Continuando água acima, vencidas as cachoeiras repetidas do Uraricoera, encontramos a Foz do Rio Uraricapará em 03°24’ de Latitude Boreal.

Por este Rio, a que os Espanhóis davam o nome de Parima, corremos 20 léguas ([140]) em rumos de Poente, e depois de Norte, e nos achamos no outro estabelecimento, que eles também fundaram com o nome de Santa Rosa, que era a sua escala para a intrusão nas vertentes do Rio Branco, sendo a Latitude deste lugar de 03°43’30”, estando ainda afastado o centro das Serras, que desde o Mau vem correndo Leste-Oeste pela referida Latitude de 04° de Norte, não obstante que ele aqui remeta alguma coisa a Sul.

Esta mesma Serra é a que os ditos Espanhóis atravessaram em um dia, quando do povo de S. Vicente desciam para estas vertentes, e do extremo dela em dois dias vinham a este lugar de S. Rosa, ou varadouro de Adanca, como no Mapa melhor se vê.

Deste sítio continuávamos ainda a viagem águas acima, com intenção de irmos reconhecer a quebra da Serra que servia de porta a estes vizinhos mas a cheia era de qualidade que nos impossibilitou dar mais um passo, pelas cachoeiras que tínhamos de vencer.

---

[139] Boreal: Norte.
[140] 20 léguas = 132 km.

Assentamos fazer pelos matos a diligência, que pudéssemos, para o dito conhecimento, sem embargo de nos ter ficado muita doente, na Fortaleza, um preto espanhol, que nos devia servir de prático, por ter vivido muitos meses no dito sítio de S. Rosa, e ter vindo com os Espanhóis por S. Vicente. Outro embaraço foi o de ser necessário regular o mantimento para a volta, porque o bote de 5 remos, em que tínhamos mantimento para mês e meio, não se pode varar na 5ª cachoeira, a que chamam do Aningal, e nas pequenas canoas, em que continuamos todo o resto da viagem, não coube mais mantimento que para 12 dias, dos quais 8 eram pesados. Tendo reconhecido este sítio, em que as Serras que dele se avistam ainda mostram a mesma direção do Nascente a Poente, daqui concordamos serem as mesmas que, desde o Mau, vêm correndo por mais de 50 léguas ([141]), e que, contendo desde o Pirara por 60 léguas ([141]) de extensão, fazem por si mesmas uma notável divisória, tal como se deseja na presente ocasião.

Voltando Rio abaixo a favor da enchente, em dia e meio chegamos à Foz deste Rio, e entramos pelo Uraricoera acima, que corre entre Sul e Poente e, andando dois terços de légua ([141]), chegamos a uma grande cachoeira de salto e, por uma alta elevação da parte do Poente, subimos pelo trilho das canoas de cortiça, que por ali arrasta o Gentio Perocoto, que em grande número frequenta estes Rios, mas que para nós era impraticável, ainda que pudéssemos demorar-nos, servindo-nos este pequeno desvio para descobrir estes novos embaraços da navegação no Uraricoera, donde continuando em descer as cachoeiras e toda a extensão do Rio, que vai até o mencionado sítio de S. João Batista de Caya-Caya.

---

[141] 50 léguas = 330 km; 60 léguas = 396 km; 2/3 de légua = 4,4 km.

Incorporados já com o nosso bote maior, entramos no Rio Maracá, que também seguia os rumos entre Sul e Poente, não obstante ser caudal de águas, vão estas tão derramadas por pedras e cachoeiras que, de 6 léguas ([142]) para cima não pudemos vencer, sendo notável nele o ser ainda bordado de férteis campinas pela parte de Nascente. Assim viemos retrocedendo até encontrar a Boca do Rio Majari, que do Norte desce ao Rio Branco, e cuja pesquisa se nos mostrou interessante, tanto por ver se descobríamos alguns pontos intermediários da Cordilheira, que tínhamos visto nos extremos de Santa Rosa, do Pirara, e Mau, como pela notícia que alcançamos de haverem os índios Erimissanos degolado sobre aquele Rio uns Missionários Espanhóis, que pelos sinais que eles dão, são os Barbadinhos da Ordem Franciscana da Província de Catalunha, que se acham paroquiando no alto Orenoco.

Correndo com efeito o Rio, e passando além do sítio da matança dos Padres, em que mandamos construir uma cruz de pau, subimos até a altura do 03°54', tendo andado o Rio entre Poente e Norte, passamos dezenove cachoeiras, sendo a vigésima a que achamos na mencionada altura, muito perto da Cordilheira, e altas Serras que víamos a Norte. Mas já desde os campos da primeira cachoeira grande, que fica em Latitude de 03°44', que vem a ser a mesma altura de Santa Rosa, se descobrem as Serras, que vêm desde o Mau, e deste mesmo lugar da cachoeira, em que observamos o eclipse do Sol de, 23 de abril de 1781, atravessamos com caminho de Poente a Nascente para a cabeceira do Parimé, que fica menos de três léguas, de onde muito melhor, e sem dúvida se descobre a Cadeia, ou muralha de Serra, que vem desde o Mau, como temos dito, e se estende além de Santa Rosa muito

[142] 06 léguas = 39,6 km.

mais para Poente pela Latitude de 04° de Norte. Ali soubemos que os Missionários Barbadinhos tinham descido pela mesma quebrada das Serras, por onde vieram depois os Espanhóis com mão armada, sendo impraticável a descida pelas outras partes da Serra pela altura e escarpado dela, nesta jornada andamos com um velho da nação Erimissana, por nome Apaicá, cuja habitação está quase sobre o Parimé, que tinha ajudado aquele assassinato, a que deu causa a imprudência dos tais Missionários, que vieram meter-se para dentro destes Domínios tão remarcáveis ([143]) pelas Vertentes dos Rios, e pelas altas Serras que as separam.

O Rio Parimé não corria na sua fonte, coisa sensível, mas estava todo em poças d'água, e se deve considerar aquele pequeno Rio como um esgoto das campinas adjacentes sem que tenha nenhum Lago de verão, e muito menos cercado de altas Serras por toda a circunferência, como fabulizaram ([144]) tantas Cartas impressas na Europa. Depois de obtermos estas claras ideias do que nos foi ordenado, nos recolhemos para a Fortaleza de São Joaquim para dali irmos outra vez tentar a diligência de averiguar as fontes do Rio Trombetas e Urubu, a qual só por marchas de campo se pode fazer, mas o inverno nos vinha como seguindo desde o Poente, donde trazíamos a nossa derrota ([145]), e começaram logo tão grandes chuvas, que as campinas alagadas não permitiam as machas a pé, para o que ultimamente V. Exª havia-nos prevenido com as barracas de campanha, e oleados ([146]) para cobrir as caixas dos instrumentos Astronômicos.

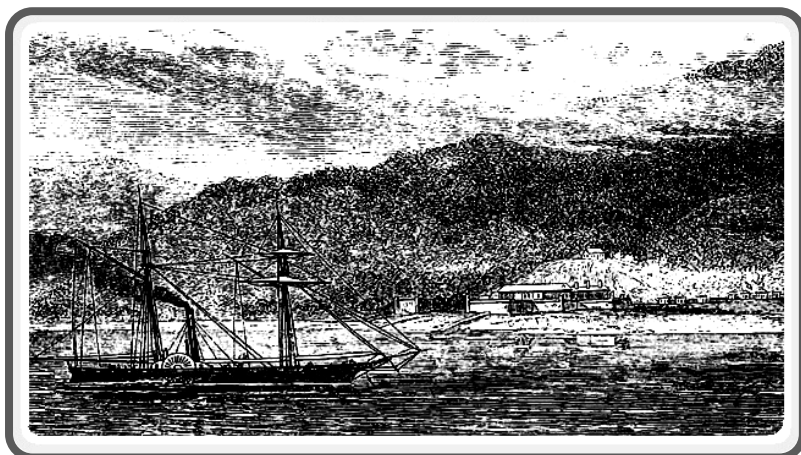
---

[143] Remarcáveis: de limites tão definidos.
[144] Fabulizaram: fantasiaram.
[145] Derrota: rumo.
[146] Oleados: tecido impermeabilizado por meio de óleo de linhaça, verniz ou outra substância.

Será, contudo, muito útil praticar-se esta averiguação a todo o tempo que se puder fazer, para se reconhecer a extrema que devemos ter com os Holandeses, e mesmo com os Franceses de Caiena, quando se houver de tentar algum ajuste de Limites com estas Colônias confinantes, como também da mesma forma, e para o mesmo fim se deverão examinar as cabeceiras dos Rios Rupununi, e Anauá, que se diz formam as vertentes entre os sobreditos Portugueses e Holandeses Domínios, como somente pelas notícias adquiridas se figura, ou demonstra no pequeno Mapa adjunto ao total referido nesta participação.

É o que podemos informar a V. Exª, que Deus guarde por muitos anos, Barcelos, 19 de julho de 1781.

Ricardo Franco de Almeida Serra, Capitão Engenheiro.

Dr. Antonio Pires da Silva Pontes. (PONTES)

Navegação do Tapajós (R.F.A.S.)

Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil

Fundado no Rio de Janeiro
Debaixo da Imediata
Proteção de S.M.I.

O Senhor D. Pedro II

Tomo IX – 1° Trimestre de 1847

Mato Grosso

Navegação do Rio Tapajós para o Pará pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, escrita em 1779, sendo Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

O Rio Tapajós, um dos grandes confluentes do Amazonas, nasce nos campos dos Parecis entre os Paralelos 14° e 15° de Latitude Austral ([147]); origem que, compreendendo em multiplicados braços um espaço de 100 léguas ([148]) de nascente a poente, só enlaçam outras contravertentes para o Sul das cabeceiras do Rio Paraguai, e dos seus braços o Rio Cuiabá, o Sepotuba, e o Jauru, ficando entre elas pequenos trajetos de terra. E o mesmo acontece a respeito do Guaporé, o mais Oriental Braço do Rio Madeira.

[147] Austral: Sul.
[148] 100 léguas = 660 km.

O Tapajós, depois de correr 300 léguas ([149]), perde o nome no Amazonas em que conflui em 2° de Latitude, e 325°15′ de Longitude, distante do Pará 108 léguas ([149]) em linha reta, e 162 léguas ([149]) segundo a navegação ordinária, que se faz em 20 dias desde a cidade até a sua Foz. A Vila de Santarém está situada perto da sua Foz, na margem Meridional. Pouco superior fica o Lugar de Alter do Chão, e na margem oposta dentro de uma excelente Baía está Vila Franca; por todos estes sítios há Furos e Baías que se comunicam com o Amazonas, e é abundante de peixe boi, tainhas, pirarucus e outros peixes próprios da salga, de que há pesqueiros e contrato real. Navegando desde Santarém em um bote de 8 remos por banda, são 2 dias de viagem até Vila Boim ou Santo Ignácio na margem Oriental. De Vila Boim é um dia ao Lugar de Pinhel, na margem oposta e, deste, é outro dia de navegação até o Lugar Tapajós-Tapera, no mesmo lado. De Tapajós-Tapera se chega em meio dia à Foz do Rio Tapacurá, que entra da margem Ocidental, Rio pequeno, em que se acha muita salsaparrilha e cravo e, um dia de navegação, entra mais acima o Rio Tapacuramirim, de curta extensão.

Navegados mais 2 dias, entra do mesmo lado o pequeno Rio Jacaré; e daqui até a Ilha Ita-Capon, Ilha alta e extensa, é meio dia de viagem. Desta Ilha, em 2 horas, se chega à Foz do Rio Capituaã, de pouca largura, mas fundo, e que com longo curso deságua no Tapajós do mesmo lado. Do Capituaã, em pouco mais de meio dia, se chega ao Jacaré-mirim e, daqui, em 2 horas, se chega à 1ª cachoeira do Tapajós, chamada Trocuâ, que fica 5 dias de navegação acima do lugar Tapajós-Tapera. Esta cachoeira se compara no tamanho e forma à da

[149] 300 léguas = 1.980 km; 108 léguas = 712,8 km; 162 léguas = 1.069,2 km.

Pederneira no Rio Madeira, não é grande, e é vencível com algum trabalho e pouco risco. Desta cachoeira, se navegam 3 horas até a 2ª cachoeira, chamada Maranhão, formada por 2 largos e impetuosos canais que, correndo por cima de penedos dispersos, deixam ilhado no meio do Rio um alto monte. Ao Canal de Leste denominam Cuato; ao de Poente, Maranhão, passa-se por este 2° Canal, e é comparada com a cachoeira de cima do Madeira, chamada do Ribeirão, grande e trabalhosa. Do Maranhão, é meio dia de viagem até a cachoeira do Bananal, assim chamada das muitas bananeiras que há neste lugar. Não é grande, e se iguala com a de S. Antônio, a 1ª do Rio Madeira. É formada por uma extensa Ilha de soltos e elevados penedos, e por 2 amplos canais, e aqui vive o gentio Ituarupá.

Desta cachoeira, são 2 dias até outra cachoeira semelhante à do Pau Grande do Rio Madeira, e é pequena. Meio dia acima dela, deságua, pelo lado Ocidental um Rio medíocre, do mesmo nome, em que habita o gentio Hy-áii-áhim. Da Barra deste Rio, se navega um bom dia até o notável estreito de Urubutu, formado por duas montanhas sobre as margens fronteiras do Tapajós, tem a largura de quarenta braças ([150]), que é a 10ª parte da largura do Rio, porém nem forma cachoeira nem corrente rápida. Deste estreito, dia e meio de navegação, se chega à cachoeira de Ita-ahicarahita, formada por segundo e alto monte colocado no meio do Rio, cercado por dois largos canais; vive nesta cachoeira o gentio do mesmo nome, e daqui para cima são as margens do Tapajós interpoladas por largos campos. Dois dias mais de viagem, existe terceiro monte no meio do álveo do Rio ([151]), sem que haja neste lugar maior peso d'águas.

[150] Quarenta braças = 88 m.
[151] Álveo do Rio: talvegue, leito da corrente.

No canal do Oriente, entra o Rio Itavirupassana, extenso e de águas cristalinas, no qual se acha salsa ([152]) e cravo em abundância. Da Foz do Itavirupassana, navegando mais três dias se chega ao quarto monte, também situado no meio do Rio, correndo os dois canais que o cercam com plácida corrente. Acima, duas horas de viagem, existem dois montes altíssimos, cada um de seu lado do Rio, ao da parte Oriental, que tem muito cravo, chamam Tauaná, ao oposto chamam Guato.

Quatro horas acima deste lugar deságua, na margem Ocidental, o pequeno Rio Soacri-paraná, pelo qual, navegando-se pouco espaço, e deixando o dito monte de poente à mão direita, já se viu nele, em uma espécie de gruta verticalmente situada, abundantes formações de ouro, entre as quais se tiraram belas folhetas deste precioso metal. Meio dia de navegação acima da Foz deste Rio aurífero, na margem Oriental, entra um Rio que, por largo e fundo, indica ser de grande extensão; e da cor das suas águas lhe chamam Branco.

Do Rio Branco são dois dias e meio de navegação até quinto e alto monte, que se acha no meio do Rio, com uma pequena Ilha de cada lado, razão por que se dá a este lugar o nome das Três Ilhas, não deixando de ser raridade ter este Rio, em proporcionadas distâncias, estes cinco montes no meio do seu álveo.

[152] Salsa (Salsaparrilha – Smilax aspera): o médico francês Nicolás Bautista Monardes descreveu o uso da salsaparrilha no tratamento da sífilis em 1574. Relatos antigos demonstram que nos idos de 1800, os soldados portugueses atacados pela sífilis se recuperavam mais rapidamente quando faziam uso da salsaparrilha ao invés de mercúrio – tratamento padrão na época. A salsaparrilha é usada, ainda hoje, no tratamento de dermatites, artrite, febre, desordens digestivas, lepra, e câncer.

Pôde ser que este lugar das Três Ilhas seja o mesmo a que chamou das Três Barras o célebre sertanista o Sargento-Mor João de Sousa Azevedo, primeiro e único que pelos anos de 1746 navegou o extenso Braço do Tapajós até à sua embocadura no Amazonas, e achou em um pequeno Rio, que deságua na margem Oriental do Tapajós, perto do lugar das Três Barras, abundância de ouro, e lhe pôs o nome de Rio do Ouro. O que verifica ser este o lugar indicado.

Das Três Ilhas são dois dias de navegação até outro Rio do mesmo lado Oriental, largo e profundo, que da cor de suas águas se chama Rio Negro. Este Rio tem muita tartaruga, e corre por largos campos. Adiante mais dia e meio, está o outro Rio, chamado também pela sua cor Rio Vermelho, nele habita a nação Mondruci, uma das mais valorosas e atrevidas de todo o sertão do Amazonas, porém hoje, já amiga dos portugueses, vindo alguns voluntariamente estabelecer-se entre nós pelos anos de 1795, em consequência da Expedição que contra eles mandou o atual Governador do Pará, na qual se verificaram estas memórias.

Da Foz do Rio Vermelho se navega mais um dia até o lugar em que o Tapajós se divide em dois grandes Braços, os quais, segundo o unânime conceito dos que pela parte do Pará os têm visitado, são o do lado Oriental o Rio Arinos, e o do poente Ocidental o Rio Juruena, ambos eles conhecidos nas suas origens na Capitania de Mato Grosso. Pelo que, desde esta confluência até o Amazonas, tem o Rio Tapajós o seu nome próprio, corre em geral de Sul a Norte, e é povoado por muitas nações de índios, sendo as mais conhecidas Tapajós, Munducuru, Xavantes, Urubus, Passabus, Hia-u-ahins, Ereruuas, Magues, Ituarupas, Tucumans, Urucus, Tapuyas e outras.

As águas deste grande e saudável Rio têm muitos peixes, peixe-boi, tartarugas, e outros anfíbios. Tem muita caça, muitas frutas silvestres, e salsa, cravo, cacau, puxeri ([153]), gomas e outros efeitos. As margens são formadas interpoladamente por matos, gentes e campos: algumas serranias em que se acham incrustações e tufos metálicos, cristais, e esmeril, o que confirma a tradição de serem lugares auríferos. Pelo sobredito se vê que, navegando o Rio até a sua confluência no Arinos e Juruena, se empregam 28 dias, sendo para baixo esta derrota em 10 dias até Santarém, regulando a 6 léguas ([154]) por dia são 182 léguas ([154]); e como pelas observações astronômicas não pode exceder de 300 léguas ([154]) o seu curso, vem a faltar para reconhecer pouco mais de 100 léguas ([154]). Àqueles 28 dias se devem acrescentar 12, necessários para passar as cachoeiras, mais 20 dias de navegação do Pará até a Foz do Tapajós no Amazonas, vem a ser dois meses de navegação segura até o Juruena.

Rio Juruena

Na Latitude Austral de 14°42’30”, de Longitude 318°33’, tem o seu principal nascimento o Juruena nos campos dos Parecis, entre a cabeceira do Rio Guaporé, que fica duas léguas ([154]) a nascente, e a do Sararé, uma légua ao poente, poucos palmos logo

[153] Puxeri (Licaria puchury-major): também conhecida como puxuri (Amazonas); canela, louro-puchuri, louro-puxuri, pichurim, pixuri, puchurigrosso, puchurim, puchury, puxeri, puxurim. As sementes do puxeri são usadas como condimento e perfumaria além de ser excelente calmante e ser empregada no tratamento da insônia, e para quem tem problemas cardiovasculares, reumatismo ou de digestão. A madeira do puxeri é empregada na construção naval, marcenaria e carpintaria.

[154] 6 léguas = 39,6 km; 182 léguas = 1.201 km; 300 léguas = 1.980 km; 100 léguas = 660 km; Duas léguas = 13,2 km.

abaixo do seu nascimento tem 18 palmos ([155]) de água de altura. Duas léguas abaixo deste lugar, existe a sua primeira cachoeira, formada por dois pequenos saltos. O Rio tem aqui 15 braças ([155]) de largo, e grande fundo, correndo velozmente por ser o seu leito um plano inclinado, o rumo que indica é o geral de Norte, declinando para Leste a sua extensão até se unir com o Arinos não pode ser mais de 100 até 120 léguas ([155]). As suas cachoeiras são mais vencíveis que as do Arinos e tem pelo lado Oriental dois Rios que lhe entram, o Sucuri e Juína. O Sucuri no seu mesmo nascimento, tem suficiente fundo, dele para o Sararé é uma légua de trajeto. O Sararé tem, um quarto de légua ([155]) abaixo de sua origem, já 20 palmos ([155]) de largo, e 16 ([155]) de fundo, por isso é fácil a comunicação para este Rio, no qual vencida uma cachoeira que tem três léguas ([155]) abaixo da sua fonte, nas Serras dos Parecis, são oito dias de plácida navegação até Vila Bela, 20 léguas ([155]) distante das cabeceiras do Juruena.

O Juína também facilita trajetos de terra de duas até 5 léguas ([155]) de extensão para quatro cabeceiras, que nestes campos dos Parecis tem o Rio Galera confluente do Guaporé, 9 léguas ([155]) abaixo de Vila Bela. Inferior à Foz do Juína, e depois do Juína-mirim, entra no Juruena o Rio Camarare, que faz contravertentes com as do Jamari, grande Braço do Rio Madeira, existindo entre elas as minas de Urucumacuãa, as quais, por uma constante tradição, prometem grandes esperanças e, debalde se tem procurado há 20 anos, pois os sertanistas deixaram sinais muito equívocos, que fazem perder os novos descobridores que os buscam nestes vastos sertões. Depois entram mais Rios, mas pouco se sabe. [...]

---

[155] 18 palmos = 3,96 m; 15 braças = 33 m; 100 até 120 léguas = 660 até 792 km; quarto de légua = 1,65 km; 20 palmos = 4,4 m; 16 palmos = 3,52 m; três léguas = 19,8 km; 20 léguas = 132 km; 05 léguas = 33 km; 09 léguas = 59,4 km.

Sumidouro

O mais notável dos Rios que nascem nas Serras dos Parecis é o Sumidouro, cujas nascentes são opostas ao Rio Sepotuba que corre ao sul por 60 léguas ([156]) até entrar no Paraguai em 25°50'. O célebre sertanista Sargento-Mor João de Sousa de Azevedo ([157]) navegou no Paraguai águas acima, entrou no Sepotuba, passou as canoas por terra para uma das cabeceiras do Sumidouro, cortando as árvores da mataria que havia de permeio ([158]), e pelo Sumidouro desceu ao Arinos, e deste pelo Tapajós navegou até o Amazonas. Só esta vez se fez esta navegação, em 1746, que ficou famosa pela impávida resolução com que venceu o não esperado obstáculo de se lhe ocultar o Rio por baixo de um monte, que toca perpendicularmente, abrindo nele uma furna ([159]), pela qual entra e aparece majestoso da outra parte, espaço que dizem ser de um quarto de légua ([160]).

O certo é que as canoas com umas largas bordaduras ou abas, que lhe pôs de madeiras leves, apareceram intactas no lado inferior deste subterrâneo, circunstância que deu o nome de Sumidouro a este Rio, só por esta vez trilhado.

[156] 60 léguas = 396 km.

[157] Sargento-Mor João de Souza Azevedo: intrépido paulista, que aprontou a sua Expedição de 6 canoas e 54 canoas na cachoeira grande do Jauru, desceu por este ao Paraguai, por cujo álveo e pelo do Sepotuba subiu até onde lhe foi possível e, varando por terra com suas canoas para o Rio do Sumidouro, desceu por este com grande trabalho no Arinos, e continuando a viagem águas abaixo foi ter a Santarém, de onde seguiu para a Capital do Pará. Tais lhe pareceram os obstáculos que encontrou, que não se animou a voltar pelo mesmo caminho, regressou a Mato Grosso por via Rio Amazonas, Madeira e Guaporé. (MORAES, 1894)

[158] Permeio: no meio.

[159] Furna: cava, buraco.

[160] Um quarto de légua = 1,65 km.

Rio Negro

Meia légua ([161]) ao nascente da mais superior e diamantina cabeceira do Paraguai corre o Rio Negro para o Norte, que vai desaguar no Arinos com medíocre extensão, pela margem Ocidental: as primeiras 4 léguas ([161]) desde a nascente até onde chamam – Correnteza Grande – é por terreno montuoso ([162]), daí para baixo com muitas e apertadas voltas vai-se ao Arinos com 5 dias de navegação, e tem uma só cachoeira. No meio desta distância, deságua no Rio Negro pela margem Oriental o pequeno Rio Sant'Anna, aonde houve minas, que se suspenderam por supor-se haver diamantes. O Rio Negro oferece um breve e praticado trajeto de 8 léguas ([161]) de extensão, desde o lugar da – Correnteza Grande – até outro correspondente do Rio Cuiabá, no qual findam as mais superiores e maiores correntezas deste Rio.

Arinos

Finalmente o grande Rio Arinos facilita a dita comunicação pelo braço do Rio Negro mencionado mas, dele mesmo há outra passagem de terra, de 12 léguas ([161]) de caminho, desde o ponto até onde é navegável próximo das suas mais remotas cachoeiras, até ao mesmo indicado lugar do Rio Cuiabá. Fica a origem principal do Arinos 9 léguas ([161]) da nascente do Rio Cuiabá, nascendo este último Rio no terreno que forma o ângulo que faz a junção do Arinos com o seu braço o Rio Negro, enlaçando estes

[161] Meia légua = 3,3 km; 04 léguas = 26,4 km; 08 léguas = 52,8 km; 12 léguas = 79,2 km; 09 léguas = 59,4 km.
[162] Montuoso: montanhoso.

Rios as suas opostas contravertentes em terreno alto, coberto de densa mataria, com grandes madeiras, e abundância de peixe e caça.

Dois dias de navegação abaixo da Foz do Rio Negro, entra na oposta margem Oriental do Arinos um Rio de copiosas águas, a que chamam de São Francisco, e anda até abaixo desta Boca. Dizem que o Arinos corre sim com acelerada velocidade, entre muitas pedras e correntezas, mas sem formadas cachoeiras.

Na margem Oriental do Arinos, e não longe da fronteira, lugar da Foz do Rio Negro, existem as minas de Santa Isabel, das quais se fez partilha no ano de 1749, a que concorreu bastante povo mas a valente e temível nação Apiacá, que habita aqueles terrenos, e carestia dos mantimentos e gêneros precisos para a dispendiosa extração do ouro, as poucas forças de Cuiabá no 20° ano de sua criação em Vila, e finalmente a descoberta dos diamantes e ouro do Paraguai, tudo foi caso urgente para se abandonarem as minas de Santa Isabel, perdendo-se ainda a positiva certeza do lugar da sua antiga existência. A extensão do Arinos até a sua confluência com o Juruena, para ambos formarem o Rio Tapajós, se regula em 100 léguas ([163]), não sendo as suas cachoeiras nem muitas nem impassáveis.

Além dos lugares auríferos já conhecidos, não pode deixar de ter outros intermédios e lateralmente situados pelos Córregos que retalham a alta e larga mataria que borda as suas amplas margens, pois em terras de minas são mais contíguos os lugares do ouro. O certo é que o famigerado João de Sousa viu estes auríferos lugares no mesmo ano da sua descoberta examinando a sua posição.

[163] 100 léguas = 660 km.

Em 1746, navegou os Rios Sumidouro, Arinos e Tapajós, e deste pelo Amazonas chegou à Cidade do Pará ([164]), aonde foi preso e castigado por fazer esta nova descoberta e ainda não praticada navegação, em consequência de uma Régia Ordem que expressamente o proibia e vedava. É igualmente certo que, apesar destas apertadas ordens, animado o dito João de Sousa pelo ouro que levou desta Expedição, se aprontou logo para vir clandestinamente conduzir e dispor canoas de comércio nestes lugares, e vindo já em caminho para eles, sucedeu encontrar no Rio Amazonas a João Leme do Prado e Francisco Xavier de Abreu, os primeiros que em conduta formal desciam de Mato Grosso pelo Rio Guaporé até a cidade do Pará.

Informado destes dois últimos homens do alto preço por que se vendiam os gêneros de sua carregação nas minas e Arraial de São Francisco Xavier da Chapada, então visto como a capital das minas de Mato Grosso, adjacentes ao Guaporé, e do muito ouro que nelas corria, e facilidade da navegação pelos grandes Rios Madeira, Mamoré e Guaporé, tudo o resolveu a vir vender a sua carregação ao dito Arraial navegando aqueles Rios, e entrando pelo Sararé, aonde chegou, em 1749, sendo o primeiro que fez aquela carreira vindo do Pará com canoas de negócio. Por estes fatos constantes fica evidente que este célebre sertanista não aventuraria aquela Expedição pelo Arinos com a sua fazenda e escravos próprios com que sempre andava, sem certeza de ela ser praticável. E portanto não só o Arinos, e os Rios Negro e Sumidouro mas talvez outros intermédios, serão navegáveis e, passando para o Sepotuba, se chega à Vila de Cuiabá.

[164] Cidade do Pará: Belém.

A maior dificuldade desta navegação do Tapajós é não se conhecerem presentemente aqueles vastos sertões; porém o que se pode fazer por aqueles sertanistas há 100 anos, não é impossível que ainda hoje se faça, havendo as notícias que eles deixaram, e que eles então não tinham, e franqueando-se, pelos anos de 1791, livre a comunicação e comércio desde o Pará para as minas de Goiás e Cuiabá, pelos Rios Tocantins, Xingu e Tapajós, cuja navegação é mais breve, como se vê das taboadas ([165]) inclusas e roteiro. Eis aqui as noções que se podem dar do Rio Tapajós, do qual se tem tido topográfica e astronomicamente configurada a sua confluência no Amazonas, e as cabeceiras e parte do seu braço Oriental o Rio Juruena, podendo haver algumas outras circunstâncias, mas que não influem para o fim desta Memória.

A navegação do Tapajós, olhada por diversas faces, parece a mais natural, útil e cômoda para a Capitania de Mato Grosso, e vantajosa para as minas do Cuiabá, sendo-o igualmente para a do Pará, a que só falta um comércio ativo com as minas, o que poderia igualá-la ao do Rio de Janeiro e Bahia, que florescem em razão do comércio de minas. O Tapajós, pela sua situação, enlaçando as suas origens com as do Galera, Sararé, Guaporé, Jauru, Sepotuba, Paraguai, e Cuiabá, com breves trajetos de terra e tendo nestes muitas veias de ouro e diamantes, dando uma navegação mais breve de 200 léguas ([166]) [...].

E ainda que seja a empresa árdua no princípio, vencidos os sustos e receios que causam, depois mostrarão uma face cada vez mais agradável.

---

[165] Taboadas: tabelas.
[166] 200 léguas = 1.320 km.

Para a Villa Bela, ainda que a navegação pelo Madeira, Mamoré e Guaporé seja mais extensa, compensa-se pelos grandes botes de 2.000 arrobas ([167]) de carga, que pelo caudaloso daqueles Rios chegam até a dita Vila. E sendo limítrofes, esta mesma navegação vigia aquela fronteira de 200 léguas de circuito e, coadjuvada pelos dois novos estabelecimentos que Sua Majestade manda fazer nas cabeceiras do Madeira, pode fazer florescer para o futuro a Colônia da Vila Bela, que é a mais concentrada e distante de todas, e ser o centro do comércio, talvez, único meio de sua conservação.

Mas como pode ser surpreendida pelos espanhóis, nesse caso só a navegação do Tapajós pode fornecê-la em tempo de guerra, frustrando aqueles embaraços, pois o Juruena é navegável até as suas origens, ainda que admita somente botes de menor carga.

Mas para o Cuiabá é mais importante a navegação do Tapajós ou pelo Arinos ou pelo seu Braço o Rio Negro, que ainda que admita botes de menor carga, sempre os admite maiores do que aqueles que vem do Aratitaguaba perto de São Paulo, pela estreiteza dos Rios Sanguessuga, Camapurãa e Coxim, que só admitem de 60 a 100 cargas. Os efeitos em que abundam os largos terrenos do Tapajós, como são salsa, cravo, cacau, e outros podem concorrer muito para o seu comércio, além das minas do Arinos e Rio Negro e havendo o precioso dos terrenos diamantinos do Paraguai. Mas é necessário o franquearem-se as ditas minas, pois esta faculdade é que fará aumentar a população e força daquela Capitania, que tem de defender-se dos espanhóis, e fazerem-se responsáveis até aos do Peru e Paraguai. [...] (SERRA)

[167] 2.000 arrobas: 30 toneladas.

Os Lusíadas – Canto I – 45/47

(Luís Vaz de Camões)

45

[...] Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa dela.
Que gente será esta, em si diziam,
Que costumes, que Lei, que Rei teriam?

46

As embarcações eram, na maneira,
Mui velozes, estreitas e compridas:
As velas, com que, vêm, eram de esteira
Dumas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira,
Que Fáeton ([168]), nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado, o não prudente:
O Pado o sabe, o Lampetusa o sente.

47

De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados:
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Da cinta para cima vêm despidos;
Por armas têm adargas o terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonoros vão tocando.

---

[168] Fáeton ou Faetonte: na mitologia grega, era o filho de Apolo e da ninfa Climene. Nos primeiros Jogos Ístmicos, celebrados em Corinto pelos deuses Possêidon e Hélio, Fáeton venceu a corrida de bigas.

Descrição da Província do MT

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO,

SOB OS AUSPICIOS

DA

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL,

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO SEXTO.

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

Vol. 6

Rio de Janeiro 1844

KRAUS REPRINT
Nendeln/Liechtenstein
1973

Da Descrição Geográfica da Província de MT, feita em 1797, por Ricardo Franco de A. Serra, Sargento-Mor de Engenheiros.

A Capitania de Mato Grosso, extrema ([169]) pelo Norte com as duas Capitanias do Grão Pará e do Rio Negro; pelo Oriente e Sul, com as de Goiás e São Paulo e, pelo Ocidente, confina ([170]) com o Peru, pelos três Governos de Chiquitos, Moxos e Paraguai. Sua superfície é de 48.000 léguas quadradas ([171]). [...]

[169] Extrema: faz divisa.
[170] Confina: limita-se.
[171] 48.000 léguas quadradas = 1.118.880 km^2.

O 3° Rio, que tem as suas soberbas fontes em multiplicados e grandes Braços na Capitania de Mato Grosso, é o Tapajós que, correndo a Norte entre os Rios da Madeira e Xingu, por 300 léguas ([172]) de extensão, vai confluir com o Amazonas, na Latitude 02°24’50”, e na Longitude 323°13’, posição geográfica da Vila de Santarém, na Boca deste grande Rio, 118 léguas ([172]) distante da Cidade do Pará, em linha reta, e 162 léguas ([172]), segundo a navegação mais seguida. Nasce o Rio Tapajós nos famosos campos dos Parecis, assim chamados pela nação de índios deste nome, que neles habitava, compreendendo estes campos uma extensa superfície, não plana, mas formada por altas e prolongadas medas ([173]) ou combros ([174]) de areia ou terra solta. A sua configuração é bem como quando impetuosas borrascas, e furioso tufão de vento agitam as águas do Oceano escavando nele profundos vales, e erguendo suas bitumosas ([175]) águas em montanhas elevadas, assim se figura o campo dos Parecis. O espectador, no meio dele, vê sempre em frente um distante e prolongado monte, encaminha-se a ele descendo um suave e largo declive, atravessa uma vargem e dela sobe outra escarpa igualmente doce, até se achar, sem lhe parecer que subira, no cume que viu, oferecendo-se-lhe logo à vista outra altura, a que chega com as ponderadas, mas sempre sensíveis circunstâncias, sendo o terreno, que compreendem estes vastos campos, arenoso e tão fofo, que as bestas de carga enterram nele as mãos e pés ou dois palmos, os seus pastos são insuficientes, consistindo a sua relva em umas pequenas hastes de dois palmos ([172]) ou pouco mais de alto, revestidas de pequenas folhas, ásperas, a que chamam ponta de lanceta.

[172] 300 léguas = 1.980 km; 118 léguas = 779 km; 162 léguas = 1.069 km; Dois palmos = 44 cm.
[173] Medas: montes.
[174] Combros: pequenas elevações.
[175] Bitumosas: revoltas.

Os animais arrancam com este pasto igualmente suas raízes envolvidas sempre em areia, o que lhes trava ou embola os dentes, circunstância que dificulta o trânsito de terra, contudo, buscando-se algumas das muitas vertentes que neles nascem, se encontra neles algum taquari ([176]) e outras folhas macias que lhes servem de sofrível pasto. Os campos dos Parecis, que formam por grande espaço a largura e sumidade ([177]) das extensas e altas Serras deste nome, estão situados no terreno mais elevado de todo o Brasil, pois neles têm suas remotas origens os dois maiores Rios da América Meridional, que são o Paraguai nas suas próprias e multiplicadas cabeceiras, assim como os seus grandes e mais superiores braços os Rios Jauru, Sepotuba, e Cuiabá, e da mesma forma o grande Madeira, o maior confluente da Austral ([178]) margem do Amazonas tem nestes campos uma das suas principais origens, pelo seu grande e Oriental braço, o Rio Guaporé.

Fazendo contravertentes com os mencionados Rios, nasce no alto da Serra dos Parecis o Rio Tapajós, em grandes e distantes braços, dos quais o mais Ocidental é o Rio Arinos que enlaça as suas fontes com as do Rio Cuiabá em breve distância das do Paraguai. Tem o Rio Arinos um braço Ocidental denominado Rio Negro, desde o qual até aonde é navegável são 8 léguas ([179]) de trajeto por terra até o Rio Cuiabá, abaixo das suas superiores e maiores cachoeiras, e semelhantemente do próprio Rio Arinos são 12 léguas ([179]) de trajeto a subir no mesmo lugar do Rio Cuiabá. O Rio Arinos, já nas suas cabeceiras, é aurífero, e nele, no ano de 1747, se descobriram as minas de Santa Isabel, abandonadas logo, tanto por não encherem as esperanças que naqueles

[176] Taquari: broto de taquara.
[177] Sumidade: cimo.
[178] Austral: sul, meridional.
[179] 08 léguas = 52,8 km; 12 léguas = 79,2 km.

tempos se completava maior quantidade de ouro, à vista dos grandes jornais que então se tiravam das minas de Cuiabá e Mato Grosso, como pelo muito e valente gentio que habitava aqueles terrenos.

Pela margem do Poente do Rio Arinos, deságua nele a do Sumidouro, que fazendo contravertentes e por breve intervalo com o Rio Sepotuba, grande Ocidental Braço do Paraguai, facilita a navegação de um por outro Rio. O célebre Sertanista e Sargento-Mor João de Sousa e Azevedo, em 1746, fez este trânsito descendo o Rio Cuiabá até entrar no Paraguai, e navegando este, águas acima, entrou dele no Sepotuba até às suas fontes, das quais varou as canoas por terra para o Rio do Sumidouro, que navegou seguindo a sua correnteza, apesar de ocultar-se este Rio, por não pequeno espaço por baixo da terra, circunstância de que tirou o nome e que, vencido, entrou ele nos Arinos e deste no Tapajós, Rio em que achou vencíveis cachoeiras inda que maiores que as do Rio Madeira, achando igualmente grandes provas de ouro no Rio das 3 Barras, Braço Oriental do Tapajós, 100 léguas ([180]) abaixo das fontes do Arinos.

A Poente do Sumidouro e nos Campos dos Parecis, tem as suas origens ao Norte das do Rio Jauru, o Rio Xacuruhina ([181]) célebre por ter em um dos seus braços um grande Lago em que se coalha e gela todos os anos grande e copiosa quantidade de sal, produto natural, que motiva anuais guerras entre os índios que habitam aqueles terrenos, circunstância por onde se pôde inferir que o sal não é tanto que chegue a todos sem que lhe custe gotas de sangue.

---

[180] 100 léguas = 660 km.

[181] Xacuruhina: na verdade Rio Sacuriú-iná (Rio da palmeira bacaiúva, em Pareci), que algumas cartas anteriores às da Comissão Rondon grafaram erradamente como Xacuruhina ou Xacuruína.

O Xacuruhina, uns práticos o fazem braço do Arinos, outros do Sumidouro. Nos descritos Campos dos Parecia que findam por Ocidente no cume das Serras do mesmo nome, as quais prolongando uma elevada escarpa ou face na direção de Norte-noroeste, de 200 léguas ([182]) de extensão formam soberbas serranias, olhando para Poente em paralelos ao Guaporé, do qual distam de 15 ([182]) até 23 léguas ([182]), tem a sua origem principal e mais remota o Rio Juruena, entre as cabeceiras do Saracé e Guaporé, uma légua ([182]) a Leste do primeiro, e duas ([182]) a Oeste do Segundo. O Rio Juruena, o maior e mais Ocidental Braço do Tapajós, nasce na Latitude 14°42' S, 20 léguas ([182]) a Norte-noroeste de Vila Bela, e correndo a Norte por 120 léguas ([182]) de extensão até sua confluência com o Arinos, formam ambos unidos o álveo do Tapajós, recebendo o Juruena por ambas as margens muitos e não pequenos Rios, facilitando os que lhe entram pelo lado Ocidental praticáveis comunicações e por breves trajetos de terra para o Guaporé e seus confluentes.

O mais superior e próximo à Vila Bela e seus Arraiais é o Rio Sucuri, já de suficiente fundo e por consequência navegável até perto da sua origem, a qual fica uma légua a Norte da principal cabeceira do Rio Sararé, tendo este último Rio, um quarto de légua ([182]) abaixo do seu nascimento, 16 palmos ([182]) de fundo e 20 palmos ([182]) de largo. Navegando-se, pois, pelo Juruena acima até entrar pelo Sucuriu, se pode da origem deste, pelo breve trajeto de légua, passar ao Sararé sem mais obstáculo do que uma cachoeira que forma o mesmo Sararé 3 léguas ([182]) abaixo do seu nascimento, quando se precipita pela

[182]Léguas: 200 = 1.320 km; 15 = 99 km; 23 = 151,8 km; uma légua = 6,6 km; duas léguas = 13,2 km; 20 léguas = 132 km; 120 léguas = 792 km; quarto de légua = 1,65 km; 16 palmos = 3,52 m; 20 palmos = 4,4 m; 03 léguas = 19,8 km.

escarpa do Poente da Serra dos Parecis, dificuldade que se pode vencer por partes; ou fazendo-se o trajeto total de 4 léguas ([183]), sendo este trânsito o mais breve e cômodo para Vila Bela, pois o Sararé, desde a dita cachoeira, é navegável, sem embaraço algum, até Vila Bela, em menos de 8 dias de navegação.

Uma légua ([183]) a Norte da origem do Sararé está a primeira cabeceira do Rio Galera, o segundo confluente do Guaporé abaixo de Vila Bela. O Rio Galera tem nos Campos dos Parecis mais três origens a Norte da primeira, e todas caudalosas, distando a última e mais Setentrional, denominada Sabará, pouco mais de légua do nascimento do Rio Juína, grande e Ocidental Braço do Juruena. Pelo Juína, pois, e pelo Sucuriu, com 5 ou 6 léguas ([183]) de trajeto até vencer as cachoeiras que o Galera forma face de Poente das Serras, se pode por este Rio comunicar o Juruena com o Guaporé. Enfim o Rio Juruena pode ser navegado até duas léguas ([183]) abaixo do seu próprio nascimento, lugar da sua superior cachoeira e ainda mais acima passada ela, a qual é formada por dois pequenos Saltos, tendo o Rio já neste lugar 150 palmos ([183]) de largo, e grande fundo. Dela para baixo corre com grande velocidade por ser seu álveo um plano inclinado, e dizem que as cachoeiras que tem não são maiores, e todas mais vencíveis do que as do Rio Arinos. Com as mesmas e referidas circunstâncias se pode comunicar com semelhantes e breves trajetos de terra o mesmo Juruena, com o Guaporé e Jauru que lhe ficam a Leste, suposto que quando estes dois últimos Rios, se precipitam ao Sul do alto das Serras dos Parecia de que nascem, formam logo e por grande extensão repetidas cachoeiras.

[183] 04 léguas = 26,4 km; uma légua = 6,6 km; com 5 ou 6 léguas = com 33 km ou 39,6 km; duas léguas = 13,2 km; 150 palmos = 33 m.

Pela posição geográfica do Rio Tapajós, fica evidente que este Rio facilita a navegação e comércio desde a Cidade marítima do Pará para as Minas de Mato Grosso e Cuiabá navegando-o águas acima, e entrando pelos seus grandes Braços, os Rios Juruena e Arinos, praticando-se nas suas origens os breves trajeto de terra mencionados, ou não querendo varar as canoas, se pode diretamente por terra conduzir as fazendas ([184]) principalmente para Vila Bela, ponderada a curta distância em que fica das ditas origens.

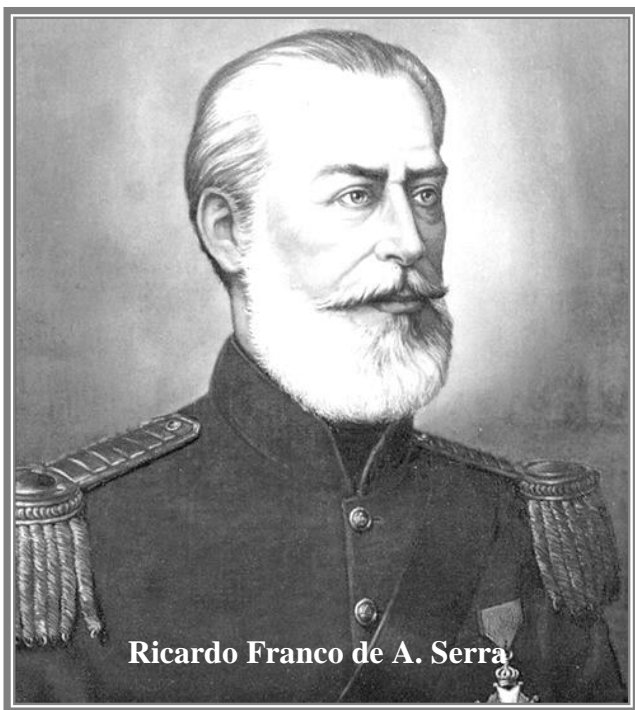
Esta navegação para Mato Grosso será mais breve pelo menos 200 léguas ([185]) do que a praticada pelos Rios Madeira e Guaporé, e consequentemente se fará em menos tempo e com menos despesa, ficando igualmente útil para as Minas de Cuiabá, pois a navegação que se faz de São Paulo para a dita Vila pelos Rios Tietê, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim, Taquari, Paraguai, Porrudos e Cuiabá, descendo uns e subindo outros, nos quais se passam mais de 100 cachoeiras, e por terra o Varadouro de Camapuã, compreende boas 600 léguas ([185]) de navegação em que se gastam seis meses.

Não falando ainda na grande despesa e tempo que se consome na condução das fazendas desde o Rio de Janeiro por Mar até a Villa de Santos, e dela nas canoas até o porto do Cubatão, e por terra para a Cidade de São Paulo, de onde por mais 22 léguas ([185]) por terra conduzem as cargas para o porto de Arraitaguaba no Rio Tietê, ponto de que se principia a dita navegação. Distância que com pouca diferença iguala ao caminho de terra desde o Arinos ou Rio Negro até a Vila de Cuiabá.

---

[184] Fazendas: mercadorias.
[185] 200 léguas = 1.320 km; 600 léguas = 3.960 km; 22 léguas = 145 km.

O que consome, contando desde o Rio de Janeiro, pelo menos três ou quatro meses de tempo, que junto ao que se emprega até a dita Vila do Cuiabá faz a soma total de 9 ou 10 meses, que vem a ser o mesmo que se gasta na carreira do Pará pelo Rio da Madeira até Vila Bela, poupando-se nesta última navegação mais de 2$ réis em cada carga, que nos fretes das referidas conduções, e no Varadouro de Camapuã faz despesa cada uma delas.

A consequência de navegar pelo Rio Tapajós para os atuais estabelecimentos da Capitania do Mato Grosso pode concorrer para seu aumento por novas descobertas que se fariam nos dilatados sertões deste Rio, até entestarem os campos dos Parecis e colher neles os muitos efeitos que fazem a primitiva riqueza do país do Amazonas. (SERRA)

Ricardo Franco de A. Serra

Navegações pela Bacia do Tapajós

A necessidade de se estabelecer uma rota mercantil regular desde Cuiabá até Santarém, na Foz do Tapajós, e daí até Belém foi considerada de vital importância pelas autoridades portuguesas desde o início do século XIX. Reproduzimos, a seguir, as dezessete primeiras delas para que se possa aquilatar as reais dificuldades enfrentadas por estes destemidos navegadores que enfrentaram águas turbulentas, cachoeiras mortais e a insalubridade endêmica da região na tentativa de tornar isso possível.

Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira

> O militar e político brasileiro José Joaquim Machado de Oliveira, filho do Tenente-Coronel Francisco José Machado de Vasconcelos e da Sr.ª Ana Esmênia da Silva, nasceu, no dia 08.07.1790, em São Paulo. Machado de Oliveira entrou cedo para o Exército alcançando o posto de Coronel graças às suas louváveis participações nas Campanhas Platinas de 1817 e 1822. No período de 1826 a 1829, foi Deputado da Província do Rio Grande do Sul. Foi Presidente das Províncias do Pará, Alagoas, Santa Catarina, Espírito Santo e Deputado por São Paulo de 1845 a 1847. Foi admitido como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1840, e agraciado com a Ordem da Rosa e da Ordem de São Bento de Aviz. Com a fundação do IHGB foi logo admitido como sócio em 1840.

A Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil, publicou uma interessante e sucinta Memória do Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira:

Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil

Fundado no Rio de Janeiro Debaixo da Imediata Proteção de S.M.I.

O Senhor D. Pedro II

Tomo 19 – 1856

Memória da Navegação do Rio Arinos, até a Vila de Santarém, Estado do Grão-Pará.

Manuscrito oferecido ao Instituto pelo seu Sócio o Exm° Sr. Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira.

Notas dos que têm navegado pela presente navegação e seus transtornos; a saber:

1° O primeiro que desceu da Província de Cuiabá para o Estado do Pará, com o projeto de regressar para a mesma com negócio, foi o Capitão Antônio Thomé de França e o Capitão Miguel João de Castro, porém este, como mais prático de viagens de Rio, teve o conhecimento que, por semelhante navegação, não era possível transitar botes ou embarcações de grande porte, por isso mesmo que cuidou em aprontar canoas próprias para o dito Rio e regressou com felicidade, por volta de 4 meses de viagem.

Porém sem conveniência alguma por temer não pudesse avançar ou concluir a dita viagem em tempo competente, seguindo logo atrás o dito Capitão Antônio Thomé, com 6 grandes botes, sendo o maior de [...] arrobas tão infelizmente que na cachoeira do Maranhão e da parte de cima lhe fugiu toda a equipagem, e viu-se obrigado a deixar todas as cargas pelas Ilhas e ao mesmo tempo os próprios botes, seguindo para diante com 4 canoas pequenas, as quais chegaram no Rio-Preto com muito destroço.

2° O Tenente Manoel Joaquim Corrêa, que perdeu um batelão acima do salto de São Simão com cargas pertencentes ao Comandante do Diamantino Francisco Xavier Ribeiro, e com o mesmo Manoel Joaquim, subiu o Paranista Joaquim José Barbosa com 6 igarités de 60 cargas, porém, no seu regresso, morreram vinte e tantos índios Paranistas, por cujo motivo não tornou pela mesma navegação.

3° Manoel Francisco Rondão, com canoas carregadas de açúcar, sola ([186]) e algodão, cujas canoas foram ao fundo acima do salto, morrendo na mesma ocasião um escravo e dois camaradas, de maneira que, vendo-se sem negócio, tomou a resolução de voltar em uma montaria para esta Província, despedindo um pequeno resto para diante, de cuja Expedição veio incumbido o caixeiro do mesmo João Caetano.

4° Descendo, logo atrás Bento Borges com 3 canoas, as quais foram ao mesmo tempo ao fundo na cachoeira de São Gabriel, e mal puderam salvar a vida em uma das canoas na qual continuaram a viagem até a Vila de Santarém, e porque o dito Bento se visse sem

---

[186] Sola: espécie de beiju de tapioca

dinheiro não só para as cargas mas, também, para sustentar camaradas, resolveu despedi-los subindo ele pela carreira de Mato Grosso.

5° O Alferes Antonio Pires de Barros com o Capitão Antônio Thomé de França, que perdeu para baixo uma canoa na cachoeira de São João da Barra, morrendo na mesma ocasião dois camaradas afogados, depois continuando com a viagem perdeu o Alferes Antonio Pires 1 canoa na cachoeira do Maranhão, em cuja embarcação perderam, além das cargas, 4 camaradas e 2 escravos.

6° O Capitão Miguel João do Castro, pela sua 2ª viagem, foi inteiramente desgraçado porque, além de perder a maior parte das suas cargas, até perdeu a própria vida, e foi sepultado na cachoeira de S. João da Barra, deixando a conduta ([187]) no maior desamparo, mortos de fome e cheios de peste, e assim vieram subindo até alcançar o baixio dos Apiacás onde encostaram, enquanto lhes foi socorro de mantimentos e camaradas. Finalmente, no dito lugar, morreram 12 camaradas de fome e com sezões. Os índios Apiacás socorriam-nos com algumas espigas do milho e, além dos 12 que morreram, ainda continuaram a morrer pelas cachoeiras, de maneira que não há uma só que não tenha 2 e 3 cruzes dos camaradas do dito Capitão Manoel da Silva Rondão que subiu de agregado a esta conduta. Perdeu 1 canoa grande na cachoeira do Maranhão sem que dela pudesse aproveitar coisa alguma, perdeu outra no Canal do Inferno, e lhe morreram 4 pessoas, inclusive o irmão de Rondão, Custódio José, que também subiu agregado à mesma conduta com 2 canoas e foi sepultado no Rio Arinos com 2 camaradas.

---

[187] Conduta: expedição.

7° O Ten Antônio Peixoto de Azevedo, subindo de Santarém com 6 canoas, perdeu uma na cachoeira do Maranhão com toda a carga, depois seguindo a viagem perdeu outra no baixio do Airi, e porque neste tempo já não tinha mais mantimentos e os camaradas principiavam a adoecer, deixou todas as cargas e 2 canoas no Salto de São Simão, e voltou a fim do curar os camaradas e refazer-se de mantimentos. No fim das águas, continuou a viagem com o resto sem prejuízo de camaradas.

8° O Cap Bento Pires de Miranda, que desceu com 12 canoas, e demorando-se no Salto para abrir um novo varadouro, teve a infelicidade de adoecer com sezões, e a maior parte dos camaradas, e por essa causa adiantou-se em um pequeno batelão, deixando a conduta entregue ao piloto João de Castro, cujas canoas, seguindo a viagem, perdeu 1 no Salto de São Simão com toda a carga, salvando-se unicamente a tripulação com muito trabalho. O mesmo Bento Pires despediu uma conduta para cima, entregue ao caixeiro Joaquim de Almeida, e logo depois que saíram da primeira povoação, apanharam um grande temporal que meteu a pique uma canoa do agregado Pedro Gomes mas, logo que chegaram na Ilha do Coatá, perdeu o dito Capitão uma grande canoa com toda a carga, finalmente, foi perder outra no baixio das Capoeiras e assim continuaram a viagem com perda de alguns camaradas que morriam por moléstias.

9° O Ten Manoel Joaquim, na 2ª viagem, perdeu para baixo uma canoa na cachoeira da Misericórdia, e na volta perdeu outra com um grande temporal que apanhou no baixio do Theacoron, assim como o Cap Francisco de Paula Corrêa, que o acompanhava, perdeu uma

no Maranhão, outra com o temporal já dito, e no mesmo lugar, e outra abaixo da cachoeira das Furnas, e assim chegaram com perda de canoas, e muitos camaradas que lhes morreram, cujo número ignoro.

10° José dos Santos Rocha desceu com uma grande conduta e chegaram no Pará com peste, de maneira que só pela viagem lhe morreram 5 camaradas, e depois subindo com 7 canoas e 2 botes, se viu obrigado a deixar os ditos botes na Barra do Rio de São Manoel, por ver que não podiam vencer as grandes cachoeiras que lhe restavam para cima, e passando as cargas para as canoas, ficaram tão carregadas que não podiam navegar em termos, e assim mesmo subiu até o Salto Augusto, onde perdeu uma das maiores canoas que trazia, e depois continuando perdeu outra acima da Aldeia dos gentios Apiacás.

11° O Alferes Antonio Pires de Barros, na sua 2ª viagem perdeu, por duas vezes, 60 cargas de sal, a saber: a 1ª acima de São João da Barra, e a 2ª no Rio-Preto, perdendo muitos camaradas de sezões e, para chegar no porto do Rio Preto, pediu 3 socorros de camaradas e mantimentos.

12° Manoel da Silva Rondão, na sua segunda viagem, subiu com 4 canoas e, adiantando delas para vir buscar socorro, deixou os camaradas cheios de peste, e assim subiram até o Salto Augusto, em cujo lugar perdeu parte das cargas de uma canoa que foi a pique, e como não tinham forças para continuarem com a viagem, deixaram-se estar no dito Salto até do Diamantino lhe levarem mantimentos e camaradas para subir, em cuja demora morreram 8 camara-

das que se acham enterrados defronte à queda do Salto.

13° O Capitão Bento Pires, com a sua 2ª viagem ou conduta, saiu de Santarém com 5 botes grandes e 10 canoas e, no decurso de 6 dias de viagem, apanhou um grande temporal o qual meteu a pique uma canoa do agregado Manoel de Souza. Chegando ao Apuí, deixou o dito Bento Pires um pequeno barco que trazia, empilhando em um rancho, que fez na Ilha do Apuí, todas as cargas do dito barco. Continuando com a viagem, no decurso de quatro meses e meio chegaram com as canoas e botes ao Salto de São Simão, e para os poder passar com muito trabalho foi preciso fazerem um jirau de madeira encostado à queda do dito Salto em uma Ilha que fica para a margem direita. Como Pires adoeceu com sezões, deixou tudo entregue ao caixeiro Manoel Gonçalves Vieira, adiantando-se em uma montaria, e assim ficando a dita conduta, continuaram a viagem com muito trabalho até a cachoeira do Canal do Inferno, onde se deixaram estar até que o patrão lhe mandasse o socorro.

Como neste tempo os ditos camaradas andavam dispersos pelo mato procurando o que comer, engendraram uma fuga em que desapareceram 18 de uma só vez, além de outros que morriam todas as semanas. Enfim, chegando o 1° socorro, continuaram até o Salto Augusto, deixando todos os quatro botes por saberem que não podiam continuar a viagem por dois motivos:

1° porque as cachoeiras não têm canal para semelhantes embarcações;

2° pela falta de forças.

Deixou, então, as próprias cargas em um rancho muito para cima da margem do Rio mas, com a enchente, perdeu uma grande porção de sal, além de algumas frasqueiras ([188]) que enchente levou. Do dito Salto para diante, não puderam continuar pelas grandes moléstias que os atacou de forma que só do dito Bento Pires morreram em toda a viagem 30 camaradas, e para conclusão até o mesmo caixeiro faleceu no Rio Arinos, e o guia da conduta Salomão Corrêa faleceu depois que chegou no Diamantino.

14° Domingos José Pereira, que descendo de agregado com 6 camaradas em companhia de José dos Santos Rocha fez o seu negócio para 4 canoas sem ter camaradas, e assim foi justando algum Paranista e desertores que lhe apareciam pelo sertão. Com esta gente subiu até a cachoeira do Mangabal onde perdeu duas canoas nas quais só pôde aproveitar cargas de uma e, continuando a viagem até a cachoeira da Misericórdia, perdeu outra com tudo quanto nela trazia. Por este motivo, se viu obrigado a despedir o resto das cargas em uma canoa pelo caixeiro Joaquim José, e Domingos voltou com o projeto de trazer o resto das cargas que havia deixado em Santarém, conduzindo os camaradas que foram da conduta de Bento Pires.

15° O Tenente Antônio Peixoto de Azevedo na sua segunda viagem, nada perdeu, tanto para baixo como para cima, porém foi a sua camaradagem atacada de sezões e câimbras de sangue ([189]), de maneira que só para baixo perdeu 4 camaradas dos que tinham ido em socorro de Bento Pires, José dos Santos e Antonio Pires,

[188] Frasqueiras: caixas com compartimentos para guardar garrafas ou frascos.
[189] Câimbras de sangue: hemorragias.

porém na volta só faleceu um camarada na cachoeira do Apuí.

16° Domingos José Pereira, na sua 2ª viagem, ou regresso para esta cidade, saiu do Pará com 7 canoas, contando com algumas do falecido Capitão José Luiz Monteiro, cujas canoas lhe foram entregues pelo testamenteiro do dito falecido. Na cachoeira do Coatá, perdeu uma em que teve de prejuízo um pequeno número de cargas e, no baixio da montanha, teve outra embarcação na qual também perdeu uma não pequena quantia de cargas. Depois logo acima, no baixio do Mangabal, perdeu outra sem que dela pudesse aproveitar coisa alguma, e perdeu outra canoa no baixio das Capoeiras pertencente a José Luiz Monteiro, e na mesma alagação aproveitou grande número de cargas perdendo só 20 ou 30 cargas. Perdeu outra acima de São Simão, em cuja alagação perdeu mais de 28 cargas além do que foi perdido por se ter molhado. Finalmente, chegando a São Florêncio, fugiram 7 camaradas, e por esse motivo se viu obrigado a deixar a maior parte das cargas em um rancho, algumas delas pertenciam ao falecido Monteiro. Depois que chegou ao Salto, para a parte de cima, em um pequeno recife de pedra, se precipitou a canoa pelo Salto abaixo com toda a carga, e 7 camaradas, dos quais se salvaram 3, ficando um destes na Ilha que está no meio do Salto, cujo camarada deu muito trabalho para se tirar da dita Ilha, e assim continuou a viagem até o porto do Rio Preto.

17° Agostinho José da Silva saiu com 5 canoas pertencendo uma ao agregado Tenente Manoel dos Santos e outra a Francisco Xavier, e chegando a conduta na cachoeira do Apuí da parte de cima, se perdeu a do Ten Santos com

toda a carga. Continuaram a viagem até chegar ao Salto Augusto, onde deixaram parte das cargas por falta de mantimentos, tendo perdido até este ponto 6 camaradas.

Finalmente, adiantando-se Agostinho em uma montaria para levar socorro, deixou tudo entregue ao Santos que, chegando até os índios, se levantaram os camaradas a não quererem continuar com a viagem pela fome que traziam, e nestes termos deliberou o dito Tenente a subir em uma montaria com 4 camaradas dos quais dois se deixaram ficar na Foz do Sumidouro pela fome que os perseguia, de cujos camaradas não há notícia. Eis aqui o que tem acontecido na presente navegação há 5 anos sem que um só dos que a têm tentado deixe de ter mais ou menos prejuízo e nem um lucro pelas seguintes razões:

1° não é possível transitar botes de mais de 1.000 arrobas ([190]), e por esse motivo só canoas de 80 a 100 cargas;

2° não existe uma povoação que possa garantir algum socorro de mantimentos como há na navegação de São Paulo que tem a povoação do Camapuã;

3° a necessidade de conduzir camaradas de Cuiabá por alto preço e sustentá-los com mantimentos caríssimos antes de principiar a viagem, e ao mesmo tempo em toda ela;

4° ser a dita navegação muito pestífera e não se poder trabalhar com toda a camaradagem ao mesmo tempo. [...] (OLIVEIRA)

---

[190] 1.000 arrobas = 14.690 quilos (1 arroba = 14,69 k).

Abertura da Comunicação Comercial

Vamos reproduzir a primeira navegação comercial, de que se tem notícia, desde o Distrito de Cuiabá até a Cidade do Pará, realizada pelos Capitães Miguel João de Castro e Antônio Thomé de França nos idos de 1812/1813. Para facilitar a leitura adicionamos sinônimos, notas explicativas, referências cronológicas e pequenas alterações no texto, para adequar sua interpretação aos tempos hodiernos.

Revista Trimestral de Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil

Fundado no Rio de Janeiro
Debaixo da Imediata
Proteção de S.M.I.

O Senhor D. Pedro II

Tomo XXXI – 1ª Parte – 1868

Abertura de Comunicação Comercial Entre o Distrito de Cuiabá e a Cidade do Pará Por Meio da Navegação dos Rios Arinos e Tapajós Empreendida em Setembro de 1812 e Realizada em 1813.

Pelo regresso das pessoas que nessa diligência mandou o Governador
e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso.

DIÁRIO

Da Viagem que por Ordem do Ilm° e Exm° Sr. João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg, Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso, Nomeado para a do Pará, Fizeram os Capitães Miguel João de Castro e Antonio Thomé de França, pelo Rio Arinos no ano de 1812.

14.09.1812 (segunda-feira). Embarcamos no Rio Preto, 5 léguas ([191]) distante do Arraial do Paraguai Diamantino ([192]), com as canoas a meia carga, e pelos muitos baixios e tranqueiras do Rio não se pôde chegar ao Arinos senão no dia **18.09.1812 (sexta-feira)**, às 15h00. [05 dias de viagem] (CASTRO)

---

[191] 05 léguas = 33 km.

[192] I – Arraial do Paraguai Diamantino: em 18.09.1728, Gabriel Antunes Maciel, sorocabano, ligado às legendárias penetrações bandeirantes de Cuiabá, mandava à Câmara Regente desta Vila, pelo Capitão-Mor Gaspar de Godói, notícias da descoberta do Paraguai, mais tarde, Paraguai-Diamantino e finalmente, Diamantino, nome conservado até hoje, onde havia ocorrência de ouro fácil. À margem do Ribeirão do Ouro, fundou-se o primeiro Arraial, que cobrou vida com os resultados da abundante mineração. Esgotadas as lavras, já em 1746, eram descobertas outras, à margem do Córrego Grande, pelo abrigador (defensor, protetor) do caminho de Goiás, Antônio Pinho de Azevedo, que ali fundou o Arraial de Nossa Senhora do Parto, erigindo uma pequena Capela sob essa invocação. A ocorrência de diamantes nas lavras descobertas motivou a dispersão dos faiscadores, por ordem do Ouvidor da Vila de Cuiabá, visto que a sua extração era privativa da Coroa Portuguesa. Dispersos os mineiros, dedicaram-se muitos deles, às margens do Ribeirão aurífero, à agropecuária, infelizmente mal sucedidos, devido à grande seca que assolou a região nos anos de 1749 (**?**), dizimando lavouras, gado e população. Segundo José Barbosa de Sá, neste último ano (**?**) ocorreu ali um tremor de terra, único registrado na história Mato-grossense. (IBGE – Diamantino)

As afirmações do IBGE ([193]) entram em choque com a de outros historiadores mais idôneos que relatam que a seca assolou a região durante seis anos, de 1744 a 1749 ([194]), e que o tremor ocorreu em 24.09.1746 ([195]) e não no último ano da seca – 1749.

> **19.09.1812 (sábado)**. Voltaram as canoas para buscar gente e cargas que tinham ficado no porto do Rio Preto, e no dia **21.09.1812 (segunda-feira)**, pelas 18h00, se reuniu toda a tropa, onde se acha-

---

[193] II – Arraial do Paraguai Diamantino: em 1751, o Governador Capitão-General Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, organizou o Destacamento dos Diamantes do Paraguai, com a finalidade de evitar a extração diamantífera. Deslocando-se para aquela zona com suas famílias e pertences, inclusive, escravaria, deram os seus componentes continuidade ao povoamento do lendário Vale. Apesar da vigilância mantida, tornava-se impossível impedir por completo a atividade dos mineiros, aos quais se juntavam negros fugitivos, vagabundos, aventureiros e criminosos, naquela vasta região. Em 1798, o Governador Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro propunha à Coroa o franqueamento das minas de Alto Paraguai e seus Afluentes – Sant'Ana e São Francisco. Em 1805, era efetivada a distribuição das lavras de ouro ao povo pelo próprio Ouvidor e Corregedor da Comarca, Sebastião Pita de Castro, primo do Governador Menezes, continuando, porém, a proibição relativa aos diamantes. Acompanhando os primeiros moradores que chegaram à zona de Diamantino, em 1805, vinha o Padre Francisco Lopes de Sá, na qualidade de Capelão curado do nascente Arraial, sendo substituído pelo Padre Manoel Joaquim Álvares de Araújo, que a 06.06.1807, celebrou o primeiro batizado da história diamantinense, na pessoa de Maria, filha do Capitão José Delgado Pontes e Dona Maria Muniz de Almeida. (IBGE – Diamantino)

[194] Rapidamente iam agora Cuiabá e Mato Grosso crescendo em população e prosperidade, apesar de uma seca, que se diz ter durado de 1744 até 1749 com intensidade tal, que pegavam fogo as matas, vendo-se para todos os lados coberta de nuvens de fumo a atmosfera. Grande foi a mortalidade, e para cúmulo de terror, ouviu o povo, ao meio-dia com um Sol brilhante, som como de trovão debaixo dos pés, seguindo-se imediatamente alguns abalos de tremor de terra. (SOUTHEY, Vol. V)

[195] O terremoto que, em 1746, arrasou a cidade de Lima do Peru, se manifestou também em todos os lugares de Mato Grosso e Cuiabá, em 24 de setembro (1746). E como já neste tempo havia uma grande seca que durou até 1749, seguiu-se a fome e todas as calamidades que ela costuma trazer consigo. (SAINT-ADOLPHE)

vam os ditos Capitães. Constava a Expedição de 1 canoa grande e 7 batelões, em que se embarcaram 72 pessoas, sendo 8 brancas entre patrões e passageiros, 57 camaradas de serviço e 7 escravos. No dia **22.09.1812 (terça-feira)**, repararam-se as canoas que estavam danificadas e partimos às 16h00, e às 17h30 fizemos pouso.

23.09.1812 (quarta-feira). Saímos pelas 06h00, às 06h30, passamos por um Ribeirão do lado esquerdo, às 11h00, outro do lado direito na cabeceira de uma correnteza, às 11h30, outro do lado esquerdo, e às 16h00, outro à direita. Às 17h30, fizemos pouso. Passamos neste dia muitas correntezas e baixios, mas sempre com bons Canais. O Rio não corre a rumo certo, pois em poucas horas se volta para todos os lados, tendo sempre maior propensão para o Poente e Norte. [06 dias de viagem]

24.09.1812 (quinta-feira). Partimos às 05h45, às 06h40, passamos um Ribeirão à esquerda, às 08h30, outro maior do mesmo lado ([196]), às 09h00, passamos à direita um alto e comprido paredão de cor vermelha e amarela, às 10h15, deixamos um Ribeirão à esquerda, e às 16h00, outro do lado direito. Às 17h20, fizemos pouso. Passamos nesse dia mais baixios e correntezas do que no antecedente. [07 dias de viagem]

25.09.1812 (sexta-feira). Fizemos viagem pelas 05h15. Às 06h20, passamos uma grande correnteza, e logo abaixo dela uma Ilha e pouco abaixo outra. Às 07h45, passamos a Barra de um Riacho com 10 ou 12 braças ([197]) de Boca e bastante fundo, que flui na margem direita, e o denominamos Rio de São José, frontal a uma pequena Ilha. Às 09h45, passamos um

---

[196] Mesmo lado: esquerdo.
[197] 10 ou 12 braças = 22 ou 26,4 m.

Ribeirão do lado esquerdo, e às 12h00, um Córrego do mesmo lado [esquerdo] pouco acima do porto do Arraial Velho, antigamente chamado Minas de Santa Isabel ([198]). Às 14h00, passamos um Ribeiro à direita, e às 17h45, fizemos pouso. Passamos nesse dia muitas Ilhas e correntezas. Temos visto muitos vestígios dos índios habitantes nas circunvizinhanças do Rio, e por toda a tarde lançaram muitos fogos de um e outro lado, e alguns quase nas margens. [08 dias de viagem]

26.09.1812 (sábado). Saímos pelas 05h45. Logo abaixo passamos uma grande correnteza no Braço direito de uma Ilha. Às 06h15, chegamos à Barra do Rio Sumidouro, que flui do lado esquerdo e, depois de unido com o Arinos, ficam ambos da mesma largura do Rio Cuiabá. O Arinos até aqui não se dirige a rumo certo, da confluência do Sumidouro para baixo tem mais aturada ([199]) direção para o Norte. Às 07h15, passamos um Ribeiro à direita. Às 08h00, uma grande correnteza, e 15min depois duas pequenas cachoeiras com bons Canais, a 1ª pelo lado esquerdo e a 2ª pelo lado direito. Às 08h20, passamos um Ribeirão à esquerda, e 30min depois outro à direita. Continuou a navegação desse dia com muitas correntezas. Continuam os vestígios dos índios, achando-se vários portos, ranchos e outros sinais. Fizemos pouso às 17h30. [09 dias de viagem]

---

[198] Minas de Santa Isabel: Na margem Oriental do Arinos, e não longe da fronteira, lugar da Foz do Rio Negro, existem as Minas de Santa Isabel, das quais se fez partilha no ano de 1749, a que concorreu bastante povo, mas a valente e temível Nação Apiacá, que habita aqueles terrenos, e a carestia dos mantimentos e gêneros precisos para a dispendiosa extração do ouro, as poucas forças de Cuiabá no 20° ano de sua criação em Vila, e finalmente a descoberta dos diamantes e ouro do Paraguai, tudo foi caso urgente para se abandonarem as Minas de Santa Isabel, perdendo-se ainda a positiva certeza do lugar da sua antiga existência. (SERRA, 1869)

[199] Aturada: contínua.

27.09.1812 (domingo). Partimos pelas 05h15, e depois de passar alguns campestres, paredões e Ilhas deixamos, às 07h45, um Ribeiro, que flui do lado esquerdo, de 6 ou 7 braças ([200]) de largura, e o chamamos – "*Rio dos Parecis*". Às 09h00, passamos outro maior do lado direito, que na confluência há de ter 12 braças ([201]) de largura e competente fundo, e o denominamos Rio de – "*São Cosme e Damião*" ([202]). Às 09h45, passamos um Ribeirão à direita, às 12h00, outro do mesmo lado, e às 16h20, outro; às 17h00, passamos um sangradouro do lado esquerdo defronte de uma Ilha. Fizemos pouso às 17h40. Tem o Rio alargado bastante e com pouca correnteza. [10 dias de viagem]

28.09.1812 (segunda-feira). Seguimos viagem às 05h30. Logo abaixo passamos um pequeno Córrego à direita, e às 06h30, um Ribeirão do mesmo lado [direito]. Às 07h15, passamos outro, às 08h00, outro, ambos do lado esquerdo. Às 16h00, passamos pela Boca de um Riacho com 12 ou 14 braças ([203]) de largura, que deságua à direita, e o chamamos Rio de – "*São Venceslau*" ([204]). Às 15h15, passamos um Ribeiro do mesmo lado, no qual estava uma cerca de paus e taquaras, que os índios tinham feito para

---

[200] 6 ou 7 braças = 13,2 ou 15,4 m.

[201] 12 braças - 26,4 m.

[202] São Cosme e Damião: embora a festa desses Santos seja hoje celebrada no dia 26 de setembro, o dia originalmente a eles consagrado foi 27. A Igreja Católica Apostólica Romana até o Calendário Romano de 1962, que vigorou até 1969, celebrava a festa no dia 27. Em 1969, com a reforma litúrgica, passou-se a comemorá-los no dia 26, para não colidir com o dia dedicado a São Vicente de Paulo. Cosme e Damião eram irmãos, provavelmente gêmeos, que viveram na Ásia Menor, por volta do ano 300 DC, praticavam a medicina, e foram perseguidos, martirizados e mortos pelo Imperador Diocleciano, na região da Síria.

[203] 12 ou 14 braças = 26,4 ou 30,8 m.

[204] São Venceslau: nasceu em Vaclav, Praga, em 907, foi Duque da Boêmia de 921 até o seu assassinato em Stará Boleslav, no dia 28 de setembro de 935, dia consagrado à sua comemoração.

pescar e, logo abaixo dele, fizemos pouso. [11 dias de viagem]

29.09.1812 (terça-feira). Saímos às 05h15. Às 06h20, deixamos um Ribeiro à esquerda, às 09h00, outro do mesmo lado. Às 09h15, outro à direita, às 10h30, passamos do mesmo lado um Riacho de 10 ou 12 braças ([205]) de largura, e o chamamos Rio de – "*São Miguel*" ([206]). Às 11h00, passamos à esquerda um Ribeirão e, às 12h00, outro, logo abaixo outro e, às 14h00, outro. Às 14h45, passamos à direita um maior, pouco abaixo deixamos à esquerda três pequenos Ribeiros pouco distantes entre si, às 16h20, passamos um pequeno Riacho à direita, e na Boca estava uma grande rancharia de índios, que ali tinham estado há pouco tempo. Às 17h20, fizemos pouso, pouco abaixo de dois pequenos Ribeiros, que estavam quase fronteiros de um e outro lado do Rio. [12 dias de viagem]

30.09.1812 (quarta-feira). Partimos às 05h15. Passamos um Córrego à esquerda e alguns à direita pouco notáveis. Às 11h15, passamos um Ribeirão à esquerda. Às 11h45, outro à direita. Passamos de um e outro lado alguns pequenos Córregos. Às 17h00, fizemos pouso. [13 dias de viagem]

01.10.1812 (quinta-feira). Seguimos viagem às 05h00. Às 08h30, passamos um Ribeirão à direita pouco acima de uma grande Ilha. Às 09h25, um Ribeirão à esquerda, às 10h30, entramos por correntezas, baixios e alguns rebojos ([207]), mas sempre achamos bons Canais do lado direito, e assim continuou o Rio por entre rochedos, que não embaraçam

---

[205] 10 ou 12 braças = 22 ou 26,4 m.

[206] São Miguel: a festa do Arcanjo Miguel ocorre no dia 29 de setembro, quando também se comemoram os anjos Gabriel e Rafael, evento conhecido como a "*Festa de São Miguel e todos os anjos*".

[207] Rebojos: redemoinhos.

a viagem. Logo depois seguiu-se uma cachoeira com bom Canal à direita, e até a saída faz três boqueirões fundos ([208]), mas com alguma tortura ([209]). Continuaram depois correntezas, e redutos ([210]) de pedras que formam alguns Canais pouco consideráveis, e assim se prosseguiu a navegação pelo decurso da tarde por entre muitos penhascos e multiplicadas ([211]) Ilhas. Às 17h10, chegamos a uma cachoeira, na cabeceira da qual fizemos pouso. [14 dias de viagem]

02.10.1812 (sexta-feira). Partimos pelas 06h00. Examinando-se os Canais da dita cachoeira, que chamamos – "*Das muitas Ilhas*", achamos ser preciso descarregar-se a canoa grande de meia carga para passar por um Canal do lado esquerdo e os batelões vieram carregados por um pequeno Canal do lado direito. Às 08h00, seguimos viagem, e logo abaixo passamos outra pequena cachoeira com Canal largo, porém baixo, e prosseguimos a navegação por entre Ilhas com algumas correntezas. Seguiu-se um curto espaço de Rio morto, e depois formam-se alguns boqueirões fundos do lado direito, e no fim deles uma cachoeira, pela testa ([212]) da qual passamos para o lado esquerdo, onde tem um caminho franco ([213]) por entre Ilhas, e tornamos a buscar o lado direito para a saída, que é por entre redutos de pedras com alguns rebojos. A estes boqueirões e pequenas cachoeiras, chamamos – "*Escaramuça Grande*", abaixo seguiu-se um comprido Estirão ([214]) de Rio morto e depois umas

[208] Boqueirões fundos: grotas.
[209] Tortura: sinuosidade.
[210] Redutos: espaço de terreno que fica acima do nível das águas e que escapa à inundação ou enchente dos grandes Rios.
[211] Multiplicadas: muitas.
[212] Testa: frente.
[213] Caminho franco: livre de qualquer estorvo.
[214] Estirão: trecho largo e reto de um Rio.

pequenas cachoeiras por entre Ilhas, que deixamos à direita, e a chamamos – "*Escaramuça Pequena*". Seguiram-se, depois de algum espaço de Rio morto algumas pequenas cachoeiras, e compridos boqueirões com alguns rebojos, e sempre com bons Canais. Logo abaixo passamos à direita um pequeno Ribeiro, em que estava uma cerca, já velha, que os índios fizeram para as suas pescarias, e pouco depois seguiu-se um espaço de Rio morto, e no fim uma pequena cachoeira com bom Canal pelo meio, e dela se vê uma grande Ilha, a que chamamos de – "*São Sebastião*" ([215]). Procurando-se porto nela para se fazer pouso, percebeu-se na terra firme do lado direito uma canoa de casca, de que usam os índios, e fogo em terra. Foi-se reconhecer uma e outra coisa, e se achou um rancho novo com 7 redes armadas, muitas panelas, cuias, cabaças, peneiras, vários sacos tecidos e cheios de farinha de mandioca, e algumas raízes da mesma, muitas peneiras cheias de castanhas, e outras bugigangas ([216]). Observamos que as redes, umas de tralhas ([217]), eram de fio de algodão e outras de pano, tecidas ao nosso modo com lavores ([218]) curiosos. Deste porto seguia-se um largo caminho para o interior, e indicava que os

[215] São Sebastião: aqui a denominação não segue o calendário litúrgico de Santos consagrado, no dia 2 de outubro, aos "*Anjos da Guarda*". São Sebastião foi, contudo, Comandante da Guarda Pretoriana, que professava a fé cristã e quando foi chamado à presença do Imperador Diocleciano ratificou, corajosamente, sua fé sendo condenado à morte, amarrado a um tronco e varado por flechas. A viúva Irene retirou as flechas do peito de Sebastião e o tratou. Depois de recuperado, apresentou-se, novamente, ao Imperador e o censurou pelas injustiças cometidas contra os cristãos. Diocleciano, irritado, ordenou que os guardas o açoitassem até a morte no dia 20 de janeiro (de 288 DC), dia que a Igreja católica institui para comemorar a sua Memória. O lema dos pretorianos era: "*A Guarda Pretoriana cuidará de César, enquanto César cuidar dos interesses de Roma. Quando César não mais cuidar de Roma, haverá outro César*".

[216] Bugigangas: quinquilharias.

[217] Tralhas: redes pequenas que podem ser manejadas por um só homem.

[218] Lavores: adornos.

índios moravam para dentro, e vinham ao Rio só para montariar ([219]). Mandamos duas canoas armadas reconhecer a Ilha em que estávamos de pouso e, ao chegarem ao fim dela, viram muitos índios na terra firme do lado esquerdo, os quais, tanto que viram as canoas e gente que haviam ido reconhecer a Ilha, levantaram uma grande e confusa gritaria, que continuou toda a noite com muitos toques de tambores, roncos, e outros instrumentos bárbaros. [15 dias de viagem]

03.10.1812 (sábado). Partimos da Ilha de São Sebastião, em que estávamos de pouso, pelas 06h00. Na saída, avistamos uma canoa em que vinham oito índios, os quais, assim que perceberam a nossa tropa, voltaram com toda a velocidade, e foram parar na terra firme do lado esquerdo, onde por toda a margem do Rio, quanto a vista alcançava, estavam inumeráveis índios. Alguns passos adiante da chusma se divisavam alguns de espaço em espaço que mostravam superioridade, os quais tinham na cabeça um alto penacho branco, que circundava de uma a outra face, e no pescoço traziam um grande colar branco e lustroso que, depois de averiguado, se verificou ser de conchas. Como nossas canoas se avizinharam, eles começaram a gritar muito com diversas ações, ora meneando ([220]) e mostrando-nos os arcos e flechas, ora chamando-nos imperiosamente pelos acenos que faziam, para que embicássemos onde estavam. Falamos-lhes na língua geral com palavras em tom de paz e amizade. Responderam, mas as suas respostas não eram perceptíveis, porém, depois que se lhes falou, moderaram os que mostravam serem chefes, o tom iroso em que tinham principiado, e começou então a

---

[219] Montariar: navegar em montarias – pequenas embarcações feitas de um tronco escavado.
[220] Meneando: brandindo.

chusma toda a falar com uma confusa gritaria. Quando viram que as canoas desciam, e eles ficavam, puseram-se a correr pela margem acompanhando as canoas pelo Rio e, onde era lajeado ou praia, saiam todos a peito descoberto com saltos, danças e outros com muitos gestos, sem nunca arrojarem ([221]) flecha alguma, apesar de obrigar o Canal do Rio que as canoas se avizinhassem à margem de onde eles estavam. Antes havíamos observado que eles tinham os arcos desarmados. Desse modo, vieram-nos seguindo mais de 2 horas, em que passamos muitos portos deles, onde fitavam ([222]) uns, e acompanhavam outros de novo, e assim vieram até que, em uma grande laje e não se retiraram enquanto não perderam as canoas de vista. Neste espaço, passamos por muitas Ilhas, redutos, correntezas e pequenas cachoeiras com bons Canais, e também alguns Córregos e Ribeiros pouco notáveis. Às 15h00, avistamos uma Serra que corria de Norte a Sul, e a denominamos Serra dos Apiacás. Por todo o dia, temos passado muitos portos deles ([223]) de um e outro lado do Rio, e também capoeiras, ranchos e outros sinais, que demonstram serem habitantes daquele território. Às 16h00, fizemos pouso em uma Ilha. [16 dias de viagem]

04.10.1812 (domingo). Fizemos viagem às 07h30, por causa de uma grande cerração. Pouco abaixo passamos por dois pequenos Ribeiros à direita e foi continuando o Rio por entre grandes penedos, e com algumas correntezas nos Braços das inumeráveis Ilhas que ali havia. Pouco abaixo delas, deixamos dois pequenos montes à esquerda, e depois seguiram-se alguns estirões de Rio morto, e deles

[221] Arrojarem: arremessarem.
[222] Fitavam: olhavam fixamente.
[223] Deles: índios Apiacás.

avistamos mais vizinha a Serra dos Apiacás, que tínhamos divisado ao longe no dia antecedente. Às 14h00, chegamos à Barra de um Rio de mais ou menos 40 braças ([224]) de Boca, que flui na margem direita por cima da dita Serra e, no Estirão da sua confluência, tem uma Ilha que se divisa bem da Foz, a qual está por cima de um alto cordão de pedras ([225]). Ao dito Rio pusemos o nome Rio de – "*São Francisco de Assis*" ([226]). Às 15h30, chegamos a uma grande Ilha que gastamos 75 minutos para passá-la, abaixo dela está a Serra mais próxima ao Rio. Às 17h30, fizemos pouso em uma Ilha. Passamos nesse dia vários portos de índios, e também o sítio em que diz Manoel Gomes no seu Roteiro que eles habitavam e onde o atacaram, hoje o lugar está deserto, e o terreno já com mato assaz ([227]) crescido, que mal se percebe ter sido alojamento. Inferi ([228]) que os índios que ali moravam eram os mesmos que encontramos no dia antecedente, e se mudaram para montante. Passamos nesse dia muito boas matarias ([229]), principalmente nas circunvizinhanças das Serras, qualidades que se não observaram nas que temos deixado, e especialmente da Barra do Sumidouro para cima, onde todos os matos das margens do Rio denotam serem alagadiços, e pela maior parte só vimos cerrados e campos bravios. [17 dias de viagem]

05.10.1812 (segunda-feira). Partimos pelas 06h00, e às 07h00, chegamos a uma cachoeira

---

[224] 40 braças = 88 m.

[225] Cordão de pedras: pedras que se estendem na mesma direção.

[226] São Francisco de Assis: o dia 04 de outubro é consagrado a Giovanni di Pietro di Bernardone – Francisco de Assis – Frade católico italiano que abandonou, na juventude, os prazeres mundanos, abraçando uma vida monástica de completa pobreza, fundando a ordem dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos.

[227] Assaz: muito.

[228] Inferi: deduzi.

[229] Matarias: floresta.

dividida em três cordões interpolados. No do meio, foi preciso descarregar-se de meia carga as canoas para passarem o Canal, por causa das ondas e rebojos, e as denominamos – "*As Três Irmãs*". Abaixo logo da segunda, flui, do lado direito, um Ribeiro de bastante largura. Nesse lugar, a Serra do lado esquerdo está chegada ([230]) ao Rio, e este é retalhado ([231]) por várias Ilhas e, no fim delas, está uma pequena cachoeira com Canal grande e fundo. Às 09h00, passamos um Riacho à esquerda, e o denominamos Rio Sararé. Às 11h00, chegamos a uma cachoeira caudalosa, mas com bom Canal à esquerda, e a denominamos – "*Recife Pequeno*". Por estes lugares vem o Rio entre duas Serras. Às 12h00, chegamos a uma cachoeira maior que as antecedentes e a denominamos – "*Recife Grande*". Para passá-la, foi preciso descarregar-se as canoas, sendo o descarregador o Canal do lado esquerdo. Às 15h00, seguimos viagem, passamos um Córrego à direita, onde estavam atadas 2 canoas de índios, e ao pé delas 2 pequenos ranchos com vários trastes de seu uso. Por se ter conhecido que eles haviam mudado do sistema hostil que praticaram na Expedição que desceu em 1805, deixamos naquele porto 1 machado, 2 facões, maços de miçangas, facas e espelhos. Às 17h30, fizemos pouso numa Ilha defronte à qual do lado esquerdo flui um pequeno Rio de 8 ou 10 braças ([232]) de largura. [18 dias de viagem]

06.10.1812 (terça-feira). Partimos às 06h15. Logo abaixo da Ilha em que pousamos, seguiu-se outra maior, que deixamos à esquerda. Às 07h00, passamos à direita 3 Ribeirões interpolados ([233]). Às 08h00, chegamos ao fim da Ilha em que entramos logo que saímos do pouso, e a denominamos Ilha da

---

[230] Chegada: próxima.
[231] Retalhado: cortado.
[232] 8 ou 10 braças = 17,6 ou 22 m.
[233] Interpolados: não contínuos.

– “*Madeira*”. Do fim dela, se divisa à esquerda a Barra do Rio Juruena, que é mais largo e a água mais clara que o Arinos. Para dentro da Barra tem 2 Ilhas, que fazem o Rio sair por 3 Bocas e, em curta distância da Foz, se divisa uma Serra, que parece atravessá-lo. Ele demonstra vir paralelo ao Arinos, e trazer ([234]) a mesma direção, e a que mais aturadamente ([235]) seguem depois de unidos, que é de Sul a Norte. Mandamos reconhecer a ponta de terra que divide ambos os Rios, e nela se achou o pau lavrado, que Manuel Gomes diz no seu Roteiro ter ali posto para servir de padrão ([236]). Quase defronte da Barra, encontramos 4 canoas de índios, em que vinham 27, os quais embicaram em umas pedras, logo que perceberam a nossa tropa, e entraram a falar do mesmo modo que os primeiros que encontramos. Das nossas canoas se lhes respondia com afabilidade, e eles não pegaram nas suas armas. Embicamos em uma Ilha fronteira e dela nos embarcamos com 14 pessoas e fomos onde eles estavam. Receberam-nos com alegria misturada com temor, que logo perderam, vendo o agasalho ([237]) que se lhes fazia, dando-lhes machados, facões, facas, espelhos, miçangas, anzóis, fumo e algumas roupas, que tudo aceitaram muito gostosos ([238]), e corresponderam com pedaços de porcos monteses ([239]), farinha de mandioca e alguns

---

[234] Trazer: manter.

[235] Mais aturadamente: normalmente.

[236] Padrão: marco.

[237] Agasalho: mimo, presente.

[238] Muito gostosos: com muita satisfação.

[239] Porcos monteses ou javalis (Sus scrofa): não fazem parte da fauna Americana e certamente, pela semelhança e referências anteriores, o autor deve estar referindo-se aos queixadas (Tayassu pecari) ou aos caititus (Tayassu tajacu). O historiador, gramático e cronista português, Pêro de Magalhães de Gândavo, no século XVI, foi autor da primeira história do Brasil: “*História da Província de Santa Cruz que vulgarmente chamamos Brasil (1576)*”, onde faz uma errônea citação: “*Há muitos veados e muita soma de porcos de diversas castas, convém a saber, há monteses como os desta terra, e outros menores que têm*

arcos e flechas. Convidamo-los que viessem à Ilha onde estava a nossa tropa e eles responderam que sim, porém significaram ([240]), mais por acenos do que por palavras, que iam primeiramente descarregar as suas canoas, e depois voltariam; e embarcando nelas subiram o Rio. Esperamos mais de duas horas, e por vermos que não apareciam, resolvemos a seguir viagem e, neste tempo, apareceu do lado esquerdo outra canoa, em que vinham subindo 8 índios, e embicaram e meteram-se no mato logo que perceberam a nossa tropa, sem quererem aparecer por mais que se chamou. Deixamos-lhes na canoa alguns mimos, e seguimos viagem. Estes índios nadam totalmente nus e cobertos rigorosamente da tinta chamada urucu, e inferimos ser o uso dela para se livrarem da enfadonha praga dos borrachudos, e outros insetos perseguidores, de que abundam as margens do Rio. Eles têm as orelhas furadas na parte inferior e trazem nos furos dentes de porcos monteses, e ao pescoço uma grande enfiada ([241]), que dá várias voltas, de dentes de cotias e outros animalejos, e alguns deles cingem o corpo com várias voltas da mesma enfiada. Os que se denominam chefes trazem também, como já referi, o penacho e o colar de conchas. Muitos deles têm os peitos, ventre e braços pintados curiosamente de tinta preta. Os rapazes trazem os músculos dos braços apertados rigorosamente com uma cinta ou liga de mais de quatro dedos de largura que, pela continuação, vem a adelgaçar os braços naquele lugar. Todos os que vimos eram de mediana estatura, porém muito bem proporcionados. Prosseguimos a viagem, às 11h00, por entre inumeráveis Ilhas, umas maiores e outras me-

---

o umbigo nas costas, de que se mata na terra grande quantidade" (GÂNDAVO). Certamente, em virtude de relatos como esse, durante muito tempo os cronistas portugueses continuaram a denominar nossos queixadas de – porcos monteses.

[240] Significaram: deram a entender.

[241] Uma grande enfiada: um grande colar.

nores, ficando o Rio com extraordinária largura, formando, nos diferentes Braços das Ilhas, umas correntezas e pequenas cachoeiras. Às 16h30, encontramos três canoas de casca, em que vinham subindo 22 índios, os quais, assim que perceberam a tropa, puseram-se em retirada com toda a força, e por mais que se chamou, não quiseram chegar nem esperar, e passaram para o lado esquerdo, de onde deram alguns gritos. Passamos, nessa tarde, dois pequenos Ribeiros do lado direito, que é a margem que íamos seguindo e, da esquerda, nada temos observado, pois que a muita largura do Rio e multiplicidade de Ilhas impossibilita poder-se ao mesmo tempo observar um e outro lado. Às 17h45, fizemos pouso em uma Ilha. [19 dias de viagem]

07.10.1812 (quarta-feira). Seguimos viagem pelas 06h00, costeando sempre a margem Oriental. Às 07h00, passamos um Ribeirão e, às 08h10, uma Baía. Às 09h00, avistamos ao Norte uma pequena Serra que logo passamos um Riacho de 10 ou 12 braças ([242]) de largura. Pouco abaixo outro menor, e logo depois outro maior que os antecedentes, e a todos denominamos – "*Os Três Irmãos*".

Às 12h00, chegamos à cabeceira de uma cachoeira e, examinando-se o Canal, se achou suficiente para canoa grande, descarregada, porém, de meia carga: as menores vieram à sirga ([243]) por um Canal

---

[242] 10 ou 12 braças = 22 ou 26,4 m.

[243] Sirga ou espia: ação de puxar por lances um barco ao longo da margem dos Rios por meio de um ou mais cabos. Vejamos como o naturalista Henry Walter Bates, em 1849, descreve o emprego da sirga quando subia o Rio Amazonas, na sua obra "*Um Naturalista no Rio Amazonas*": Quando começava a soprar o vento Leste, o chamado "*vento geral*" do Amazonas, os veleiros avançavam rapidamente Rio acima mas, quando não havia vento, eles eram obrigados a ficar ancorados perto da praia durante vários dias. Às vezes, havia, porém, a alternativa de subir laboriosamente a corrente, com a ajuda da espia. Essa forma de navegação processava-se da seguinte maneira: uma

encostado à margem. A esta cachoeira chamamos – "*Das Lajes Grandes*". Seguimos viagem às 15h15. Às 16h45, passamos dois pequenos sangradouros, e logo abaixo um Ribeiro Grande. Às 17h45, fizemos pouso em uma grande Ilha, e a denominamos com todas as que estão da Barra do Juruena para baixo – "*Ilhas do Arquipélago*". [20 dias de viagem]

08.10.1812 (quinta-feira). Seguimos viagem às 06h15 e, 15 minutos depois, passamos um Ribeirão grande, e depois começamos a passar por muitas pedras altas, redutos e pequenas cachoeiras, que não impediam a viagem. Às 09h00, chegamos a uma mais caudalosa, mas com bom Canal, que denominamos – "*Das Lajes Pequenas*". Às 10h30, passamos um Ribeirão; às 15h00, outro; às 15h45, outro e, às 16h30, outro. Todas estas vertentes fluem na margem Oriental, ou direita, que é a que viemos sempre seguindo. Às 17h30, fizemos pouso em uma Ilha. [21 dias de viagem]

09.10.1812 (sexta-feira). Partimos às 05h45. Às 06h00, passamos um Ribeirão, e pouco abaixo outro menor. Às 07h30, passamos um Riacho de 12 ou 14 braças ([244]) de largura, e o chamamos de – "*Santa Ana*". Seguiram-se depois mais outros Ribeiros menores, com pouca distância uns dos outros. Às 15h00, começamos a passar por algumas pequenas cachoeiras, correntezas e boqueirões. Às 17h15, fizemos pouso em terra firme. [22 dias de viagem]

---

montaria [pequena embarcação] era mandada à frente, com dois ou mais homens, os quais iam puxando um cabo de cerca de vinte ou trinta braças, uma das extremidades do cabo ficava amarrada no mastro do veleiro e a outra era passada à volta de um galho ou do tronco de uma árvore. Os homens puxavam então o veleiro até o ponto onde se achava a árvore, depois embarcavam de novo na canoa e levavam o cabo mais adiante, repetindo a operação. (BATES)

[244] 12 ou 14 braças = 26,4 ou 30,8 m.

10.10.1812 (sábado). Partimos às 06h15, por causa de uma grossa cerração. Continuamos a navegar da mesma forma como na tarde antecedente. Às 08h00, chegamos a duas cachoeiras com bons Canais. Às 09h00, chegamos a uma maior, em que foi preciso descarregarem-se as canoas de meia carga para passarem à sirga por um pequeno Canal encostado à margem direita. A esta cachoeira chamamos de – "*São Luís*". Às 11h00, seguimos viagem com mais amiudadas ([245]) correntezas, boqueirões e pequenas cachoeiras, e assim continuou a navegação por toda a tarde, vindo o Rio por entre pequenos montes, pelo que chamamos as referidas cachoeiras dos – "*Morrinhos*". Às 17h00, chegamos a uma assaz grande, com Canal largo e fundo, porém, muito furioso, com ondas e rebojos, e chamamos a esta cachoeira de – "*São Germano da Bocaina*". Nela pousamos com as cargas e maior parte das canoas para baixo [da cachoeira]. [23 dias de viagem]

11.10.1812 (domingo). Pelas 07h00, seguimos viagem por entre boqueirões e rebojos, e logo, às 07h15, chegamos à confluência de um Rio de 30 braças ([246]) mais ou menos de Boca, e o denominamos Rio de – "*São João*", o qual deságua na testa ([247]) de dois grandes boqueirões que formam uma cachoeira maior que todas as antecedentes. Para passá-la foi necessário descarregarem-se as canoas duas vezes, em duas distintas Ilhas ou montes, que estão no meio do Rio, sendo a entrada por um Canal à direita, e a saída por outro à esquerda. Ainda que depois se especulou ([248]) que na terra firme do lado Oriental tem bom descarregador, que compreende ambos os boqueirões desta cachoeira, a que denominamos de – "*São João da Barra*". Dela partimos pelas

---

[245] Amiudadas: frequentes.
[246] 30 braças = 66 m.
[247] Testa: frente.
[248] Especulou: observou com atenção.

13h00, às 14h00, passamos duas pequenas cachoeiras com bons Canais, e algumas correntezas intermediárias, e logo depois chegamos à cabeceira de outra assaz grande e caudalosa, com muitas ondas e rebojos. Foi necessário descarregarem-se inteiramente as canoas para passá-las, indo a maior por um Canal encostado à margem direita, e os batelões por outro menor da esquerda, pelo qual também se observou que seria mais favorável a subida desta cachoeira, a que chamamos de – "*São Carlos*". Dela partimos às 17h15, e logo abaixo avistamos um espesso nevoeiro que subia de um grande salto, cujos bramidos já de longe se faziam ouvir e temer. Às 17h30, embicamos na entrada do varadouro, que é na mesma margem Oriental. Tem este salto 90 ou 100 palmos ([249]) de altura, dividido em 2 degraus, e por ser este o passo mais notável que temos encontrado, e nos persuadimos ([250]) de que vamos nos deparar nesta navegação, com aceitação e aplauso Geral dos nossos companheiros, o denominamos Salto – "*Augusto*". Em reconhecimento e Memória do Ilm° e Exm° Sr. João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg, atual Governador e Capitão-General da Capitania do Mato Grosso, e nomeado para a do Pará, que tão poderosamente favoreceu esta Expedição, para se especular e pôr em prática esta, até agora quase desconhecida navegação. [24 dias de viagem]

12.10.1812 (segunda-feira). Preparou-se o caminho, e é o mesmo por onde passaram o Sargento-Mor João de Sousa e o Furriel Manoel Gomes, segundo diz este no seu "*Roteiro*" tem o varadouro 366 braças ([251]), e quase todo por bom terreno. Mas da parte de baixo, ao chegar ao Rio, tem um

---

[249] 90 ou 100 palmos = 19,8 ou 22 m.
[250] Persuadimos: convencemos.
[251] 366 braças = 805,2 m.

inevitável monte muito íngreme, que torna a varação perigosa para os que descerem, e muito trabalhosa para os que subirem. Só com grande força de ([252]) gente, e pouca pressa se conseguiria, com não pequeno trabalho, abrir um caminho menos áspero, ou rasgando o mesmo que existe até fazê-lo mais cômodo, ou abrindo outro em lugar mais praticável, porém, em qualquer dos casos, seria necessário, em algumas partes, arrebentar e arredar grandes penedos, e em outras fazer terrapleno. [25 dias de viagem]

13.10.1812 (terça-feira). Puseram-se todas as cargas para baixo e se vararam os batelões e a canoa grande ficou no cume da referida montanha. [26 dias de viagem]

14.10.1812 (quarta-feira). Concluiu-se a varação, às 18h00, com grandes desmanchos ([253]) nos concertos antigos, e algumas novas quebraduras, dano que tiveram, também, as outras canoas. [27 dias de viagem]

15.10.1812 (quinta-feira). Consertaram-se as canoas desmanchadas que ficaram prontas para seguir viagem. [28 dias de viagem]

16.10.1812 (sexta-feira). Partimos, pelas 08h30, com boa navegação, tendo sempre em vista a Serra que já nos dias antecedentes vem acompanhando o Rio, de ambos lados, e a denominamos Serra – "*Morena*". Às 12h00, chegamos a uma cachoeira com bastante queda, muitas ondas e rebojos, e foi necessário descarregarem-se as canoas do lado esquerdo, e a denominamos de – "*Tucarizal*". Às 15h00, seguimos viagem, e logo abaixo tornamos a parar para se

[252] Grande força de: muita.
[253] Desmanchos: danos.

consertarem dois batelões que faziam muita água, e quase se alagaram. Ali falhamos ([254]) o resto do dia. [29 dias de viagem]

17.10.1812 (sábado). Continuou-se o conserto das canoas até às 10h30, quando seguimos viagem. Às 12h00, chegamos a uma grande cachoeira que faz um furioso e temível Canal entre penedos com muitos rebojos e ondas, e a chamamos de – "*S. Edwiges das Furnas*" ([255]). Descarregaram-se as canoas na margem Oriental: a grande desceu por um Canal encostado ao mesmo lado, e os batelões por um menor do Ocidental, pelo qual se especulou que terá melhor subida. Às 15h30, seguimos viagem e, às 17h00, passamos 3 cachoeiras pouco distantes uma das outras. Às 17h45, fizemos pouso em uma Ilha. [30 dias de viagem]

18.10.1812 (domingo). Seguimos viagem às 06h15. Logo passamos duas cachoeiras com bons Canais encostados do lado direito. Às 06h35, passamos outra com Canal pelo meio. Às 07h00, chegamos a um lugar em que se acha o Rio cercado de redutos de pedras e pequenas Ilhas, e se divide em 4 Canais, os quais, depois de especulados ([256]) se achou que a canoa grande só podia descer por um boqueirão, seguindo do lado direito, e os batelões pelo esquerdo, pelo qual dizem os pilotos ser mais praticável a subida desta cachoeira, que chamamos das – "*Ondas Grandes*". Dela para baixo está a Serra encostada no lado Ocidental, e se divisam nela algumas pequenas campinas. Às 10h30, chegamos a uma grande cachoeira em que foi preciso descarregarem-se inteiramente as canoas, que vieram à sirga pelo dito lado esquerdo, e só se puderam neste

[254] Falha: dia ou parte dele em que não se realizou atividade.
[255] S. Edwiges: sua morte ocorreu no dia 15.10.1243, dia de S. Teresa, e, por isso, a comemoração foi transferida para 16 e não 17.
[256] Especulados: explorados.

dia passar 6 ([257]), ficando 2 ([281]) para cima da cachoeira, que denominamos de – "*São Lucas Evangelista*" ([258]). [31 dias de viagem]

19.10.1812 (segunda-feira). Passaram-se os dois batelões que haviam ficado para cima, e por um deles estar muito desmantelado, e não admitir mais conserto, foi preciso deixá-lo e fizemos adiantar sete pessoas para que, abaixo das cachoeiras grandes, que ainda tinham de passar, fizessem uma canoa que suprisse a falta da deixada. Às 10h15, seguimos viagem e logo abaixo vai o Rio por entre penhascos com alguns rebojos. Às 10h30, passamos a Barra de um Ribeirão grande, que deságua na margem Oriental. Às 11h00, chegamos, a uma cachoeira por entre muitos redutos e pequenas Ilhas, achou-se um Canal suficiente para a canoa maior, que desceu carregada, e saiu felizmente, apesar das grandes ondas e rebojos. As menores vieram por entre Ilhas por um Canal encostado ao lado direito. A esta cachoeira chamamos de – "*São Gabriel*".

Às 14h00, seguimos viagem tendo em vista a Serra Morena, que ali parece atravessar o Rio, e estando ainda no mesmo Estirão da passada cachoeira, chegamos à testa de outro ainda maior, dividido ali o Rio por mil Regatos, entre inumeráveis Ilhas com perigosos Saltos, quase todos os Braços que elas formavam. Depois de trabalhosas especulações, achou-se um pequeno Braço quase do lado Oriental para nele se sirgarem as canoas, as quais ficaram descarregadas no lado Ocidental onde pousamos. [32 dias de viagem]

---

[257] 6, ficando 2: 6 canoas, ficando 2 canoas.

[258] São Lucas, o Evangelista: considerado autor do Evangelho de São Lucas e dos Atos dos Apóstolos – o 3° e 5° livros do Novo Testamento. Padroeiro dos pintores, médicos e curandeiros. Festa litúrgica – 18 de outubro.

20.10.1812 (terça-feira). Às 10h00, estavam todas as canoas para baixo desta grande cachoeira que denominamos de – "*São Rafael*". Às 10h30, seguimos viagem, e não tendo bem passado um quarto de hora, chegamos a outra temível cachoeira com três boqueirões ou Saltos, com terríveis rebojos e grandes ondas. Quase encostado ao lado direito, se achou um pequeno Canal, pelo qual se passaram os batelões, e a canoa grande se aventurou por um Canal que pareceu mais moderado entre os furiosos, que ali havia, e saiu felizmente, bem que cheia d'água, não obstante estar de todo descarregada. A esta cachoeira chamamos de – "*Santa Iria das Três Quedas*" ([259]). Às 16h00, estavam as canoas e cargas para baixo dela, e fizemos pouso na cabeceira de outra ainda mais terrível, da qual pouco distava, a qual pelo muito declive e estreiteza do boqueirão por

---

[259] Santa Iria: Nesses longínquos tempos havia, na Lusitânia, uma florescente Cidade chamada Nabância, da qual tirou o nome o Rio Nabão que, reunido ao Zézere, vai desaguar no Tejo. Em Nabância, viviam Ermígio e sua esposa Eugênia, dois nobres Godos que tinham uma filha, Irene ou Iria, formosíssima e casta menina, cheia de virtudes peregrinas que mais lhe realçavam a beleza. Desde criança, fora destinada ao claustro e residia em convento próximo, onde era educada por duas tias, freiras também, Júlia e Casta. Certo fidalgo de maus instintos, chamado Tribaldo [ou Teobaldo], filho de Castinaldo e Cácia, viu a moça Irene por entre as grades do claustro e, perdidamente enamorado, pediu-a em casamento, sendo repelido, pois a menina se havia votado ao serviço de Deus. O rapaz, então, com o auxílio de serviçais, conseguiu narcotizar a moça e raptou-a; porém, enquanto fugia, desfeita a ação do narcótico, foi mais uma vez desenganado nas suas pretensões, pelo que, enfurecido, a degolou, atirando ao Rio o corpo da jovem Irene – 20 de outubro de 632. A corrente do Nabão levou o corpo ao Tejo, que o depôs à margem da Cidade de "*Escalabis*", onde, diz a lenda, os anjos lhe construíam um lindo túmulo de alabastro. A notícia do martírio da virgem Irene e do milagre do túmulo correu, célere, pela Lusitânia, e de toda parte veio gente para ver o local onde repousavam os restos mortais da jovem Mártir. Em 653, o Rei Godo Receswintho, que era católico, tomou aos Alanos a Cidade de "*Escalabis*" e lhe mudou o nome para "*Santa Irene*", que facilmente se corrompeu na atual "*Santarém*". Festa litúrgica – 20 de outubro (SANTOS, 1999)

onde passa todo o Rio, faz um turbilhão horrível, assaz comprido, que ameaça submergir qualquer canoa que quiser passar o Canal. [33 dias de viagem]

21.10.1812 (quarta-feira). Descarregaram-se as canoas no lado Oriental, e passaram-nas para o Ocidental para se especular, se por ali se poderia sirgar e, por se reconhecer depois ser a sirga impraticável, se assentou em abrir varadouro, que nesse mesmo dia esteve pronto. A esta grande cachoeira chamamos de – "*Santa Úrsula*" ([260]). [34 dias de viagem]

22.10.1812 (quinta-feira). Deu-se início à varação e, por causa das chuvas e aspereza do caminho, pouco se adiantou. O mesmo aconteceu nos dias **23**, **24** e **25**, em que mal se pôde concluir, ficando a canoa grande muito maltratada, e o batelão maior totalmente inútil. [35/36 dias de viagem]

26.10.1812 (segunda-feira). Partimos pelas 11h40. Logo abaixo passamos um pequeno Ribeirão que deságua na margem Ocidental. Às 13h00, chegamos a uma cachoeira em que foi preciso descarregarem-se as canoas de meia carga, e passaram felizmente. A esta cachoeira denominamos da – "*Misericórdia*". Nela diz Manoel Gomes, no seu Roteiro, haver naufragado uma de suas canoas. Às 15h00, seguimos viagem, e, 45 minutos depois, chegamos a uma cachoeira de pouca queda, porém bastante comprida com um bom Canal à esquerda; e pouco abaixo passamos outra com Canal à direita. Às 16h15, chegamos a uma assaz grande, com queda alta e furiosa, rebojos e ondas.

---

[260] Santa Úrsula: Santa da Igreja Católica, natural da Grã-Bretanha e filha do Rei Dionotus da Inglaterra, martirizada por volta do ano 383 em Colônia, na Alemanha. Sua celebração, no calendário litúrgico, era no dia 21 de outubro, até 1969, quando foi removida.

Embicamos no lado Ocidental, onde mostrou ser mais praticável passagem, e ali fizemos pouso. [37 dias de viagem]

27.10.1812 (terça-feira). Passáramos as cargas e canoas pelo lado esquerdo desta cachoeira, que chamamos de – "*São Florêncio*", ficando neste dia tudo pronto para a parte de baixo. [38 dias de viagem]

28.10.1812 (quarta-feira). Seguimos viagem às 07h00. Às 09h00, entramos em uma comprida cachoeira de pouca queda, mas com vários boqueirões e Canais, uns à direita, outros no meio, e outros à esquerda, e em todos muitas ondas e rebojos, e a chamamos de – "*Labirinto*". Às 12h00, chegamos a um salto de 40 palmos ([261]) mais ou menos de altura, formado em um lugar em que se acha o Rio apertado entre duas Serras. Embicou-se pela parte esquerda, e especulada a passagem, depois de trabalhosas indagações ([262]), se observou ser impraticável a passagem, tanto por água como por terra, e por isso voltou-se a tomar pelo Braço de uma Ilha ao lado Oriental. A este Salto chamamos de – "*São Simão de Gibraltar*" ([263]). Este é um dos mais trabalhosos passos que temos encontrado nesta viagem, pois que, não só não admite navegação, como nem ainda varação, por serem as margens formadas só de altos e descarnados penedos, com várias passagens, em que é preciso valer-se também das mãos para se não cair. Depois de bem especulados todos os lugares, por onde se poderia passar, achou-se que encostado à Ilha, em cujo braço estávamos, se poderia formar um praticável varadouro, abrindo-se o caminho por entre os

[261] 40 palmos = 8,8 m.
[262] Indagações: explorações.
[263] São Simão: Simão, o Cananeu, foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Simão foi cortado ao meio por um serrote ainda vivo. Festa litúrgica – 28 de outubro.

penhascos, arredando-se uns, e igualando-se outros com estivas ([264]). [39 dias de viagem]

29.10.1812 (quinta-feira). Preparou-se o varadouro e deu-se princípio a varação, e só ficaram varados 3 batelões. [40 dias de viagem]

30.10.1812 (sexta-feira). Prosseguiu-se a varação das demais canoas, e ficaram todas para a parte de baixo. Consertou-se no dia **31** a canoa grande, que ficou muito maltratada, e se foi varar uma nova, que pouco abaixo deste salto tinham feito as 7 pessoas que se haviam adiantado para este fim, como fica referido. [41 dias de viagem]

01.11.1812 (domingo). Partimos, às 09h30, em boa navegação. Às 11h00, chegamos a uma comprida cachoeira com vários boqueirões, ondas e rebojos, mas sempre com bons Canais, sendo a entrada pelo lado Ocidental e saída pelo Oriental. A esta cachoeira chamamos de – "*Todos os Santos*" ([265]). No fim dela flui, do mesmo lado Oriental, um Rio de 30 ou 35 braças ([266]) de largura, fronteiro a uma grande praia, e o chamamos Rio de – "*São Thomé*". Às 16h00, passamos a Boca de outro menor, que deságua do lado Ocidental e o chamamos de – "*São Martinho*" ([267]). Às 17h45, fizemos pouso em uma Ilha. [42 dias de viagem]

---

[264] Estiva: troncos colocados lado a lado, no sentido transversal ao do varadouro, sobre um terreno irregular ou alagadiço sobre os quais se tracionam, com mais segurança e menos danos, as embarcações e cargas pesadas.

[265] Todos os Santos: este dia é celebrado em Memória de todos os Santos e Mártires, conhecidos ou não. A "*Festum Omnium Sanctorum*" é celebrada pela Igreja Católica no dia 1° de novembro.

[266] 30 ou 35 braças = 6,6 ou 7,7 m.

[267] São Martinho: Martinho de Porres, ou Martinho de Lima (1579 – 1639) foi um religioso e Santo peruano. Festa litúrgica – 3 de novembro.

02.11.1812 (segunda-feira). Seguiu-se viagem, às 05h15, com boa navegação, e fomos passando muitas Ilhas, grandes praias, e alguns pequenos montes do lado esquerdo. Às 17h00, passamos a confluência de um Riacho, que flui na margem direita, e o chamamos Rio das – "*Almas*" ([268]). Logo abaixo da Foz vem, do sertão até o Rio, uma ponta de Serra. Às 18h00, fizemos pouso. [43 dias de viagem]

03.11.1812 (terça-feira). Partimos às 05h30. Às 06h45, passamos à direita um Ribeiro que flui defronte a uma Ilha e dois redutos de pedras. Às 08h00, chegamos à Barra de um grande Rio, a que Manoel Gomes no seu "*Roteiro*" chama de – "*São Manoel*", ele tem a mesma largura do Juruena e a mesma direção. Na ponta de terra que divide ambos os Rios, se achou o padrão que ali pôs o dito Manoel Gomes. A confluência do dito Rio é na margem Oriental. Por cima dela, a pouca distância, fluem no Juruena três sangradouros. Este Rio é o mesmo a que os naturais chamam Tapajós, cujo nome conserva até desaguar no Amazonas, do qual é um dos mais consideráveis Braços. Prosseguindo a viagem, encontramos, às 10h00, embicadas em uma Ilha, três canoas de índios Mundurucu, e ali se achavam 23 homens e 5 mulheres, e tanto estas como aqueles totalmente nus. Embicou a nossa tropa onde eles estavam, e ficaram um tanto sobressaltados. Entre a sua confusa linguagem se percebiam algumas palavras do idioma geral dos índios, e significaram ([269]) que andavam à montaria e habitavam para cima daquele lugar, e entendeu-se ser a sua morada no Rio de São Manoel, e nada mais se pôde perceber ([270]). Deu-se-lhes vários mimos, que aceitaram

[268] Dia das Almas ou dos Mortos: o dia dos Fiéis Defuntos ou Dia de Finados é celebrado pela Igreja Católica no dia 2 de novembro.

[269] Significaram: disseram.

[270] Perceber: entender.

muito contentes. Eles tinham alguns trinchetes ([271]) e facões pequenos, e as mulheres e crianças contas brancas e de outras cores, que davam certeza de terem eles mais ou menos comunicação com gente civilizada. Porém em tudo o mais nos pareceram tão bárbaros e ainda mais pobres do que os Apiacás, pois que até as suas redes eram de embiras, e nada tinham de algodão. Os homens quase todos têm a cara tinta de preto, e as mulheres, pela maior parte, tingem somente parte do rosto, e todos eles têm as orelhas furadas superiormente. Pouco abaixo do lugar em que os encontramos, passamos no lado Oriental de uma grande praia, e no fim dela deságua um Rio de mais ou menos 40 braças ([272]), bastante fundo e corrente, com a água preta, que denotava virem de alguns pântanos. Na Barra, acharam-se paus cortados e armadores de rede, pelo que o denominamos Rio dos – "*Bons Sinais*". Continuamos a viagem por entre inumeráveis Ilhas, e extensas praias. Às 18h00, fizemos pouso. [44 dias de viagem]

04.11.1812 (quarta-feira). Partimos às 05h45, tendo em vista altas montanhas de um e de outro lado do Rio. Às 07h00, passamos uma correnteza, e às 10h00, outra mais comprida, continuando o Rio com extraordinária largura; às 17h00, chegamos ao fim de um comprido Estirão, e logo entramos a passar correntezas e baixios de lajeados, e assim continuou por grande espaço. Nesse lugar, tem a Serra do lado Ocidental algumas campinas, e defronte deságua, na margem Oriental, um Ribeiro caudaloso. Às 18h15, fizemos pouso na testa de uma cachoeira maior do que aquelas que passamos na tarde antecedente. [45 dias de viagem]

---

[271] Trinchetes: faca grande e muito afiada com cabo de madeira.
[272] 40 braças = 88 m.

05.11.1812 (quinta-feira). Nesse dia, se especularam os Canais da referida cachoeira, e partimos, às 08h00, costeando os Canais encostados ao lado direito, que eram bons, e por entre os Braços de algumas Ilhas. No meio da cachoeira, estava uma roça velha, e havia um ano que os índios tinham ali plantado. Às 09h00, saímos da sobredita cachoeira, e prosseguimos com boa navegação até às 15h00, em que chegamos a uma cachoeira, com Canais de muito baixos, e em parte se passou à sirga pelo Braço de uma Ilha do lado Ocidental e, defronte à mesma Ilha, flui um Riacho. Às 16h00, chegamos a outra cachoeira, e por se não achar boa passagem por aquele lado, se passou para o Ocidental, e se desceram alguns cordões da referida cachoeira, e na cabeceira de um mais caudaloso se fez pouso às 16h45. Nesse lugar, assim como em outros vários que temos portado, têm-se visto muitos ranchos velhos, paus cortados e outros vestígios que denotam haver ali frequência de passageiros. [46 dias de viagem]

06.11.1812 (sexta-feira). Nesse dia, se descarregaram as canoas e passamos a referida cachoeira. Às 08h00, seguimos viagem pelo Braço de uma Ilha encostada à margem esquerda, e fomos passando muitos cordões, com os Canais bastante baixos, e em quase todos era preciso irem as canoas à sirga, e assim continuou a navegação por entre correntezas e baixios. Às 11h00, chegamos a uma cachoeira mais caudalosa que as antecedentes e, para passá-la, voltamos a descarregar as canoas de meia carga. A estas ditas cachoeiras chamamos – "*Sem Canais*". Pelas 13h00, seguimos viagem, indo o Rio por entre Serras e do mesmo modo aparcelado ([273]) como antes. Às 17h00, ficou na sua costumada

[273] Aparcelado: cheio de parcéis – baixios, recifes.

largura e com melhor navegação. Às 17h30, fizemos pouso à direita. [47 dias de viagem]

07.11.1812 (sábado). Partimos às 06h00. Às 10h00, passamos um sangradouro ([274]) à esquerda e, às 17h00, outro maior à direita defronte de uma Ilha. Às 18h00, fizemos pouso. [48 dias de viagem]

08.11.1812 (domingo). Seguimos viagem às 05h00, com boa navegação. Às 07h00, passamos um sangradouro do lado direito. Às 10h00, passamos por muitas pedras altas por todo o Rio, e assim continuou um grande espaço, sem contudo fazer correntezas. Às 17h00, fizemos pouso. [49 dias de viagem]

09.11.1812 (segunda-feira). Fizemos viagem às 06h00. Às 07h30, entramos em uma comprida cachoeira pouco alterosa ([275]). Depois seguimos viagem por entre Ilhas e redutos de pedras com algumas correntezas e baixos. Às 18h00, fizemos pouso. [50 dias de viagem]

10.11.1812 (terça-feira). Partimos às 05h45, e logo entramos em umas correntezas que, em algumas partes, faziam pequenas cachoeiras. Das 08h00 em diante, prosseguimos com boa navegação até as 05h15, em que fizemos pouso abaixo de um Rio de 25 a 30 braças ([276]) de largura, que os naturais chamam "*Crepori*", e deságua na margem Oriental, e por ela adentro tem alojamentos de Mundurucu. [51 dias de viagem]

11.11.1812 (quarta-feira). Seguimos viagem, às 05h00, por entre Ilhas, e o Rio bastante aparcelado. Às 17h00, divisamos em cima da Serra de um e

---

[274] Sangradouro: Canal natural que liga dois Rios, dois Lagos ou um Rio e uma Lagoa.
[275] Pouco alterosa: de pequenas ondas.
[276] 25 a 30 braças = 55 ou 66 m.

outro lado do Rio alguns campestres, defronte dos quais fizemos pouso. [52 dias de viagem]

12.11.1812 (quinta-feira). Prosseguimos às 06h00, e logo começamos a passar muitas correntezas, baixios, e depois uma cachoeira com um bom Canal à esquerda. Às 09h30, entramos em outra mais comprida com inumeráveis boqueirões, ondas e rebojos, e assim foi continuando até as 11h30. A estas cachoeiras chamam os naturais das – "*Mangabeiras*". Prosseguimos depois com boa navegação, até às 18h00, quando fizemos pouso. [53 dias de viagem]

13.11.1812 (sexta-feira). Fizemos viagem às 06h15. Logo abaixo, chegamos a uma grande cachoeira na qual se acha um Canal suficiente para as canoas maiores encostado à margem Oriental, as pequenas vieram à sirga pelo mesmo lado. Esta cachoeira tem, em meio, um alto monte por detrás do qual passa um grande Braço do Rio. Os naturais chamam-na – "*Acaraitu*", e nós a denominamos da – "*Montanha*". Dela para baixo, seguimos por entre algumas correntezas e rebojos. Às 10h00, chegamos a um lugar em que fica o Rio assaz estreito, e tem uma cachoeira com Canal largo e franco do mesmo lado Oriental. Os naturais o chamam – "*Urubutu*", e nós a denominamos dos – "*Feixos*". Continuamos depois viagem com boa navegação até às 16h30, em que fizemos pouso por causa dos ventos. [54 dias de viagem]

14.11.1812 (sábado). Partimos, às 05h00, com boa navegação. Às 08h00, passamos pela Barra de um caudaloso Rio a que os naturais chamam – "*Jaguaim*", e deságua na margem direita. Às 10h00, passamos duas pequenas cachoeiras com pouca distância uma da outra. Às 14h00, entramos em outras muito compridas com vários cordões, e alguns

caudalosos boqueirões, e sempre se acharam bons Canais, e toda a tarde navegamos por uma continuada cachoeira, e fizemos pouso na testa de outra, que indicava ser maior que as antecedentes. [55 dias de viagem]

15.11.1812 (domingo). Seguimos viagem, às 08h30, por causa das chuvas, logo passamos a Canal um caudaloso cordão de cachoeiras, e pouco abaixo foi preciso descarregar e sirgar em outro maior. Partimos às 15h00 e, por ser impraticável a descida pelo lado esquerdo, que temos seguido, atravessamos para o direito por entre diversos cordões, e por cima de um assaz furioso, pousamos. A estas referidas cachoeiras chamam os naturais do – "*Pacoval*". Pouco abaixo delas, divide-se o Rio por muitos Braços entre montes, formando, em todos, temíveis cachoeiras e saltos. [56 dias de viagem]

16.11.1812 (segunda-feira). Logo de manhã, descarregaram-se as canoas, e passaram o Canal por um estreito Braço a que os naturais chamam das – "*Frecheiras*". Seguindo viagem por um pequeno espaço por entre boqueirões e rebojos, logo foi preciso tornar a descarregar as canoas por se subdividir o Rio por onde temos vindo em mil pequenos Regatos e, para passarmos, abriu-se um quase seco, e em partes varando e em partes sirgando, estiveram no fim do dia por baixo todas as canoas, tendo logo em vista outras cachoeiras muito grandes e caudalosas. [57 dias de viagem]

17.11.1812 (terça-feira). Carregaram-se as canoas e seguimos viagem às 08h00, por espaço de 6 minutos, e logo embicamos na testa da referida cachoeira, ou quase Salto. As canoas maiores vieram à sirga e as menores se vararam por uma ponta de laje. Às 12h00, estavam todas para baixo, e seguimos por entre boqueirões com ondas e rebojos.

Pelas 13h00, passamos outra cachoeira grande, mas com Canal franco ([277]) pelo lado Ocidental. A esta e às duas antecedentes chamam, os do país, cachoeiras do – "*Maranhão*". Seguimos quase uma hora por um Estirão de Rio morto, e depois chegamos a uma cachoeira assaz grande mas com Canais largos e fundos, se bem que com muitas ondas e rebojos, por cima dela escoa um Riacho de mais de 20 braças ([278]) de Boca, a que chamam os naturais – "*Tracoá*". E o mesmo nome tem a dita cachoeira. Logo abaixo dela, se reúnem os diferentes Braços do Rio que se haviam separado por entre os montes, e permanece na sua costumada e extra-ordinária largura e com boa navegação. Às 17h30, fizemos pouso defronte a um sangradouro que flui na margem esquerda. [58 dias de viagem]

18.11.1812 (quarta-feira). Partimos às 05h00, e logo abaixo chegamos a uma praia onde estavam de montaria alguns índios das povoações do Pará e um deles, que falava sofrivelmente português, noticiou-me a vizinhança em que já estava dos primeiros moradores, e por estarem já de viagem, de companhia conosco seguiram para baixo, costeando o lado Oriental. Às 10h00, encontramos uma igarité ([279]) grande que vinha subindo com muitos índios que não quiseram chegar à fala. Às 12h00, passamos a Boca de um Riacho, a que chamam – "*Tapacorá*", e deságua na margem direita. Às 17h00, passamos dois sítios quase fronteiros de um e outro lado do Rio, sendo o do Oriental de índios Mundurucu, e o do Ocidental de Maués ([280]). Às 18h00, chegamos a um estabelecimento maior das mesmas nações [Itaituba,

[277] Franco: desimpedido.
[278] 20 braças = 44m.
[279] Igarité: canoa feita de um só tronco.
[280] Maués: tribo indígena, também conhecida por Sateré-Mawé. Na época seus maiores inimigos eram os Mundurucu e os Apiacá.

PA] ([281]), e por seu principal e Diretor um homem branco "*marzaganista*", de nome José Antônio de Castilho, em cuja casa fizemos pouso. [59 dias de viagem]

19.11.1812 (quinta-feira). Seguimos viagem às 05h00, e logo fomos encontrando várias canoas, e passando muitas situações, algumas de pessoas civilizadas, e a maior parte de índios. Às 18h00, fizemos pouso. [60 dias de viagem]

20.11.1812 (sexta-feira). Saímos às 02h00, costeando sempre a margem Oriental, e fui continuando a passar muitas situações de um e outro lado e, na seguinte madrugada (**21**), chegamos ao lugar de Aveiro ([282]), que tem Vigário e Juiz Vintenário. Falhamos naquele lugar, no dia **21**, por estar à espera de uma das canoas que, tendo vindo pelo lado esquerdo, parou em Vila Nova de Santa Cruz, que está quase defronte a Aveiro, e por causa dos ventos não pôde passar o Rio senão já alta noite. [61 dias de viagem]

22.11.1812 (domingo). Seguimos viagem, às 09h30, e fizemos pouso, às 17h00, defronte da Vila de São José de Pinhel ([283]), a qual, pela excessiva largura do Rio, se não divisa distintamente. [62 dias de viagem]

---

[281] Itaituba: é um dos municípios de Santarém. Além do guaraná, seus habitantes cultivam tabaco, cacau, e cana de açúcar. Exporta: borracha, guaraná em bastões, salsaparrilha reputada como a melhor de todo o Pará e Amazonas, óleo de copaíba, cravo e cumaru [Dipteryx odorata]. (TAVARES, 1876)

[282] Aveiro: paróquia pertencente ao Município de Itaituba, situada sobre um terreno plano e elevado da margem direita do Tapajós aos 06°38'45" de Longitude O de Belém e aos 03°13'30" de Latitude S, 139 quilômetros ao Sul de Santarém. (TAVARES, 1876)

[283] Vila de São José de Pinhel (São José dos Matapuz): a Missão de São José foi fundada em 1722, pelo Padre Jesuíta José da Gama com os índios Matapuz.

23.11.1812 (segunda-feira). Seguimos viagem às 02h00. Às 11h00, passamos defronte à Vila de Boim ([284]). Às 17h00, fizemos pouso. [63 dias de viagem]

24.11.1812 (terça-feira). Saímos às 03h00, e viajamos, até às 18h00, sem novidade. [64 dias de viagem]

25.11.1812 (quarta-feira). Partimos, às 04h30. Às 15h00, chegamos à Vila de Alter do Chão ([285]), situada do lado direito em uma grande enseada. Ali paramos o resto do dia, e pousamos. Esta Vila, assim como as demais nomeadas, são pequenas povoações de 400 a 500 almas. Todas as casas e igrejas são cobertas de palha. Os moradores são na maior parte índios, dos quais muito poucos sabem a língua portuguesa, usando todos, e mesmo as pessoas brancas que entre eles moram, do idioma a que chamam língua geral. Defronte a esta Vila de Alter do Chão, está na margem Ocidental Vila Franca, povoação de mais de 1.000 almas, e com moradores mais bem estabelecidos. [65 dias de viagem]

26.11.1812 (quinta-feira). Seguimos viagem, às 08h00. Às 10h00, paramos por causa de uma grande tempestade, e prosseguindo, às 15h00, fomos

---

[284] Boim: acha-se situada sobre terras altas e planas da margem esquerda do Tapajós aos 06°36'05" de Longitude Oeste de Belém e aos 02°25' de Latitude Sul, 76 quilômetros ao Sul de Santarém. (TAVARES, 1876)

[285] Alter do Chão: paróquia pertencente ao Município de Santarém, situada na margem direita do Tapajós, aos 06°24'15" de Longitude Oeste de Belém e aos 02°31'05" de Longitude Sul, 38 quilômetros a Sudoeste daquela Cidade [Santarém], nas proximidade das faldas de um monte pouco elevado que com outros se estende contornando essa margem do Rio. Foi a Aldeia Berari, em 1758, teve a categoria de Vila, cujo predicamento perdeu mais tarde. Seus habitantes não aproveitam a fertilidade do solo que possuem, apropriado à cultura do café, cana de açúcar, tabaco, mandioca, arroz, e muito pouco plantam do terceiro e quarto produtos. Só tem provida uma escola para o sexo masculino cuja frequência é de 25 meninos pouco mais ou menos. (TAVARES, 1876)

pousar nas vizinhanças da Vila de Santarém ([286]), na qual aportamos, às 08h00, do dia **27**. Esta Vila é a maior do sertão, do qual é considerada como Capital. Nela tem muitos homens estabelecidos com bastante escravatura, que empregam na plantação do cacau, principal gênero de comércio da Capitania. Há também muitos negociantes, uns que estão arranchados com loja, e outros a que chamam volantes, que comerciam nas suas canoas, nas quais andam continuamente girando do um para outro lugar. [66 dias de viagem]

16.12.1812 (quarta-feira). Partimos desta Vila de Santarém, em duas igarités, por ser impraticável continuação da viagem nas canoas em que até ali tínhamos vindo. Pouco abaixo desta Vila, e ainda à vista dela, entra o corpulento Rio Tapajós no grande Rio Amazonas, pelo qual prosseguimos com muitas

---

[286] Santarém: Cidade populosa e comercial da Província do Pará, uma das mais notáveis pela sua posição geográfica à margem direita do Rio Tapajós, junto à Foz. Acha-se situada aos 06°12’50” de Longitude Oeste de Belém, e aos 02°24’50” de Latitude Sul, na distância de 950 quilômetros daquela Cidade Capital. Foi edificada sobre uma grande planície com pequeno declive para o Norte, e nas condições de poder prosperar, porque é a chave do grande tributário do Amazonas que banha seu litoral, com navegação franca até a primeira cachoeira. Seus primitivos habitantes foram os índios Tapajó, os quais legaram seu nome ao Rio. Ainda hoje, na parte Ocidental da Cidade, se veem os restos de um dos seus aldeamentos, onde vivem alguns descendentes de tão pacíficos quanto laboriosos indígenas. [...] É Santarém a cabeça da Comarca do mesmo nome. Sua divisão civil, policial e eclesiástica é a seguinte: Município: Santarém, Vila Franca e Alenquer. Freguesias, de Santarém, Alter do Chão, Vila Franca, Boim, Aveiro, Itaituba e Alenquer. Termos judiciários: Santarém e Alenquer. Divisão policial: duas delegacias, de Santarém e Alenquer e sete subdelegacias, de Santarém, Vila Franca [duas], Alenquer, Boim, Aveiro e Itaituba. Divisão eclesiástica, sede do Vigário Geral da Diocese, instituída por provisão de 17.08.1821, cuja jurisdição, confiada presentemente a um dos mais virtuosos e doutos sacerdotes, se estende às paróquias acima referidas e a muitas outras da Província. [...] (TAVARES, 1876)

paradas por causa das tempestades. Ao Norte dele deságua o Rio Surubiu, e ao Sul o do Coroá. 25 léguas ([287]) de Santarém está ao Norte a Vila de Monte Alegre, e abaixo dela deságua o Rio Curupatuba, que dizem descer de uns dilatados pântanos, que se reputam ([288]) pela Longitude de mais de 80 léguas ([287]). Mais abaixo, atravessamos a Boca do Rio Urubuquara, e, pouco distante, a do Mapaco. Pelo mesmo lado avistamos as elevadas Serras do Parei, nas quais conceberam os naturais, por antiquíssimas tradições, haver preciosos tesouros. Deste sítio busca o Amazonas o oceano, e nele desemboca pelo Cabo do Norte, introduzindo as suas águas pela distância de 40 léguas ([287]), sem mudança na doçura, segundo afirmam os náuticos.

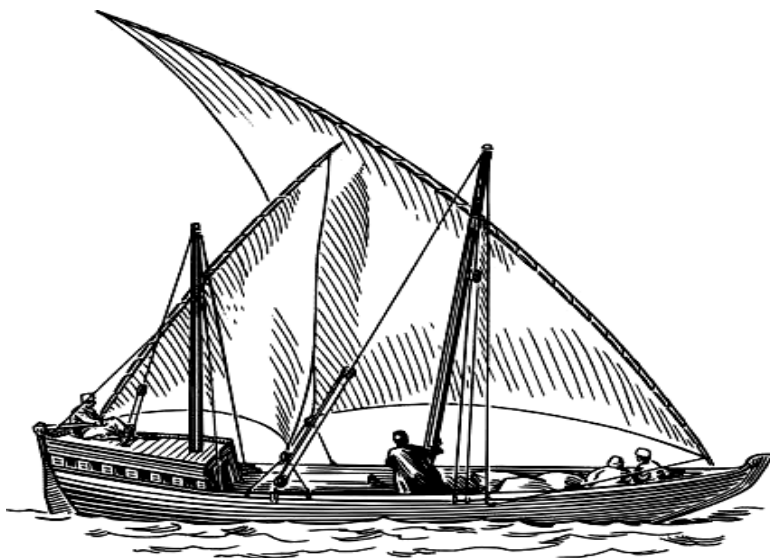
Apartada a nossa navegação do Amazonas, a continuamos pela banda do sul; e, por um estreito que formam duas Ilhas, entramos no volumoso Rio Ningu ou Xingu, conforme dizem os naturais. Este Rio é povoado de vários lugarejos, a que chamam Vilas de Souzel, Pombal, Porto de Moz, Vilarinho do Monte, Carrazedo e outras. Navegando um dia de viagem por ele abaixo chegamos a **23.12.1812 (quarta-feira)** à Vila e registro de Santo Antônio do Gurupá, onde nos detivemos até o dia **27.12.1812 (domingo)**. [73 dias de viagem]

Prosseguindo pelo mesmo Rio Xingu, a pouca distância o largamos, embocando o estreito de Tanagepuru, e deste nos passamos ao do Paraitaes. Ao Sul da nossa navegação, deixamos as Vilas de Arraiolos, Portel, Melgaço, Oeiras e outras povoações. Atravessamos depois a Baía de Maruaru, deixando ao Norte a grande Ilha de Joanes, que os nacionais chamam Marajó.

---

[287] 25 léguas = 165 km; 80 léguas = 528 km; 40 léguas= 264 km.
[288] Reputam: tem em conta.

Costeando depois um estreito do mesmo nome da nomeada Baía, chegamos à grande e famosa chamada do – "*Limoeiro*", formada pela espaçosa Boca do Rio Tocantins, e igualmente a do Marapatá, que ambas felizmente atravessamos no dia **03.01.1813 (domingo)**, e conduzindo-nos por um estreito, a que dão o nome de – "*Igarapé-mirim*", entramos no Rio Maju, em cujas margens estão edificados muitos engenhos de fabricar açúcar e águas-ardentes ([289]); e tendo navegado por ele meio dia de viagem, passamos a Boca do Rio Acaru, que escoa na margem direita e, pouco abaixo, entraram ambos no Guamã, e na junção dos ditos três Rios se forma a Baía da Cidade do Belém do Grão Pará, onde chegamos às 18h30 do dia 3 de janeiro deste corrente ano de 1813. [82 dias de viagem] (CASTRO)

REGRESSO [...]

[289] Águas-ardentes: cachaças.

Barão Gregori Ivanovitch Langsdorff

Imagem 06 – Gregori Ivanovitch Langsdorff

O Brasil despertou o interesse de pesquisadores estrangeiros que realizaram Expedições Científicas, a partir do século XVIII e foram intensificadas no século XIX, pelas regiões mais ermas da "*terra brasilis*", devassando heroicamente nossos sertões, com o objetivo de descrever a fauna, a flora e os costumes dos nativos deste imenso e até então incógnito país, fabulosamente mítico e pleno de encantamento.

A maioria dessas Expedições era formada por Naturalistas, Biólogos, Astrônomos, Geógrafos, Botânicos, Zoólogos, Médicos, Artistas e outros especialistas de reconhecida capacidade profissional que muito contribuíram, com sua ciência, para o conhecimento das coisas e das gentes da nossa terra e para o bem comum da humanidade.

Relata-nos o Dr. Bóris Nikolaevich Komissarov, da Universidade de São Petersburgo:

[...] Por iniciativa de Pedro I ([290]), no final do Século XVII, começaram reformas radicais na Rússia. Essas reformas, é importante destacar, possibilitaram mais tarde o êxito da carreira russa de Langsdorff, assim como de sua Expedição Científica pelas Províncias de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Pará; iniciativas financiadas pelos imperadores Alexandre I, e posteriormente Nikolai I.

Essas reformas reestruturaram a política interna e externa e todos os domínios da cultura; em função dela, surgiu um novo exército e foi construída a frota marítima russa. Saindo vencedora das guerras com a Suécia, a Rússia fixou-se nas margens do Mar Báltico. Foi no tempo de Pedro o Grande, que a Rússia proclamou-se Império e construiu a sua nova capital, São Petersburgo. Dessa forma, a Rússia tomava um contato mais estreito com a Europa, sua arquitetura, pintura, música, literatura, ciência, manufaturas, artesanato, construção de navios, com os seus diversos modos de vida, costumes e línguas. Para a Rússia dirigiram-se holandeses, alemães, ingleses, franceses e italianos, com o seu espírito empreendedor. O processo de assimilação da cultura ocidental também aproximou a Rússia da América, essa "*enorme Colônia da Europa*". No século XVIII, tendo a Rússia, conquistado a Sibéria e ocupado o Extremo Oriente, tinha sob seu domínio terras no Alasca ([291]) e possuía algumas Ilhas adjacentes.

---

[290] Pedro I: o Czar considerando que sua nação estava social e tecnicamente muito atrasada em relação aos países europeus, iniciou uma série de reformas estruturais internas ao mesmo tempo em que envidava todos os esforços para que a Rússia ampliasse suas relações com o Ocidente.

[291] "*William Henry Seward's folly*": não podemos esquecer que somente em 1867, os Estados Unidos da América compraram do Império Russo o território do Alasca. A operação desencadeada pelo então Secretário de Estado americano William Henry Seward foi considerada ridícula, insana, na época, ficando conhecida como "*a loucura de Seward*", "*a*

Em 1799, foi fundada a Companhia Russo-Americana, que controlava imensos territórios no Noroeste do Continente Americano. Surgia assim a América Russa. O Império Russo tornava-se uma potência euro-asiático-americana. Até o início do século XIX, o Brasil não tinha para a Rússia grande importância econômica e política. Isso não quer dizer que os russos ignorassem por completo este país. Nas edições russas do século XVIII, o tema Brasil esteve presente com certa regularidade.

Havia dados sobre o Brasil em manuais e livros para crianças, dedicados à Geografia e História; na imprensa, onde se publicavam matérias da imprensa holandesa, alemã e inglesa; nos livros com descrições de viagens de Charles Marie de La Condamine, Georg Anson, James Cook, e, finalmente, nas obras traduzidas de literatura artística que se poderiam denominar "*Robinsoniade*". Desde 1803, começaram as regulares viagens de circunavegação dos navios russos, que tinham como um dos objetivos unir São Petersburgo à América Russa. A Baía do Rio de Janeiro tornou-se a escala constante e predileta neste percurso. Os interesses de navegação não tardaram em combinar-se com os comerciais, além dos políticos, que fizeram que a Rússia, finalmente, voltasse seu olhar para o Brasil.

Em 1807, Alexandre I assinou com Napoleão o Pacto de Tilsit e uniu-se ao bloqueio continental da Inglaterra. Interromperam-se, então, as tradicionais ligações econômicas russo-inglesas, de grande importância para a Rússia; cessou a exportação para a Inglaterra de cereais e ferro russos, e a importação dos produtos tropicais efetuada pelos ingleses.

Geleira de Seward" ou ainda "*o jardim de ursos-polares de Andrew Johnson*" então Presidente dos USA. O governo americano adquiriu, por 7.200.000 dólares, um território de 1.600.000 km², que hoje constitui o Estado do Alasca.

Nestas condições, a Rússia tentou ativar o comércio com os países da Ásia, com os Estados Unidos, com as repúblicas da América do Sul, então em guerra com a Espanha, e, é claro, também com o Brasil, onde estava estabelecida desde 1808 a corte dos Bragança. Um partidário do desenvolvimento do comércio com o Brasil era o Conde Nikolai Rumiantsev, que ocupava desde 1809, o posto de Chanceler do Império.

Com o começo da guerra de 1812, São Petersburgo e Rio de Janeiro eram participantes do mesmo campo estratégico-militar, o antinapoleônico. Para a capital brasileira foi enviado, como Ministro Plenipotenciário, Fedor Pahlen, e estabelecido o Consulado Geral, que Langsdorff assumiu em 1813. (KOMISSAROV)

Relata-nos o artigo publicado no Blog "*Rádio Voz da Rússia*", que faz parte da mídia eletrônica russa que transmite notícias em 40 línguas há mais de 84 anos (br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru)

Grigori Langsdorff, o 1° Russo a Pisar no Brasil

Os primeiros navios russos chegaram ao Brasil em 1804 ([292]). Eram as corvetas militares Nadezhda e Neva que realizavam, pela primeira vez na história da marinha russa, uma viagem de circunavegação. Enquanto avançavam ao longo do litoral do enorme país tropical, os dois barcos fizeram escala em vários portos brasileiros. A recepção oferecida em toda parte aos viajantes foi cordial.

---

[292] Na verdade, o primeiro russo a visitar, extraoficialmente, o Brasil foi Nikifor Poluboiarinov (1763). Nikifor era oficial do navio inglês "*Speaker*".

No Recife, os habitantes locais convidaram os marinheiros russos a assistir a uma festa na cidade. No auge dos festejos, os marinheiros convidados apresentaram uma dança russa. Os brasileiros gostaram tanto dela que chegaram a aprendê-la, e repetir imediatamente. A estada em Recife não foi longa mas os marinheiros russos tiveram que permanecer mais de dois meses junto da Ilha de Santa Catarina, a fim de trocar dois mastros da corveta Neva, danificados por uma procela. Quem ficou mais satisfeito com a delonga foi o cientista Gregori Langsdorff, um dos participantes da Expedição. Ele mudou-se do navio para a costa e instalou-se na casa de um naturalista local. Realizou juntamente com ele viagens de lancha, estudando a natureza.

Mas é pouco provável que Grigori Langsdorff pudesse supor que lugar o Brasil iria ocupar no seu próprio destino. Em 1812, foi publicada a sua obra em dois volumes em que se descrevia a primeira viagem russa de circunavegação ([293]). Esta obra do acadêmico Langsdorff compreendia informações geográficas e observações científicas excepcionalmente interessantes, feitas nas terras longínquas e nas vastidões do oceano. A obra foi traduzida para outras línguas e teve ampla repercussão. Nesse mesmo ano de 1812, Grigori Langsdorff foi nomeado Cônsul Geral da Rússia no Brasil e exerceu este cargo durante oito anos. A atividade do cientista-diplomata visava conseguir a aproximação maior entre os dois países contribuindo para o desenvolvimento do comércio entre eles. Grigori Langsdorff fez muito a fim de difundir nesse país distante informações sobre a sociedade russa.

---

[293] Os dois volumes chamados "*Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*" (Notas sobre uma viagem ao redor do mundo nos anos 1803-1807), tratam da fauna, flora e da etnografia da Califórnia, Havaí, Alaska, Nukuhiwa, Ilhas do Pacífico, península do Kamtchatka e Japão.

Ao mesmo tempo, foi graças a ele que a Rússia soube mais sobre o Brasil. No início do século XIX, começaram a chegar ao Brasil grupos de imigrantes do Velho Mundo, contratados para trabalhar nos cafezais.

Grigori Langsdorff revelou interesse em relação aos problemas do movimento migratório que então começava.

Em 1813, ele informa o Colégio dos Negócios Estrangeiros de São Petersburgo:

> O governo local faz esforços a fim de desbravar as vastas e férteis terras virgens do Brasil. Pessoas de todas as nacionalidades são convidadas a participar disso. Cada uma recebe uma gleba, cuja área supera uma légua quadrada da França, as autoridades fornecem alimentos e sementes para um ano.

Grigori Langsdorff organizou a vinda para o Brasil de cerca de cem imigrantes da Europa e instalando-os na Fazenda de Mandioca, que ele tinha adquirido. O Cônsul russo dirigiu-se às autoridades um pedido de ajudar no alojamento de migrantes. Ele escreveu:

> Vou criar na minha fazenda ramos de produção que são totalmente desconhecidos aqui e representam um grande interesse para este país.

De acordo com o intento do autor, a "*Fazenda de Mandioca*" devia tornar-se uma povoação exemplar do tipo europeu, com técnicas progressistas de cultivo da terra e diversos artesanatos. Aí existiam plantações de café, de mandioca, milho, um jardim botânico, um museu de mineralogia e uma biblioteca em que havia livros científicos de mais diversas áreas. (VOZ DA RÚSSIA)

Expedição Langsdorff

Todo homem que aspire a conhecer as emoções líricas deve dirigir-se ao Brasil, onde a natureza poética corresponderá às suas inclinações. Mesmo a pessoa menos sentimental torna-se poeta para descrever as coisas como elas são. (Gregori Ivanovitch Langsdorff)

Esse capítulo é dedicado à Expedição Langsdorff, tendo em vista a mesma ter percorrido, de março a julho de 1828, os Rios Preto, Arinos e Juruena, tributários do majestoso Tapajós.

A equipe de Langsdorff era formada por Ludwig Riedel (Botânico), Nestor Rubsoff (Astrônomo), o Médico e Zoólogo Cristian Hasse, o Pintor alemão Johan Mauritz Rugendas e os franceses Aimé-Adrien Taunay e Hercule Florence, além de escravos, guias e remadores, num total de 39 pessoas.

A operação foi financiada pelo Czar Alexandre I, contou com o apoio de autoridades brasileiras, entre elas, o estadista José Bonifácio Andrada e Silva, percorreu mais de 17 mil quilômetros em 4 anos, os ermos sem fim dos sertões inóspitos estudando a flora, a fauna, pesquisando a etnografia e os idiomas das tribos brasileiras.

O Botânico, Naturalista e viajante francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, companheiro de viagem de Langsdorff pelas Minas Gerais, assim se referiu ao dinâmico chefe da Expedição:

Na companhia de Langsdorff, o homem mais ativo e mais infatigável que encontrei em minha vida, aprendi a viajar sem perder um só momento, a me condenar a todas as privações, e a sofrer com alegria qualquer espécie de incomodidades. Erguíamo-nos de madrugada; acabava de escrever o Diário ou de fazer a análise das plantas recolhidas na véspera, e meu empregado mudava de papel as que estavam sob compressão. Nesse meio tempo, se preparava o nosso almoço, que se compunha de feijão preto cozido com toucinho, arroz e algumas xícaras de chá. No começo da viagem, tínhamos biscoitos; mas em breve foi necessário contentarmo-nos com farinha de milho ou, às vezes, de mandioca. Não estando ainda acostumado a essa alimentação, lançava, por respeito humano, um pouco de farinha sobre o feijão; mas experimentava uma sensação desagradável quando os grãos de farinha, imperfeitamente mastigados, passavam-se pela língua e faringe. Depois de comer às pressas, segurando o prato na mão, e quase sempre ocupando-me simultaneamente de qualquer outra coisa, refazia as malas que tinha desfeito na véspera. A partida era o momento crítico. Meu companheiro de viagem ia, vinha, agitava-se, chamava este, repreendia aquele, comia, escrevia o seu Diário, arrumava as borboletas e tratava de tudo ao mesmo tempo. (SAINT-HILAIRE)

Relata-nos Antônio Alexandre Bispo na obra "*Georg Heinrich Graf Von Langsdorff (1774-1852)*":

> Em 1824, Langsdorff iniciou uma grande viagem à Província de Minas Gerais. Visitou Aldeias de indígenas de várias nações, entre eles grupos Coroado, Coporó e Puri, coletando abundante material. A seguir, preparou uma Expedição a São Paulo, juntamente, entre outros, com os Pintores Amadei Adrian Taunay, Hercule Florence, e o Médico Christian Hasse. Em 1826, realizou coleta de materiais junto a indígenas Coroados de Castro.

A seguir, Langsdorff percorreu o Mato Grosso, regiões fronteiriças com a Bolívia, realizando pesquisas no Alto Paraguai e no Guaporé. Desceu depois ao Amazonas pelos afluentes do Tapajós e visitou Aldeias do povo Bororo, considerado então como extinto. No Amazonas, entrou em contato com a tribo Mundurucu, visitando Aldeias desses índios e da tribo Maué, já então em contato com a população branca. Em 1828, observou a cultura do grupo Caripuna na região do Madeira-Guaporé.

Assim, pela primeira vez, realizou uma pesquisa abrangente do planalto brasileiro, pois atravessou os altos dos Rios Paraná, Paraguai e Tapajós.

Digno de menção é a atenção que Langsdorff demonstrava por questões práticas. Observando a vida circundante, procurava tirar conclusões e propor medidas para a melhoria das condições de vida dos habitantes locais.

Sobretudo por esse interesse em tirar resultados práticos de suas pesquisas, a obra de Langsdorff necessitaria ser analisada mais pormenorizadamente. Entretanto, o arquivo da Expedição foi perdido nos anos 30 do século XIX, logo após a chegada em S. Petersburgo.

Os documentos começaram a ser estudados a partir de fins do século XIX. As coleções, porém, não foram ainda alvo de pesquisas aprofundadas. G. I. Langsdorff deixou manuscritos com resultados coletados e observações. No campo da etnografia, cita-se um rascunho com registros concernentes aos índios Caiapós, de 1826, notas sobre índios do Pará, de 1827-1828, e observações concernentes à Fazenda de Camapuã, de 1826.

> G. I. Langsdorff procurou também informar-se de trabalhos já realizados, tendo estudado, entre outros, os documentos relativos à Província de Mato Grosso, de 1827, as "*Notícias Sobre os índios* ", contendo "*Descrição Relativa às Nações Indígenas que Habitam dentro do Distrito Diamantino e seus Sertões*", escrito por Antônio José Ramos e Costa, em Diamantino, a 16.03.1827; as "*Notícias sobre duas Nações Habitantes dentro do Distrito de Vila Maria*", escrito por João Pereira Leite, em Jacobina, a 20.02.1827, as "*Memórias relativas aos índios Bárbaros que habitam na fronteira do Paraguai; e nos limites do Império, com quem os Brasileiros têm algumas relações comerciais*", mandadas tirar pelo Ilustríssimo e Exm° Sr. José Saturnino da Costa Pereira, Presidente desta Província, escrito pelo Capitão José Craveiro de Sá, em Cuiabá, a 20.02.1827, e a "*Relação das diversas Nações de índios que habitavam a Província de Mato Grosso*". (BISPO)

A importância da Expedição Langsdorff, reconhecida como uma das mais importantes do século XIX, se avulta, sobretudo, quando a analisamos sob o ponto de vista da antropologia, da iconografia e da historiografia.

Graças a ela pudemos tomar conhecimento dos costumes e da língua dos Munducuru, Apiacá e Guaná. O pesquisador alemão, naturalizado russo, Langsdorff, nas suas "*Notas sobre uma viagem ao redor do mundo nos anos 1803-1807*" afirma:

> Cada observador tem seu próprio ponto de vista pelo qual vê e julga os novos objetos; tem sua própria esfera, na qual se esforça por incluir tudo que está em mais estreito contato com seus conhecimentos e interesses...

> Tratei de eleger o que me pareceu representar o interesse geral – usos e costumes de diferentes povos, seu modo de vida, os produtos do país e a história geral de nossa viagem...
>
> O rigoroso amor à verdade representa não uma vantagem, mas o dever de cada cronista da viagem. Com efeito, é escusado discorrer sobre aventuras numa viagem tão longa como a nossa, ou compor contos sobre a mesma: ela fornece uma quantidade tão grande de coisas admiráveis e interessantes que nos basta esforçarmos em tudo observar e nada deixar passar. (LANGSDORFF)

Ainda hoje podemos encontrar, nos museus russos, o rico material colhido por Langsdorff e afirmar que, durante muito tempo, o museu da antiga capital do Império Russo possuiu o maior acervo relativo ao Brasil graças às remessas deste metódico e malogrado pesquisador.

A crônica de Langsdorff, porém, se perde, por vezes, em contumazes críticas ao governo e às pessoas esquecendo-se de aprofundar-se em temas que um naturalista mais atento jamais relegaria a um segundo plano.

Langsdorff não faz questão de aprender com os habitantes locais – não levando a sério suas recomendações, não ampliando informações vitais dando margem a pairarem dúvidas sobre suas observações, incluímos diversas observações e notas ao texto original de maneira a esclarecer aquilo que não foi devidamente elucidado pelo Dr. alemão, naturalizado russo.

Imagem 07 – Trajeto da Expedição Langsdorff

Poema Sobre a Expedição Langsdorff
(Davino Ribeiro de Sena)

[...] A vida era tão breve
Que poucos aceitavam
Correr um risco leve
Para somar-lhe algo.
O Cônsul Langsdorff
Cumpriu ordem do Tzar
Para o mistério do Brasil
Subtrair em Expedição.

Langsdorff quis fazer
A viagem mais incisiva
De quantas somarão
As artes e as ciências.
A expedição subtraiu
Do diplomata russo
Mais do que rublos
E gravuras: a razão. [...]

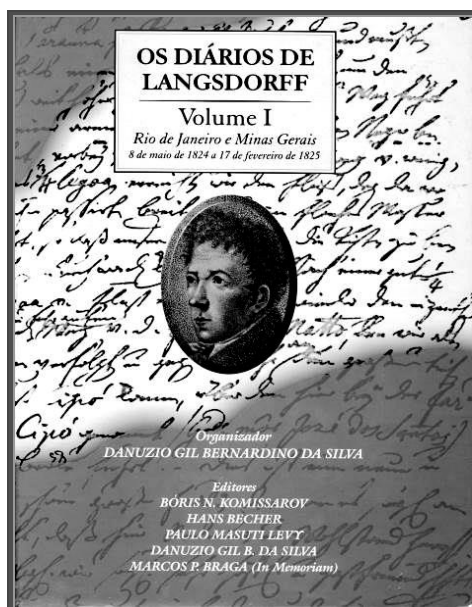



Imagem 08 – Os Diários de Langsdorff

Partida de Cuiabá, em 04.12.1827

Finalmente marcamos a nossa partida para a manhã do dia 4, e tudo estava pronto para esse fim. Vários amigos, entre eles Natterer e Marso, vieram ter conosco na noite do dia 3, para se despedir. Por acaso, nessa mesma noite, vieram várias pessoas de má-fé oferecendo ouro em pó, ou melhor, ouro em grão. O preço do ouro está muito alto. Um Quentchen ([294]) valia antigamente 1.200 réis; hoje vale normalmente 960-980 réis. Muitos dão o dobro: pagam 1.200 em dinheiro ou 1 Quentchen com 2 Quentchen, ou seja, com 2.400 réis.

Desde minha chegada a Cuiabá tentei conseguir algumas pedras metalíferas com ouro cristalizado, ou cristais de ouro isolados, mas em vão. As poucas que consegui não eram muito bonitas, apesar de eu ter pago prêmio dobrado.

---

[294] Um Quentchen = uma onça = 28,35 g.

Depois de ter feito uma espécie de acordo, trouxeram-me, hoje à noite, algumas pedrinhas metalíferas e vários Quentchen em ouro cristalizado, entre eles, alguns exemplares belíssimos. Todas elas provinham de uma mina em Conceição, de propriedade do Capitão Joaquim da Costa. Dizem que a mina tem cerca de 100 palmos de profundidade – o que, para o tipo de mineração local, é muito –, e está assentada em puro quartzo e cristal de rocha. A pedra mãe fica em cima da piçarra, como chamam aqui, ou seja, terrenos não-argilosos. Aqui se pratica a exploração exaustiva, isto é, procuram-se apenas os veios principais de ouro. Aqui ele aparece na forma cristalizada e é de um amarelo belíssimo.

Recebi permissão para examinar uma pequena quantidade de 8 Quentchen e encontrei 3½ Quentchen de cristais perfeitos e muito bonitos. Como se explica o fato de não se encontrar um único cristal em quantidades enormes de ouro, que podem chegar a milhares de arrobas, e de repente se achar ouro totalmente cristalizado? Além do Distrito Diamantino da Província de Minas Gerais, até onde eu sei, não se encontra nenhum cristal, nem mesmo nas minas mais ricas. Asseguraram-me que aqui, em Conceição, às vezes aparecem aglomerados de cristais onde o ouro se encontra cristalizado por libras.

04.12.1827 (terça-feira)

Na manhã do dia 4, estava tudo pronto para a partida; só faltavam as mulas e o tropeiro. Em tais circunstâncias, a impaciência não resolve nada; por isso resolvemos nos conformar e permanecer mais tempo na cidade. Isso me deu oportunidade para escrever mais algumas cartas, que vou mandar, amanhã, com o correio que segue para o Rio de Janeiro, bem como para visitar o Presidente, que estava com um dermatoma nos pés.

05.12.1827 (quarta-feira)

No dia seguinte, estávamos de novo na mesma situação: a metade das mulas que eu havia emprestado do Capitão José Paes chegaram a tempo, mas não se tinha notícias das outras seis. Decidi, nesse meio tempo, partir hoje mesmo com o mínimo necessário de bagagem. Já era meio-dia; fazia um calor insuportável de +27,5° ([295]) quando a tropa partiu. Rubsoff, Florence e eu ainda ficamos à tarde na cidade, e à noite, já um pouco mais fresco, fomos à fazenda da Capela, para onde a tropa também tinha seguido. Essa fazenda revela o caráter da sua proprietária, D. Isabela, uma senhora com idade entre 96 e 100 anos. Ela mora na cidade e raramente vem para cá. Todas as casas estão abandonadas e em ruínas: seus moradores agora são morcegos e corujas. Não encontramos mantimentos, nem mesmo milho; só um pouco de aguardente e leite. Não se faz lavoura aqui por causa da criação de gado.

06.12.1827 (quinta-feira)

A fazenda fica nas margens do Cuiabá, perto de uma cachoeira, onde tomamos um bom banho. Os negros, geralmente crioulos, são ladrões de cavalos. Como ainda faltavam dois dos seis animais do nosso tropeiro, ele não pôde ir ontem para a cidade. Mas, finalmente, hoje de manhã, todos foram encontrados. Partimos a tempo de chegar a Coxipó, a 4 léguas daqui, a fim de esperar ali pelo tropeiro. Mal havíamos deixado o acampamento, vieram ao nosso encontro alguns camaradas de uma tropa que, há dois dias, se encarregara de levar grande parte da minha bagagem para Diamantino.

---

[295] +27,5°R (34,38°C – Réaumur – símbolo: °Ré, °Re, °R): escala de temperatura cujos limites fixos são o ponto de congelamento da água (0°Ré) e seu ponto de ebulição (80° Ré). O grau Réaumur vale 4/5 de 1° grau Celsius e tem o mesmo zero que o grau Celsius.

Eles disseram que estavam à procura de dois animais que haviam perdido no caminho, junto com a carga, em pleno dia. Um deles, o que levava um carregamento de espingardas, foi achado próximo da Capela; parece que o outro carregava material da coleção científica. Como é difícil viajar por terra: a cada dia ocorre um incidente. Já se ouviu falar de animais que foram roubados, levados para a mata próxima, descarregados e liberados em seguida, mas não posso entender como um tropeiro não consiga encontrar, numa distância de 4 léguas, um animal que tenha fugido com a carga e em pleno dia. O calor insuportável obrigou-nos a parar por volta das 12 horas na casa de Antônio dos Santos Velho. Lá mandamos preparar nosso almoço e ficamos até à tardinha, pois só tínhamos que percorrer uma légua até o Riacho que passa no estabelecimento de Coxipó, aonde chegamos pouco antes do pôr-do-Sol. Em Coxipó, encontrei Antônio Fernandes Pinto, uma pessoa que já fez três vezes a viagem pelo Arinos e se ofereceu como marinheiro – uma oferta que é sempre bem-vinda e que espero receber mais daqui para frente. À noite, logo depois do temporal, chegamos a Coxipó, onde todos os habitantes tinham ido a uma festa da igreja. Nem por muito dinheiro conseguimos comprar os mantimentos que, por descuido dos negros, estavam nos faltando.

07.12.1827 (sexta-feira)

Hoje foi dia de descanso, para que procurassem os animais fugitivos e a bagagem perdida – que, felizmente, foram trazidos à noite. Floriano, que ficou na Capela por causa dos animais perdidos, pretendia vir hoje, mas não veio. O lugar estava abandonado. Recebemos a visita de um tal Cel Antônio José Pinto. Ele tem uma fazenda nas redondezas e é proprietário de todas as terras da região, mas, mesmo já estando em idade avançada, não conseguiu tirar muito

proveito de seus bens. Na estação seca, ele mandou 6 escravos a Coxipó para lavar ouro e diamantes e encontrou boa quantidade: 8 Quentchen de ouro e ½ Quentchen de diamantes. Um dos escravos encontrou um grande diamante de 1 Quentchen e 4 vinténs e fugiu com ele. Isso desanimou tanto o velho homem que ele acabou desistindo do negócio. Choveu muito pouco neste ano; o milho e o feijão secaram. Tiveram que plantar às pressas mandioca, para se prevenir contra a fome que ameaça a região.

08.12.1827 (sábado)

No dia 8, encontraram os animais a tempo, mas estes tiveram que partir de barriga vazia, pois não havia milho. Cerca de 2½ léguas adiante, chegamos a uma região bastante povoada chamada Baús, onde se veem várias cabanas dispersas e um pequeno rancho. Um rapaz confortavelmente refestelado numa rede em uma das cabanas aguardava a minha chegada. Um certo Capitão Pinto, com terras e casa do outro lado do Rio Cuiabá, ouviu falar da minha passagem por Coxipó e mandou esse jovem para me esperar e informá-lo imediatamente da minha chegada. Imaginando que, após percorrer 3 léguas, eu chegaria cansado e acamparia aqui, ele quis, então, me convidar para ficar em sua casa. Ele estava com problemas de saúde e trouxe ainda outros doentes para se consultarem comigo, pois já ouvira falar muito de minhas curas milagrosas – para usar as suas palavras. No caso dele, de fato, eu precisaria fazer mesmo um milagre: há três anos, ele sofre problemas de digestão, prisão de ventre e dores na região do fígado. Tudo que ele queria era que eu lhe receitasse um único remédio que o curasse. Lamentei muito não ter trazido nenhum medicamento. Mas é assim que as pessoas fazem aqui quando estão doentes: procuram um curioso ou charlatão, que às vezes mora a 12, 15 léguas ou até

mais longe daqui, contam-lhe que sofrem dessa ou daquela doença e pedem um remédio. O charlatão lhe dá qualquer coisa e cobra caro por isso: uma garrafa cheia custa normalmente a quantia absurda de 7 a 8 táleres ([296]). Eu soube, por exemplo, que já chegaram a cobrar 8.400 réis por uma garrafa de "*Manna*" com cascas de laranja amarga. Depois de dar o remédio, ele não acompanha o doente; este pode melhorar ou morrer. E assim que as pessoas aqui querem ser tratadas; não fazem ideia do que seja um verdadeiro tratamento médico. De Baús, chegamos a um povoado com várias cabanas e habitantes, chamado Curangal. A água que bebem é fétida e salgada, pois corre por morros calcários com teor de salitre e alume. Desde Coxipó, temos observado que há muito mais mulheres e meninas do que homens. Chegamos ao Engenho antes do pôr do Sol, onde não encontramos ninguém a não ser alguns negros. Mesmo pagando, só conseguimos alguns gêneros alimentícios.

09.12.1827 (domingo)

Nossos homens tiveram que partir com apenas um pouco de jacuba ([297]) no estômago. Hoje tínhamos mais 6 léguas para percorrer. Felizmente, encontraram logo os animais. O caminho era bom. Perto das 10h30, chegamos ao Ribeirão do Engenho, um Rio que corre muito lento e com pouca água. O calor nos convidou a parar e tomar o café da manhã, e aproveitamos para pescar alguns peixinhos. Eram "*Salmos*", que puseram dentro de uma garrafa de aguardente. À noite, chegamos à Passagem, sem nenhuma ocorrência especial, e ali encontramos milho, farinha e toucinho.

---

[296] Táler: moeda de prata que foi usada na Europa durante 400 anos.
[297] Jacuba: bebida ou pirão preparado com água, farinha de mandioca e açúcar, temperado com cachaça.

10.12.1827 (segunda-feira)

Hoje foi um dia de folga, porque Florence e o jovem Francisco Silva não estavam bem, além de termos recebido a notícia desagradável de que todos os comerciantes já haviam partido para o Pará. Se eu, por acaso, não encontrar nenhum guia, vou ficar numa situação bem difícil, e a culpa é do Presidente da Província. Surgira um imprevisto, e acabei confiando demais na palavra dele. Serei obrigado a discutir o assunto com ele. Nos arredores da Passagem, moram pessoas pobres, mas boas e inocentes, que me receberam muito bem. Estamos aguardando a tropa de Ramos e Costa. Ele deveria ter chegado ontem mas, por causa da fuga de um animal, teve que parar por um dia. Hoje cedo vimos um jovem em trajes estranhos.

É preciso lembrar ao leitor europeu que nos encontramos em plena zona tórrida, onde até as pessoas mais civilizadas só se vestem com as roupas mais leves possíveis; negros e índios andam praticamente nus, só cobrem mesmo as partes íntimas. Esse jovem a quem me refiro agora, que parecia ter alguma instrução, estava usando calças pretas e, por cima delas, uma camisa preta comprida. Suspeitei que fossem roupas de luto, e ele me confirmou, contando que perdera seu pai há pouco. Portanto, o luto aqui se demonstra por meio de roupas pretas.

11.12.1827 (terça-feira)

Na manhã seguinte, dia 11, retomamos viagem. Na noite anterior, os animais tinham sido levados para o outro lado do Rio, e os homens dormiram na margem direita do Rio Cuiabá. Inicialmente, o caminho passa por campos baixos e planos, não muito longe do Rio, onde se via muito gado pastando.

Eles gostam daqui por causa dos barreiros ([298]); todos os dias eles vêm lambê-los e, com isso, engordam bastante. Pelo que pude observar, os barreiros estão sempre nos arredores de veios calcários. Talvez eles possam levar à descoberta de fontes salinas. Após percorrer uma boa légua, passa-se por várias cabaninhas pobres e algumas casas. Seus habitantes vivem geralmente da criação de gado, mas não aproveitam o leite para fazer manteiga e queijo. Eles plantam milho nos capões ao longo do Rio e de Riachos, e com ele fazem a farinha, que constitui o seu alimento principal. Uma hora depois, chegamos a um Riacho cristalino, impetuoso e cheio de peixes, o Ribeirão dos Nobres, que desemboca, não muito longe daqui, no Rio Cuiabá. Cumes arredondados de morros cobertos de vegetação entrecortam a chapada, formando vales belíssimos e férteis. São pastos naturais maravilhosos cercados por colinas e montes. Estamos subindo e nos aproximando cada vez mais daquela cadeia de montanhas que teremos que transpor: o Tombador. Esse nome significa terreno alto com encosta escarpada; já indica, portanto, a natureza e características do lugar.

Com efeito, trata-se de um morro de acesso muito difícil e perigoso; não chega a ser muito elevado, mas é o caminho mais abominável que já percorremos em todo o Brasil. À direita, um abismo profundo; à esquerda, rochas escarpadas bem próximas. É uma trilha com pouco mais de um palmo de largura; por ela só passam as mulas com ancas pequenas e passos seguros; cavalos, só arriscando muito. Quando passei a primeira vez em Cuiabá e depois quando lá retornei, minha primeira providência foi informar o Presidente da Província sobre o estado dessa passagem. Lembrei-lhe, na ocasião,

[298] Barreiros: terrenos de argila impregnada de salitre.

que o magistrado [Câmara] de Diamantino estava bastante inclinado a providenciar melhorias nesse caminho, mas, como ele tinha muitas despesas fixas com os serviços públicos e da Coroa, precisaria receber uma ordem especial que o autorizasse a dar prioridade a essa obra, em função de sua importância para o comércio e comunicação na região. Pois bem: agora encontro o caminho tal qual estava antes. Acho que só vão tomar uma providência no dia em que um animal quebrar o pescoço e perder a carga. Para uma pessoa preocupada com o bem-estar comum e com o progresso da civilização, assistir a tanto descaso é de cortar o coração. A cada passo que dou, eu penso: "*Meu Deus, como esta terra poderia ser rica, se não fosse tão mal administrada!*" O Governador geral da Sibéria convidou-me para passar algum tempo em Tobolsk. Ele queria que eu lhe transmitisse as minhas impressões sobre o Kamchatka e aquelas longínquas paragens da Sibéria, pois ele ouvia as notícias sobre o lugar apenas do lado de seus funcionários. Em função disso, escrevi vários memoriais, que resultaram em mudanças positivas não só para o bem-estar dos habitantes daquela Província, como também de todo o Estado. No caso do Brasil, eu esperava convencer as autoridades da necessidade das melhorias que sugeri, pelo menos em gratidão pelo meu interesse e em respeito à minha idade avançada. Mas os meus esforços acabaram redundando em nada.

12.12.1827 (quarta-feira)

Ontem chegamos, em boa hora, ao Campo dos Veados, onde fomos bem recebidos na casa do Sr. Antônio Pires, embora nem ele nem seu filho único Luís estivesse em casa naquela hora. Por isso, resolvemos ficar no engenho. Passamos frio à noite, pois o Campo dos Veados fica, pelo menos, 500-600 pés

([299]) mais alto do que Cuiabá. O lugar é banhado pelo belo Ribeirão Piraputanga, que, mais adiante, recebe o nome de Ribeirão dos Nobres. Entre os alimentos que nos trouxeram na chegada, havia pequenos melões redondos. O proprietário nos contou que aqui eles vingam muito bem. Tão logo nasce, a planta já dá frutos, de forma que os primeiros frutos maduros ficam a poucas polegadas dos brotos de raízes. Mandei meus caçadores João Caetano e Joaquim visitarem as vizinhanças com o filho do nosso anfitrião. Partimos depois de um farto café da manhã. O caminho era bom em toda a sua extensão.

Embora a estação chuvosa já esteja bem avançada, até agora quase não choveu; houve apenas algumas nuvens de chuva passageiras. Uma hora depois, chegamos ao Ribeirão Piraputanga, o mesmo que atravessamos ontem com o nome de Ribeirão dos Nobres. Como eu já disse, suas águas desembocam no Cuiabá. Uma meia hora depois, subimos, a partir de Campo dos Veados, uma colina ou Serra no sentido Leste-Oeste, que é um divisor de águas.

Uma légua adiante, alcançamos outro Ribeirão, cujas águas correm para o Rio Paraguai, assim como todos os outros Ribeirões a partir daqui. A 2½ léguas de Campo dos Veados, há um pequeno Riacho de mata aterrado, onde existe um novo povoado. Dizem que a região é muito fértil. Após percorrer, durante 1½ hora, campos bons e menos íngremes, chega-se a Morro Vermelho, que limita as margens altas do vale do Paraguai, e, em seguida, ao vale propriamente dito. O caminho é um dos piores em todo o Brasil. As nascentes do Paraguai, ou melhor, o local onde o Rio se torna navegável fica perto daqui e se chama Sete Lagoas. Vários outros Riachos afluem para lá vindos do Leste, depois de percorrerem de 1½ a 2 léguas.

[299] 500-600 pés = 152,4-182,9 m.

O vale do Paraguai, que atravessamos, deve ter entre 1½ e 2 léguas de largura. É uma caminhada incômoda, pois uma hora passa-se por cascalhos de quartzo; outra hora, por terrenos de areia; depois, por campos e capoeiras, onde correm Riachos de mata em gargantas. Agora eles estão quase todos secos, mas, em outras épocas do ano, eles impõem ao viajante atrasos e obstáculos. Às 16 horas, após percorrermos 5 léguas, chegamos finalmente à Vila Diamantino, onde fui recebido com amizade por meus antigos conhecidos.

Acontecimentos Especiais Durante Minha Estada em Diamantino de 20.12.1827 a 10.03.1828

Vir à terra dos diamantes e não levar nenhuma lembrança do lugar pareceu-me um despropósito. Mesmo não sendo nenhum comerciante ou especulador e mesmo conhecendo muito pouco sobre preço de pedras preciosas, não quis perder a oportunidade de conseguir a prova cabal de que estive aqui. Mal manifestei a minha intenção de comprar pedras preciosas, eis que, de todos os lados, acorreram pessoas me oferecendo diamantes. Em pouco tempo, adquiri alguma experiência e logo me familiarizei com os preços correntes das pedras; só aceitei pagar valores mais altos quando me dei o luxo de adquirir exemplares de determinados filões especiais.

20.12.1827 (quinta-feira)

Hoje, dia 20 de dezembro, trouxeram-me um belo cristal de diamante octaédrico de 15 vinténs, isto é, cerca de 7¾ quilates, puro e não totalmente branco ([300]). Pediram-me 144.000 réis por ele; negociei e o

[300] N.B.: Ninguém, na Vila, se lembra de ter visto um cristal gêmeo; um octaedro puríssimo de um vintém que eu adquiri por 3½/8ª.

acabei comprando por 132.000. Um cristal gêmeo de 2 vinténs eu comprei por 5/8ª, isto é, 6.000.

Doenças

A característica comum das doenças são as febres intermitentes de toda espécie. As febres reumáticas vêm associadas a uma "*fibris intermittens rheumatica*".

Quando há suspensão das regras depois de um resfriado aparece uma "*fibris intermittens complicata*".

A água potável em Diamantino

Tendo em vista a formação rochosa típica da região, cavar poços seria muito dispendioso, mas a natureza pode oferecer outros recursos. A opção de utilizar fontes de água potável também não é viável.

Em lugar de cavar poços, eu proporia a construção de cisternas, públicas e particulares, tal como se faz em muitas cidades de Portugal e Espanha.

29.12.1827 (sábado)

Como choveu muito nos últimos dias, diariamente chegam, do campo, pessoas acometidas de febre fria. Depois das primeiras evacuações dos remédios amargos, normalmente a febre desaparece.

Uso de cainca ([301]) para Menstruações

[301] Cainca (Chiococca alba): arbusto tropical e subtropical presente em quase todo o continente americano. O chá de suas raízes é empregado no tratamento de nevralgias, aperiente, cistite, diarreia, dificuldades de urinar, diurético, edema, inchaço nas pernas e palpitação nervosa. A cainca é conhecida como cruzeirinha, dambrê, purga-preta, cipó-cruzeiro, caninana, raiz-preta, raiz-de-Frade e quina-preta.

Duas jovens já totalmente desenvolvidas nunca haviam menstruado e estavam apresentando alguns problemas de saúde, como cãibras, emagrecimento, falta de apetite, clorose ([302]). Tomaram cainca, e as regras desceram poucos dias depois.

Prisão de Ventre

As prisões de ventre estão associadas à transpiração constante. Exantemas ([303]) são comuns, mas ninguém sabe curá-los; às vezes, elas inflamam e supuram, chegando até a provocar morte. Doenças venéreas aparecem nas suas mais diversas formas: "*chaneres*", bubões ([304]), gonorreias, ulcerações na garganta e no nariz. Aqui veem-se, com mais frequência do que na Europa, dermatoses, manchas de pele amarelo-claras, sendo que, nas mulatas, elas são bem brancas. Veem-se também muitos casos de tumores verrugosos de origem venérea, que se manifestam em todas as partes do corpo, e que aqui chamam de bouba. Tudo isso são sintomas benignos de doenças venéreas, se é que posso dizer assim, mas, como são tratados com negligência total, muitas vezes se tornam incuráveis e até fatais, além de serem transmissíveis de pais para filhos.

---

[302] Clorose: a primeira menção sobre clorose aparece em Hipócrates, mas definitivamente incorpora-se ao vocabulário médico em 1554 com a descrição do que Johannes Lange chamou de "*morbus virgeneus*" [doença das virgens]. O diagnóstico de clorose ou "*doença verde*" fazia-se na presença de palidez, fraqueza, cansaço, irritabilidade, constipação e irregularidade menstrual ou amenorreia. O apetite reduzia-se, causando por vezes um pronunciado emagrecimento, e tornava-se caprichoso, levando a aversão por alguns alimentos, como a carne, ou ao desejo exagerado por bolachas ou geleias. (CORDAS & WEINBERG)

[303] Exantema: é uma erupção cutânea que ocorre em consequência de doenças agudas provocadas por vírus, protozoários ou cocos – bactérias de forma esférica.

[304] Bubões: ínguas.

A antiga escrita dos médicos com sinais, ou seja, de 100 anos atrás, tem certamente suas vantagens. Muitas vezes sinto necessidade de voltar 100 anos no tempo ou de me imaginar 100 anos na frente. As pessoas aqui estão tão atrasadas em termos de conhecimentos que acabam tendo que recorrer mesmo ao charlatanismo. Muitos desses charlatães pensam que eu escondo fórmulas de remédios "*para tudo*" ou panaceias.

Quando saí de Cuiabá, um curandeiro de lá me pediu algumas receitas para febres infecciosas, epilepsia, suspensão das regras menstruais e outras doenças, pois, como ele mesmo disse, eu havia curado essas doenças com um remédio muito eficaz.

Aos curiosos que me procuraram para conhecer meus remédios expliquei que eles não existem no Brasil, mas que eu os trouxe da Europa. Foi nessa ocasião que os sinais [da escrita médica] e a língua latina me foram de grande utilidade: todos os frascos e remédios estavam identificados por nomes incompreensíveis.

Para o meu remédio favorito, o "*Radix Caicae*" [em São Paulo, cipó-cruz], inventei, por exemplo, a seguinte indicação: [segue uma fórmula escrita com símbolos e sinais indecifráveis].

30.12.1827 (domingo)

Clima

A estação de chuvas propriamente dita começou há alguns dias e com toda a força, bem mais tarde do que de costume. Os pequenos Riachos viraram grandes Rios e corriam com uma impetuosidade indescritível. As gotas d'água eram tão grandes que cada uma isoladamente formava uma mancha de 4 a 5 polegadas de diâmetro sobre uma pedra lisa e seca.

Mineralogia e Geologia

Disseram-me que nos tabuleiros, ou seja, leitos antigos de Rios, próximos a veios onde existem diamantes – aparentemente, terras aluviais – veem-se troncos de árvores ocos e apodrecidos em meio aos entulhos ou cascalhos.

Diamantes

Os habitantes se queixam de que, hoje em dia, já não se acham mais tantos diamantes como antigamente – se é que antes isso era verdade. Mas, mesmo nessas circunstâncias, vi diamantes sendo vendidos em libras e pude escolher várias cristalizações e pedras maravilhosas.

Mendigos

Aqui não se vê um mendigo, o que é surpreendente, sobretudo quando se vem de Cuiabá, onde há um sem-número deles pelas ruas.

Observações Médicas

Obstruções abdominais são muito frequentes. Em um mês, ainda não consegui descobrir um purgante que seja eficaz para todas as pessoas. As pessoas aqui transpiram constantemente e, por isso, têm problemas digestivos, conforme se pode verificar pela dissolução de obstruções nas vísceras.

Fontes na Vila

Na encosta da montanha, na margem esquerda do Rio do Ouro, há várias fontes boas de água potável, mas elas não são usadas.

Cristalização dos Diamantes

A cristalização dos diamantes se dá de formas variadas. Durante este mês, pude colher alguns

exemplares notáveis, que irão enfeitar todas as salas do museu.

Termômetro

De manhã, faz normalmente +18°R, +19°R ([305]); todos os dias temos chuvas rápidas com Sol.

Diamantes com Muitos [...]

Desde que se descobriram os primeiros diamantes, há 20 anos, calcula-se que se produziram, em média, 1.500 Quentchen de diamantes por ano. Locais onde se encontrou maior quantidade de diamantes: Buriti, Buritizal [nascentes do Paraguai], Rodeio, Santa Ana, Areais, São Pedro, Morrinho, Arraial Velho. Os preços praticados atualmente são:

Uma oitava de pedras pequenas [olho-de-mosquito] até 1-2 vinténs	70.000-75.000
Um pouco maiores e misturadas até	80.000
Misturados com pedras de 4-5 vinténs	90.000
Um vintém de pedra fina e boa	3.600
Com cor turva e ruim	3.000

Refugo é o nome que se dá às pedras impuras e escuras. São vendidos pela metade do preço [...]. Só cheguei a ver dois deles: um branco, em Tejuco, em poder de Robert Maiden; e um pequeno refugo que encontrei, há pouco, no meio de uma pequena quantidade. A cristalização mais frequente, que é vendida em todas as cores, é o octaedro, que aparece ora regular, ora trincado nas bordas, ora irregular, ora defeituoso. [...]

[305]+18°R = 22°C; +19°R = 23,8°C.

[Desenhos de vários formatos de pedras]

Às vezes, aparecem diamantes totalmente amorfos. [...] Embora todos os habitantes conheçam muito bem os preços, pode-se, às vezes, comprar dos negros, bem baratas, pedras roubadas belíssimas.

Observações Sobre as Doenças

As doenças mais comuns são as prisões de ventre, infartos, exantemas, com todas as suas consequências, e a maior dificuldade é a carência de purgantes potentes e eficazes. Calomelano ([306]) e pílulas de Resina Jalapae ([307]) não têm surtido efeito, além de provocarem instantaneamente salivação excessiva. Sal, ruibarbo ([308]) e Manna não existem neste país, mas quanto ao óleo de rícino, não se pode entender por que não se encontra aqui, logo nesta terra onde ele é largamente conhecido. Com muito esforço, consegui colher feijão de rícino [um tipo pequeno, mamona branca] e mandei espremer o seu óleo com a prensa de encadernação. Foi o único purgativo fresco seguro que consegui obter e que me prestou um serviço magnífico. Quando os outros medicamentos fracassavam, eu utilizava, algumas vezes, a cainca ([309]), que é um purgativo abrasador eficiente. Minhas pesquisas e observações levaram-me à conclusão de que a ingestão da água parada da lagoa é a causa principal da febre intermitente.

---

[306] Calomelano, cloreto mercuroso (Hg2Cl2): é um dos fármacos mais antigos que se conhece e era usado como purgativo e antissifilítico; atualmente é utilizado como anticético.

[307] Jalapae (Jalapa – Convolvulus operculatus): depurativa nas moléstias da pele. Além de ser um excelente laxante, é empregada nas irregularidades menstruais e na hemorragia nasal. Combate a enterite das crianças e, pelos seus princípios ativos, previne a meningite.

[308] Ruibarbo (Rheum tanguticum var tanguticum; Rheum palmatum L.): digestivo, estimulante do fígado, estomáquico, laxante em doses superiores a 2g e antidiarreico em doses de até 300 mg. Indicado para atonia gástrica acompanhada de prisão de ventre.

[309] Cainca: Chiococca alba.

Recomendei aos habitantes que adquirissem vários potes grandes de água, deixassem correr a água, de tempos em tempos, sobre carvões para livrá-la de todas as impurezas. Estou firmemente convencido de que, se seguirem as minhas instruções, sofrerão muito menos dessa doença no futuro. Exantemas, até mesmo de natureza maligna, curei em pouco tempo com laxantes de mercúrio, pílulas de cainca e com a aplicação externa de folhas dessa planta. Diz-se que as doenças venéreas são menos perigosas no clima quente do que no frio, mas elas se expandem muito mais com o calor e não têm cura conhecida.

Em pouco tempo, curei vários casos de ulcerações no nariz e no céu-da-boca. Mulheres das melhores famílias queixam-se, sem constrangimento, de terem sido infectadas por seus maridos. [...] No dia 22 de janeiro, uma negra, com hidropisia ([310]) em alto grau, deu à luz uma criança sadia. Em muitos casos, a cainca ([311]) até conseguiu purgar o líquido rapidamente, mas ele logo voltou a se acumular na barriga. Em ulcerações renitentes ([312]), as folhas, que têm cheiro idêntico ao do chá verde chinês, foram de uma eficácia extraordinária.

23.01.1828 (quarta-feira)

Finalmente pude observar um verdadeiro caso de febre intermitente maligna. Uma mulher de meia idade teve um ataque dessa febre com calafrios e perdeu totalmente a consciência e a voz. Era noite e já haviam lhe dado tudo que costumam dar aqui:

[310] Hidropisia: edema.

[311] Cainca: possui ação diurética, anti-inflamatória, diaforética, laxativa e antirreumática, alivia as dores no peito para quem sofre de angina, inchaços nas pernas, palpitações, retenção de urina, dores no corpo e picadas de insetos.

[312] Renitentes: persistentes.

pílulas de "*corrapeão*" ([313]), pimenta espanhola, tabaco, vitríolo de moscas espanholas. Resolveram, então, me procurar, e eu dei à moça uma dose dupla de vomitivo e doses altas de quina. A enferma vomitou e começou a gemer. De manhã, um novo [...]. Depois de várias pancadas de chuva, os mineiros voltaram a trabalhar com afinco e têm encontrado muitos diamantes. A maioria dos comerciantes já partiu para o Rio de Janeiro, de forma que há poucos compradores de pedras. [...]

Usos e Costumes

Volta e meia observamos fatos estranhos, que contrastam com os nossos costumes [...] As mulheres de boa situação, que trabalham em casa, normalmente se vestem com blusas e saias de malha de boa qualidade. [...]

Clima em Janeiro

Tivemos bastante umidade praticamente todos os dias. De manhã, normalmente, faz entre +18°R a +20°R; ao meio-dia, entre +22°R e +24°R ([314]).

Pérolas Finas

Em janeiro de 1827, descobriram pérolas finas e belas em moluscos dos lagos salgados ([315]) próximos ao Rio São Francisco. É provável que também encontrem algumas nos lagos do Paraguai.

---

[313] "*Corrapeão*": provavelmente o carapicu, planta malvácea usada para combater a febre

[314] +18°R = 22,5°C; +20°R = 25°C; +22°R = 27,5°C; +24°R = 30°C.

[315] Os mexilhões de água doce produzem até 10 pérolas de cada vez e sobrevivem após a extração. Como o cultivo é, evidentemente, mais simples e de maior produção, o preço das pérolas é menor do que os obtidos com moluscos de água salgada. O brilho não é tão intenso, as pérolas não são esféricas e as cores variam de branco, tons amarelos, castanhos e rosados até tons negros.

Unha do Polegar

As unhas dos dedos da mão, principalmente a do polegar nos homens, são enormes, que eles exibem com orgulho, pois são uma prova de que não fazem nenhum trabalho braçal. As unhas são mais fortes e crescem mais rápido do que na Europa ou outros lugares que conheço.

02.02.1828 (sábado)

Notícia da morte de Taunay

Uma notícia muito dolorosa para mim, embora eu tivesse muitos e muitos motivos justos para estar descontente com o comportamento do falecido. Taunay tinha muitos talentos natos: era um verdadeiro artista, um gênio em todos os sentidos; tinha imaginação aguçada, talento para a música, mecânica, pintura, mas, ao mesmo tempo, era de uma imprudência e audácia sem limites. Graças à sua grande facilidade para desenhar, à sua imaginação fértil e à sua displicência, ele esboçava croquis que só ele e ninguém mais era capaz de finalizar. Por isso, eu, às vezes, o advertia amistosamente.

Quando ele realmente queria trabalhar – o que era raro –, ele conseguia produzir em uma hora mais do que qualquer outro artista em meio dia. A genialidade de seu talento se revelava na sua capacidade de representar graficamente o que via sem precisar fazer correções no desenho, nem limpar o pincel. Ele se tornou pintor praticamente sozinho, sem ter estudado para isso; mas gostava muito de ler e tinha uma Memória muito aguçada, o que estava diretamente relacionado ao seu grande potencial imaginativo. Ele conseguiu retratar de Memória, e com muita fidelidade, seu pai e seu irmão.

Pintou também o Imperador Pedro I e fez caricaturas fidelíssimas de pessoas com traços marcantes de fisionomia, que ele só vira uma ou duas vezes na rua, de passagem. Para dizer a verdade, ele não era um bom retratista, porque trabalhava muito rápido, sem se esmerar muito em seus desenhos. Fevereiro começou com muitas pancadas de chuva. Riachos e Rios se encheram e se transformaram em fortes correntes. Era praticamente impossível pensar em partir. O próprio guia me advertiu para o perigo; teria sido uma insensatez se tivéssemos desprezado esses avisos e partido mais cedo. O Arinos é um Rio impetuoso; em alguns pontos, ele se espreme tanto entre as rochas escarpadas, que forma ondas altíssimas e muito perigosas para as canoas. Mas achei necessário mandar meu pessoal ir preparando as canoas para a viagem; mandei o guia e a tripulação até o Rio Preto para testá-las: eles as afundaram de propósito no Rio para que elas deslizassem mais rápido depois. Hoje, 2 de fevereiro, recebi a notícia de que elas estão em péssimo estado e que necessitam de grandes reparos. O tempo estava muito frio e úmido. Chovia sem parar. Às 10h00 da noite, fazia +19°R. Pela manhã, com chuva, +18,5°R; ao meio-dia, com chuva, +20°R ([316]). Febres intermitentes e outras são frequentes. A negligência com a saúde, as moradias péssimas e úmidas e a má alimentação são os principais causadores das doenças aqui.

Diamantes

Garimpeiros é o nome que se dá aos compradores que ficam circulando pelas minas e compram dos negros todos os diamantes que acham ou que roubam, que é o mais comum; em troca, fornecem-lhes aguardente e todos os meios de subsistência.

---

[316] +19°R = 23,8°C; +18,5°R = 23,1°C; +20°R = 25°C.

Dizem que, para conseguir diamantes por preços baixos, eles se sentam com os negros durante horas, dias a fio, fazem amizade com eles e os adulam de todas as formas. A gupiara é a parte mais alta do antigo leito do Rio, onde ficam normalmente os seixos ou cascalhos maiores, normalmente nas encostas de colinas. Aqui se encontram os maiores diamantes. Tabuleiro é a região mais baixa do antigo leito do Rio. Tanto ele como a gupiara estão hoje muito longe do verdadeiro curso do Rio, que hoje corre dentro do vale.

Observações Sobre Pesquisas Científicas em Geral:

Para um pesquisador científico tirar o máximo proveito de sua viagem, é necessário que ele tenha boa capacidade de observação e conheça, de uma maneira geral, todos os ramos da História Natural.

Isso o ajuda a utilizar o seu tempo de forma mais racional em quaisquer situações ou ocorrências. Do contrário, ele pode se perder em suas viagens. [...]

Mas a Província de Mato Grosso, de uma maneira geral, oferece bem menos material de pesquisa ao entomologista do que ao ictiólogo, botânico ou ornitólogo. A Vila Diamantino me ofereceu muito pouco em termos de insetos, plantas, peixes ou aves, mas, em compensação, em termos de cristalografia, pude formar uma boa coleção de cristais de diamantes maravilhosos: todos os dias eu adquiria um novo exemplar, um feito que ninguém antes de mim conseguiu fazer.

Qualquer museu terá orgulho em expor essa coleção um dia. Graças aos meus escassos conhecimentos mineralógicos, pude atentar, por exemplo, para as cristalizações, que [...] já dão uma ligeira ideia dos diamantes. [...]

09.02.1828 (sábado)

No dia 9, comprei, por acaso, uma pedra de 18 vinténs = 9 quilates por 70/8ª, e paguei 84.000 réis. A pedra vale de 300.000 a 320.000 réis. Minha propriedade ([317]).

10.02.1828 (domingo)

Temperatura - Estação de chuvas

Nas últimas semanas, choveu quase que ininterruptamente. Inicialmente as chuvas vieram acompanhadas de trovoadas, mas agora não mais. Elas caem em pingos enormes: uma única gota chega a formar uma mancha de 2,5 a 3 polegadas sobre uma pedra quente e lisa. Portanto, ela deve ter 4 polegadas; e isso eu observei não apenas uma vez, mas várias. Há quatro dias, o Rio Paraguai estava mais alto e seu volume de água maior do que nos anos anteriores. Contaram-me que, durante essas enchentes, grande quantidade de peixes fica encalhada nas margens planas vizinhas. Embora estejamos em pleno verão, a chuva e a umidade amenizam o calor: de manhã, faz normalmente entre +18°R e +19°R; ao meio-dia, quando está chovendo, faz entre +20°R e +22°R; mas, com Sol e com a rápida evaporação, a sensação térmica chega a insuportáveis +24°R ([318]).

Doenças

A exposição constante à umidade; banhos de chuva sobre o corpo suado; resfriamento dos pés; banhos de Rio recém-inundado; ingestão de água de Rio impregnada de material em decomposição; outras

[317] N.B.: Massa diamantífera preta, escura, amorfa, recebe aqui o nome de carvão. Ela realmente se parece com carvão e é carvão. [...]

[318] +18°R = 22,5°C; 19°R = 23,8°C; +20°R = 25°C; +22°R = 27,7°C; +24°R = 30°C.

circunstâncias semelhantes, tudo isso pode ocasionar febres intermitentes, febres infecciosas e tifo. Febres intermitentes isoladas são raras: normalmente elas ocorrem em consequência de outras febres. A febre mais comum é a febre renitente diária e não a intermitente. Muitos fatores contribuem para as doenças: organismos enfraquecidos por vários motivos; casas abertas semelhantes a celeiros, sem telhado ou forro, expostas assim às pancadas de chuva; umidade constante; roupas inadequadas; pés descalços. Não me admira que, nesta estação do ano, apareçam tantas doenças. Eles preferem tomar a água suja do Rio, impregnada de barro e outros elementos estranhos do que aproveitar a água limpa da chuva [eu poderia dizer destilada].

Falta fiscalização médica e policial, falta um médico ou um cirurgião oficial sensato, falta um magistrado esclarecido e patriota, falta um governo preocupado com o bem-estar de seus cidadãos. Numa população de cerca de 3.000 habitantes, morrem anualmente por volta de 100 pessoas, que nem chegam a ser registradas nas listas de população, pois, todo ano, chegam levas de habitantes em busca de ouro e diamantes.

Costumes e Modo de Vida

As pessoas vivem em cabanas miseráveis dispersas, não têm nenhuma ocupação fixa e por isso não se preocupam em juntar dinheiro para construir uma boa casa e mobiliá-la. São cabanas de palha, totalmente vazadas dos lados, com alguma proteção contra as chuvas; dentro delas, apenas redes penduradas, para o descanso noturno, uma pele de boi estendida no chão úmido ao lado de esteiras de palha, que servem de mesa e cama; malas prontas para viagens de última hora, colocadas displicentemente sobre toras de madeira, para protegê-las da umidade

penetrante: esses são os únicos móveis. Quase não se veem assentos, mochos ou tabuleiros; mesmo nas melhores casas, é difícil ver uma cadeira. Quando as pessoas se reúnem em alguma casa da Vila, trazem-se assentos das casas vizinhas. Mudanças de uma casa para outra são feitas rapidamente. Nas casas maiores, dos moradores ricos, existem no máximo 2 ou 3 mesas, grandes, pesadas e sem forma definida; uma mesa de jantar e outra de jogos, alguns bancos, uma ou duas gamelas grandes ou malas para guardar as roupas de cama, banho e de vestir, em vez de armários ou cômodas, que são móveis desajeitados e pesados para se transportar. [...]

Ponche

Recordo-me da observação que um conhecido me fez certa noite, há algum tempo:

> Ao ler seus escritos sobre suas viagens pelo mundo, descobri, por exemplo, que o senhor adora ponche. Portanto, vamos beber um.

Esse fato me chama a atenção mais aqui do que em qualquer outro lugar. Há anos gosto de beber, à noite, um copinho de ponche ou de chá misturado com um pouco de rum ou aguardente, um "*grog*". Sem me exceder, isso me dá um certo bem-estar, me sinto fortalecido, mais animado, além de ser um agradável convite ao sono.

11.02.1828 (segunda-feira)

São 22h00 do dia 11 de fevereiro. Escrevo depois de beber meu segundo ou terceiro copinho de ponche fraco. Um conhecido me contou que, antes da minha chegada, ele não conhecia essa bebida deliciosa, e agora ele a toma regularmente. No início, a toda hora do dia, perguntavam-me se eu não queria beber alguma coisa, e eu recusava sempre.

Mas, à noite, quando eu ia a algum lugar, eu exigia um ponche fraco ou aguardente misturada com licor e açúcar. Hoje, aonde quer que eu vá, já me servem essa bebida, sem que eu peça. Pensei que as pessoas aqui também tivessem o mesmo hábito; só hoje descobri que fui eu que o introduzi aqui e que ele faz bem a muita gente. Muitos dos meus pupilos também seguem o meu exemplo, quando precisam de algo que os fortaleça. Portanto, se mais não fiz em Diamantino, pelo menos tive o mérito de introduzir ali o costume de beber ponche. Ponche à noite e "*Tinct. Robert Whytti*", em jejum, às 05h00 da manhã são duas coisas excelentes [...]

Criação de Galinhas

Eu nunca tinha visto uma criação de galinhas tão grande como nesta Província, e em nenhum lugar ela parece ser tão necessária como neste Distrito. Aqui existe essa crença estranha, que provém de tempos imemoriais, de que doentes só podem comer canja de galinha. E como aqui agora é época de muitas doenças, as galinhas estão 300 ou 400 réis mais caras do que nas outras Províncias.

Distrito Diamantino

Segundo eu soube, a repartição das terras do Distrito Diamantino começou aproximadamente em 1801. Nos primeiros anos, extraiu-se muito diamante, mas, de algum tempo para cá, a exploração diminuiu por causa da insalubridade da região. A meu ver, contudo, foram as pessoas que a tornaram insalubre. Elas começaram a acumular resíduos onde antes não havia, provocando a inundação do Rio e, assim, levando a água para lugares distantes. Com isso, formam-se os alagados, e é dessa água putrefata que os mineiros bebem. Apesar disso, continua sendo uma terra rica, [...]

16.02.1828 (sábado)

Cristalização

Cristalizações em diversas variedades ocorrem isoladamente. Hoje trouxeram-me um diamante onde havia uma pirâmide de 3 lados sobre cada superfície do octaedro, com exceção de duas: numa faltava a pirâmide e, no lado oposto, havia uma pirâmide dupla. Trouxeram-me também uma massa diamantífera opaca e amorfa, tida como uma raridade. Realmente deveria ser uma raridade, mas sem valor nenhum.

O material diamantífero, se é que posso chamá-lo assim, no momento em que se formou entre outras pedras ou na terra, foi espremido para dentro de um vácuo com o formato de sela.

Isso explica por que esse diamante, de cerca de 5 vinténs, tomou essa figura disforme. Apesar de não entender de comércio, acho muito vantajoso comprar refugos. Muitas vezes, essas pedras são sujas por fora, parecem cobertas por uma espécie de crosta ou areia, mas, internamente, são de primeira água. Pode até ser que algumas adquiram outra cor na hora da lapidação ou depois de lapidadas, mas elas são bem puras. Os refugos que apresentam, em seu interior, grãos de terra ou de areia, mas que exibem uma cristalização pura, podem ser úteis para coleções de Ciências Naturais.

Garantiram-me que, nas minas, se pode determinar a priori onde os diamantes são mais ou menos puros, em função do tipo de terra onde eles são encontrados: se ela é amarelada, assim também serão os seus diamantes. Próximo a Arraial Velho, há um pequeno Distrito, coberto de barro vermelho escuro, que é o único lugar onde se encontram diamantes cor de rubi – pelo menos é o que dizem.

18.02.1828 (segunda-feira)

Carnaval em Diamantino

É a forma de prazer mais grotesca e absurda de pessoas que se dizem civilizadas. Umas respingam ou besuntam lama com água nas outras ou qualquer outra coisa que lhes chegue às mãos. Derramam bacias de água na cabeça dos outros. Estes trocam a roupa e começam tudo de novo. Algumas pessoas ficam doentes, outras desmaiam, mas acabam voltando [para a festa]. Quando há Riachos por perto, levam uma por uma para ser mergulhada lá. Nunca desejei tanto poder ir embora daqui como nesses dias. Nem ouso me transportar em pensamento para a Europa e me imaginar assistindo a um enredo carnavalesco espirituoso, ou participando de um baile de máscaras, enfim, entre seres humanos. Sim, porque esses bandos de negros e negras despidos, perambulando pelas ruas aos berros, com bacias de água e bandeiras nas mãos [...]

19.02.1828 (terça-feira)

Comércio

Em dezembro, janeiro e fevereiro, todos os comerciantes vão para o Rio de Janeiro fazer compras e voltam carregados na estação seca, normalmente em agosto, setembro, no mais tardar, em outubro.

A única mercadoria que levam para lá é ouro e diamante. Antes levavam também moedas de prata, mas hoje quase não se vê mais delas; muitas vezes, eles são obrigados a se carregar de moedas de cobre. Uma mula não consegue levar mais do que 600.000 réis em moedas de cobre. Esse dinheiro é trazido para cá às expensas da Coroa: uma parte dele vai para o Pará via transações comerciais, e a outra parte retorna para o Rio de Janeiro.

O escravo tem que pagar impostos aduaneiros quando vai de uma Província a outra. É proibida a remessa de dinheiro de um porto para outro. No Rio de Janeiro, é preciso pagar pelo menos 10 tributos, mas daqui saem milhares de cruzados para o Pará [neste ano, foram cerca de 30.000 cruzados] sem que ninguém se dê conta disso. Hoje o último comerciante, Tenente José Antônio Ramos e Costa, partiu para o Rio de Janeiro com 100/8ª.

Agora já não há mais compradores de diamantes aqui, e as notícias do Rio de Janeiro são de que os preços dessas pedras caíram muito. Dizem que o preço do Quentchen não chega a 100.000 réis – aqui valeria cerca de 80.000 réis.

O tempo começou a melhorar ontem, de modo que preciso tomar providências para a viagem. Já está quase tudo pronto; falta apenas levar as mercadorias para o Rio Preto. O condutor Floriano me prometeu, há vários dias, vir buscá-las e levá-las para lá, mas ainda não chegou. As doenças diminuíram consideravelmente, quase não tenho doentes para tratar.

Estilo de Construção de Casas

Ainda não comentei o tipo de construção de casas desta região. Notei uma diferença: aqui preferem as meias-águas, ou seja, telhados de um só plano. Da rua, tem-se a impressão de que são casas altas e boas, mas, por dentro, são baixas e ruins, extremamente úmidas, pior do que os nossos estábulos de fazendas. Mas, ao mesmo tempo, reconheço sinceramente que esse tipo de construção em encostas de montanhas, como aqui acontece, tem suas vantagens, principalmente num país onde é dificílimo encontrar telhas para comprar. Os pilares são geralmente de aroeira-do-campo, um tipo de madeira que nunca apodrece, mesmo quando exposta às chuvas.

Indumentária

Homens e mulheres andam normalmente vestidos com capas de tecido escocês; à noite, é difícil dizer se é uma pessoa do sexo masculino ou feminino. Aos domingos, os homens de classe e cultos [se é que posso dizer assim] se vestem mais ou menos como os europeus. As mulheres, tanto de classe alta como baixa, usam capas de baeta, um tecido rústico de lã preta. As mulheres dos ricos usam capas de tecido fino preto, embainhadas com o mesmo tecido para aumentar a peça. Isso dá ao ambiente um aspecto tristíssimo.

Não se vê o rosto das pessoas, muito menos a forma do corpo. Há mulheres e moças bonitas, jovens e encantadoras, mas, vestidas assim na igreja, ficam irreconhecíveis. Normalmente elas ficam trancadas em casa. Quando saem para passear com toda a família, o que acontece raramente, usam aquela capa de tecido escocês. Enfim, não é fácil, nesta terra, ver o contorno dos corpos femininos em público. Mas quem estiver disposto a começar um romance não terá dificuldade. É como se diz: os frutos proibidos são sempre mais saborosos do que os permitidos.

23.02.1828 (sábado)

Diamantes

Hoje trouxeram-me meio Quentchen de diamantes selecionados, belos e brancos, pesando de 1 a 3 vinténs. [...] Cabra é o nome que dão aqui ao mestiço de negro com Índio ou nativo do Brasil. Na verdade, a palavra é uma corruptela de caipora ou caapora. Se não me engano, na língua geral do Brasil, "*caa*" ou "*cai*" significa mato; e "*pora*" quer dizer homem, pessoa. Portanto, caapora ou caipora é o habitante do mato.

Fraudes com Diamantes

Durante minha estada em Minas Gerais, em Serro do Frio ([319]), já mencionei, em meus diários, que a resina do jatobá brilha, sobretudo à noite, como um diamante, e isso tem dado ensejo a fraudes. Aqui elas não são muito comuns, mas, há alguns anos, aconteceu o seguinte fato: certa noite, um crioulo chamado Conrado, escravo de um tal Garcia, foi, com vários comparsas seus, à venda de um conhecido que já tinha comprado dele diamantes roubados. Ele bateu à sua porta, perguntou se ele estava sozinho e disse:

– Hoje temos um grande negócio para fazer.

O vendeiro respondeu:

– Vamos ver o que é.

Conrado pediu-lhe que mandasse embora sua mulher e os comparsas, pois precisava falar a sós com ele.

Pediu-lhe discrição, ou ele ficaria numa situação difícil. Depois que o vendeiro lhe prometeu silêncio, ele desembrulhou um saquinho [uma bolsa onde os negros guardam todos os seus pertences], com muita cerimônia, foi tirando de dentro dele trapos e farrapos e pediu:

– Antes de mais nada, dê aos meus companheiros uma boa aguardente, pois eles fizeram por merecê-la.

O vendeiro, com grande ansiedade, viu, finalmente, sair de lá um diamante de tamanho extraordinário. Conrado disse:

[319] Data de 1702, o primeiro nome de que se têm notícia da atual cidade do Serro – "*Arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro do Frio*". Em 1714, a Povoação foi elevada a Vila e Município com o nome de Vila do Príncipe pelo Governador Brás Baltasar da Silveira e em 17.02.1720, passou a ser sede da Comarca do Serro do Frio (18°36'18" S / 43°22'44" O).

– Você quer comprá-lo, independentemente do peso? O que acha de me pagar um Quentchen? Com certeza, não é muito ([320]).

Pois bem, o comprador, que não tinha um olho, percebeu logo que a pedra pesava pelo menos 2 Quentchen e aceitou a oferta, sem nenhuma restrição à avaliação feita. Conrado:

– Quanto você dá pelo Quentchen?

O preço normal é de 3.000 cruzados. O comerciante respondeu:

– Uma libra de ouro.

Conrado:

– É muito pouco.

O comerciante:

– Não dou mais do que isso.

Conrado se dirigiu a seus camaradas, que estavam de pé à porta, e perguntou-lhes:

– E vocês, o que dizem sobre isso? Foram vocês que acharam a pedra. Querem deixá-la por esse preço?

Eles conversaram entre si e, depois de algum tempo, responderam:

– A pedra pesa ¼ de libra, mas nós precisamos do dinheiro agora.

O comerciante aceitou com um aperto de mão, pagou, e Conrado e seus comparsas partiram.

---

[320] N.B.: qualquer um aprende bem rápido a avaliar uma pedra. Passei aqui poucos meses, mas já sei avaliar, de olho, exatamente o peso de um diamante.

O comerciante, dando pulos de alegria, chamou sua mulher e lhe disse:

– Graças a Deus, hoje ficamos ricos!

Estava tão eufórico que quebrou os poucos móveis que possuía. Mandou buscar os pratos da balança. Ele achava que a pedra pesaria no mínimo 2 Quentchen, mas ela tinha menos do que 1½ ou 1¼.

– Impossível!

Finalmente, pegou o diamante falso, colocou-o entre os dentes, mordeu-o com força e descobriu o engodo. Mas já era tarde demais, e contra essas gatunagens não há leis aqui. O comerciante foi se queixar com o proprietário do escravo, Garcia, que mandou, então, chamá-lo. Conrado perguntou-lhe:

– Meu senhor, se tivéssemos encontrado, a seu serviço, uma pedra desse tamanho e a tivéssemos roubado e vendido escondido por um preço desses, o que o senhor faria conosco?

O proprietário não soube o que responder. Desse dia em diante, o comerciante passou a ficar mais atento na hora de comprar.

Cura de Hidropisia ([321])

A proprietária de uma escrava que tinha hidropisia pediu-me uma consulta. Achei que era o caso de receitar-lhe cainca. Dei-lhe a raiz e mandei que fizesse um decocto ([322]), recomendando à doente tomar diariamente duas xícaras cheias: uma de manhã e outra à noite. Mas a proprietária me disse:

– Não vou fazer isso; a doente já tem água suficiente no corpo, e o senhor ainda quer que ela tome duas xícaras todos os dias?! Isso não vai lhe fazer bem de jeito nenhum! (LANGSDORFF)

---

[321] Hidropisia: acumulação anormal de fluido no corpo ou no tecido celular.
[322] Decocto: cozimento.

De 01.03.1828 a 01.04.1828

01.03.1828 (sábado)

As providências finais para a nossa partida de Diamantino já tinham sido tomadas. Havia caixas e mais caixas prontas. Aguardei ansiosamente um carregador, um tropeiro, um arrieiro ou qualquer outra pessoa que se dispusesse a levar a bagagem para o Rio Preto.

Finalmente, ele apareceu há cerca de 8 dias, e assim foi feito o transporte da carga em 30 mulas para o Rio Preto. Achei necessário ir lá para verificar se minhas ordens estavam sendo cumpridas. Na Vila, só haviam ficado nossas malas, instrumentos, alimentos, medicamentos, enfim, as últimas coisas, que talvez dessem ainda uns 20 ou 30 carregamentos. Meus companheiros Rubsoff e Florence acompanharam-me.

O caçador Joaquim e o empalhador João Caetano já estavam nos arredores do Rio Preto há alguns dias, para vigiar os objetos trazidos e caçar exemplares para a coleção zoológica. Ainda tive que tomar várias providências hoje cedo na Vila, o que retardou nossa partida para as 11h00. Partimos com uma mula, carregando os apetrechos de viagem necessários aqui, tais como redes de dormir, barracas, provisões, saco de roupas ou de dormir e instrumentos.

Uma hora depois, uma chuva rápida e forte nos alcançou. Depois o tempo melhorou, mas só por volta das 02h30 conseguimos chegar à fazenda ou engenho d’Água Fria, distante 1½ légua da Vila. Além de alguns negros e índios Apiacás, não encontramos ninguém que nos servisse de guia. Acabamos tendo que montar acampamento aqui mesmo, pois ainda tínhamos que percorrer 3 léguas até o Rio Preto, e já era muito tarde.

O caminho da Vila até a fazenda não era de todo ruim. Um quarto de légua adiante, passamos pela fazenda do Capitão Moreira, subimos um morro e nos deparamos com um caminho ruim e pedregoso. Vimos muitos desmatamentos e algumas roças. Após subir o morro, chegamos aos campos de cerrado. A vegetação não tem nada de especial. De vez em quando, encontramos cascalho sem água, ou seja, indícios de ouro e diamantes que não puderam ser explorados por falta de água.

Estávamos, então, sobre um planalto, que é um divisor de águas no sentido Sul-Norte: de um lado, as águas do Diamantino se dirigem para o Paraguai; de outro, as do Rio Preto desembocam no Rio Amazonas. Uma hora depois, chegamos a um Ribeirão cujas águas afluem para o Rio Preto.

Tão logo chegamos ao engenho, vieram nos oferecer a casa dos brancos [do proprietário], onde fomos logo pendurando nossas redes. Bebemos chá com aguardente e açúcar e comemos uma porção generosa de arroz e toucinho que havíamos trazido, pois eram o nosso almoço e jantar. Sem a aguardente com açúcar, o arroz não teria ficado tão saboroso.

Experiência Médica no Tratamento da Febre Fria

A fazenda d'Água Fria [do Caracará] é tida, injustamente a meu ver, como insalubre. A febre fria é muito temida em todas as redondezas. De uma maneira geral, a experiência que os habitantes daqui vêm acumulando há anos nesse sentido é importante e precisa ser levada em consideração. Por exemplo: eles observaram que a ingestão de doces é prejudicial à saúde das pessoas, principalmente depois de terem tido febre intermitente ou uma febre intermitente mal curada.

Da mesma forma, melado e rapadura [açúcar não-refinado] são nocivos; em contrapartida, o açúcar refinado pode ser consumido. A banana também é prejudicial, pois provoca recidiva da febre fria.

02.03.1828 (domingo)

À noite, recebemos as boas-vindas – bem hostis – dos piuns ([323]), que são pequenos mosquitos. Elas acharam nosso sangue delicioso e nos perseguiram implacavelmente. Algumas horas depois, estávamos com rostos e mãos inchados; só tivemos sossego já noite alta. Durante uma excursão na mata, alguns carrapatos me pegaram e não me deixaram dormir à noite. No escuro mesmo, fui tateando pelo corpo, consegui sentir três deles e os matei.

Lá fora chovia muito forte, e, quando o dia nasceu, tomamos um "*Tinct. Robert Whytti*" e uma boa xícara de chá. Por volta das 09h00, parou de chover. Como a água escorre rapidamente nos campos, os caminhos estavam excelentes, de forma que logo montamos nossos cavalos e seguimos nossa viagem para o Rio Preto. O Sr. Florence aproveitou a breve parada antes do café da manhã para desenhar um dos Apiacás que estavam por aqui. Dentre as várias tatuagens que ele tinha, havia uma de um homem e outra de um pássaro no braço, não muito diferente daquelas que se veem nos Mares do Sul.

Percorridas 3 horas, chegamos àquilo que chamam porto. Inicialmente, o caminho era coberto de campos de cerrado ou matas baixas e densas, mas, logo depois, entramos em uma mata alta e densa, com árvores finas e altas e alguns troncos grossos. Na última metade do caminho, vimos as pacovas ([324]) ou

[323] Piuns: seguramente eram carapanãs. Os piuns só atacam de dia.

[324] Pacovas (Heliconia brasiliensis): nativa do Brasil e popularmente conhecida como Pássaro-de-fogo, Pacova-branca, Tracoá e Caetê.

bananeiras silvestres. Na verdade, não são bananeiras, mas suas folhas se assemelham às delas. A meu ver, devem pertencer ao gênero Heliconia. Quase todas têm troncos altos e folhas enormes. Logo após a nossa chegada, tomei as medidas de comprimento e largura das canoas para mandar fazer barracas e cobertas para elas. À tarde, retornei com meus companheiros de viagem para a fazenda d'Água Fria, onde pernoitamos. [...] Os homens jogam cartas; os escravos dançam e aproveitam mais a vida do que seus senhores.

Observação

Na estação das chuvas, são poucos os que se sujeitam à inspeção da lavação de diamantes. Eles pagam os negros a jornal ([325]), ou seja, os escravos têm de lhes entregar um vintém de diamante por semana. Mas, na verdade, eles fazem o que bem entendem. Se dizem que não encontraram nada, o senhor tem que acreditar, pois ele sabe muito bem que também a ele pode acontecer de trabalhar semanas a fio em vão.

Quando o escravo encontra uma pedra grande, ele a vende a um garimpeiro, guarda para si o que exceder a 1 vintém e dá ao seu senhor o vintém que lhe é devido. Por isso, é raro o proprietário de uma lavação receber as pedras grandes; estas devem ser procuradas com os negros e garimpeiros. Hoje as mulas levaram o quarto carregamento para o Rio Preto. Mandei logo as provisões e acredito que poderei partir para lá dentro de oito dias. Ainda temos tido, todos os dias, pancadas de chuva com trovoadas. As chuvas fortes contínuas cessaram, mas me disseram que, em março, os Rios ainda se enchem bastante.

[325] Jornal: pagamento por um dia de trabalho.

As Raças da População

Aventuras de todo tipo. Brasileiros e portugueses vêm para cá para tentar a sorte nas escavações de ouro e diamantes. Eles chegam solteiros e, com uma parte do lucro, fazem casamentos ilícitos. Muitos preferem mulatas ou negras. Se não encontram uma moça que lhes satisfaça os prazeres carnais, compram ou alugam uma escrava e fazem filhos com elas. Depois de alguns anos, vão embora com todos os bens acumulados, abandonando-as com as crianças, ou vendendo as escravas e escravos a um outro, sem a mínima preocupação quanto ao seu futuro.
As meninas abandonadas se transformam em prostitutas, e os meninos, em vagabundos. Ou então eles se casam depois. Não é raro encontrar, em famílias honradas, uma mistura de todo tipo de crianças. Isso cria, frequentemente, situações embaraçosas, pois não se sabe se as crianças são escravos ou filhos agregados; pelas roupas também não é possível distinguir, pois as escravas às vezes andam muito bem vestidas, e os próprios filhos do senhor andam nus como escravos.

A essas crianças agregadas ou nascidas fora do casamento dão-se vários nomes, tais como enjeitados, afilhados ou filhos naturais. Raramente se veem mulatos entre eles. Ninguém sabe de quem é realmente a criança. Dá-se o nome de aparentado ao filho nascido fora do casamento, mas não reconhecido publicamente como tal. Ele é tratado como escravo: não recebe nenhuma educação, não aprende a ler e escrever. O povo de Diamantino, de uma maneira geral, é um povo imoral, de maus costumes, escravo da luxúria, constituído de muitas misturas de raças e de cores, entre negros, índios, mulatos, brancos e outros.

O mais terrível é que as mulheres brancas realmente honradas se acostumam, desde a juventude, a assistir aos maus exemplos de infidelidade dos homens, que, todos os anos, trazem crianças estranhas para dentro de casa. Elas acabam se deixando contaminar por esse espírito e passam a achar que têm o mesmo direito, ou seja, que podem retribuir na mesma moeda a infidelidade dos homens. Acho que posso dizer que não conheci nenhuma esposa fiel nesta Província. Apesar de raros, há exemplos de comerciantes brancos que se casaram oficialmente com escravas negras com quem tinham vivido muitos anos e gerado filhos. Crianças geradas com escravas são criadas frequentemente como escravos.

O irmão é o senhor; a irmã é escrava, ou vice-versa. Por outro lado, não é raro, pelo menos aqui em Diamantino, um negro rico em diamantes se casar com uma bela mulata ou até com uma branca. Não deixa de ser uma forma de regenerar a raça (**?**). Os homens mantêm, sob o mesmo teto, a esposa e as concubinas; ambas as proles crescem juntas.

06.03.1828 (quinta-feira)

Adiamento da minha viagem. Todos os dias sou obrigado a retardar a data da minha partida, e com isso surgem novas dificuldades. Vários membros da expedição foram acometidos hoje por forte acesso de febres intermitentes e estavam sem condições físicas para ir ao porto do Rio Preto.

Estranha Declaração de Óbito

Hoje, por volta das 21h00, ouvi uma gritaria horrível na rua. A princípio, pensei que fosse uma negra sendo brutalmente açoitada. Todos abriram as janelas e perguntavam o porquê da gritaria.

“*Meu senhor fulano de tal morreu! Deus me ajude!*”; e assim ela percorreu todas as ruas da Vila. Era uma das mulheres negras de um falecido. Este era um homem casado, muito íntegro, jovem, bravo, que morreu das consequências de uma febre intermitente contraída há vários anos e nunca debelada, que acabou se degenerando em febre contínua: um exantema antigo inflamou e o matou. Em todos os enterros, distribuem-se velas de cera na casa do falecido.

Todos, conhecidos e desconhecidos, comparecem para receber uma, até os negros. Na verdade, só deveriam recebê-la as pessoas que acompanham o corpo, mas, na prática, acabou virando um abuso: muitas pessoas ficam por ali, ou dentro ou na frente da casa, e vão embora assim que recebem a vela.

As pessoas de posses e os parentes levam o corpo até a igreja, depois deixam as velas lá mesmo e vão para casa. Não rezam nem um Pai-Nosso para o defunto na igreja. Mas, no percurso entre a casa do falecido e a igreja, as pessoas cantam alguns momentos, e depois cada uma recebe uma certa soma em dinheiro, acredito que 4/8ª/4 Quentchen de ouro.

Convidaram-me para ter a honra de ser um dos seis carregadores do caixão, e, como o falecido morava longe da igreja, tive que carregá-lo durante meia hora. Não foi fácil. Ao voltar para casa, encontrei velas grandes de igreja, pesando quase 2 libras, que me enviaram por ter carregado o caixão.

Como estava perto da partida, mandei o meu servente ir procurar os meninos de rua que ficavam na frente da casa do defunto esperando receber uma vela de cera; eu queria que ele comprasse deles as velas, pois elas seriam de grande serventia na

viagem. Ele voltou logo depois trazendo 5 libras de velas, que comprara a preço baixíssimo ([326]).

07.03.1828 (sexta-feira)

Meu condutor só partiu hoje, com 9 ou 10 mulas. Eu havia decidido partir também para o Rio Preto, mas fui obrigado a ficar, pois vários marinheiros ficaram doentes. Dei-lhes vomitivo e quina.

08.03.1828 (sábado)

Às 19h00, fez +22°R; às 07h00, +19°R; ao meio-dia, +20°R ([327]). Depois de várias semanas, voltaram as chuvas fortes, repentinas e constantes à noite, que vieram substituir as tempestades passageiras diárias das últimas semanas.

Jazidas de Diamante

Hoje à tarde, encerrei todas as minhas atividades, tomei todas as providências para a minha partida de Diamantino, prevista para amanhã, quando o arrieiro Floriano voltar – pelo menos é o que tudo indica. Ontem tive a notícia de que um certo Antônio Antunes descobriu uma mina muito rica de diamantes, onde, em poucas semanas, ele encontrou, com 40 escravos, entre 2 e 3 Quentchen de diamantes por dia. Dizem que é uma espécie de Ilha que se formou com o cascalho que se depositou ali, ou seja, uma Ilha cercada de terra por todos os lados. Ao ser explorada, encontraram três camadas bem distintas de solo, e, na camada mais inferior, havia grande quantidade de diamantes

[326] N.B.: Os verdadeiros acompanhantes levam as velas acesas; os meninos e outras pessoas que acompanham o caixão apenas por interesse não acendem as velas, para elas não perderem o valor.

[327] +22°R = 27,5°C; +19°R = 23,8°C; +20°R = 25°C.

O proprietário já tinha sido oficialmente notificado de que deveria suspender os trabalhos nas terras, mas ele conseguiu engabelar os funcionários do governo, e ainda obteve uma autorização temporária para continuar trabalhando. Ouvi dizer, contudo, que as pessoas voltaram a protestar e a exigir do governo que fizesse a repartição do terreno em datas, pois a mina era grande demais para ser explorada apenas por uma pessoa. Como se pode conceber que uma Província e um país com tantas dificuldades financeiras sejam tão negligentes em relação a uma questão tão importante como o são as minas de diamantes? Antônio Antunes, um sujeito muito esperto, conseguiu extrair, no espaço de um mês, cerca de 50 Quentchen de diamantes por dia; e o governo nem tomou conhecimento disso, pois não foi reclamar a sua parte.

Desde que essas minas foram descobertas, há 24 ou 26 anos, nunca ocorreu a nenhum Governador ou Presidente vir a esta região [o que, na verdade, seria uma obrigação sua], para fazer, in loco, um levantamento de suas fontes de riquezas e explorá-las em prol do Estado. Estas terras têm tanta fama de serem insalubres que nem o Governador, nem o Bispo, nem outra pessoa qualquer ousa vir aqui, a não ser por absoluta necessidade; muito menos na época das chuvas, que é justamente quando mais se trabalha nas minas, pois, na seca, falta água na maior parte da região.

Enquanto esses mineiros [se é que posso chamá-los assim] ou catadores de diamantes estão trabalhando satisfeitos, se sentindo recompensados pelo seu esforço, raramente ficam doentes. Mas quando ficam, dia e noite, expostos ao Sol escaldante e à chuva, imóveis, tensos e ansiosos, ou quando trabalham semanas a fio em vão, então o mau humor e a doença tomam conta deles.

Com medo de serem roubados pelos negros, eles evitam se afastar muito da lavação; com isso, se descuidam do corpo, comem mal e bebem daquela água parada e podre, sem se preocupar com o risco de contrair febres infecciosas e intermitentes, e que fatalmente contraem.

Hoje à tarde, vesti metade do uniforme, com uma espada pequena ou espécie de punhal de guarda florestal, um chapéu de três pontas e comecei a me despedir. Só então as pessoas se convenceram de que eu partiria mesmo e vieram, então, tentar me explicar que seria impossível fazê-lo assim tão rápido [na verdade, tão lentamente].

Da minha parte não estava faltando mais nada; mas, da parte do governo ou da Fazenda Pública, eu diria que faltava tudo. Nem a metade da provisão de alimentos, que é o principal, havia sido providenciada. Precisei envidar todos os esforços para conseguir, pelo menos, o carregamento de 9 mulas para amanhã.

09.03.1828 (domingo)

Hoje cedo, finalmente, o provedor da Fazenda Pública tomou providências para acertar as contas e as trouxe para eu assinar. O provedor, o Capitão-Mor e o Comandante haviam decidido que eu só poderia partir depois de regularizá-las.

No sábado, dia 7, eu estava pronto e no domingo, dia 8, peguei meu chapéu e meu punhal e fui me despedir formalmente, como gostam os portugueses. Só então eles se dispuseram a tomar as providências e a me ajudar. Faltavam os alimentos, e despacharam um expresso para ir buscá-los. Os brasileiros portugueses não se importam de adiar suas viagens de um dia para outro e, por isso, não conseguem entender por que os outros não podem fazer o mesmo.

Por volta das 10h00, chegou o condutor e ficou feliz de encontrar o carregamento de seus animais pronto, conforme ele queria. Ele deixou a Vila às 13h00, com 9 animais carregados. [...] Meu amigo José Paes de Proença me cedeu sua casa espaçosa, o que representou, para mim, uma economia de 10.000 a 20.000 réis por mês, no mínimo.

Os doentes que tratei aqui me mandavam, como pagamento, galinhas, porcos, toucinho, doces, açúcar, vinho. Assim, vivi melhor e consumi menos do que em Cuiabá. Além disso, consegui formar aqui uma boa coleção de cristalizações. [...]

O toucinho estava acabando, faltava a cobertura das canoas, etc. Primeiro foram feitas as contas. As pessoas ficavam me rondando não para me ajudar, mas para eu assinar as suas contas. O Comandante achou de exigir de mim uma lista das matrículas da tripulação, de copiar os vistos que já foram expedidos.

Enfim, ao invés de me ajudar, eles me atrapalhavam, cada hora com uma exigência nova: ora um documento que eu já havia despachado, ora outro que eu já havia empacotado. Acabei não podendo realizar o meu desejo de partir hoje, domingo.

10.03.1828 (segunda-feira)

Finalmente, no domingo à noite, estava tudo pronto e, na segunda-feira, às 09h00, partimos de Diamantino. Nunca vi tanta frieza e indiferença numa despedida, principalmente depois de uma permanência de tantos meses num lugar! Isso reflete o caráter mercantilista e mesquinho dos habitantes daqui. Atendi tantos doentes gratuitamente, restituí a vida a tantas pessoas, e ninguém, absolutamente ninguém veio se despedir de mim.

Uns 20 ou 30 doentes que tratei não se deram ao trabalho de vir me agradecer pelo tratamento, nem ao menos de perguntar o preço dos medicamentos. Alguns até perguntavam ou mandavam perguntar, mas, quando o valor era muito alto, eles pagavam apenas a conta dos remédios, mas não pelo tratamento médico. Se eu não prezasse tanto a minha dignidade, eu teria ido cobrar deles o que me deviam pelos meus serviços. Certamente, Antônio Rodrigues de Barros e Francisco Paes teriam perdido seus filhos; um deles estava muito mal, praticamente sem esperança de sobreviver, mas acabou se recuperando. O pai então me disse:

> – Também teria sido bom se ele tivesse morrido; crianças só dão trabalho, e eu já tenho filhos suficientes.

A imoralidade continua grassando como nos outros lugares. Eu estava feliz em poder deixar esse ninho empestado. Hoje, dia 10, só conseguimos ir até o engenho do Capitão Xavier, onde pernoitamos.

11.03.1828 (terça-feira)

No dia seguinte, fomos para o Rio Preto, aonde chegamos em boa hora. Não havíamos comido nada no engenho, pois o ambiente lá estava muito hostil. Logo após minha chegada, mandei tomarem as providências necessárias para tornar a nossa vida aqui, neste fim-de-mundo, pelo menos suportável. Montamos nossas redes com toldo, abrimos a mala onde estavam as velhas garrafas de vinho do porto e a matalotagem, ou seja, a provisão de mantimentos trazidos da Vila; enfim, tentamos fazer o possível para tornar a nossa vida aqui um pouco mais agradável. Durante o percurso de meia légua entre o engenho e Rio Preto, observei, na mata, grande quantidade de insetos. Capturei vários.

Fiquei admirado com as rápidas mudanças da natureza. Aqui é o divisor de águas dos Rios Paraguai e Amazonas. Embora seja uma pequena faixa de 1½ légua, apresenta grande variedade de espécies de História Natural, tais como Tanagra ([328]), Oriolus ([329]), rãs e peixes nunca vistos antes, além de novas espécies de insetos, que, na Província de Mato Grosso, quase não se veem. [...]

12.03.1828 (quarta-feira)

De manhã cedo, fui a pé, com o guia Francisco Gomes, ao sítio do Defunto Felizberto, um estabelecimento que fica a uma légua disso que chamam porto.

Eu já tinha escrito ao proprietário há alguns dias, dizendo-lhe que gostaria de adquirir uma certa quantidade de feijão preto seco, pois, na Vila, não consegui comprá-lo nem por 4/8ª = 4.800 o alqueire. Fiquei satisfeito quando soube que poderia comprar 20 alqueires e por um preço baixo, isto é, 1½/8ª. Era um estabelecimento muito mais agradável e melhor do que o do Capitão Xavier.

O caminho do Rio Preto até a fazenda é muito bom. Ele passa por formações de ouro e diamantes, ou seja, de quartzo bastante fragmentado, mas que não chegam a ser propriamente seixos rolados tais como os que se veem em outros lugares. Minha coleta entomológica de hoje foi muito rica: algumas borboletas novas dos Hesperídeos e muitos Reduvídeos, que foram muito bem-vindos.

---

[328] Tanagra (Tanagra pectoralis): a família Tanagridae (saíras, sanhaços, tiés e gaturamos).

[329] Oriolus (papa-figos): ave da Ordem Passeriformes – família Oriolidae. São conhecidas duas subespécies: Oriolus Oriolus Oriolus (Europa e Ásia) e Oriolus Oriolus Kundoo (Índia e Afeganistão). Langsdorff certamente enganou-se na sua observação.

Os moradores do sítio do Felizberto nos receberam muito bem, com simplicidade e tranquilidade, e não quiseram receber nenhum pagamento por isso. Mas a pobreza era muito grande; nem ovo havia para comprar. Meu guia teve que andar mais uma légua para comprar feijão para a Expedição.

13.03.1828 (quinta-feira)

Muitas pessoas podem não gostar da vida no isolamento do sertão, mas a mim agrada muito. Alegro-me por estar novamente na natureza livre, aberta, nestes vastos campos de observação. Fico feliz também porque meus dois companheiros Rubsoff e Florence estão com ânimo renovado, reencontraram o entusiasmo de trabalhar para a Expedição. Retomaram voluntariamente suas atividades, embora o Rio Preto, temido por todos os habitantes da Vila, prometa uma estada triste e deplorável.

Mandei desmatarem e limparem um pequeno trecho na mata fechada da margem esquerda do Rio, onde mandei construir uma cabana para guardar nossa bagagem. Tão logo chegamos, montamos a grande barraca com uma mesa de campanha e nossas redes toldadas. Tivemos que fazer tudo às pressas por causa da chuva persistente que cai todos os dias. Só hoje, que ela parou um pouco, pudemos pensar em montar um acampamento mais confortável, arrumar melhor a nossa barraca e colocar nossas roupas pessoais e roupas brancas para secar.

À tarde, trouxeram um boi que comprei por 6.000 réis e um pouco de feijão. O pessoal costurou sacos às pressas; o boi foi abatido. Também mandei comprar uma dúzia de galinhas, pois várias pessoas caíram doentes em consequência da vida desregrada que têm levado, do excesso de umidade, da falta de roupas limpas para vestir.

Apesar das minhas advertências, os que ainda estavam saudáveis continuavam a tomar banho de Rio todos os dias. Eles nem precisavam se preocupar se teriam ou não o que comer: eu não deixava faltar nada, e isso os deixava animados. Os doentes recebiam remédios e canja de galinha; os saudáveis, cachaça amarga e aguardente, e, à noite, ponche quente. Depois ouvíamos o canto alegre da mata, acompanhado do rumorejar do Rio. No acampamento, nossa maior tortura eram as pequenas mutucas e as formigas-correição ([330]). Provavelmente os alimentos as atraíram, além de estarem fugindo das chuvas intensas.

Em alguns lugares, elas cobrem de preto grandes faixas de terra, e sua picada é muito dolorida. Minha coleção entomológica cresce a cada dia; pela primeira vez tenho conseguido um ou dois exemplares, por dia, do grande e belo Ateuchus ([331]) cornífero [aquele que o Conde de Hoffmannsegg levou, pela primeira vez, às coleções europeias] e borboletas verde-ouro que eu ainda não tinha. Hoje comprei também um porco cevado e toucinho a 4.800 réis; o feijão custou 2.400 o alqueire.

Ontem, enquanto eu estava no sítio do defunto Felizberto, o tropeiro chegou com alimentos [farinha e aguardente], mas não trouxe nem os toldos nem as barracas para as canoas, porque ainda não estavam prontas. Isso me desgostou, pois significava que ainda não poderíamos embarcar; enquanto isso, a cabaninha ia se abarrotando de alimentos; íamos ter que esvaziá-la de alguma forma.

---

[330] Formiga-correição: designação comum de cerca de 200 espécies de formigas carnívoras conhecidas por organizarem expedições periódicas compostas por milhares de indivíduos. Não constroem colônias e permanecem em constante movimento.

[331] Ateuchus: besouro do estrume.

Na vida acontecem muitas coisas que prendem o espírito de várias maneiras. Não consegui dormir durante a noite. Durante o dia, não pude me ocupar nem mental nem fisicamente. Distribuí as tarefas necessárias, tratei meus doentes, providenciei a aquisição de mantimentos, capturei alguns insetos, fiz uma nova arrumação na nossa barraca, na cozinha e na barraca de mantimentos; mandei costurar sacos para o feijão e outras coisas.

A noite se aproximava, e mandei distribuir ponche quente para todo mundo. Por volta das 20h30, tomei um caminho de terra e deixei meus dois companheiros de viagem e amigos sozinhos, insones, numa grande barraca aberta, nessa região erma, temida e, como se diz, empestada. Mas eu estava satisfeito, pois estava certo de estar cumprindo o meu dever, melhor do que cem ou milhares de pessoas.

Lá fora chove terrivelmente. Tudo é silêncio ao meu redor; só se ouve o bater de asas, o gorjeio de alguns pássaros e o canto dos grilos. O dia inteiro, torturado pelas picadas dos mosquitos, fiquei sentado com toda a calma – se alguém pode dizer assim –, absolutamente sozinho, descalço, com as pantufas na mão e um gorro na cabeça. Se, de repente, um europeu me visse assim, neste fim-de-mundo, certamente iria se espantar ou pensaria que se perdeu ou que teria vindo com as botas-de-sete-léguas. Minha barraca e minha mesa nem parecem de um europeu. Vejo à minha frente 7 garrafas e, por diversão, vou ver o que elas contêm ou continham: [...]

Eu, em um ermo, cercado por um castelo de garrafas, tão longe da Europa, tão longe da minha família! ... Apesar disso, feliz por cumprir o meu dever e abastecido de tudo.

O tempo está úmido: 90%. Estou vestido só de camisa, mas saudável e feliz. Como posso agradecer ao Todo-Poderoso Deus por Sua bondade, por Sua Graça, por Sua misericórdia?

14.03.1828 (sexta-feira)

Acabei de ler meu Diário de ontem e achei muitas repetições; a pena fluiu rápida no papel. Hoje não tenho muito para acrescentar. O dia transcorreu em meio a algumas atividades.

Ontem à noite abateram o boi e hoje ele foi vigiado quase que a ferro e fogo. Cortaram toda a carne em fatias pequenas [ver o Diário de Minas], besuntaram-na ou esfregaram-na no sal, guardaram sob uma proteção que prepararam de última hora, por causa da chuva, e a defumaram com fogo e fumaça [é a chamada carne moqueada]. Como o nível das águas está alto, todas as tentativas de pegar peixes foram frustradas.

Vários dos meus homens foram acometidos de febre, em consequência de abusos antigos. Eles acabaram de chegar de uma Expedição que saiu para procurar negros fugitivos. Levaram mantimentos para 10 dias, mas só voltaram no décimo quarto dia, tendo, portanto, passados 4 dias sem comer nada. Expostos às chuvas diárias, sem comida, sem muda de roupa, até me admiro que apenas alguns tenham adoecido e não todos. Estamos acampados perto da Foz de um córrego cristalino no Rio Preto. A água de uma pequena nascente é pura e parece muito mais saudável, mas as pessoas vão sempre beber a água suja e turva do Rio Preto, apesar das minhas advertências.

Todos os dias recebíamos provisões de mantimentos, especialmente de feijão e toucinho, que ontem não

conseguimos por dinheiro nenhum na Vila. Eles são entregues no porto normalmente pela metade do preço, ou seja 2/8ª. Minha tropa também voltou da Vila e trouxe toucinho, aguardente, dois toldos para as canoas e duas barracas para a terceira canoa, que ainda não tinha cobertura, e mais algumas miudezas. Mas ainda faltavam muitas coisas, sobretudo farinha. Aos poucos, minha tripulação vai se reunindo. Hoje chegaram mais quatro; estamos praticamente completos. Hoje pedi ao Comandante mais duas pessoas, pois os homens estão adoecendo um após o outro. Continuo afirmando que a causa é o descaso em que vivem, dia e noite expostos à umidade, sem o mínimo cuidado com a saúde. Chove todas as noites e a maior parte do dia. Eu e meus companheiros de viagem estamos tomando muito cuidado. Até agora, graças a Deus, ainda não se concretizou a profecia dos habitantes de Diamantino de que iríamos adoecer. As chuvas constantes nos impedem de fazer aquela excursão ao sítio seguinte, a uma légua daqui, prevista desde a nossa chegada.

Além disso, ainda preciso providenciar algumas coisas importantes para o nosso conforto durante a viagem, tais como torrar o café e refinar o açúcar.

Os habitantes dos estabelecimentos distantes da Vila são mais ingênuos, de sentimentos e ações puros. Mas abomino, cada dia mais, o caráter dos habitantes de Diamantino. Enquanto puderam se aproveitar de meus serviços como médico, foram atenciosos, aduladores, hospitaleiros e amáveis. Mas, tão logo anunciei a minha intenção de não regressar, esqueceram tudo: que lhes dei remédios de graça, que aceitei as mixarias que me davam como pagamento por ter salvo suas vidas e as de seus filhos. Não se dignaram a me dizer um mísero "*muito obrigado*", nem a me fazer uma visita de despedida. Quanta mesquinhez!

Em termos de ingratidão, Antônio Rodrigues de Barros Neves, um dos habitantes mais ricos e cujo filho salvei da morte, é o primeiro da lista.

16.03.1828 (domingo)

A mata úmida estava me causando repugnância; por isso decidimos fazer uma pequena excursão até o sítio vizinho, o do defunto Felizberto, a uma légua de distância, e aproveitei para fazer incursões entomológicas. Um trecho de três quartos de légua do caminho passa por dentro de mata espessa, onde vi alguns pássaros: mutums, jacus e japus. O tempo estava bastante favorável. Saindo da mata, aparecem novamente os campos. Depois de um longo tempo, finalmente voltei a respirar livremente. O ar estava bastante seco, para a alegria dos pobres moradores de uma cabana humilde. Eu já havia deixado um aviso: se eu não voltasse, era para eles me mandarem minhas roupas de dormir e meu gorro.

À noitinha, vieram me trazer a notícia de que o correio de Cuiabá havia chegado no porto do Rio Preto com carta do Rio de Janeiro para mim. Mas já estava muito tarde para eu ir até lá.

17.03.1828 (segunda-feira)

Voltei de manhã cedo e recebi a correspondência, pela última vez nesta Província. Entre outras coisas, vieram as provas tipográficas de minhas observações sobre a cainca. Eu estava esperando o último ou penúltimo carregamento com os meus pertences vindos da Vila. Até as 15h00, o tropeiro ainda não havia voltado. Como meus companheiros e eu queríamos respirar, de novo, um pouco de ar fresco, propus-lhes, ao meio-dia, fazer um passeio até o sítio próximo, onde poderíamos passar a noite em

uma casinha boa e seca que havia ali, que certamente estava destinada a ser uma capela. Eu já havia pedido a permissão do proprietário para ocupá-la. O caminho até ali é bastante bom. Passa por dois ou três córregos, que correm rumorejando dentro do vale estreito. As colinas que formam o vale são terras aluviais de quartzo quebrado, que aqui recebem o nome de formação, ou seja, "*formatio*", onde se encontram ouro e diamante.

São poucas as pessoas que exploram essas jazidas, a região é quase desabitada e muito distante de outros estabelecimentos. Chegamos à casa do Sr. Luiz Ferreira pouco antes do pôr-do-Sol. Este havia ido hoje para a Vila, a 4 pequenas léguas daqui, mas seus escravos nos deram acolhida. Já era hora de sair dessa mata úmida e abafada. Rubsoff tinha febre e vômitos; Florence, dor de cabeça. Tudo que conseguimos aqui foi um frango. Todos esses estabelecimentos pequenos são de uma pobreza extrema.

Com muita dificuldade conseguimos um pouco de farinha de milho, pois as pessoas aqui só preparam a farinha que vão consumir naquele dia. Trouxemos um pouco de chá, açúcar e aguardente, comemos um jantar bastante frugal e dormimos maravilhosamente.

18.03.1828 (terça-feira)

O dia foi muito bom sob vários aspectos. De manhã cedo, tivemos chuva fortíssima, mas aqui era mais fácil suportá-la do que no porto. O pior foi que não estávamos preparados, não havíamos trazido nada para ficar aqui hoje. Tínhamos que voltar ao porto, sem falta, para dar corda no cronômetro. Como eu estava em melhores condições físicas do que os outros, ofereci-me para ir até lá, inclusive porque eu esperava receber as mulas.

Aproximadamente às 09h00, deixei os campos e entrei de novo na mata escura e úmida. Cheguei uma hora depois, montando um matungo. Cheguei muito mais cansado e molhado do que se tivesse ido a pé. Mas preferi ir a cavalo, porque talvez precisasse transportar algum doente ou mantimentos. Tão logo cheguei ao empestado Rio Preto, naquilo que chamam de porto, fui correndo trocar as roupas molhadas por roupas secas e lavar meus pés com aguardente. Mandei tomarem diversas providências.

Ao meio-dia, dei corda no cronômetro e recebi as encomendas da Expedição, ou seja, o último carregamento de alimentos. Ao que sei, agora só estavam me faltando os remadores, um toldo para o batelão, pagar o transporte, alguns marinheiros que haviam fugido e o Comissário Manoel de Carvalho Guedes Mourão, que me foi recomendado pelo General das Armas Gavião, em Cuiabá, como sendo um ajudante de confiança.

Durante a minha permanência em Diamantino, ele me dispensou muita atenção e me prestou grande serviço. Hoje, eu estava ocupado com os animais que haviam retornado descarregados, dando as últimas ordens para o pessoal, quando fui importunado com a visita de cortesia do Capitão Xavier [pelo menos, foi o que ele disse]. Na verdade, porém, a sua intenção era procurar o Índio Apiacá Alexandre, que trabalhava em seu engenho, mas, por causa do salário baixo, veio se juntar a nós. Ele pretendia levá-lo de volta, mas o Índio tinha saído, por acaso, com Rubsoff e Florence e não pôde ser encontrado. Além disso, esse Capitão tinha afundado um pequeno barco no Ribeirão. Nós o encontramos e, como não sabíamos quem era o dono, pensamos em ficar com ele, pois era um bom achado; mas, depois dessa visita, fomos obrigados a devolvê-lo.

Passei o dia inteiro debaixo de chuva, envolvido com muitas ocupações e tendo que aprontar as mulas. Eu não estava com muita fome e ainda precisava cuidar dos meus doentes, principalmente de Rubsoff e Florence, que deixei adoentados hoje de manhã. Reunimos rapidamente alguns alimentos, vomitivos, flor de camomila, um pouco de açúcar, chá, sal, arroz, farinha, cobertores, pantufas e outras coisas, tudo embalado junto. Uma parte foi posta no cavalo e a outra foi carregada por alguns marujos. E assim, deixei o porto por volta das 16h30, montado em cavalo e debaixo de chuva.

Uma hora mais tarde, pouco antes de o Sol se pôr, cheguei de volta à casa de Luiz Ferreira e encontrei meus dois companheiros com febre e dor de cabeça. Cheguei muito mais cansado do que se tivesse vindo a pé e com tempo bom. Meu casaco grosso e pesado conservou meu corpo seco, mas meus pés ficaram molhados desde que o dia nasceu. Fui logo me jogando na rede, com fortes dores de cabeça; depois, troquei a roupa, fiz um escalda-pés e me aqueci o máximo possível, mas me senti mal a noite inteira.

19.03.1828 (quarta-feira)

O Sr. Rubsoff passou a noite com febre e sede e, de manhã cedo, tomou um vomitivo. Florence estava se sentindo melhor, assim como eu. [...] Talvez eu esteja ficando um pouco minucioso demais, mas acho necessário fazer aqui uma digressão, para mostrar aos meus leitores o que realmente representa uma viagem dessas e que tipo de dificuldades ela envolve. De mais a mais, é muito mais fácil sacrificar alguns minutos lendo algumas páginas do que passar dias, semanas, meses se sujeitando aos rigores do tempo e das estações, a uma vida desconfortável e a doenças endêmicas sem nenhum recurso.

Não fossem meus conhecimentos médicos, a minha pele curtida e meu corpo já acostumado à fadiga, eu não sobreviveria a todos os transtornos de uma viagem como esta. Fico animado quando penso que, daqui a poucos dias, poderei finalmente partir para essa viagem, sem dúvida, perigosa, mas meu pensamento está totalmente voltado para as mil providências que ainda terei que tomar.

A Arte da Cerâmica

Dentre as atividades artísticas desenvolvidas pelas nações indígenas, a Cerâmica é uma das mais antigas, sobretudo entre os Incas, habitantes do Peru, que estavam num nível cultural bem mais adiantado do que os índios daqui. Quis adquirir alguns potes para a viagem, para não ter que beber a água diretamente tirada do Rio.

Trouxeram-me alguns potes pequenos, mas não fiquei satisfeito. Durante minha estada na casa de Luiz Ferreira, vi uma senhora com algumas dessas vasilhas grandes e perguntei-lhe de onde elas vinham. Ela me disse:

– Foram feitas aqui.

Perguntei: Por quem?

– Por mim.

Aqui há argila boa para Cerâmica?

– Não.

De onde vem a argila então?

– Algumas léguas abaixo da Vila, na direção do Rio Paraguai.

E como se fazem esses potes?

– Nos dias quentes de Sol, moemos o barro num pilão de madeira; depois o peneiramos e o umedecemos.

Pegamos, então, as cinzas de casca de pau ([332]), e fazemos o mesmo com elas; misturamos os dois ingredientes em partes iguais [um prato cheio de cada um] com água, amassamos com as mãos e vamos fazendo os potes.

Mas como você dá forma a eles?

– Pega-se uma tira fina ou grossa, dependendo do tamanho do pote, de argila umedecida e misturada e vai se colocando uma em cima da outra, começando pelo fundo do pote, sempre umedecendo e alisando a massa com a mão um pouco molhada.

Dá-se à Cerâmica a forma que se desejar. Depois, ela é deixada à sombra para secar bem. Uma vez seca, é levada ao fogo vivo feito com madeira seca e mantida ali durante algum tempo.

19 a 23.03.1828

Do dia **19 (quarta-feira)** para cá, essa é a primeira vez que pego na pena para retomar o meu Diário, mas não sei até quando vou conseguir escrever.

No dia **20 (quinta-feira)**, estive na casa de Luiz Ferreira. À tarde, tive pequenos calafrios, e febre alta durante toda a noite. Como não tinha remédio, nem tinha apetite mandei buscarem vomitivo; à noite, eu estava exaurido.

Na manhã do dia **21 (sexta-feira)**, eu já estava melhor – a água é melhor – e sentindo-me forte o suficiente para percorrer uma légua até o porto, lá cheguei ao meio-dia. Peguei várias borboletas no caminho. Assim que cheguei, tive um forte acesso de febre. Tomei um laxativo refrescante e passei muito bem à noite.

---

[332] Caripé (Licania Octandra): Langsdorff não menciona o nome da árvore mas as cinzas são da casca de Caripé que, piladas e coadas, são misturadas à argila, aumentam a resistência da peça confeccionada.

De manhã **(22 – sábado)**, as circunstâncias exigiam que eu escrevesse as últimas cartas para o Rio de Janeiro, para o Presidente e para o Governador das Armas de Cuiabá. Mas, mal acabei de escrevê-las, ainda nem as havia selado quando a febre voltou mais forte do que nunca. Passei muito mal à tarde, mas, à noite, eu estava melhor.

Hoje cedo **(23 – domingo)** estou sem febre, mas me sinto doente e sem fome; não como há cinco dias. Tomei uma dose dupla de vomitivo, mas ainda não surtiu efeito. Sinto a cabeça fraca. Na noite passada, caiu uma das tempestades mais terríveis que já presenciei; e eu aqui, nesta barraca, doente, abandonado por meus companheiros, que estão na casa de Luiz Ferreira.

24.03.1828 (segunda-feira)

Outro dia, encontraram, em um outro lugar, o meu relógio que tinha sido roubado. Às 07h00, fazia +19°R; no Riacho dentro da mata, +18°R ([333]). Ontem à noite, eu me senti bem melhor; já tive um pouco de apetite e, na noite do dia **23** e manhã do dia **24**, já estava novamente envolvido com minhas ocupações. O Carvalho veio da Vila com todos os pertences e me trouxe também a conta.

Percebi logo a forma extremamente indelicada com que a Provedoria da Fazenda Pública estava me tratando, e, no entanto, tudo que eu lhe pedia era de forma delicada. Desde que deixei Diamantino, o Carvalho só tem conseguido, e mesmo assim com muito custo, o material estritamente necessário, aquele que já paguei. Com isso, eu me vi forçado a lavrar um protesto contra a Provedoria e a me dirigir novamente ao Presidente e ao Capitão-Mor.

---

[333] +19°R = 23,8°C; +18°R = 22,5°C.

Quanto à carência de pessoal para a tripulação, queixei-me junto ao Comandante e lhe requisitei, pela última vez, mais dois pedestres ([334]). Toda essa questão me desgastou muito, pois eu ainda estava fraco e adoentado, mas consegui superar essa dificuldade. Na manhã do dia **24**, o próprio Carvalho partiu para a Vila com aquele protesto, queixas e comprovantes da minha grande insatisfação. Haviam me subtraído cerca de 60.000.

A necessidade de tomar algumas medidas de precaução me detiveram hoje ainda aqui. Os remadores ainda não chegaram. Hoje o guia veio me dizer que examinou a canoa maior e verificou que ela não está em condições de uso. Por sorte, ainda havia outra canoa imersa na água, e, sem maiores consultas – todas as quatro pertencem a um único e mesmo dono – trocamos a maior por essa menor, que, no entanto, estava em muito melhor estado. Retiraram-na da água e fizeram os devidos consertos. Com ela vieram alguns peixes, que enriqueceram a nossa coleção. [...]

25.03.1828 (terça-feira)

Rubsoff e eu não estávamos bem. Rubsoff teve um surto de febre intermitente à tarde. Graças a Deus, estou um pouco melhor, mas sem apetite, não consigo comer nada nem beber; Rubsoff só come canja de galinha, assim como Florence e os outros doentes. Alguns estão melhores hoje, outros como nos dias anteriores e outros ainda piores. Trabalhou-se bastante hoje na reforma e construção das canoas.

---

[334] Companhias de Pedestres: eram formadas por bastardos (filhos de brancos com índios), mulatos (filhos de brancos com negros) e caborés ou caburés (filhos de negros com índios), preferidos por serem excelentes rastejadores. Geralmente andavam descalços e usavam como armamento uma espingarda sem baioneta, uma bolsa e uma faca de caça.

Velhacaria em Diamantino. Traço Principal do Caráter dos seus Habitantes.

Ainda tenho muitas coisas para falar sobre o caráter dos diamantinenses, de como podemos ser enganados pelos homens. São tantas histórias novas que se ouvem todos os dias que não sei quando vou terminar de contá-las. Os primeiros habitantes são ladrões, velhacos e impostores, que se roubam uns aos outros por causa de diamantes, pois sabem que as denúncias de contrabando não são levadas a sério. Naturalmente, são todos contrabandistas.

Há cinco anos, uma sociedade de cinco pessoas fazia grandes negócios com diamantes; tudo ficava guardado na mala de um deles, o Felizardo. Quando conseguiram juntar 19 Quentchen e uma parte em ouro em pó, um deles procurou o Felizardo e o convenceu a ir à missa no domingo cedo, quando ainda estava escuro. Ele concordou e foi. Quando saía da missa, alguém o deteve e, ao chegar em casa, encontrou as portas trancadas, do jeito que as deixara quando saiu, mas descobriu, apavorado, que a caixa com os diamantes havia desaparecido. Ele começou a gritar, até que os vizinhos vieram lhe contar que haviam visto dois grandes amigos dele, inclusive um que fazia parte da sociedade, abrirem e fecharem a casa e outros carregarem a caixa nos ombros. O amigo e sócio foi detido por um funcionário civil, seu comparsa levou algumas pedras bonitas para o Comandante Militar, pediu-lhe que intercedesse pelo amigo. E o velhaco, que ficou com as pedras preciosas e foi aceito como membro naquela sociedade, é tido como um dos cidadãos mais honestos da Vila [...]. Oito dias depois, o homem que carregara a caixa vendeu os diamantes a um homem totalmente inútil, de forma que a queixa do antigo proprietário das pedras acabou não redundando em nada.

O Coronel Caldas, de Goiás, também foi vítima de uma situação semelhante. Ele foi enganado, ludibriado, passado para trás, e, no final, ainda alegaram que ele sofrerá prejuízos porque não entendia nada de comércio de diamantes. Se há algum homem honesto em Diamantino, que Deus o guarde! Mas, para dizer a verdade, acho que não há nenhum: são todos ciganos. A classe honesta é a dos proprietários de terras da região. Estes possuem casa na Vila, mas só vão lá com a família aos domingos – como acontece em todo o Brasil – ou quando estão doentes, mas sempre por pouco tempo e carregando consigo todos os mantimentos.

Todo proprietário de terras tem uma venda na Vila. No dia em que o governo estabelecer normas, leis e medidas mais liberais e razoáveis para o comércio de diamantes, tanto legal quanto ilegal, então terá fim toda inescrupulosidade, e as gerações futuras terão, pelo menos, mais senso de moral. [...]

O Capitão-Mor de Diamantino

O Capitão-Mor Antônio José Ramos e Costa, o homem mais rico do lugar, um europeu, comanda sozinho a congregação. Ele foi escolhido e nomeado pelo Presidente José Saturnino da Costa Pereira entre três cidadãos, embora tivesse recebido menos votos do que os outros ([335]). Toda a Vila se insurgiu contra a escolha do Presidente; não queriam lhe dever obediência e, por isso, fizeram um abaixo-assinado com mais de 300 assinaturas. Na realidade, Ramos e Costa era o único que tinha senso de justiça, além de ser um homem incorruptível, mas isso não mudava nada para as pessoas. No final, o Presidente acabou confirmando a nomeação.

[335] NB.: Em caso de morte, são indicados três nomes para uma nova eleição.

É fácil imaginar em que condições difíceis aquele homem exerce as suas funções. Ele não tem contato com ninguém, pois sabe que todos estão contra ele. Mas, apesar de tudo, é um homem justo, pelo menos tem agido conforme seus princípios e convicções e não incomoda ninguém.

Clima

Após dois dias de tempestades terríveis, o tempo melhorou, e o Rio baixou consideravelmente. Hoje à noite, finalmente, chegaram os remadores; está tudo pronto para a viagem.

Doença

Infelizmente, de todos, Rubsoff é o que está mais doente. As canoas ficaram prontas hoje. O Carvalho ainda não voltou da Expedição. Ainda tenho algumas observações a fazer sobre a incidência das febres intermitentes aqui. Além de ter curado muitas, agora eu próprio estou passando por isso; portanto, posso falar por experiência própria. Aqui não existe o trabalho comunitário; estradas estratégicas e trilhas secas e largas simplesmente não existem.

É minha obrigação dar assistência ao meu companheiro Rubsoff, que agora está com a saúde abalada por causa do tempo úmido e frio [...].

No acampamento, dei-lhe vomitivo. Passei o dia com os pés molhados e, no dia seguinte, tive um pouco de febre, dor de cabeça, dificuldade de andar, respiração difícil, fraqueza e inapetência. Tomei um vomitivo, vomitei bílis pura, e mesmo assim não melhorei. A prisão de ventre me levou a tomar uma "*mixtum salina*". Era sempre a mesma coisa: inapetência, 3 vomitivos, 3 laxantes e nada de comida durante 5 dias.

Quando senti, pelos meus conhecimentos médicos, que a primeira e a segunda via estavam totalmente lavadas e que cessara o derramamento de bílis no estômago [não sei de onde], tomei um remédio amargo. Durante seis dias, mesmo sem apetite, alimentei-me moderadamente de água, vinho, canja de galinha, etc.

No sétimo dia, eu estava com mais apetite; no oitavo, tomei de novo meus remédios amargos, de forma que, à noite, pude me levantar para tomar meu ponche. Embora eu não tenha tido nenhum acesso de febre nesses últimos dois ou três dias, a pulsação continuava acelerada, mas eu me sentia muito melhor.

No dia seguinte, senti tanto frio que nem duas cobertas foram suficientes para me esquentar. Nenhuma evacuação, apesar de eu ter tomado ruibarbo com catártico. Provavelmente foi por causa da quina e gentiana com cinnamun ([336]). À noite, senti-me muito melhor do que nos últimos dez ou doze dias. Tivemos três dias de tempo bom: pela manhã, +20°R; a água do Riacho na mata, +18°R; Rio, +20°R; atmosfera, +17°R; à tarde, chuva com trovoadas; antes disso, +30°R ([337]).

27.03.1828 (quinta-feira)

Às 06h30, +15°R; Riacho na mata, +18°R; Rio, +20°R ([338]). Finalmente, ontem, todas as canoas estavam prontas para a viagem, e hoje, dia de embarcar as mercadorias. O Sr. Rubsoff teve uma recaída. Com isso tive que assumir o comando de todas as atividades, pois o Sr. Florence não tem nenhum talento para dar ordens.

---

336 Cinnamun: canela.

337 +20°R = 25°C; +18°R = 22,5°C; +17°R = 21,3°C; +30°R = 37,5°C.

338 +15°R = 18,8°C; +18°R = 22,5°C; +20°R = 25°C.

Foi um dia muito quente: fazia +26°R na sombra. Deus, não sei como lhe agradecer por me restituir a saúde e as forças e me deixar providenciar o embarque! Nas duas canoas grandes colocaram caixas e caixotes, e no batelão, de preferência as caixas. Os mantimentos ficaram por cima dos caixotes.

Anteontem, dia 24, encontraram a canoa grande totalmente inutilizada, e a trocamos por uma menor que estava no porto. Com isso, hoje, foi difícil acomodar toda a carga nas canoas. À noite, estava tudo pronto; só o Carvalho ainda não tinha voltado da Vila. Isso me deixou contrariado, pois o atraso não se deu por causa do tempo, que até tem estado bom e seco. Ele chegou mais ou menos às 21h00, e pôs-se tudo em ordem. O Comandante mandou 12 pedestres e 5 homens. O Provedor tinha transferido todos eles. Gonçalo ainda comprou o restante dos corais e ainda mais de 200.000 em diamantes.

28.03.1828 (sexta-feira)

Pela manhã, às 07h00, +16°R; ao meio-dia, +26°R; dentro da nossa barraca, +29°R ([339]). O tempo estava bom, e a nova tripulação requisitada chegou à tarde. Portanto, eu até poderia partir amanhã; mas Gonçalo, o comerciante, ainda não tinha chegado com suas pedras brilhantes; era um negócio que representaria para mim um lucro de aproximadamente 100.000 réis. Pela primeira vez, um motivo de interesse pessoal me fez decidir permanecer mais tempo em um lugar; mas, por outro lado, isso me daria tempo de me recuperar um pouco da doença. Rubsoff e meu empalhador João Caetano estão bem melhor, assim como os demais doentes.

[339] +16°R = 20°C; +26°R = 32,5°C; +29°R = 36,3°C; +17°R = 21,3°C.

29.03.1828 (sábado)

De manhã, às 06h00, +17°R ([339]). Se eu fosse um poeta, eu poderia descrever com mais plasticidade os nossos acessos erráticos de febre, a natureza, [...] e tudo mais. Hoje, logo que anoiteceu, surgiu uma lua cheia prateada, do lado oposto ao Sol poente, atravessando a mata sombria, escura e densa, onde só se ouviam, de vez em quando, alguns pássaros e insetos. [Fui interrompido justamente neste momento em que eu tentava esboçar um quadro do que vejo].

Formigas correição

Ao embarcarmos a carga anteontem, algumas caixas estavam cheias de formigas-correição. Achei estranho e as abri: encontrei alume em todos os ninhos e em todas as caixas, o que me leva a concluir que elas gostam dessa terra de alume e foram atraídas por ela. Ao meio-dia, dentro da nossa barraca, +28°R; Rio, +20°R; atmosfera na sombra, +26°R; à noite, por volta das 19h30, +19,5°R ([340]).

Estrídulos e gorjeios. As únicas criaturas a animar a natureza aqui são gafanhotos e grilos de toda espécie. O rumorejar do Rio e dos Ribeirões próximos diminuiu com as chuvas fortes. Não há vida ao meu redor, apenas alguns sinais de fogo e alguns raios de luz aqui e ali penetrando a sombra fechada.

Isolado neste canto da Terra, o lugar mais insalubre do mundo, cercado de um punhado de miseráveis, que só me acompanham para garantir o seu sustento, aqui estou eu sentado em minha barraca, rodeado de doentes, entre eles, Rubsoff, o mais próximo de mim.

---

[340] +28°R = 35°C; +20°R = 25°C; +26°R = 32,5°C; +19,5°R = 24,4°C.

Meu caçador João Caetano também está muito doente; entre 8 e 10 membros da tripulação apresentam febre intermitente em graus variados. Do depósito de mantimentos, agora vazio, vem o som de uma viola e cantos. Ouço a canção de Monroi, composta há cerca de 28 anos, na época em que eu estava em Lisboa. De repente, eu me transponho destes ermos para lá, para aquele tempo em que nos embevecíamos ouvindo os cantores Catalono e Crescentini e vendo as dançarinas Monroi e Hatin.

Aqui estou eu sozinho, isolado, vivendo de feijão e toucinho, porque arroz e frango assado são comida de luxo. Ainda tenho um pouco de carne e um bom e velho vinho do porto que mandei buscar no Rio de Janeiro, mas que reservei só para os doentes. Nossas refeições no dia-a-dia consistem apenas de água e aguardente, carne seca, farinha de milho e nada mais. Compramos todas as galinhas e frangos que havia nas redondezas; não há mais criações em nenhum outro lugar.

– Está na hora de deixar este lugar.

Disse eu:

– Embarcamos assim que recebermos as últimas notícias da Vila, de manhã cedo.

Acabei de ouvir, apavorado, que Rubsoff teve outro acesso de febre intermitente. Este porto do Rio Preto é realmente um fim de mundo!

30.03.1828 (domingo)

Não sei como perdi um dia do meu Diário; acho que foi enquanto eu estava doente. Diariamente ainda chegam notícias da Vila. Todos os dias eu vinha tendo controvérsias com a Provedoria e com o Comandante, até que me irritei e resolvi escrever, em nome do Imperador, uma ordem para o Comandante

solicitando, ou melhor, exigindo mais pessoal. Fui atendido de imediato: hoje recebi mais pessoal e tudo mais de que eu precisava. À noite, finalmente estava tudo pronto para a partida.

31.03.1828 (segunda-feira)

Partida do Porto de Rio Preto

[...] Partimos cedo. Não sei que nome dar a esse lugar; de qualquer forma, é o Buraco do Inferno. Mal nos pusemos a caminho, e eis que nos deparamos com uma dificuldade que ainda desconhecíamos: grandes troncos e galhos de árvores que as enchentes derrubaram para dentro do Rio e que agora se atravessavam no nosso caminho, bloqueando a nossa passagem e retardando a viagem. Com isso, só conseguimos percorrer 3 léguas. A todo momento era necessário usar foices, machados e marretas. À noite, estávamos mortos de cansados de tanto nos curvar para desviar dos troncos e galhos. Ruim estava mesmo era para o bom Rubsoff, que ainda tinha que lutar contra a febre. Felizmente tivemos poucos mosquitos de dia e à noite, e tempo bom e seco. O calor estava insuportável, +26°R/27°R ([341]), mas ainda era melhor do que a chuva, pois aqui é impossível se proteger dela.

01.04.1828 (terça-feira)

Como ontem, hoje também avançamos bem devagar. As condições do Rio e da navegação, que foi aberta há cerca de 28 anos, merecem realmente um comentário à parte. É uma vergonha para um governo civilizado, em tanto tempo, não ter feito absolutamente nada para estimular um comércio tão promissor como seria aqui.

---

[341] +26°R/27°R = 32,5°C/33,8°C.

Nenhum comerciante ousa reclamar e pedir que se faça algo em favor do bem comum; e com isso as coisas nunca mudam. Na primeira vez que fui a Diamantino, apresentei ao Presidente um relatório sobre as desvantagens do porto velho [esse que acabamos de deixar] e sobre a necessidade de se dar preferência ao porto novo do Arinos. Mas a resposta que recebi foram apenas duas linhas: "*As circunstâncias não me permitem pôr em prática as minhas propostas bem intencionadas e fundamentadas*".

Nossa viagem ontem e hoje consistiu em cortar troncos de árvores, afastar galhos, correr o risco de ser atingido mortalmente pelos galhos que ricocheteavam. Um único galho bateu em duas pessoas ao mesmo tempo e as atirou para fora da canoa. Foi com tanta força e tão rápido que até hoje elas não sabem contar como aconteceu. Numa curva fechada, o pessoal não conseguiu segurar a segunda canoa, e a sua proa acabou se partindo.

Depois de um dia de trabalho exaustivo, à tarde chegamos finalmente ao Arinos, que, neste ponto, tem 20 a 30 ([342]) braças de largura. Após um longo tempo, pudemos respirar livremente de novo. A desorganização era total; estavam todos cansados; os doentes, que ficaram dois dias expostos ao Sol escaldante, pioraram muito, especialmente o bom Rubsoff. Paramos na mata na margem direita do Arinos, logo abaixo da Barra do Rio Preto, que eu prefiro chamar de Rio Infernal. Na verdade, ele não é um Rio; não sei por que os primeiros descobridores resolveram mudar o porto para lá e não para o Arinos: este não fica distante de Diamantino. À tarde, consertaram-se os toldos das canoas.

---

[342] 20 a 30 = 44 m a 66 m.

02.04.1828 (quarta-feira)

Com o raiar do dia, seguimos viagem pelo Arinos amplo e aberto, e com nada no estômago. Na tarde de ontem, consertaram os mastros das canoas, de forma que pudéssemos trabalhar nelas com tranquilidade. As curvas do Rio são grandes. O Rio já baixou bastante, pois não choveu mais de 8 ou 10 dias para cá. Ambas as margens são baixas e cobertas por mata fechada. São raras as árvores com troncos grossos, com exceção da jatupa ([343]) e algumas figueiras. Só se veem sair do chão árvores finas e altíssimas.

O curso do Rio agora estava livre para os barcos, de forma que pudemos avançar rapidamente. Uma hora depois, chegamos ao porto novo do Arinos, onde há uma praia linda e uma Ilha. Seguimos o braço direito, deixando a Ilha à nossa esquerda. Por volta das 07h00, +18°R ([344]). Por volta das 14h00, paramos, por meia hora, para a jacuba. Os comerciantes consideram os meses de novembro e dezembro, ou seja, o início da estação chuvosa, a melhor época para se viajar por lá. É quando os Rios se enchem, correm rápidos e não oferecem perigo; os baixios de rochas e as cachoeiras pequenas ficam cobertos, o que evita transtornos como meia carga, etc. Normalmente, a época das chuvas começa em dezembro, no mais tardar em janeiro, e aí realmente não se aconselha ninguém a enfrentar tantos transtornos e perigos, a não ser que seja absolutamente necessário.

---

[343] Jatobá (H. courbaril L.): Langsdorff, ao contrário de naturalistas como Bates, Spix, Spruce, Wallace e tantos outros, não se importa em definir corretamente as espécies nativas pelos seus nome científicos ou características. Neste caso, podemos observar que identifica o Jatobá apenas pelo som da palavra – Jatupa, emitido pela boca dos nativos locais.

[344] +18°R = 22,5°C.

Sujeitar-se aos temporais diários, às enchentes, às correntezas fortes dos Rios é uma temeridade. A experiência já demonstrou que o final da estação seca é a melhor época para se navegar Rio abaixo. Quando chegam a Santarém, um mês e meio depois, os comerciantes fazem seus negócios, compram mercadorias, mandam a tripulação arranjar com que se ocupar, aprontam as canoas, enfim, se organizam de tal forma que possam partir de lá em fins de março ou começo de abril e empreender a viagem de volta.

Nessa época, o Tapajós e todas as baixadas do Rio Amazonas estão inundados; as canoas não precisam seguir o curso principal dos Rios, sobem usando os furos e lagos, pois este, à medida que avança, vai ficando menos impetuoso, e chegam ao Arinos e em Diamantino normalmente em agosto ou setembro.

O Presidente ficou me segurando com sua promessa de que, em julho ou agosto de 1827, sairia uma monção, e acabei perdendo a melhor estação do ano. Como não foi possível partir no período das chuvas, tive que ficar esperando o início da seca em Diamantino para sair com as últimas águas, que também poderá ser uma boa época. Provavelmente vai dificultar um pouco a viagem de volta, que talvez caia no início da estação chuvosa, o que não é muito comum, embora possa ser tão boa ou melhor.

Por volta de 13h30, chegamos em Registro Velho, onde recebemos um pedestre e paramos para almoçar. É a última cidade. Nela moram 3 pobres inválidos, pagos pelo Tesouro da Coroa, que inspecionam os barcos que vêm do Pará, recolhem os impostos e verificam se há fugitivos. Vivem com os mantimentos que recebem de Diamantino, pois aqui não existe pólvora, chumbo, canoa, enfim, nada que atenda às suas necessidades.

Se o Estado lhes mandasse instrumentos agrícolas, pólvora, chumbo, armas, canoas, anzóis e outras coisas, eles poderiam até levar uma vida com fartura, mas vivem na miséria. Como eu já tinha a intenção de presentear os pobres Apiacás com algumas plantas, árvores frutíferas, trouxe comigo limões doces, laranjas, cana-de-açúcar e outras espécies. Aqui ainda encontrei melancia, castanhas e grandes ananases-brancos, aqui conhecido como ananás-de-castela [...]. Também encontrei na casa, melhor dizendo, na choupana do Comandante, ananases-do-mato verdadeiros, que, segundo ele disse, crescem aqui perto do cerrado, ou seja, em campos agrestes. O sabor é muito semelhante ao do ananás cultivado, apenas mais ácido e menos doce. Mas existem ainda outras diferenças: os ananases-do-mato são menores e são cheios de sementes pretas, que logo colhi em uma folha de papel.

As 14h00, içamos a bandeira e nos despedimos, com salvas, dessa região povoada [eu não diria civilizada] da Província de Mato Grosso. As pessoas pareciam estar contentes e satisfeitas. Uma tempestade nos ameaçava de longe, mas conseguimos escapar da chuva. O leito do Rio aqui já é bastante largo, embora não tenhamos visto nenhum Riacho desembocar nele. As curvas são muito mais abertas, sendo que, em alguns pontos, o curso do Rio segue em linha reta ([345]) por um trecho de um quarto de hora de caminhada, na direção Nor-Nordeste-Norte.

As 1600h, chegamos em águas tranquilas; o Rio parecia ser muito profundo aqui e quase sem correnteza. Ele procede das montanhas que dizem ser a "*Montanha de Ouro dos Martírios*". Na margem direita, está a Foz do Rio da Prata, por causa de suas águas claras.

---

[345] Reta: estirões.

A viagem não oferecia grandes variedades. Ambas as margens são baixas e cobertas por árvores de todos os tamanhos. [...]No meio dessas águas tranquilas, há uma pequena Ilha redonda, onde havia se acumulado uma quantidade enorme de madeira, além de uma canoa velha.

A propósito, em quase toda a sua extensão, o Rio tem a mesma largura e oferece navegabilidade para as grandes embarcações. Já eram quase 17h00 e não conseguíamos encontrar um lugar naquelas margens baixas para acampar; havia mata por todos os lados, com árvores baixas e grossas em meio a árvores altas e buritis emergindo dos alagados. Acabamos parando às 17h15, na margem direita.

03.04.1828 (quinta-feira)

De manhã, antes das 06h00, com orvalho +18°R, +21°R; às 12h30, à sombra, +27°R; às 17h00, +21°R ([346]). Fomos acordados às 05h30 da manhã e embarcamos. Uma névoa cobria o Rio, e o ar estava fresco. O Rio ainda fluía lentamente; com uma temperatura de +21°R, estava muito convidativo para um banho, mas desistimos da ideia quando nos avisaram que ele é insalubre e provoca febres intermitentes. Parece que os peixes não gostam de águas tranquilas, pois aqui não há muitos. Até agora só pescamos matrinxãs [um Salmo, da espécie dos dourados – Hydrocines Cuv.] ([347]) e jaús. Após uma hora de viagem, o Rio volta a ter quedas, e as curvas são menores. As 06h30, na margem esquerda, vimos a Foz do Ribeirão dos Bugres, que disseram vir das montanhas dos Parecis.

---

[346] +18°R = 22,5°C; +21°R = 26,5°C; +27°R = 33,8°C.

[347] Matrinxã (Brycon amazonicus): um peixe de escamas da família Characidae, lembra muito um lambari grande. Atinge pouco mais de 70 centímetros de comprimento total e até 4,5 quilos de peso.

Foi o primeiro Ribeirão de volume considerável que vimos. Às 07h00, o Rio se estreita, toma a direção oposta, para Sudeste, fica volumoso e logo retoma a direção Norte, fazendo uma pequena curva. Vemos aqui muitos patos selvagens. Um paredão de rochas elevado na margem direita parecia feito de camadas horizontais de pedra calcária. As 08h00, paramos para a jacuba em um banco de areia na margem esquerda e, 45 minutos depois, já estávamos desatracando de novo as canoas. De manhã, abatemos um pato grande ([348]). As curvas e os estirões do Rio ficam maiores, a correnteza fica mais rápida, e com isso podemos avançar mais velozmente.

Às 09h30, chegamos às jazidas de ouro e diamantes recém descobertas, na margem esquerda, onde se depositou cascalho de quartzo e cativos. No ano passado, alguns catadores de diamantes trabalharam aqui e, em poucos dias, conseguiram uma boa quantidade de ouro e pedras preciosas, de modo que, neste ano, veio muita gente para tentar a sorte. Quanto a mim, estou plenamente convencido de que, nas redondezas de Diamantino, ainda há muito mais cascalho precioso do que aqui. É estranho observar que, com as grandes enchentes, esse cascalho rico, todo do mesmo teor e natureza, tenha se depositado apenas em alguns lugares, enquanto que há áreas extensas, a perder de vista, sem um único vestígio dele.

Algumas choupanas miseráveis, iguais às dos índios, foi tudo o que restou dos catadores de ouro. Joias de ouro, que paixão mais infeliz! E, no entanto, eles não possuem nada; sacrificaram suas vidas e sua saúde para consegui-las, e agora não têm nem proteção para os seus bens, pois são contrabandistas.

---

[348] Pato-do-mato (Cairina moschata moschata): uma ave anseriforme da família Anatidae que foi domesticada pelos indígenas sul-americanos.

Às 11h00, na mesma margem esquerda, passamos por cascalhos ainda mais bonitos, onde dizem que o Padre Lopes encontrou muito diamante.

Às 12h30, paramos para almoçar e, às 14h30, partimos. As margens ora eram baixas ora altas, de um lado e de outro. Depois de 2½ léguas, vimos algumas Ilhas na margem esquerda, e seguimos pelo curso principal à direita.

Às 17h00, vimos, no meio do Rio, uma Ilha maior do que a anterior; tomamos o braço esquerdo. Um quarto de hora depois, uma outra Ilha comprida e oval e, logo em seguida, a Foz do Rio dos Patos, na margem direita. Esse Riacho ou Ribeirão vem, assim como o de ontem, da terra dos Baucurés, uma tribo que, no ano passado, apareceu espontaneamente, pela primeira vez, no Registro Velho e em Rio Preto. Eles se distinguem das outras nações especialmente por usarem duas grandes penas de arara atravessadas na cartilagem do nariz e por terem sua língua própria – pelo menos foi o que me disseram. Acredita-se que alguns negros fugitivos vivam entre eles. Os índios chegaram e, através de mímicas, deram a entender que queriam principalmente facas e machados. Tudo indica que foram esses negros que os mandaram aqui para buscar os instrumentos de ferro. Eles foram descendo pelos Rios e subiram, então, o Arinos remando. Eles fogem das monções ou expedições; até hoje só estiveram nos dois estabelecimentos mais próximos, ou seja, no Registro e na fazenda de Luiz Ferreira. Infelizmente os dois estabelecimentos eram muito pobres, e os índios só puderam receber alguns mantimentos.

Eram 15h45 quando vimos outras ilhotas próximas à margem direita. O Rio corria devagar, e nós não avançamos tão rápido quanto ontem. Os remadores parecem ficar mais satisfeitos quando faz calor.

A metade deles andam nus [...] e nós acabamos nos acostumando a isso. O Rio faz curvas para todos os lados.

Às 16h00, era na direção Sul-sudoeste e Sudeste-oeste. Às 16h30, na margem esquerda, paredões de rocha enormes, de arenito ferrífero duro, com teor de esmeril, um indício seguro de que há ouro nas redondezas.

Às 17h30, acampamos. Calor insuportável, prisão de ventre há alguns dias por falta de exercício físico, falta de apetite e acesso de febre me ameaçaram hoje à tarde. Durante a noite, caiu uma tempestade com chuva forte, que pegou de surpresa vários companheiros. Alguns correram para os barcos, outros para debaixo de peles de boi e outros se arrastaram para debaixo das redes de dormir.

04.04.1828 (sexta-feira)

Antes da aurora, +19°R; Rio +21°R; depois da aurora, atmosfera, +18°R ([349]), ao meio-dia.

Fomos acordados antes do amanhecer, ainda sob a luz da lua [antes das 05h00], e partimos de jejum como sempre, e ainda por cima depois de uma noite agitada. Continuamos navegando em Rio morto, ou seja, em Rio de águas lentas. O número de doentes aumentou. Rubsoff, que se recusa a tomar quina, está no mesmo estado: tem acessos de frio e de calor, ao meio-dia tem febre, pulso acelerado, sem suores. O céu hoje estava mais encoberto do que nos últimos dias. Fazia +18°R, o vento estava bem fresco, o que aumentava a sensação de frio. Desde que saí de Diamantino, tenho usado, durante toda a noite, um gorro de lã e não tenho sentido frio.

[349] +19°R = 23,8°C; +21°R = 26,3°C; +18°R = 22,5°C.

Pouco depois de deixarmos o acampamento, vimos campos abertos na margem esquerda, um cerradão chamado Aldeia Velha. Dizem que os jesuítas tiveram um estabelecimento aqui há algum tempo. Voltando-se atrás no tempo, pode-se imaginar o que teria sido uma Aldeia construída por esses homens tão ativos, nestes ermos, nesta região do mundo que, há 25, 28 anos, era totalmente desconhecida dos brasileiros.

Fico impressionado com o espírito empreendedor dessa congregação; já pude atestá-lo em várias ocasiões. Como seria o Brasil hoje se ela ainda estivesse aqui? Certamente, esses indígenas já teriam se transformado em pessoas úteis e trabalhadoras e, misturando-se com os portugueses, já teriam aumentado a população em milhões de pessoas. Quando ainda não se sabia da existência de diamantes nesta região, os jesuítas já exploravam jazidas ricas de ouro. Supõe-se que a região fosse povoada por índios.

As 06h30, uma ilhota perto da margem direita. A região parece ter mais pássaros: muitos tucanos, Falco ([350]), Alcedo; e alguns macacos que ainda não tínhamos visto. Por volta das 07h00, um pouco de chuva; e às 08h00, paramos para a jacuba. Chegamos à Foz do grande Rio Sumidouro, que deságua na margem esquerda do Arinos, sendo apenas um pouco menor do que este.

Uma Expedição imperial como esta deveria render muitos dividendos para o governo, mas não é o que acontece. Os comandantes normalmente partem com o único intuito de descobrir ouro e diamante, mas recebem do Governador alimentos, ferramentas e objetos para fazer trocas e presentear índios. Quan-

[350] Falco: gaviões.

do retornam, fazem um relato bem geral da viagem, que normalmente eles mandam outros escreverem, pois não sabem ler. Com isso, não acrescentam quase nada à geografia e à corografia. Todos os conhecimentos adquiridos são mantidos pela tradição oral: duram enquanto viver um membro da Expedição; e o governo passa ao largo de toda essa experiência. O Sumidouro é habitado pelos Parecis e nasce nas montanhas. Abaixo da Foz, o Arinos ainda é largo, mas seu curso é sempre lento, o chamado Rio morto.

Às 12h00, fizemos a costumeira parada para o almoço e embarcamos duas horas depois, sempre em águas calmas. Comemos assado de jacutinga. Às 15h30, uma pequena Ilha na margem direita.

Hoje vimos mais pássaros e insetos do que nos dias anteriores: muitas araras-do-gentio, Falco com a barriga preta e branca, cujo uropígio ([351]) se parece com o da arara. As margens variam, mas normalmente são baixas. O Rio ainda está alto aqui, não escoou tanto como na Barra do Rio Preto. Meu relógio parou e, ao abri-lo para examinar, a corrente se partiu, provavelmente quando apertei a corda. Fiquei numa situação desagradável, pois, daqui para frente, vou ter que adivinhar as horas.

Resolvemos parar mais cedo, às 16h00, por causa da chuva forte e dos doentes. Quase todos eles tomaram vomitivo. Todas as noites anteriores, pírula de corrução ([352]), de fumo, sal, páprica e aguardente, às vezes também uma porção de vitríolo azul ([353]). Meus vomitivos foram mais eficazes em quatro doentes.

---

[351] Uropígio: ou glândula uropigeana é a glândula localizada na cauda das aves, da qual saem as penas da cauda, responsável por produzir uma secreção que torna impermeável as penas.
[352] Pírula de corrução: pílula de corrupção.
[353] Vitríolo azul: sulfato de cobre.

05.04.1828 (sábado)

Hoje partimos mais tarde do que de costume, às 05h30. Os doentes estavam se sentindo melhor por causa do vomitivo e do repouso. Mandei armar a barraca grande para eles, uma verdadeira barraca-hospital, que acabou abrigando da chuva também aqueles pobres pedestres, que não tinham nem toldos nem cobertas. Navegávamos ainda por águas lentas; os tucanos-cachorros gritavam de todos os lados. Por volta das 08h00, tomamos o café da manhã nas próprias canoas, sem parar, e, às 09h00, passamos por margens baixas, de campos, despojadas de matas. Dizem que aqui há um grande lago, onde vivem muitas sucurijus [Boa constrictor].

Neste ponto mais alto do Rio, parecia que ele havia escoado menos; estava mais cheio em relação aos dias anteriores e, portanto, bom para navegar. As curvas estavam bem maiores e mais largas, talvez umas 50 ou 60 braças ([354]). Às 09h00, vimos, na margem esquerda, a Foz de um grande Ribeirão, o Ribeirão Claro, que tem esse nome por causa de suas águas claras, que inundam as margens planas. Na estação seca, dizem que os Parecis vêm para pescar. Quando há uma Expedição, eles fogem, não se aproximam para conversar. E, no entanto, às vezes, vão a Diamantino.

Uma boa meia hora depois, vê-se a Foz de um Rio na margem direita e, em frente dela, uma Ilha. Mais abaixo, as margens são altíssimas, constituídas de um paredão escarpado de argila vermelha arenosa. Alguns minutos mais tarde, novamente uma Ilha oval perto da margem esquerda. Às 12h00, quase no meio do Rio, a maior Ilha que já vi até hoje.

---

[354] 50 ou 60 braças = 110 ou 132m.

Logo depois, paramos para o almoço na margem direita. Algumas borboletas raras curiosas vieram pousar na canoa e acabaram vítimas de sua curiosidade. Comemos o nosso indefectível feijão preto com toucinho e um pouco de arroz – a mesma comida é servida tanto para os patrões como para a tripulação. Com as forças renovadas, retomamos viagem após uma parada de duas horas sob o Sol escaldante do meio-dia.

Hoje tive nova crise de febre intermitente com calafrios. Rubsoff está um pouco melhor; na noite passada, só sentiu calor, sem suor e sede e sem calafrios. Provavelmente por ser a estação das chuvas, não vimos um único vestígio ou sinal de índios. Dizem que eles só aparecem na seca, quando visitam a região para pescar.

Conforme já disse, durante a parada do almoço, o calor estava sufocante, +27°R ([355]). Eu estava inapetente e, mal embarquei, fui tomado por uma febre fria com calafrios. O calafrio passou logo, e veio um calor seco, que durou até a noite; eu estava totalmente exaurido e, à tardinha, uma hora antes de pararmos, comecei a transpirar. A sudorese durou até às 19h00 e me aliviou. O Rio ia ficando cada vez mais largo, mais profundo e menos caudaloso, com umas 150 a 200 braças ([356]) de largura. As curvas eram grandes, entre ¼ de légua e ½ légua. Decidi que acamparíamos mais cedo, para eu poder cuidar de mim e dos outros doentes. O guia, um fanático por caça, aproveitou a oportunidade para ir caçar tapir ([357]), pois, perto do acampamento, havia um barreiro.

---

[355] +27°R = 33,8°C.
[356] Umas 150 a 200 braças = uns 330 a 440m.
[357] Tapir: anta.

06.04.1828 (domingo)

O guia atirou duas vezes durante a noite. Eu lhe disse que não havia pressa, pois eu pretendia ficar mais aqui. Ele apareceu finalmente por volta das 07h30. Não trazia nenhum tapir, mas, em compensação, abateu um pássaro que vale mais do que uma dúzia de tapires: um Gracula, iris alba, que tem um grande tufo de pena na cabeça e uma bolsa de 6 polegadas de comprimento pendurada no pescoço.

É, sem dúvida, uma das aves mais singulares de toda a natureza. Natterer chamou-a de Gracula Schreibersi, em homenagem ao diretor do Museu Imperial de Viena, Sr. Schreiber. Taunay havia desenhado, em Cuiabá, um exemplar empalhado [dessa ave]. A ave movimenta, a seu bel-prazer, o tufo de penas da cabeça para trás e para a frente. Ela merece uma descrição mais minuciosa posterior.

Saímos tarde do acampamento e antecipamos a parada, sobretudo por causa dos doentes. Aproveitei, então, a oportunidade para mandar o guia, na falta de um caçador, sair para abater mais uma Gracula ou o que ele pudesse conseguir. Acampamos à tardinha, mais cedo do que de costume. Florence, que já vinha tendo dores de cabeça há alguns dias, começou a ter febres frias hoje à tarde.

À noite, distribuí quatro vomitivos e duas garrafas de decocto de quina. Rubsoff e eu tivemos que esperar até as 20h00, até que aprontassem o almoço e o jantar. As atividades essenciais sempre levam mais tempo do que se pensa. É que, às 16h00, tão logo desembarcamos, caiu uma forte tempestade com chuva. Corremos para dentro da mata, para montar as barracas e outras providências, mas a fome começou a apertar, pois não comíamos nada desde às 10h00. "*Está chovendo demais*", "*o fogo apagou*",

"*não dá para limpar o feijão e o arroz*": essas eram as desculpas que os homens davam para o atraso. Afinal, eles não tinham pressa de comer, pois já tinham se saciado com a jacuba e o açúcar roubado. Isso me deixou profundamente mal-humorado.

À noite, quando a chuva parou um pouco, o cozinheiro, o negro Inácio, veio me pedir toucinho, embora, ontem à noite, ele tivesse recebido quase 15 libras. A tripulação toda esperava que o guia trouxesse, no mínimo, um ou dois tapires e confiou no cozinheiro. Este deu cabo do toucinho em 24 horas, escondido de todos, na expectativa de que, em meio a tanta carne que o guia trouxesse, ninguém iria notar a falta. Mas o guia voltou à tardinha sem ter abatido um único tapir, trazendo apenas alguns peixes e jacutingas. Os dois cozinheiros [o dos patrões e o da tripulação] se viram em sérios apuros e pediram toucinho de galinha.

Não só lhes neguei, como declarei, publicamente, que, naquele dia, eles não iriam receber mais nada, e que todos deveriam exigir daquele cozinheiro que ele se arrependesse e se penitenciasse. Os coitados tiveram que comer feijão e carne seca sem banha.

Espero que, daqui para a frente, eles fiquem mais atentos e econômicos. Além do mais, dei ordens para que, a partir de agora, só sejam distribuídas porções diárias e regulares de alimentos. Não é nada fácil manter 30 homens dentro de determinadas regras elementares de convivência; são pessoas acostumadas a viver na desordem, criaturas meio humanas, meio animais. Três quartos deles estão meio mortos, doentes, gemendo e incomodando o tempo todo; os restantes, se me permitem a expressão, comem como gado, ou pior, pois os animais, pelo menos, têm senso de limite, enquanto que essa gente não tem nenhum. [...]

07.04.1828 (segunda-feira)

A chuva voltou a cair de manhã. Devido ao estado de saúde dos doentes, fomos obrigados a esperar que ela passasse, o que ocorreu por volta das 11h00, quando dei ordens para partirmos. Mas a maioria deles havia melhorado bastante, com exceção de João Caetano, o empalhador, que apareceu com uma forte oftalmia. Receio estar com algum tipo de febre terçã ([358]), pois, mesmo tendo tido apetite para jantar ontem e tomar café da manhã hoje, eu estava sentindo um certo vazio e fraqueza nos ossos, o que não era bom sinal.

Ontem, mal tinha acabado de escrever a penúltima linha, tive um calafrio de febre. Em seguida, passei horas sentindo um calor insuportável e, finalmente à tarde, pouco antes de acampar, começou a sudorese, seguida de dor de cabeça, dificuldade para respirar, sensação de estômago cheio, abdômen distendido, sarro na língua ([359]) e sede. À noite, tomei um vomitivo, que teve excelente efeito, pois me fez vomitar até bílis pura; hoje posso dizer que me sinto um pouco melhor, estou sem febre, embora com um peso no estômago, uma sensação de estômago cheio. Não tenho apetite, e a língua continua com muito sarro. Rubsoff estava com febre menos intermitente e também tomou um vomitivo. Enquanto expelíamos bílis e gemíamos, Florence teve um forte calafrio de febre. Apliquei um emplastro vesicatório na nuca do João Caetano para tratar a oftalmia e, hoje à noite, como ele continuasse com dores fortes e persistentes, fiz-lhe uma sangria e lhe dei um purgante. Esse tratamento anti-inflamatório deverá ser suficiente. Como todos estavam doentes, resolvemos partir mais tarde.

---

[358] Febre terçã: febre cujos acessos se manifestam de 3 em 3 dias.
[359] Sarro na língua: matéria esbranquiçada que cobre a língua.

Dei permissão ao guia para ir na frente com uma canoa pequena, para procurar novas espécies naturais. Mas a chuva nos reteve mais tempo do que pretendíamos, e não conseguimos percorrer mais do que 3 ou 4 léguas, de forma que não nos encontramos com o guia à noite.

08.04.1828 (terça-feira)

Nesse meio-tempo, minha febre voltou. Passamos pela Foz de um Ribeirão relativamente grande, o Tapanhuna cuja Foz fica na margem direita, que dizem ter o mesmo volume do Sumidouro.

A febre me tirou totalmente a vontade de ir examinar a Foz. A propósito, a viagem aqui não oferece muita variedade: margens baixas e cobertas de matas e, não muito longe delas, campos. Aqui e ali, vemos Riachos insignificantes, ou escoamentos de inundações, desaguando, ora à direita ora à esquerda, no Arinos. Este, por sua vez, parece aumentar de volume a cada dia: agora deve estar com 150 ou 200 braças ([360]) de largura. Note-se que ele ainda não começou a escoar, ainda está com todo o volume de águas da estação chuvosa. O guia se juntou a nós perto do meio-dia. Sua paixão pela caça o levou a passar o dia inteiro de ontem e a noite de hoje ao relento, caçando e pescando. Ele trouxe dois macacos, alguns peixes já com as escamas grelhadas, ou seja, já moqueados, e outros ainda frescos, entre eles um Traíra ([361]), e um Peixe cachorro ([362]), que já estava tão descarnado e em tão péssimo estado que nem me animei a trabalhar nele. Além disso, o guia me garantiu que ainda conseguiríamos vários exemplares.

---

[360] 150 ou 200 braças = 330 ou 440 m.
[361] Traíra: Synodus rubafo.
[362] Peixe cachorro: Acestrorhynchus lacustris.

O tempo voltou a abrir hoje. Embora ainda sob dieta rígida e tomando decocto de quina, estou me sentindo muito melhor; sinto apenas uma forte pressão no estômago, o que está me preocupando, pois pode ser um indício de que terei febre amanhã. Durante a parada para o almoço, desci do barco por um momento – normalmente comemos na canoa – e tive a felicidade de descobrir um Lycopodium ([363]), ou pelo menos a mim me pareceu. A frutescência está assentada sobre um nó dotado de um espinho redondo e ligeiramente retorcido, semelhante à ponta da cauda do escorpião.

Para mim era uma planta desconhecida; não é nem rasteira nem trepadeira; cada pezinho cresce livre, separado um do outro. Durante o almoço, observei, entre o monte de lambaris [peixes pequenos], um peixe um pouco menor, talvez outra espécie de Salmo, com a cabeça dourada e brilhante. Um peixe maravilhoso de se ter em campânulas ou globos de vidro, em lugar do peixe dourado chinês; eram realmente belíssimos. Pensei em guardar alguns em garrafas de aguardente, mas não consegui me apoderar de nenhuma, embora houvesse garrafas em profusão, uma para cada peixe.

O Rio sobe cada dia mais e corre bem devagar, o que nos impediu de avançar muito hoje. Já era tarde quando conseguimos finalmente encontrar um lugar apropriado para desembarcar e montar acampamento.

09.04.1828 (quarta-feira)

Partimos cedo e prosseguimos nossa monótona viagem, após uma noite terrível. Havia doentes gemen-

[363] Lycopodium: um gênero de plantas pertencente à família Lycopodiaceae.

do e gritando por todos os lados. Rubsoff e Florence tiveram febre.

À meia-noite choveu forte, o que ninguém esperava ver com aquela noite tão estrelada. O que sobrou da tripulação teve que pôr mãos à obra para montar a barraca grande para os doentes, o que haviam deixado de fazer por preguiça. Estes, por sua vez, procuravam abrigo nas barracas pequenas, alguns foram para debaixo da minha rede de dormir. A todo momento, batiam contra os pilares que a sustentavam. Não me deram um minuto de sossego a noite inteira. Ainda à noite, o cozinheiro roubou metade da provisão de carne para a tripulação, o que me deixou profundamente irritado. Enfim, foi uma noite muito desagradável. Mas, mesmo assim, eu estava feliz, agradecendo a Deus por me ter restituído a saúde e as forças.

Já desde cedo me ocupei com várias atividades: pesquei alguns peixes, entre eles um belo pacu, a quem dei o nome de pacu-arinos; embalei algumas plantas; tive aula de língua Apiacá e outras coisas. Até às 14h00 eu estava bem, mas, de repente, veio novamente um acesso de febre fria, que se estendeu até a noite. Tomei um laxante e passei bem à noite e pela manhã. Passamos por uma Foz na margem esquerda e duas outras na margem direita.

10.04.1828 (quinta-feira)

Essas febres são muito mais difíceis de curar aqui do que em qualquer outro lugar, pois, aonde quer que se vá, sempre se está em contato com os seus agentes causadores, que são a exalação e a inalação de substâncias tóxicas. Fiquei plenamente convencido disso nas últimas noites. Enquanto estou dormindo, a parte do corpo que fica virada para a terra está sempre fria e úmida. Não importa para que lado eu me

vire, a parte inferior do meu corpo fica sempre fria ([364]). As noites são escuras, a terra está impregnada de material tóxico, composto de madeiras, folhas e outras substâncias orgânicas putrefatas, que provocam exalações nocivas e o fosforismo. Nessas condições, nem os melhores remédios podem ser eficazes. O tratamento com vomitivos e laxantes que dou aos doentes é puramente paliativo: uns melhoram, outros pioram, outros não se alteram. Espero que, depois da visita aos Apiacás, eu e meus companheiros fiquemos totalmente restabelecidos. Não há dúvida de que os meses de março e abril são insalubres.

Quase todas as margens são baixas e estão inundadas, com exceção de alguns trechos elevados e íngremes onde elas são compostas de argila vermelha. O guia sempre sopra a buzina de chifre de boi quando nos aproximamos de algum lugar conhecido ou de alguma importância. Foi o que aconteceu hoje, antes do meio-dia, quando chegamos a um lugar chamado Pouso Alegre, na margem esquerda: uma grande praia ou banco de areia que se mantém alguns pés acima do nível da água, o que é raro acontecer em tempos de Rios cheios. Em toda a nossa viagem, ainda não tínhamos visto uma faixa de terra tão extensa fora da água. Por isso decidimos ficar logo aqui, antecipando a nossa parada do almoço.

---

[364] Malária: Giovanni Maria Lancisi, médico e cientista italiano, em 1717, verificou que os habitantes dos pântanos eram mais suscetíveis à doença e resolveu renomear a doença conhecida até então como paludismo para malária que significa "*maus ares*". Ao contrário do que achavam os médicos e pesquisadores do século XVIII, a malária, na verdade, é causada por protozoários do gênero Plasmodium e cada uma de suas espécies determina aspectos clínicos diferentes para a enfermidade. No Brasil, destacam-se três espécies do parasita: o Plasmodium falciparum, o Plasmodium vivax e o Plasmodium malarie. O protozoário é transmitido ao homem pelo sangue, geralmente por mosquitos do gênero Anopheles.

Pouso Alegre, tal como o nome diz, é realmente muito bem-vindo e oportuno, pois fica apenas a um dia de viagem – e viagem penosa! – do próximo povoado, que é o dos Apiacás. Na estação seca, dizem que por aqui passa sempre muita gente em excursão de caça e pesca à Foz do Tapanhuna. Neste ponto, o Rio está bem alto e largo, tão largo como em vários pontos do Rio Paraná, e ainda estamos navegando por águas lentas. Mas o guia já nos adiantou que, ainda hoje, chegaremos a um Rio impetuoso, que, quando baixo, é muito perigoso pois tem muitas rochas na correnteza; e que esse Rio nos levará facilmente, em meio dia de viagem, ao povoado dos Apiacás.

Talvez ainda hoje, passemos por um local que já foi habitado por essa nação, mas que agora está abandonado – dizem que era um lugar muito insalubre. Entramos na correnteza mais ou menos às 15h00.

Passamos por suas duas Ilhas e seguimos pelo braço mais forte do Rio, ao longo da margem direita. Quase todos os dias temos tido tempestades, mas agora elas têm vindo cada vez mais tarde; hoje só choveu à noite, e mesmo assim não foi aquela chuva prolongada de antes, mas uma chuva passageira. Acho que já podemos dizer que entramos na estação seca. Hoje ao meio-dia, já dava para ver nuvens de borboletas perto de Pouso Alegre.

Abatemos o primeiro mutum-cavalo, com íris vermelha e estreita e pupilas grandes e pretas. Pouco antes do pôr-do-Sol, o guia tocou a buzina de chifre, para avisar que estávamos na última curva antes da antiga Aldeia dos índios, aonde chegamos meia hora depois. Desde 15h00 da tarde, estamos navegando por entre Ilhas. Estas aceleram o curso do Rio, produzindo uma correnteza bem forte, embora não perigosa.

11.04.1828 (sexta-feira)

Hoje viajamos desde antes do amanhecer até o anoitecer, sem parar nem para o almoço [feijão, arroz e toucinho]. Fomos favorecidos pela velocidade da correnteza, que nos fez avançar 12 léguas em um só dia. Ontem à noite, mais dois ficaram doentes; Rubsoff não melhorou nada; Florence foi acometido de cólicas violentas, pois não defecava há vários dias e não disse nada a ninguém; quanto a mim, melhorei bastante depois do laxante de ruibarbo, sal amoníaco e quina que tomei ontem.

Hoje cedo [no meu dia de febre], contudo, não defequei como de costume, apesar do decocto de quina de ontem à noite. Estou com medo de ter novamente um ataque de febre hoje à tarde, mas pode ser que o efeito de um [...] novo e estranho, ou, quem sabe, a expectativa da chegada à Aldeia dos Apiacás tenha afetado o meu sistema nervoso.

Como ainda estávamos navegando em correnteza fortíssima, tendo que passar por entre rochas e Ilhas, não pudemos partir ao amanhecer, embora todos, ou pelo menos eu estejamos ansiosíssimos para ver como seremos recebidos pelos Apiacás. Estou levando presentes valiosos para o chefe e suas mulheres. Às vezes, fazemos uma ideia totalmente diferente em relação a acontecimentos ou fatos futuros. Eu já tinha ouvido falar muito da grande Aldeia dos Apiacás. Como tenho estado, a maior parte do tempo, em regiões de campos, imaginei que a Aldeia também estaria em campo aberto, como a dos Caiapós. Mas me enganei: quando montamos acampamento no lugar onde dizem que estava a antiga Aldeia dos Apiacás e vi que era mata fechada, ou seja, capoeira, perguntei se a nova Aldeia também ficava dentro da mata, e me responderam que sim.

Em algum lugar do meu Diário, já falei sobre outra expectativa minha, que, segundo me disseram pessoas que já estiveram aqui, vai se confirmar plenamente. Nas vizinhanças da Aldeia desses índios, existe uma quantidade enorme de aves, insetos, borboletas e outros animais inofensivos, que se aproximaram dos homens desde que se abriu um atalho na mata. Por outro lado, os animais grandes, tais como porcos selvagens e outros que as lavouras desaninharam, inclusive os peixes, desapareceram da região. Eram 08h30, já estávamos navegando há uma hora e meia, quando o guia soprou a buzina de chifre ao se aproximar de uma Ilha. Os índios costumam pescar num córrego que desemboca na margem direita, oposta a essa Ilha. Mal havia soado o último dó, ouvimos gritos vindos de ambos os lados e vimos vários Apiacás perto da Foz, outros na margem esquerda em uma canoa. À tarde, tive outro calafrio de febre. Desembarque na Aldeia dos Apiacás

11 a 14.04.1828

Permanência na Aldeia

Após ouvir a calorosa gritaria dos índios escondidos na mata escura da margem esquerda, totalmente invisíveis, aproximamo-nos da margem impelidos sempre pela correnteza. Logo vimos índios na praia, seguimos atrás deles e nos deparamos com vários homens e mulheres totalmente nus, inclusive as partes íntimas, aguardando o nosso desembarque. Na mesma hora, dois ou três pularam para dentro da canoa e foram abraçar o guia como velhos conhecidos. Contaram-nos, então, que, naquele momento, os habitantes haviam deixado o lugar que agora é a sua moradia fixa – destino da nossa viagem de hoje – para ir pescar, alguns Rio acima, outros Rio abaixo.

Disseram-nos, também, que o chefe, Capitão José Saturnino, estava aqui, e o poderoso Capitão Pedro estava na Foz do Juruena; e que eles haviam construído aqui, a tempo, um rancho. Como precisávamos de abrigo e de ajuda para os nossos doentes, não nos restou outra opção senão montar acampamento aqui mesmo. Logo que o Capitão subiu a bordo, vestido com seu uniforme completo, distribuímos vários presentes para lisonjeá-lo. Mandei hastear a bandeira imperial russa, vesti-me em trajes civis, com um chapéu de três pontas e um pequeno sabre, o que sempre impressiona as pessoas, e nos cumprimentamos como autoridades ([365]).

Os presentes foram um machado, dois facões com punho de ferro, várias facas flamengas ou facas de sapateiro pequenas e vários corais vítreos boêmios, para ele e para sua mulher ([366]). Eu estava um pouco melhor. Desembarcamos e, em seguida, sempre cercado de índios, subi numa grande canoa rasa, feita simplesmente de casca de árvore, e fui pescar com eles na outra margem do Rio. Comecei imediatamente a trabalhar para a coleção ictiológica: pesquei seis peixes de origem desconhecida, mas, como a febre hoje veio um pouco mais tarde, não pude fazer minhas anotações diárias.

Isso me deixou contrariado, porque, no dia seguinte, as ideias se confundem, vêm outras à mente, são mal compreendidas, e já não se consegue distinguir entre o que é pensamento dos outros e o que é fruto da própria experiência.

---

[365] O transtorno comportamental de Langsdorff começa, pouco a pouco, a tornar-se mais evidente.

[366] NB.: Eu soube, por meio do Roberto, que os corais vítreos boêmios bem lapidados e mais bonitos chegam muito menos aqui do que as pequenas contas de vidro coloridas e foscas que mandei buscar recentemente, no Rio de Janeiro.

Uma vez decidido que ficaríamos aqui alguns dias, minha preocupação foi, primeiro, pôr ordem nas coisas de uma maneira geral e, depois, nas coisas pessoais e científicas. Como já foi dito, os índios erigiram, há pouco tempo, um estabelecimento para ser usado durante a pesca, mas, mesmo assim, construíram uma grande choupana, dois pés acima do solo, vazada mas bem coberta, e ali se penduraram cerca de 50 redes, em todas as direções, inclusive umas por cima das outras.

Todos os índios andam nus, mas exibem no corpo pinturas estranhas, feitas de urucu, uma tinta fétida de cor vermelha, e de jenipapo preto. Alguns pintam o corpo todo de preto, parecem negros; outros pintam listras, pontos, manchas, etc. O tal Capitão era o único que tinha o peito tatuado à "*la grecque*" ([367]).
Até mesmo as criancinhas tinham o peito pintado com urucu e jenipapo. Todas as redes e os corpos estavam impregnados e besuntados de urucu; ninguém entrava nas choupanas sem sair de lá com a roupa manchada de vermelho.

O acesso de febre da tarde do dia **13 (domingo)** impediu-me de trabalhar. Algumas horas depois da nossa chegada, o Capitão ainda estava de uniforme. Percebi o quanto isso era penoso para ele e o mandei tirá-lo. Ele ficou nu da cintura para cima, só de calças. Mas, logo depois, tirou as calças também e vestiu uma jaqueta velha, deixando as partes íntimas à mostra, e assim ficou o resto do dia. Ele não parecia exercer nenhuma autoridade sobre os demais. Tanto homens como mulheres andam enfeitados com penas, pulseiras bem apertadas nos braços e nos pés, cordões de contas, adornos de orelhas e outros acessórios.

[367] "*La grecque*": à grega.

A maioria não tem cabelo ao redor da cabeça, apenas um chumaço redondo atrás. As mulheres andam com os cabelos amarrados, no meio da cabeça, com uma fita grossa de algodão pintado de urucu, formando um rabo-de cavalo.

Mas o mais estranho, porém, é ver as mulheres andando com as pernas enfaixadas do joelho ao tornozelo. E uma faixa de uma polegada de largura, que aperta tanto as partes carnosas ou os tendões que dá a impressão de que o sangue não circula ali. Efetivamente, os pés são mais finos e menos irrigados. Crianças de berço já usam essas faixas nas perninhas. O principal enfeite que as mulheres usam, e o mais rico, são os cordões de contas em volta do antebraço, do tornozelo ao cotovelo, às vezes pesando toneladas. Antes dos primeiros contatos com os portugueses, as contas eram feitas de ossos de macaco ou do fruto da palmeira tucum. Hoje eles ainda fazem esse tipo de contas, mas unicamente para trocar ou comprar contas de vidro.

Eles também sabem fazer, com muita habilidade, bijuterias de todo tipo com sementes de uma fruta que aqui chamam de caipitonki ou uwaipitongi, que também se come e que dizem arder na língua mais do que pimenta. De uma outra fruta, a fruta do tatuí, eles fazem uma espécie de colar e outros enfeites.

Ocupação

Os homens caçam, pescam, constroem cabanas, providenciam os mantimentos e manejam as canoas. As mulheres fiam o algodão, fazem redes de dormir e cuidam da cozinha; trabalham quando e como bem entendem, estendidas nas redes, trançam tiras para os braços e pés, enfiam contas em cordões e outras coisas. Os homens fazem cordões de ossos e de frutos de tucum e os dão de presente às suas mulheres.

Os homens abrem clareiras para fazer plantações de milho; as mulheres nunca plantam milho, somente cará, madubim, margarita [Arum] mandioca-brava, com a qual fazem farinha-puba. Coloca-se a mandioca de molho até ficar macia. Depois ela é descascada, posta para secar ao Sol, socada no pilão, peneirada e finalmente torrada. Aipim eles não têm.

Eles têm muita habilidade na confecção de cerâmicas; foram mais além do que os portugueses nessa arte: fazem panelas de cozinha, potes de água e garrafas, bacias fundas de todo tipo, inclusive bem grandes, com dois ou mais pés de largura, tudo feito só pelas mulheres. A argila é pura, sem mistura. Para queimar as bacias grandes, cavam um buraco na terra, colocam a bacia lá dentro e a queimam com casca de árvore seca, um processo que leva mais ou menos meio dia. Também na arte do trançado eles são muito habilidosos. Os homens confeccionam cestos, peneiras e outros utensílios de uarumã, uma espécie de bambu grosso sem casca.

Os mais ricos têm uma ou duas mulheres – o ciúme simplesmente não existe. As mulheres podem dispor de si mesmas. As moças casam muito novas, mas, durante vários anos, não podem ter nenhum relacionamento com seu marido. O verdadeiro Capitão dessa horda [irmão do caçador que nos acompanhava] já tinha falecido há algum tempo, e o tal José Saturnino, conforme eu soube mais tarde, foi designado Capitão em Cuiabá; não tem, portanto, nenhuma ascendência sobre os membros da tribo; estes vivem completamente acéfalos. O Capitão é um impostor, enganou-se o Presidente. Pedi-lhe mantimentos, e ele me prometeu entregá-los de um dia para o outro; mas acabei descobrindo que ele não dispunha de nada e que também não podia dar ordens.

Gastei à toa meus presentes valiosos com ele. Por isso, no dia **13 (domingo)**, decidi partir no dia seguinte, dia **14 (segunda-feira)**. Eu não ia mesmo conseguir adquirir nada ali, além de estar desperdiçando minhas provisões. A cada hora eu odiava mais esse lugar. O número de doentes aumentava a cada dia, e os que já estavam doentes, ao invés de melhorarem, pioravam. No dia **13 (domingo)**, minha febre foi mais forte do que nunca.

No dia **14 (segunda-feira)**, desde cedo, tomaram-se as providências para a partida. Farmácia, caixas e caixotes foram levados para a canoa, e a barraca, desmontada. O dito Capitão não apareceu nem para se despedir, certamente por vergonha. Embarcamos por volta das 08h00. Não vimos nenhum Índio nas margens. Minhas plantas [cana-de-açúcar] e sementes foram embora comigo intactas, pois não encontrei aqui ninguém que se interessasse por elas. A meu ver, só há uma forma de se transformar, em pouco tempo, essa gente em cidadãos úteis: mandar uma pessoa dinâmica para viver entre eles e ensinar-lhes a plantar, a construir engenhos de cana-de-açúcar ou monjolos, a aperfeiçoar seus utensílios de pesca, enfim, a familiarizá-los com o trabalho, de forma que possam viver com mais fartura de alimentos. Os índios Apiacás estão prontos, maduros para serem civilizados. Para completar esse processo, bastaria o sacrifício altruísta de uma única pessoa. Por que não mandam para cá um missionário esclarecido?

Mais alguns pensamentos e observações sobre as atividades dos Apiacás

Todas as atividades dos Apiacás [homens e mulheres] estão voltadas apenas para a sua sobrevivência; uma vez garantida esta, não há mais com o que se ocupar. As mulheres passam o dia inteiro deitadas

em suas redes, como foi dito acima, trabalhando, quase que brincando de fazer pulseiras. Elas se alternam, de duas em duas, no trabalho de pisar o milho numa gamela de pilão redonda e de madeira. As mãos do pilão têm de 12 a 15 pés de comprimento; só o peso delas é suficiente para triturar o milho. Essa farinha com goma e todos os demais componentes, depois de triturada, é levada ao fogo com água e cozida sem sal. Essa é a farinha comum. Os peixes são cozidos com escamas e sem sal; ou então são triturados no pilão, com escamas e espinhas, e se transformam numa massa, que depois é cozida; ou então são torrados [moqueados] numa vara comprida, sem sal e com todas as escamas, em seguida, triturados no pilão de madeira até virarem pó e novamente torrados. Dessa forma, eles preservam o peixe por vários meses, mas só no período da seca.

Embora a 14 ou 15 anos convivendo com os habitantes de Diamantino e com negros e mulatos, a quem as índias se entregam com o mesmo prazer, não se vê, no entanto, nenhuma criança com cabelos crespos ou de cor mais escura. Explicaram-me, então, que, quando nasce uma criança com algum sinal ou suspeita de ter sido gerada por pai negro, ela é imediatamente sacrificada.

Durante nossa permanência aqui ficaram doentes Rubsoff, Florence, o caçador Roberto, o empalhador João Caetano, o condutor Carvalho, o acompanhante Joaquinzinho, meu escravo e cozinheiro Gavião, o guia e vários membros da tripulação. Isso explica por que não se acrescentou nada às anotações, observações, ilustrações, desenhos e coleção. O único petisco que saboreamos aqui foram palmitos; não consigo entender por que os índios não apreciam esse alimento tão gostoso. Quem sabe eles consideram o palmito nocivo para a saúde!

As criancinhas parecem muito saudáveis e não apresentam aquele ventre proeminente da maioria das crianças de Diamantino.

O milho cultivado aqui deve ser de outra variedade: mesmo depois de seco, ele continua bem macio; e, quando torrado, assemelha-se ao milho verde fresco. Aqui ele é conhecido pelo nome de milho pururuca, embora seja diferente do pururuca de Minas Gerais.

14.04.1828 (segunda-feira)

Partida da Aldeia dos Apiacás

Por volta das 08h00, partimos e levamos três Apiacás adoentados, que vieram se juntar aos demais doentes, que já não eram poucos. Um quarto de hora mais tarde, chamaram-nos a atenção para alguns índios perto de uma armadilha para peixe na Foz de um córrego na margem esquerda. Havíamos passado por eles sem notá-los.

Quando o nível do Rio está alto, muitas vezes passa-se por Riachos sem vê-los, pois a água chega até os galhos das árvores. Aqui o Rio ainda não baixou nada, continua cheio. Uma hora depois, chegamos a uma antiga Aldeia de índios. Dizem que eles a abandonaram, porque a mata era muito insalubre e muitos deles morreram. Eles foram, então, se estabelecer mais adiante Rio abaixo e plantaram algumas lavouras ali. Algum tempo depois, ouvimos vozes vindas da mata escura nos chamando, mas não vimos ninguém.

Meia hora mais tarde, chegamos à verdadeira casa do Capitão Pedro, ou seja, ao estabelecimento a que pertence toda aquela gente com quem estivemos há 3 ou 4 dias. Foi aqui que abrimos os olhos e nos demos conta finalmente de que José Saturnino nos

havia enganado a todos e em todos os sentidos; é um verdadeiro impostor. Fomos recebidos aqui com muita amabilidade e prestimosidade pelo Capitão Pedro e seus empregados. Agora está provado que o tal José Saturnino é mesmo um grande safado: ele não possui nada além de um registro fraudulento.

O Capitão Pedro tem uma grande cabana fechada, bem protegida da chuva, com espaço para 600 a 800 redes. Agora está vazia pois é época de pescaria, mas dá a impressão de ser habitada por uma população de tamanho considerável. O local não estava abandonado como aquele em que fomos enganados; talvez houvesse aqui tantos habitantes como lá. Só que aqui eles se espalhavam na mata extensa e aberta e no grande palácio escuro. Uma visão diferente ofereciam as araras azuis e vermelhas que voavam em volta da casa. Aqui elas são tratadas como animais domésticos, mas vivem soltas, voando livremente pelas redondezas e na mata. Os índios só se servem delas para retirar-lhes, de tempos em tempos, ora as grandes penas da cauda e das asas, ora as penas que cobrem os remígios ([368]). Em outras palavras, vivem uma filosofia platônica. Mas, em consequência dessa prática, as cores das penas dessas aves vão mudando com o tempo: as vermelhas ficam amarelas, às vezes contornadas de vermelho. Todas elas são usadas como adornos; eu mesmo poderia adquirir facilmente algumas em troca de miudezas. Esses pássaros, contudo, põem seus ovos com toda a liberdade.

A irmã do Capitão Pedro sofreu um acidente que a deixou gravemente ferida. Cuidei dela, aplicando-lhe ataduras. Ele ficou tão agradecido que, já no dia seguinte, se prontificou a nos ceder um porco.

---

[368] Remígios: penas guias mais compridas das asas das aves.

Decidiu-se ficar aqui pelo menos por hoje. O chefe, tal como aquele, estava enfeitado com brincos que desciam até abaixo da clavícula. São os índios Tucu-maricás, conforme eles mesmos se chamam, e são inimigos daqueles. As mulheres moram mais abaixo do Rio, na margem direita.

18.04.1828 (sexta-feira)

Não dou notícia do que aconteceu até hoje, dia **18**. Tive febre altíssima, timpanite e infecção das vísceras, não sabia mais o que estava fazendo. Mas hoje, dia do meu 55° aniversário, estou me sentindo melhor e quero fazer as seguintes observações.

Tatuagem Jruahab

A tatuagem é feita pelos homens; meninos de 8, 9 e 10 anos já são tatuados; as meninas, quando pequenas, são tatuadas inicialmente só nos olhos; quando ficam maiores, em volta da boca, sem nenhum ritual ou cerimônia. Os adornos de peito chamam-se tacapecuaxina e dizem que eles aprenderam de uma outra nação indígena, a dos Munducurus. As diversas figuras estão nas ilustrações. Os três riscos que vão da boca às orelhas são bem característicos dos índios Apiacás de ambos os sexos. Nas mulheres só notei tatuagens no rosto. Nem todos os homens fazem tatuagem no peito, ela é opcional.

Animais Domésticos

Eles criam patos, poucos porcos e galinhas e não têm cachorros. Dizem que antigamente eles tinham, mas provavelmente já morreram todos. Seus adornos preferidos são as penas, que eles conseguem graças ao seu costume de criar, praticamente como animais domésticos, pássaros de bela plumagem, tais como araras azuis e vermelhas, papagaios de

diversos tipos e cassiques ([369]). Das araras e cassiques, eles extraem principalmente as penas da cauda, pois são maiores; as penas amarelas ficam por cima, e, à medida que vão sendo arrancadas, as penas vermelhas e cinzas que cobrem os remígios nas araras vermelhas e nos papagaios pequenos [periquitos], com o tempo, vão ficando amarelas.

Os índios se enfeitam de penas quando vão para a guerra como para dançar. Até os tacapes de pedra são enfeitados com penas quando estão em guerra. As vestimentas e enfeites estão representados nas ilustrações. Na testa, eles trazem normalmente penas de Falco ou de mutum-cavalo. Imagino que elas sejam mais valiosas do que as de arara ou de papagaio, pois aquelas aves são mais difíceis de se abater com arco e flecha do que estas últimas, que eles mantêm como animais domésticos. Eu me referi às araras e papagaios como animais caseiros, mas, na realidade, eles vivem em total liberdade, totalmente independentes dos homens; há 30, 40, 50 desses pássaros voando livremente em volta das casas; à noite, normalmente eles ficam por perto, às vezes chegam a entrar nas casas em busca de comida; vivem aos pares e ali mesmo se acasalam.

Dizem que esse é um fato raríssimo de se ver. Os índios vão buscar esses pássaros nos ninhos, quando ainda são bem novinhos, e os dão para as crianças criarem, de forma que cada pássaro reconhece o seu dono e este conhece o seu pupilo. Quando crianças, os índios se enfeitam com pequenos tufos de penas, mas nunca com penas dos seus próprios pássaros. São penas dos Oriolus cristatus Lin., das araras vermelhas, dos papagaios amarelos e outros.

---

[369] Cacicus cela: conhecido popularmente como xexéu, japi, japim, japiim, baguá, bom-é e joão-conguinho, é uma ave passeriforme da família Icteridae.

20.04.1828 (domingo)

Novamente uma lacuna de dois dias. Dois dias infelizes. Cheguei a entregar o corpo e a alma ao Deus Todo-Poderoso, pois não acreditava que iria sobreviver ao dia de ontem. Passei esses dois dias inconsciente, delirando; meu único consolo eram os momentos de lucidez em que eu sentia a atenção e a amizade dos meus companheiros Rubsoff e Florence. Apesar de não ter comido nada a não ser um pouco de caldo de carne, hoje me senti mais aliviado, depois que consegui uma evacuação abundante após vários dias sem defecar. Nem com a ajuda de duas pessoas eu conseguia ficar de pé, mas hoje estou me sentindo mais dono do meu corpo, embora não ainda da minha mente. A primeira vez que saí realmente foi para dar um passeio até uma Aldeia indígena que consistia de uma oca redonda, fechada, coberta de palha, com 45 passos de diâmetro, 90 de comprimento e 12 portas, cada uma com uma tábua feita de casca de árvore.

Na metade do passeio, entramos numa das ocas da Aldeia. Mesmo com a porta aberta, no início, achei-a muito escura por dentro, mas essa impressão só durou até a minha íris se dilatar. A casa é toda fechada com palha e folhas, mas, em alguns lugares, é cercada com grades ou simplesmente com varas justapostas, que deixam penetrar a luz do dia. Assim, durante metade do dia, as pessoas podem trabalhar lá dentro, fazer suas tarefas domésticas, ou seja, fiar o algodão e enovelar os fios – o que fazem com perfeição; tecer as redes de dormir, triturar o milho para preparar a comida e outras coisas.

A casa tem um segundo piso móvel, que serve para guardar os estoques de mantimentos. Em seus pilares estão pendurados cascos, instrumentos, ferramentas, adornos de todo tipo. É difícil acreditar

que cada família tenha um lugar separado para guardar suas redes e pertences, pois eles guardam milhares de objetos de todos os tamanhos.

Já comentei antes a habilidade dos índios na confecção de cerâmicas. Eles fazem grandes recipientes com 4 a 5 palmos de diâmetro, que normalmente ficam apoiados sobre suportes feitos com belos trançados de bambus; as gamelas pequenas ficam penduradas no teto. Em alguns lugares, os pés de milho são altos; em outros, são mais baixos. Os milhos são amontoados na palha escura. Cada Índio tem a sua própria plantação.

O chefe é encarregado de fiscalizar essa lavoura, ver se está sendo bem cuidada; ordenar que se façam novas plantações; despachar gente para pescar e caçar e fazer a distribuição justa dos alimentos. Suas ordens são rigorosamente cumpridas. O direito de propriedade é profundamente respeitado: quando alguém se ausenta, ninguém ousa tocar em seus pertences. Ainda não sei nada sobre os castigos, pois não tenho nenhum tradutor aqui comigo.

Saí com uma bengala e um guia e, cambaleante igual a um velho, fui caminhando devagar até a porta central da oca, a toda hora tendo que me curvar para passar debaixo das redes. Exausto, cheguei à minha barraca, descansei, tomei um caldo de carne com arroz, muito pouco para uma pessoa que está há 8, 10 ou mais dias sem comer, só tomando remédios. Depois, meio acordado, meio dormindo, deixei que índios e Índias viessem finalmente me ver, pois até hoje não apareci para quase ninguém. Depois de algumas horas de descanso, senti-me forte o suficiente para satisfazer a minha vontade de fazer negócios. Comecei trocando minhas mercadorias por tudo que me vinha aos olhos: colares, brincos, pulseiras de braço e de pé.

Vi, satisfeito, os índios indo, ávidos, até suas casas para buscar objetos para negociar. Entre as minhas mercadorias, as de maior volume e valor eram facões, faquinhas e machados pequenos; entre as miudezas, as contas de vidro e os anzóis pequenos eram os preferidos. Por hoje chega, pois estou me sentindo muito fraco para escrever. Ainda chove diariamente, de dia e de noite.

21.04.1828 (segunda-feira)

Depois de uma noite muito mal dormida, resolvi partir de manhã. Com a ajuda de uma bengala e de um guia, consegui, não sei como, arrastar meu corpo cansado até a canoa. Tive febre alta o dia inteiro; estava cansado de viver, delirava, quase inconsciente. À noite me fizeram descer da canoa, quase que contra a minha vontade; eu teria dormido lá mesmo, não fossem os mosquitos me torturando e a chuva forte que ameaçava cair. Ao descer, percebi que estávamos na margem direita da Foz de um grande Rio, o Rio do Peixe, que desemboca no Arinos e que, neste ponto, era tão grande como ele.

Há dias não como absolutamente nada, a não ser meia xícara de caldo de carne. Hoje à noite tive vontade de comer mingau de farinha de mandioca. Demoraram tanto para me trazer que perdi a vontade: tomei só três ou quatro colheres cheias, mas, mesmo assim, ainda me senti bem melhor do que nos últimos dias. Eu ainda tinha muita febre, passava horas suspirando, gemendo, gritando. Caí num sono leve, não sei por quanto tempo, e tive um sonho muito agradável: eu me vi doente em Paris, com o meu amigo do peito G. Oppermann muito preocupado com a minha doença e me mandando as melhores geleias de frutas. Acordei me sentindo fortalecido, aliviado, renovado, como se tivesse nascido de novo. Ainda de madrugada, chamei meus

serviçais e mandei que me preparassem imediatamente uma geleia de tamarindo com um pouco de vinho e casca de pequi [loureiro] ([370]), que eles mesmos preparam. Isso revigorou as minhas forças e as de meus companheiros.

22.04.1828 (terça-feira)

Agora estamos navegando num Rio Arinos bem mais volumoso. Apesar da febre, ainda me sinto vivo. Obrigado, amigo Oppermann, por você ter me inspirado esse pensamento tão bom e por ter me chamado de volta à vida! Tudo ao meu redor parecia bem diferente, a natureza adquiriu outra roupagem, vi clareiras recém-abertas na floresta. De um lado e de outro, se viam terras altas próximas e afastadas, margens elevadas, ar mais seco, respiração mais pura e livre. Tão logo deixamos a Foz do Rio do Peixe, talvez uma meia hora ou uma hora depois, ouvi um rumorejar agradável vindo da margem direita: era um córrego que se juntava ao Arinos caindo de um terreno ligeiramente elevado. Se o governo quisesse promover a navegação e o comércio nesta região, teria que fundar um estabelecimento por aqui. Vou ter que esperar me recuperar para fazer a lista dos objetos etnográficos que adquiri mediante trocas no dia 20, durante um momento de lucidez que tive entre os meus delírios.

24.04.1828 (quinta-feira)

Em vez de um Diário de viagem, preciso escrever, isto sim, uma história de doenças. Mais dois dias deploráveis: febre constante, inapetência total e jejum quase completo, com exceção de algumas colheradas cheias de geleia de tapioca.

---

[370] Pequi: Caryocar brasiliense; Caryocaraceae.

Não consegui observar nada, a não ser que o Rio, até onde posso vê-lo daqui, é maior do que o Rio Paraná. Ele forma uma série de Ilhas compridas e outras menores. É tudo que posso dizer a respeito dos dois últimos dias, aproveitando que a febre baixou um pouco hoje cedo. Meu amigo Rubsoff está nas mesmas condições que eu, com a diferença que ele está se alimentando um pouco melhor.

13 e 14.05.1828 (terça e quarta-feira)

Graças à ajuda de Deus, ainda estou vivo e posso pegar na pena. Não posso escrever uma história de doenças. Desde o dia 24 de abril, tenho estado, dia e noite, praticamente inconsciente, em torpor, tendo sonhos fantásticos. Tenho apenas alguns minutos por dia de consciência, que aproveito para preparar ou mandar preparar os remédios que julgo apropriados para o meu caso.

Fui acometido de uma febre intermitente maligna e irregular [...] com sal de Glauber ([371]), poaia ([372]). Quando eu sentia que as forças me abandonavam, eu tomava um extrato para os nervos [...], e isso me deixava mais animado. Não ingeri quase nada pela boca: tudo me repugnava. Eu passava o dia inteiro fora de mim; não tomei conhecimento do que se passou nesses dias. Todos à minha volta também estão doentes; apenas Florence está em condições de escrever o Diário, que vou incorporar ao meu. O importante a observar aqui é que precisamos de 8 dias até o salto Augusto. Não sei como aconteceu, mas perdemos um batelão, e a segunda canoa ficou bastante avariada.

---

[371] Sal de Glauber: o decahidrato conhecido historicamente como sal mirabilis é empregado como laxante, antiinflamatório e diurético.

[372] Poaia (ou poalha, ipeca): uma das mais célebres drogas brasileiras difundidas no século XVII. O seu chá é indicado no tratamento da disenteria (infecção amebiana), bronquite, tosse aguda e coqueluche.

A meio dia de viagem abaixo dessa bela cachoeira, que eu já vi no jornal, encontra-se um lugar chamado Tucarizal, onde há muitos tucaris. As melhores canoas são feitas com a madeira dessas árvores. Por isso, mandei que fossem procurar um lugar apropriado onde pudessem construir uma canoa nova [para repor a que se perdeu] e uma canoa de caça, aqui chamada de montaria. Dois ou três dias após montarmos acampamento [ainda estou fraco, e ninguém sabe me dizer em que dia da semana ou do mês estamos], todos puseram mãos à obra. Mas tudo é feito devagar, pois, na verdade, estão faltando duas ferramentas, principalmente machados grandes. Como é possível, em uma viagem dessas, sem dispor de pessoal especializado, controlar e manter em ordem as mercadorias de troca? Eu ainda tenho 6 machados grandes, mas não sei em que caixa estão. Isso é tudo que pude fazer hoje. Estou muito fraco.

16.05.1828 (sexta-feira)

Chegamos ao Tucarizal no dia **8 (maio – quinta-feira)** e mandei construírem um batelão e uma montaria. O pessoal está trabalhando, mas a aguardente é tudo para eles, e eu não sei como animá-los. A época não é boa para a caça: alguns pássaros e macacos dispersos aqui e ali. Portanto, nós que já estamos tão debilitados, agora ainda estamos passando fome. Ouvi dizer que há muito peixe, mas como as pessoas ainda saudáveis estão trabalhando, e os doentes não podem sair para pescar, ficamos aqui, doentes e abandonados. O arroz é o nosso alimento principal. Mesmo debilitado de corpo e de mente, estou aqui sentado escrevendo, para dizer pelo menos que ainda estou vivo e que tenho febre alta. O meu médico é Deus. Mandei aprontarem a montaria depois que perdemos o batelão. Talvez fique pronta amanhã.

Hoje vi um tucari com 200 palmos ([373]) de altura até os galhos. Foi dessa madeira que mandei fazer a montaria e acho que ficará pronta amanhã. E uma bela canoa! Um único tronco dá para fazer mais uma ou duas. Minhas ferramentas estão ruins.

17.05.1828 (sábado)

Passei muito mal o dia todo. Fizeram muita coisa. O tempo estava encoberto. Florence foi até o salto.

18.05.1828 (domingo)

Hoje estou me sentindo um pouco melhor e em condições de dar algumas ordens. Mandei terminarem a montaria, mas ainda vamos ter que ficar um ou dois dias aqui. O tempo abriu um pouco. Os caçadores saíram hoje cedo para caçar.

20.05.1828 (terça-feira)

Estamos há dois ou três dias em terra firme, na margem esquerda do Juruena, a caminho de Santarém. Muito esforço e trabalho. Estamos todos ocupados em pôr as coisas em ordem. Acredito que poderemos partir logo para Santarém, onde vou esperar por Riedel. Estamos nos alimentando de peixes e caça. Tive que mandar fazer várias canoas novas, que devem ficar prontas hoje ou amanhã. Esse tempo de chuva nos deixa meio embotados. Estamos pensando em partir para Santarém. Nossas provisões estão minguando a olhos vistos, o que nos obriga a apressar a viagem. Ainda teremos que transpor cachoeiras e vários locais perigosos do Rio. Se Deus quiser, prosseguiremos viagem hoje. As provisões estão acabando, mas ainda temos pólvora e chumbo. (LANGSDORFF)

---

[373] 200 palmos = 44 m.

As anotações de Gregory Langsdorff, a partir da 2ª quinzena de abril, foram sensivelmente prejudicadas pelas febres que o atacaram e totalmente interrompidas a partir do dia 20 de maio de 1828.

Vamos recorrer, então, às anotações de Hercule Florence, desde 26.04.1828, quando partem do Porto dos Apiacá ao Tucurizal para podermos acompanhar a Expedição até à sua chegada em Santarém, PA. A apresentação simultânea dos dois relatórios permite que se observe a diferença não só no estilo mas, sobretudo, do ponto de vista, do conhecimento e da vivência dos dois observadores.

Antoine Hercule Romuald Florence

O etnólogo e explorador Theodor Koch-Grünberg, nasceu em Oberhessen, Alemanha no dia 09.04.1872, e faleceu, vítima da malária, aos 52 anos em Rio Branco, AC, no dia 08.10.1924. Nos idos de 1903 a 1905, explorou o Rio Japurá e o Rio Negro, chegando até a fronteira da Venezuela. Os relatos da viagem, ilustrados com inúmeras fotografias, foram perpetuados na obra "*Zwei Jahre Unter Den Indianern. Reisen in Nord West Brasilien, 1903-1905*" (Dois anos entre os índios. Viagens no noroeste do Brasil, 1903-1905). Antropólogos e etnógrafos, de todos os tempos, consideram que Koch Grünberg deu uma contribuição fundamental e inquestionável para o estudo dos povos indígenas da Amazônia, seus mitos e suas lendas. Koch-Grünberg, dirigindo-se a Atalida Florence, fez as seguintes considerações sobre a contribuição de seu pai, Hercule Florence, à ciência:

> Seu pai foi um observador finíssimo e em tudo que escreveu e desenhou duma vivacidade e fidelidade absolutas, de sorte que a obra dele não parece dum simples artista viajante, mas sim dum verdadeiro profissional, dum etnógrafo e geógrafo. Ela já apareceu em português e francês, mas nós, americanistas-alemães, não podemos prescindir dela em alemão e pedimos à família que procure publicá-la também nesta língua, para o que eu contribuirei no que for possível.
>
> Devo mencionar uma pequena circunstância especial, é que não havia desenhos dos índios do tempo daquela Expedição e que os índios mudam de moda nos seus penteados e tatuagens, de sorte que só agora viemos a conhecer as modas usadas por eles naquela época. (KOCH & GRÜNBERG)

Hercule Florence, inventor, desenhista, polígrafo e pioneiro da fotografia, nasceu em Nice, França, no dia 29.02.1804, e, desde cedo demonstrou possuir uma capacidade invulgar para o desenho. Ao ler Robinson Crusoé, de Daniel Defoe, teve sua atenção despertada para a vida no Mar e, em 1820, tornou-se grumete.

Nos idos de 1824, aportou no Rio de Janeiro a bordo da fragata Maria Thereza que partiu um mês depois sem Florence, que havia decidido permanecer definitivamente no Brasil.

Seu primeiro emprego foi na casa de roupas do francês Sr. Dillon e, mais tarde, na livraria e uma tipografia de um patrício seu, o Sr. Pierre Plancher, fundador do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Estava lá trabalhando, há apenas quatro meses, quando tomou conhecimento de um atrativo anúncio:

> Naturalista russo aprontando-se para fazer uma viagem através do Brasil busca um pintor. As pessoas preenchendo condições necessárias são convidadas a se dirigir ao Vice-Consulado da Rússia.

Na entrevista, Langsdorff ficou visivelmente impressionado com a exatidão e a segurança do traçado de Florence e recrutou-o imediatamente como 2° desenhista. Langsdorff, considerando que o artista tinha noções de cartografia, determinou que ele acumulasse suas atividades de pintor com as de topógrafo da Expedição.

Para a função de 1° desenhista, fora contratado o pintor Johann Moritz Rugendas que desligou-se da Expedição ainda no Rio de Janeiro sendo substituído por Aimé-Adrien Taunay, filho da ilustre família Taunay.

Florence, ao término da Expedição, em 1829, quando passou pelo Rio de Janeiro, deixou seu Diário com a família Taunay, que tinha um interesse especial em conhecer detalhes da Expedição em que falecera seu filho Aimé Adrien Taunay. Em 1874, o grande volume manuscrito, esquecido durante 45 anos, foi encontrado pelo Visconde de Taunay que, ao examiná-lo, verificou, surpreso, que se tratava do Diário de Florence, descrevendo os eventos da Expedição Langsdorff. O Visconde conseguiu a autorização de Florence que, na oportunidade, residia em Campinas, interior paulista, para traduzir e publicar o Diário. A primeira versão veio a público nos Tomos 38 e 39 da Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil sob o título: "*Esboço da Viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829.*

Escrito em Original Francês Pelo 2° Desenhista da Comissão Científica Hercule Florence – Traduzido por Alfredo D'Escragnolle Taunay", nos idos de 1875 e 1876 respectivamente. A publicação do Diário de Florence trouxe à tona importantes informações da Expedição Langsdorff até então desconhecidas. No seu diário, Florence descreve, como atento observador, os lugares percorridos, faz criteriosas observações em relação ao modo de vida dos habitantes locais e nativos, à sua cultura, à produção agrícola e ao extrativismo, aos produtos minerais, ao terreno e ainda às endemias. Em 1905, a Sociedade Científica de São Paulo publicou em sua revista o original em francês, tornando a obra acessível aos compatriotas franceses do autor. Florence faleceu no dia 27.03.1879 em Campinas, SP, seu corpo foi sepultado na quadra 14, jazigo 247 do cemitério da Saudade.

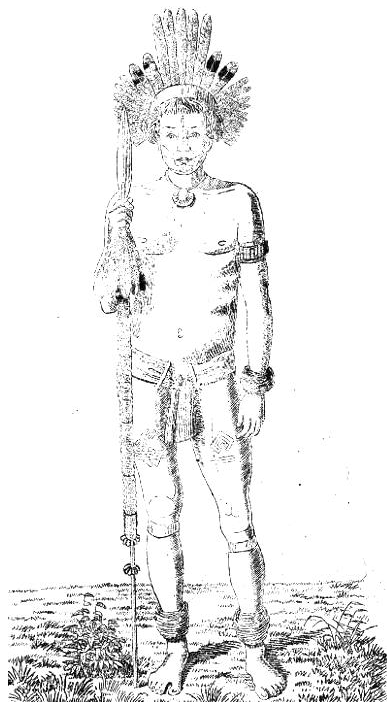
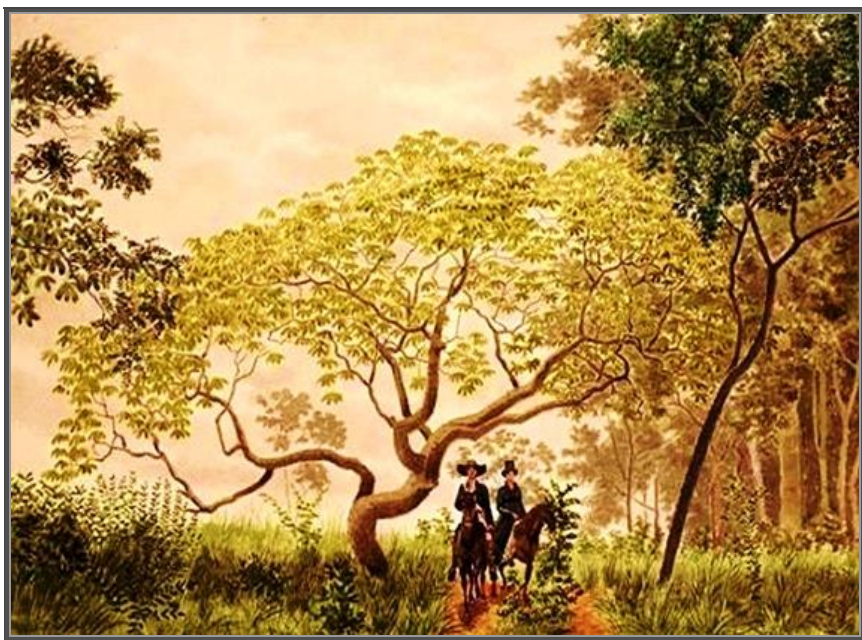



Imagem 09 – Arredores de Diamantino (H. Florence)

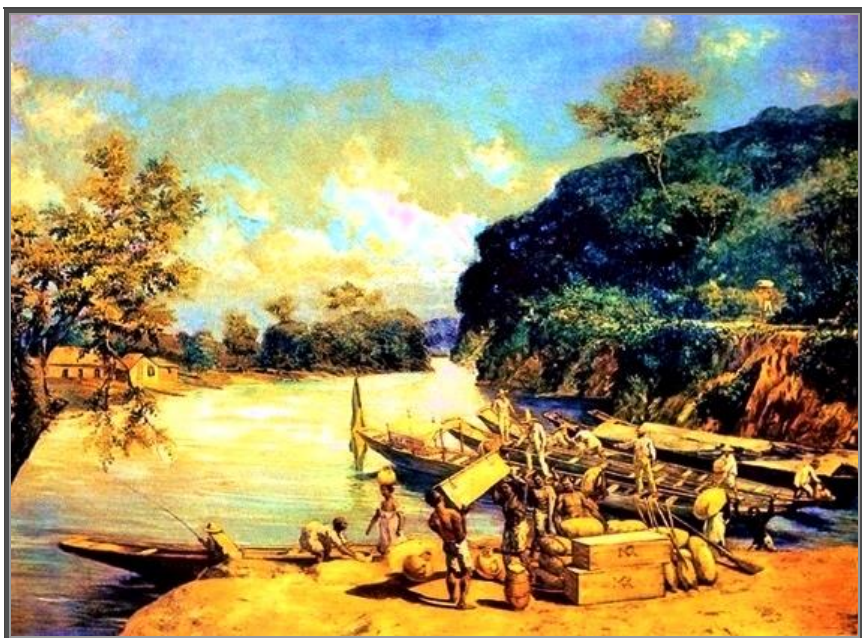



Imagem 10 – Carga das canoas (H. Florence)

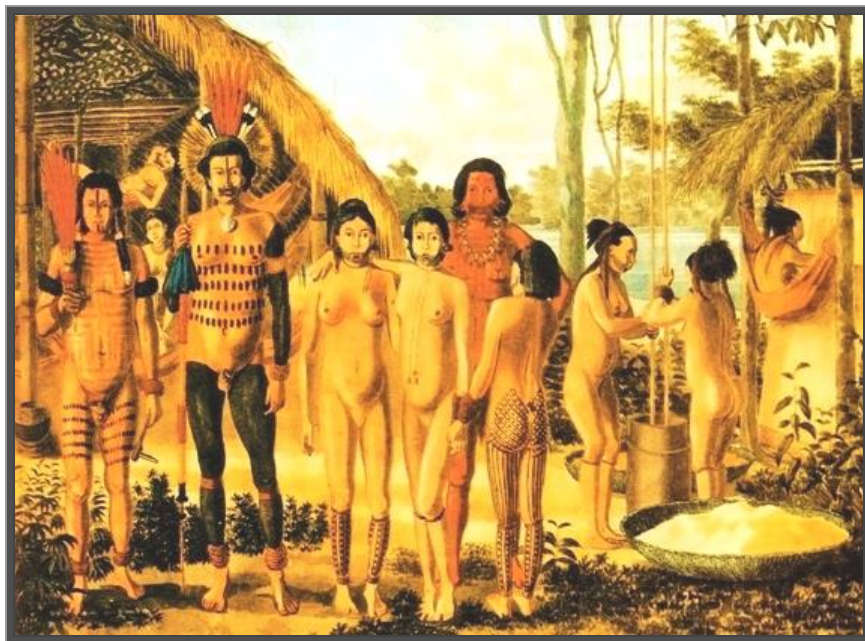



Imagem 11 – Maloca dos Apiacá (H. Florence)

Imagem 12 – Mulher e criança Mundurucu (H. Florence)

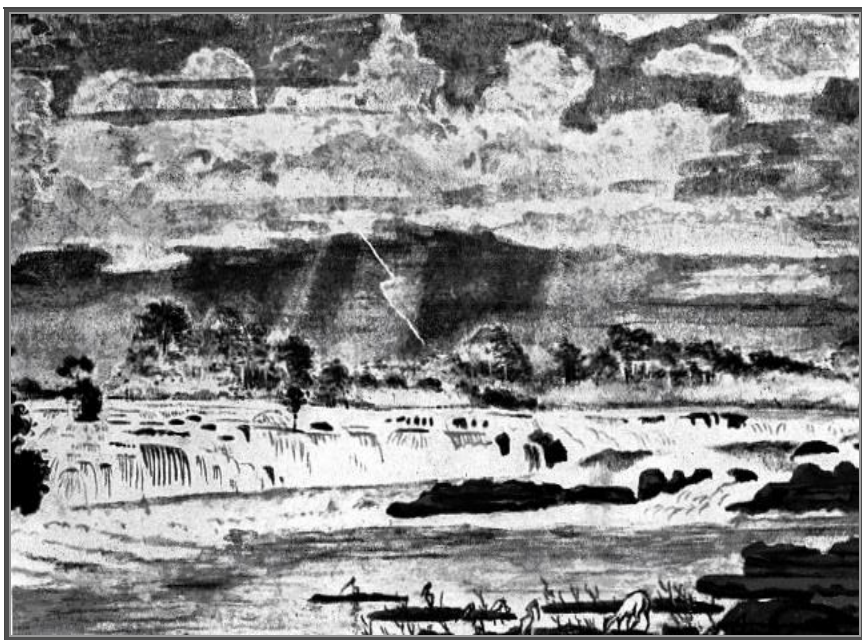



Imagem 13 – Salto Augusto (H. Florence)

Imagem 14 – Batelão feito em migalhas (H. Florence)

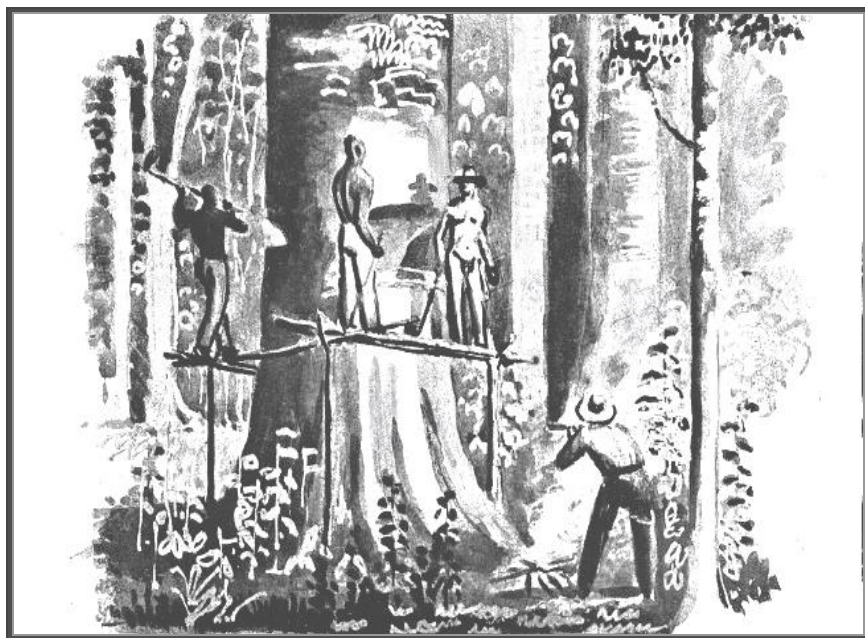



Imagem 15 – Derrubada de um Tucuri (H. Florence)

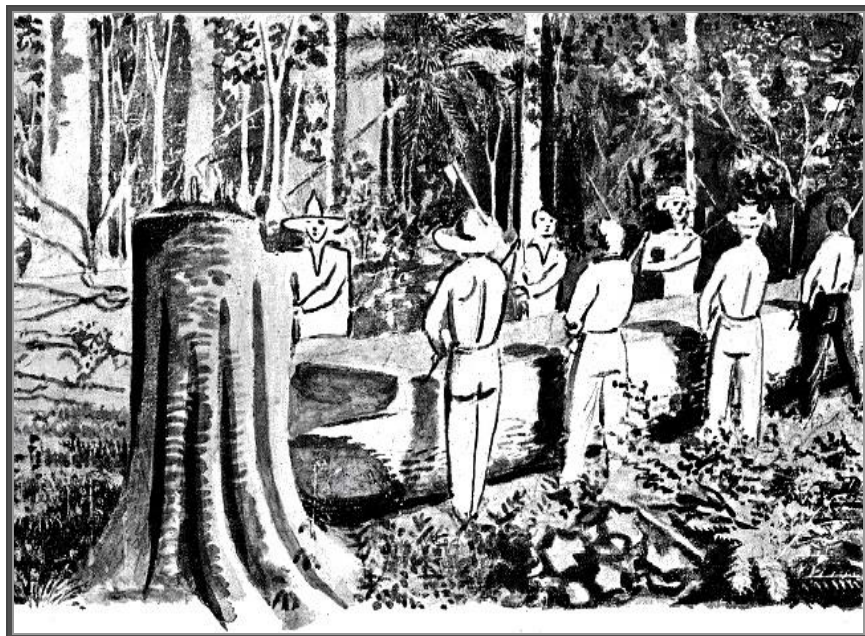



Imagem 16 – Confecção da canoa (Hercule Florence)

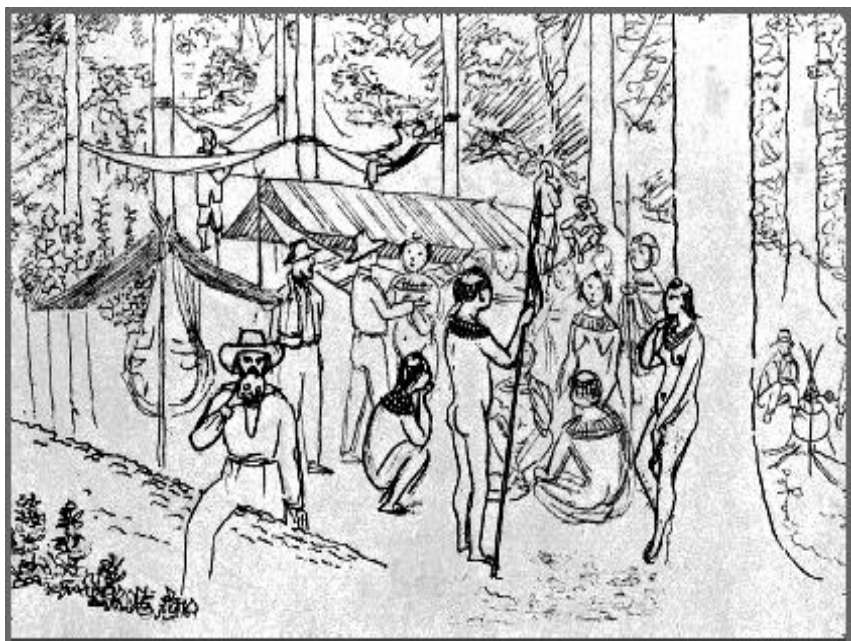



Imagem 17 – Mundurucus no Tucurizal (H. Florence)

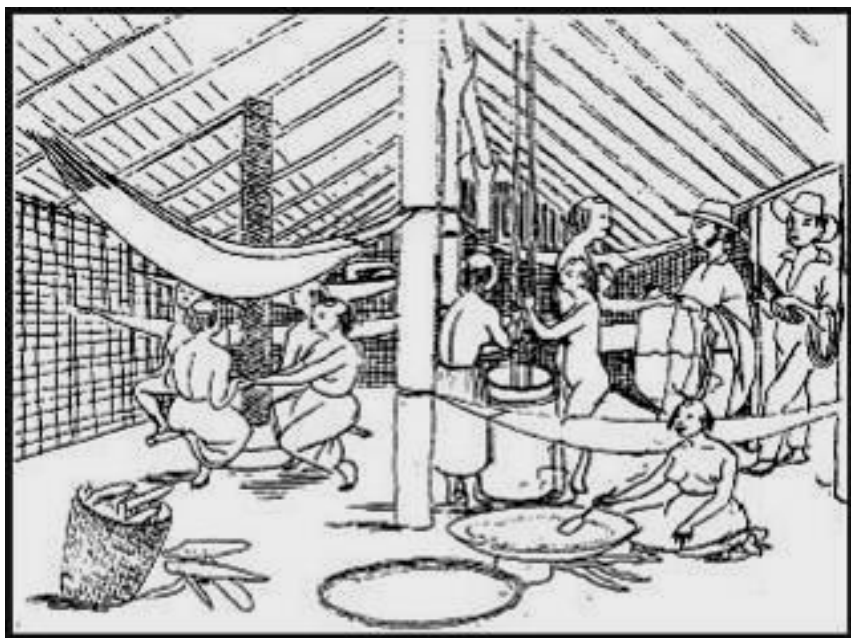



Imagem 18 – Cabana Mundurucu (Hercule Florence)

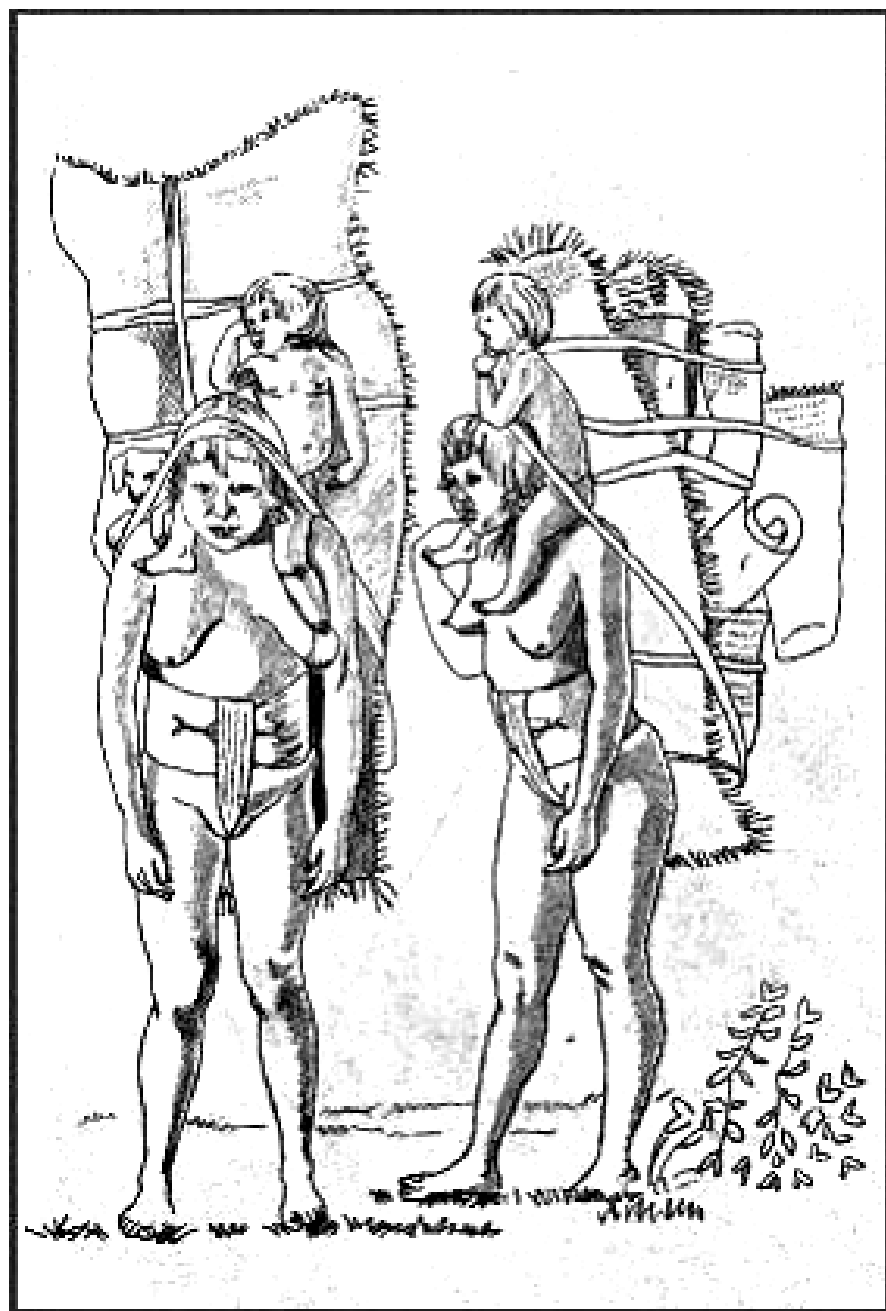



Imagem 19 – Mulheres Bororo (Hercule Florence)

Esboço da Viagem Feita pelo Sr. de Langsdorff

Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil

Fundado no Rio de Janeiro
Debaixo da Imediata
Proteção de S.M.I.

O Senhor D. Pedro II

Tomo 38 e Tomo 39 – 1875 e 1876

Esboço da Viagem Feita pelo Sr. de Langsdorff no Interior do Brasil, desde Setembro de 1825 até Março de 1829.

Escrito em Original Francês Pelo 2° Desenhista da Comissão Científica Hercule Florence Traduzido por Alfredo D'Escragnolle Taunay

Do Porto dos Apiacás ao Tucurizal ([374])

[374] Tucurizal: região onde abundam as castanheiras, comumente chamada de castanhais. A Castanha do Brasil (Bertholletia excelsa), conhecida erroneamente como Castanha do Pará, é uma árvore que pode atingir até 60 m. É uma planta social, agrupando-se nos famosos castanhais mas, sempre associada a outras espécies de grande porte. Seu tronco retilíneo e perfeitamente cilíndrico, de 1,0 a 1,8 m de diâmetro é revestido por uma grossa casca. Os frutos chamados de ouriço são semelhantes a cocos, lenhosos e totalmente fechados, com pouco mais de 10cm de diâmetro e pesando de 0,5 a 1,5kg. Cada ouriço contém de 15 a 24 sementes.

26.04.1828 (sábado)

De manhã, deixamos a morada dos Apiacás, última dessa tribo no Juruena e em nosso caminho. Durante o dia inteiro, passamos por Ilhas de todos os tamanhos. Pelas 16h00, obrigou-nos um temporal a buscar refúgio num braço estreito do Rio.

27.04.1828 (domingo)

A zona é montuosa; a corrente salpicada de Ilhas.

28.04.1828 (segunda-feira)

Ao mato foi nossa camaradagem procurar embiras ([375]) para cordas e cabos que deviam servir na transposição do Salto Augusto, do qual já nos aproximávamos. Às 09h00, fizemo-nos de partida e, depois de descermos duas ou três voltas, ouvimos o som de uma buzina e um tiro de espingarda que nos anunciavam a subida de outras canoas. Era um negociante do Diamantino que vinha de Santarém numa igaritézinha, barco de quilha usado na navegação do Amazonas. Essa era do tamanho de uma chalupa. Acompanhavam-no dois irmãos, compondo-se a tripulação de 10 camaradas, dos quais três de nação Apiacá. Vinha esse homem, que conhecêramos no Diamantino, atacado das febres desde uns oito dias atrás. Arrastou-se até a barraca do Sr. de Langsdorff e, com os olhos rasos d'água e a palavra cortada de suspiros e soluços, contou-lhe seus sofrimentos e a extrema fraqueza a que em pouco tempo chegara, exprimindo no rosto, subitamente radiante, a alegria que experimentava do inopinado encontro por poder receber socorros e medicamentos.

---

[375] Embiras: fibra extraída da casca de algumas árvores, para a confecção de barbantes, cordas.

Pela palidez e magreza conhecia-se bem quanto havia padecido, e tão fraco se achava que mal podia ter-se mesmo assentado. Não estava menos doente seu irmão mais moço; mostrava, porém, mais coragem e resignação. Como nós, tinha aquela pobre gente o rosto, as mãos e os pés, não só pintados de picadas de piuns ([376]), senão também cobertos de feridas provenientes dessas ferroadas. Mais fazem sofrer outros insetos também alados, mas de maior tamanho, os borrachudos, porque a parte do corpo tocada inflama-se logo, sobrevindo tal prurido que é de coçar-se até verter sangue. Vieram-nos martirizando desde o Rio Preto. Por toda a parte víamo-nos cercados de nuvens desses malfazejos bichinhos, entrando-nos pelos olhos, nariz, orelhas e boca, nas horas de refeição. Malgrado o excessivo calor, cobríamo-nos todos, e ainda assim era preciso estar agitando o dia inteiro um pano ou um espanador de penas para afugentá-los. Com a noite desaparecem, mas voltam, mal raia a madrugada, para recomeçarem a diabólica tarefa. Por vezes causaram-nos essa praga e a febre acessos de raiva e recriminações inconvenientes.

Uma dúzia de potezinhos de vinho, cinco ou seis caixas de genebra, três caixotes de guaraná, igual número de bruacas ([377]) de sal, mais alguns objetos e víveres que, desde Santarém, deviam servir para três meses, constituíam o carregamento da igarité. Pois bem, com tão pouca mercadoria, contava o negociante um lucro certo de 840$000, embora pagasse o trabalho, em viagem redonda, de dez homens e o custo das mercadorias em Santarém.

---

[376] Piuns: inseto alado também chamado mosquito pólvora, porque em tamanho não excede o de um grão de pólvora.

[377] Bruacas: sacos de couro que são colocados sobre o lombo de animais, pendurados nas cangalhas um de cada lado.

29.04.1828 (terça-feira)

Tendo tido uma falha em companhia do tal negociante, no dia seguinte dele nos separamos, depois do Sr. Cônsul ter-lhe fornecido socorro de víveres e remédios. Um quarto de hora depois, entrávamos na cachoeira de São João da Barra. É a primeira de mais importância que se encontra nessa linha de navegação. Uma Ilha a divide em dois braços igualmente revoltos. Abicamos na ponta superior, e aí preparando o acampamento, descarregamos as canoas. Por um caminho quase impraticável são levadas as cargas à extremidade inferior, passando as embarcações pelo canal da direita com um cabo à proa e outro à popa para as reterem na descida. Dois homens nelas se metem, e o resto da gente, ora dentro d'água até a cintura, ora nos penhascos, trabalha de varejões ([378]) ou nos cabos.

30.04.1828 (quarta-feira)

Para o porto inferior foram levados, cada um em sua rede, os Srs. Langsdorff e Rubzoff. Apressamo-nos em partir, porque as ondas levavam as canoas de encontro às pedras. Alguns minutos depois, alcançávamos o remanso. Ergueu-se de repente um cheiro fétido, que me fez procurar com os olhos qual a causa, e vi boiando uma anta morta, sobre a qual pousava um urubu que devorava a putrefata carniça. A anta é animal muito vigoroso, que pode nadar largo tempo e ficar alguns minutos debaixo d'água; era, pois, difícil conjeturar o que lhe produziria a morte; mas com certeza ia o cadáver rolar na primeira cachoeira, tomando então o urubu seu voo pelos ares a fora.

---

[378] Varejões: varas compridas usadas para manobrar ou movimentar pequenas embarcações em águas rasas.

Já ouvíamos o estrondo do Salto Augusto ([379]). Passamos perto de dois redemoinhos, dos quais não escaparia quem lá caísse. Um dos nossos pôs-se a rezar e persignou-se: é verdade que era um envenenador, como adiante veremos. Transpusemos uma cachoeira, cujas ondas por vezes alagam os barcos. O movimento de bombordo a estibordo quase me derrubou o toldo; o que tem significação para um tronco de árvore cavado, arredondado e sem quilha. Em poucos instantes percebemos o branco nevoeiro que se ergue do Salto Augusto. A aproximação é cheia de perigos. Com rapidez, encostamo-nos à margem direita e abicamos com precisão no cotovelo que ela faz a 200 toesas ([380]) da catarata. O batelão foi o único que não conseguiu executar essa manobra, porque, tripulado por três homens inábeis, achou-se levado por um torvelinho, donde pôde safar-se, mas para cair na correnteza, cuja violência custa a vencer. O piloto não dirigia mais a popa, que se voltara para o salto. Supusemo-los perdidos! Um dos nossos pilotos gritou-lhes de tentarem galgar a Ilha que divide a catarata: Ilha inabordável! Felizmente os dois homens da proa remaram com tanta energia que o batelão tornou a entrar no redemoinho, o que os salvou, porque, aproveitando-se do primeiro impulso tomado pela embarcação e resistindo com os remos ao movimento giratório, conseguiram alcançar a margem em que estávamos umas 40 braças ([381]) abaixo. Há quatro anos nesses mesmos lugares, dera-se um lamentável sucesso, salvando uma criança de 14 anos sua vida por um rasgo de admirável coragem.

---

[379] Salto Augusto (Imagem 12).

[380] 200 toesas = 396 m (toesa: antiga medida de comprimento que equivale a 1,98 m).

[381] 40 braças = 88 m (medida correspondente ao comprimento de dois braços abertos – 2,2 m).

Uma monção que subia o Rio tinha já terminado não só todos os trabalhos do Salto, mas ainda as penosas manobras peculiares a essa margem que se adianta em curva sobre a catarata. Essas manobras, ditadas pela prudência e que exigem as maiores precauções ao subir-se o Rio, consistem em ter um número capaz de homens colocados em terra, a fim de puxarem por um cabo a embarcação, na qual vão duas ou três pessoas para a governarem até atingir-se um ponto onde não há mais perigo e que é justamente aquele em que nos achávamos. Todas as canoas tinham já transposto esse trecho perigoso; só faltava um batelão, no qual vinham dois homens e o tal menino de 14 anos de idade. Partiu-se a corda quando puxava esse batelão, e a corrente de rojo o impeliu para o Salto. Os pobres coitados iam da proa à popa sem saberem o que fazer e, vendo a morte iminente, levantavam as mãos para os céus gritando misericórdia. Pilotos encanecidos nos perigos dessa travessia ao testemunharem tal desgraça, perderam os sentidos. Entretanto o menino, vendo de longe na crista do Salto um arbusto balançado pelas ondas, atirou-se a nado e agarrou-se aos ramos, enquanto seus infelizes companheiros e o batelão eram precipitados no fundo abismo. Com toda a pressa, trataram de amarrar cordas uma às outras; correram ao longo da margem até ao ponto mais chegado e daí largaram uma canoa retida por cabos e tripulada por dois intrépidos homens. O menino foi salvo! Voltemos ao Diário. O guia, os pilotos e seus ajudantes e proeiros ([382]), todos gente de escolha, fizeram descer as canoas uma após outra até a reentrância do cotovelo, onde começa o porto, e voltaram de cada vez por terra; executaram duas vezes manobra idêntica até o porto que fica mesmo acima da catarata.

[382] Proeiros: tripulantes que, numa embarcação, estão encarregados de executar as manobras determinadas pelo timoneiro da proa.

Não há mais do que caminhar uns cinquenta passos, dobrar à esquerda e acha-se o viajante numa plataforma de rochedos, da qual descortina a queda do Juruena, célebre pela sua extensão em três seções e pelos perigos que aí se corre. Pode-se molhar os pés na espuma da margem, não alcançando a vista nada mais do que alvacento ([383]) báratro ([384]) no qual se engolfa ([385]) o Rio com o estrondo da trovoada, espadanando-se ([386]) as ondas, rugindo em massas animadas que se embatem, como a quererem devorar-se umas às outras e produzindo vapores condensados que, erguendo-se aos céus em seis colunas, a modo de bulcões rutilantes de alvura, de pronto se dissipam nos ares.

Os cachões ([387]) d'água saltam, correm e atiram-se em segunda queda, onde se formam novos rolos de movediço nevoeiro. Adiante disparam para terceiro e imenso jacto, depois do qual o Rio, estreitando-se, desliza como sulco branco e esconde-se por trás de umbrosa ([388]) margem.

Por notável contraste, voltando-se para a esquerda, descansam os olhos, ainda deslumbrados desse eterno turbilhão, numa enseada batida de ondas que vêm quebrar-se mansamente no musgo verde da plataforma, e além numa muralha cortada em três planos de rochas, por onde descem mil fios d'água, representando um como anfiteatro de três ordens de liras de brancas cordas, onde a vibração cai e geme na pedra, misturando distintamente eólios sons aos rugidos da catarata.

---

[383] Alvacento: esbranquiçado.
[384] Báratro: abismo.
[385] Engolfa: mergulha num abismo.
[386] Espadanando-se: escorrendo aos borbotões.
[387] Cachões: cachoeiras, catadupas, cataratas.
[388] Umbrosa: sombria.

Do outro lado da grande queda, vê-se a Ilha à qual já me referi. Rodeada de líquidos sorvedouros, de ondas tão altas como as do oceano, por todos os lados inacessível, submersa na sua porção superior e em parte oculta pelo nevoeiro, parece surgir da espuma de vasta cratera em liquefação. Coroa-a contudo uma floresta de grandes árvores. Que seres, porém, buscam sua sombra? Nenhum animal pode alcançá-la com vida. Pé humano ainda não a pisou. Pisá-la-á um dia, quando a civilização tiver penetrado nessas regiões? É o que se pode afirmar com toda a segurança. Por trás da ponta inferior da Ilha, vê-se surdir ([389]) a outra metade do Rio ainda espumante, pois, no dizer da camaradagem, é a outra parte do Salto, oculta pela Ilha, tão grande como esta. Todo esse quadro agitado é emoldurado em uma fita de floresta como a que víramos em todos os Rios e correntes que navegamos, com exceção do Rio Pardo e do Coxim. Junto ao porto inferior e à beira de um barranco de 30° de inclinação formamos pouso. O varadouro tem 400 passos ([390]) de um porto a outro, ficando um acima do outro 150 pés ([391]), segundo minha estimativa. Perto demorava ([392]) um cemitério onde, no ano passado, haviam sido enterradas 40 pessoas, vítimas das sezões ([393]) que assaltam os viajantes dessas insalubres correntes. Aí fora plantada uma grande cruz de 20 pés de alto, a fim de colocar essa terra e restos debaixo da proteção do respeito religioso. O tumulto e as agitações da catarata mais exaltam esse sentimento, tornando-se a presença da morte um dos mais assinalados característicos dessa grandiosa natureza.

[389] Surdir: surgir.
[390] 400 passos = 328 m (Passo: medida antiga equivalente a 82 cm).
[391] 150 pés = 49,5 m (Pé: medida de extensão equivalente a 33 cm).
[392] Demorava: estava situado.
[393] Sezões: acessos de febre, intermitente ou periódica, precedido de sensação de frio e de calafrios.

Cheiro cadavérico, vindo do lado do cemitério, fez-nos descobrir a cova de um Apiacá que, voltando de Santarém com o negociante, morrera de febres a dois dias de viagem de sua tribo. Havia um buraco, que fora sem dúvida aberto por um enxame de abelhas, pois as víamos sair em grande quantidade. Demo-nos pressa em cobrir com terra essa cova.

02.05.1828 (sexta-feira)

Todos os nossos puseram mãos ao cabo para arrastar a primeira canoa, mas em vão. Não tínhamos senão uma polé ([394]) que ali acháramos, deixada pelos que nos precederam. A roda quebrou-se, e o resto do dia passou-se em fazer outra, sem que o conseguíssemos. Um machado e duas tesouras ficaram inutilizados nessas madeiras rijíssimas e preciosas, de que estão cheias as florestas do Brasil.

Continuaram muito doentes os Srs. Langsdorff e Rubzoff. A fraqueza era tal que não podiam sair da rede: a perda de apetite era completa. Os calafrios voltavam-lhes diariamente às mesmas horas, precedendo acessos de febre de tal violência que os faziam involuntariamente soltar gritos entrecortados e dar pulos de agitar as árvores, onde a rede, mosquiteiro e toldo estavam armados. Vi a folhagem dessas árvores, cujo tronco tinha uns 33 cm de diâmetro, tremer na altura de 40 palmos. Cada rede estava suspensa a duas delas. Quanto a mim, achei-me restabelecido, mas uma excursão que fiz durante o dia causou-me, em consequência de uma trovoada que me pilhou, súbita recaída. Querendo examinar a parte do Salto que fica por detrás da Ilha, passei, por volta das 16h00, numa canoinha em que iam também o guia e um camarada, o Rio num ponto em que ele já dá alguma navegação.

[394] Polé: roldana.

Com efeito, descortinei a segunda seção da queda, duas vezes tão larga como a primeira sem poder contudo ver-lhe a base, oculta como é, por árvores e rochedos da margem esquerda, isto é, à nossa direita. Esta seção é muito larga, porque corta o Rio obliquamente, como mostra o plano aproximativo.

Formou-se uma trovoada que se adiantou sobre nós. Retido, porém, pelo trabalho de tirar a vista, deixei-me ficar, tanto mais quanto o guia se divertia pegando volumosos peixes, como se costuma pescá-los perto das grandes quedas.

Sobre nossas cabeças azulava o céu; maciços de nuvens arredondados e iluminados por cima formavam um arco que tomava os pontos extremos do horizonte, arco sombrio no interior e recortado em estalactites, donde caíam colunas mais escuras de chuva, que o vento inclinava para a esquerda. Arrebentou o raio; abriram-se as cataratas do céu; mas embaixo a paisagem tornou-se ainda mais resplandecente. Dois grupos de elevado arvoredo também negrejantes coroavam o Rio transformado em extensa e alva esteira, cuja franja cortava em linha reta essa soberba perspectiva.

As colunas de chuva pendiam para a esquerda; as mil movediças dobras da esteira para a direita; mais abaixo, porém, todas as águas corriam espumantes para a esquerda, isto é, para a Ilha, desviadas, como são por um penhasco ligado a ela na parte submersa, de 14 pés ([395]) de alto, direito como uma flecha, e de encontro ao qual batem, rugem e espadanam as ondas. Aí se forma a segunda queda que é a continuação daquela que havíamos visto da margem em que ficava nosso pouso.

[395] 14 pés = 4,62 m.

Para cá do penhasco e da correnteza da Ilha, é o Rio quase calmo. Esta queda não dá ideia do caos, como a companheira da direita. Nenhuma coluna de denso nevoeiro aí se vê; pelo contrário, vapores adelgaçados pairam horizontalmente sobre o lençol d'água, como uma miragem, principalmente à direita do espectador, onde o salto nada mais é que um foco de deslumbrante alvura.

Não tive tempo senão de tirar muito às pressas um esboço. A trovoada desabou sobre nós com tal fúria que, antes de alcançarmos a canoa, correndo sobre as rochas, já estávamos varados pela chuva. Despi-me todo, na crença de que a roupa molhada e fria poderia fazer-me mal e pus-me a trabalhar de remo para conservar o sangue em agitação, e não me deixar tolher pela chuva e o vento.

Cheguei, porém, à barraca transido ([396]) de frio; o capote e as cobertas mal me davam algum calor. Toda a noite ardi em febre, acompanhada de grande dor de cabeça e extrema fraqueza, com todos os sintomas, enfim, das febres intermitentes. Com efeito, fui de novo atacado e durante 10 dias por elas muito maltratado, não tanto, porém, como os meus companheiros, a quem eu dava o braço para ajudar a caminhar. Desde então tive mais ou menos calafrios e febre até Santarém.

03.05.1828 (sábado)

Com muito trabalho, foi arrastada a primeira canoa uns dois terços do caminho, defronte do cemitério. No dia seguinte, puxou-se a mesma canoa e o batelão até nosso pouso e pôs-se a segunda canoa em seco, na rampa que domina o porto superior, sendo trazida até perto do acampamento no dia 5.

---

[396] Transido: enregelado.

A segunda roda da polé partiu-se, e nossa gente nada mais fez no resto do dia. Um passageiro chamado Carvalho caiu doente. Em 34 pessoas não havia senão 15 de saúde, e entre estas só oito tinham escapado até então das sezões. Ainda tive forças para desenhar uma pirarara ([397]), peixe de um metro de comprido e pouco apreciado.

06.05.1828 (terça-feira)

Atirou-se a primeira canoa à água. Pouco faltou que na descida ela se despedaçasse de encontro às rochas, porque a camaradagem, não podendo retê-la, deixou-a descer pelo plano inclinado. Só tiveram tempo de saltar para os penhascos da direita e esquerda, correndo o risco de quebrarem as pernas.

Isto não lhes deu mais prudência quando arrastaram o batelão, porque, tendo-o levado até a descida e algum empecilho obstando-lhe o avançar, puseram-se todos a forcejar, no meio de grande alarido, uns a puxá-lo, outros a empurrá-lo no sentido da correnteza. De repente, moveu-se a embarcação, mas com tamanha violência que, se não largássemos os cabos, fugindo para o lado da mata, estariam perdidos.

O batelão foi feito em migalhas ([398]) nas pontas das rochas, perda sensível para nós, pois era nossa melhor embarcação; tínhamos que transpor muitas cachoeiras perigosas e o carregamento avultava. Cessei aí de escrever o Diário, por causa das febres. De lembrança, dei-lhe continuação quando em Santarém. Por esta razão não figuram mais datas. Não tínhamos mais presentes nem sequer os dias do mês, por tal modo estávamos todos doentes.

---

[397] Pirarara (Phractocephalus hemioliopterus): peixe de couro, que pode chegar aos 60 kg e 1,5 m de comprimento. Ao contrário do que relata Florence, sua carne é saborosa e muito apreciada pelos ribeirinhos.

[398] Batelão foi feito em migalhas: Imagem 14.

No dia **07.05.1828**, arrastou-se a segunda canoa com precauções, mas tão pouca perícia, que não puderam deixar de soltar os cabos que a retinham. Por extrema felicidade, escangalhou-se só a proa. O Sr. de Langsdorff ficou furioso com a camaradagem e sobretudo com o guia, o qual, desde o Rio Preto, tinha sido causa de muitos sinistros. O resto desse dia e o seguinte até meio-dia foram empregados nas reparações da canoa. Por ela e pela outra distribuiu-se todo o carregamento e excedente da que se perdera. O resto ficou em terra dentro de uma barraca, tendo o Sr. Cônsul intenção de parar uma légua abaixo numa mata chamada Tucurizal para fazer uma canoa, sendo então fácil mandar buscar esses objetos e mantimentos. Partimos com efeito para essa floresta de tucuris, à qual chegamos com uma hora de navegação. Como devíamos ficar aí parados alguns dias, nos dois primeiros mandou o Sr. Langsdorff derrubar várias possantes árvores, a fim de arejar o acampamento, que assentava em terreno bastante inclinado e por isso incômodo. No terceiro dia, os camaradas acharam a 300 passos ([399]) do pouso um tucuri de bom tamanho para dar a canoa precisa e consumiram o dia inteiro a pô-lo em terra. É que, nesses casos, não se trata só de cortar uma árvore; convém levantar em torno um andaime para chegar à altura em que não há mais saliência e o tronco é arredondado ([400]). Os dois terços da extensão total bastaram para o comprimento do bote que, nesse sentido, deveria ter 25 passos ([401]) sobre 80 cm de largo. Nossas embarcações eram todas de madeira tucuri, muito quebradiça, contudo, de que davam prova a segunda canoa e a proa da terceira que se desfizeram em pedacinhos, como se fora vidro.

---

[399] 300 passos = 246 m.
[400] Tronco é arredondado: Imagem 15 e 16.
[401] 25 passos = 20,5 m.

Essa árvore, que se eleva acima de qualquer outra e cujos ramos e espessa folhagem coroam um caule reto como uma coluna, e de grossura a não poder ser às vezes abarcado por cinco homens, dá um fruto das dimensões de um coco da Bahia. O envoltório é ainda mais rijo. Precisa saber manejar um machado quem o abrir, e só é possível parti-lo em círculo, lançando mão de uma Serra ([402]). Dentro acham-se quinze ou vinte nozes do aspecto e tamanho que mostra o desenho junto: estas, também com casca muito dura, encerram uma amêndoa, coberta de uma película pardacenta que dificilmente se destaca, mas que esburgada ([403]) tem gosto agradável, embora seja muito oleosa. O tucuri é de grande socorro para o Índio e o viajante. Carrega extraordinariamente, e cada coco basta para fartar um homem. Essa árvore, dando frutos tão pesados em grande altura, não deixa de inspirar fundado terror aos que passam por baixo dela. De fato, a queda de uma daquelas pinhas na cabeça de um homem o derrubaria sem sentidos. Os animais que dela tiram o sustento, às pressas agarram o primeiro fruto que encontram por terra e vão se safando com ligeireza para o comerem sem receio.

De dia, de noite, quando havia ventania, ouvíamos cair essas imensas nozes com um baque surdo. Quando a camaradagem ia trabalhar na canoa, atravessavam com cautela a mata e, se havia vento, punham-se todos a correr. Eu mesmo pouca confiança tinha no meu chapéu de palha do Chile e no capote, pois não impediriam que sentisse doloríssima pancada na cabeça ou no ombro, receios tanto mais justos quanto ouvia e via cair à direita e à esquerda muitos deles.

---

[402] Quebra dos ouriços: a quebra, na verdade, é feita com golpes certeiros do terçado (facão) no ouriço que é apoiado sobre um cepo, outro ouriço ou mesmo na mão.

[403] Esburgada: descascada.

Na nossa estada no Diamantino, muito se regozijava o Sr. Langsdorff com a ideia de que ia ver o tucuri. Pelo que dizia, era árvore quase desconhecida na Europa, tendo tido muito expressas recomendações de sábios para colher todas as indicações possíveis a seu respeito. Não pude desenhar senão o fruto e a folha, a qual tem três decímetros de comprimento, é lanceolada e pendente. Pretendiam nossos camaradas que à vontade pode-se fazer cair o tucuri do lado que se queira, para o que basta praticar uma incisão mais baixa do que outra acima, coisa que nem em todos os casos se verifica. A árvore que derrubaram arrastou outras na queda, causando estrondoso ruído, cujo eco nessas solitárias paragens prolongou-se muito ao longe. Fundo e estreito, corre aí com mais rapidez o Juruena, encaixado entre duas colinas, das quais a que enfrenta conosco ([404]) é também em declive e coberta de mato. Onze dias levou a camaradagem a fazer a canoa, tempo que nos pareceu sobremaneira melancólico por causa das moléstias e do tédio de estarmos retidos numa floresta. Voltei ao Salto Augusto para acabar de tirar a vista da segunda seção e 24 horas depois regressei ao pouso.

Acabrunhavam-nos as enfermidades; os mosquitos causavam-nos duros sofrimentos, não nos dando a menor trégua. Além do mais, sobreveio uma chuva torrencial que durou dias seguidos, molhando tudo quanto tínhamos, até dentro das barracas. A pesca e a caça nada produziam. Tudo concorria para tornar-nos aquela parada intolerável. Víamo-nos reduzidos a tomar caldos de coatás e barrigudos, macacos aí muito numerosos, sem dúvida em razão dos frutos do tucuri, caldos aliás excelentes; pois, embora me tivessem as sezões embotado o paladar e me repugnasse essa carne, senti que o estômago enfraquecido dava-se bem com aquele restaurador alimento.

---

[404] Enfrenta conosco: fica defronte.

Nesse lugar foi que se manifestou o estado desastroso em que caiu o Sr. Langsdorff, isto é, a perda da Memória das coisas recentes e completo transtorno de ideias, devido à violência das febres intermitentes. Essa perturbação, da qual nunca mais se restabeleceu, obrigou-nos a ir para o Pará e voltar para o Rio de Janeiro, pondo assim termo a uma viagem, cujos planos, antes dessa desgraça, era vastíssimo, pois devíamos subir o Amazonas, o Rio Negro, o Branco, explorar Caracas ([405]) e as Guianas e regressar ao Rio de Janeiro, atravessando as Províncias Orientais do Brasil. Talvez tivéssemos também tomado outra direção, a do Peru e Chile, por exemplo. Não havia sido pelo governo da Rússia determinado ao Sr. de Langsdorff nem tempo nem caminho certo.

Parece que o canal de Cassiquiare não é ainda bem conhecido, pois, quando estávamos no Diamantino, recebeu o Sr. de Langsdorff uma carta, escrita do Pará, do viajante inglês Mr. Burschell, na qual lhe referia que, chamado à Inglaterra por negócios de família, via-se obrigado a renunciar ao plano de exploração do canal Cassiquiare, projeto que o Cônsul não pusera dúvidas em aceitar.

No sexto ou sétimo dia de nossa estada no Tucurizal, passou uma tropa de Mundurucu pela floresta fronteira ao nosso acampamento e do outro lado do Rio. Um ajudante do piloto, que estava a caçar, trouxe-nos três deles na canoinha. Por diversas vezes foi buscar outros e, dentro em pouco, conosco tivemos 20 índios, dos quais duas mulheres velhas e uma moça. Na margem de lá ficara ainda maior número, composto na maior parte de mulheres e crianças. Os que transpuseram os Rios haviam deixado nas mãos dos companheiros os arcos, flechas e bagagens.

[405] Caracas: Venezuela.

Deram mostras de satisfação em ver-nos. Como os Apiacás, andam nus, sarapintados no pescoço, ombros, peito e costas, de um desenho que semelha um mantéu ([406]) agarrado ao corpo, o que parece indicar certo grau de faceirice, caso sejam capazes de senti-la. Contava-nos o Sr. Taunay que, em não sei que arquipélago do Mar do Sul, apareciam os naturais por tal modo pintados dos pés à cabeça que os marinheiros da Urânia diziam com graça que eles estavam vestidos e nus.

Os Mundurucu raspam os cabelos da cabeça, deixando acima da testa um feixe redondo e curto: por trás usam do cabelo que chega até às fontes, de modo que todos, homens, velhos, mulheres e moços, são calvos por inclinação. Em cada orelha, fazem dois furos, nos quais introduzem cilindros de dois centímetros de grossura. A marcação [tatuagem] da cara consiste em duas linhas que vão do nariz e da boca às orelhas, e de um xadrez em losangos no queixo. Além dessas riscas fixas, pintam-se com suco de jenipapo que é da cor da tinta de escrever. Às vezes, traçam linhas verticais em algumas partes do corpo. Debaixo do braço trazia um desses índios um pedaço de caititu ([407]) assado e embrulhado em folhas secas. A vista desse manjar, que tinha cara de ser excelente, acordou-me o apetite modificado uns dias atrás pela moléstia. Pedi-o ao Índio que prontamente me cedeu.

Com a mesma satisfação saborearam-no os Srs. de Langsdorff e Rubzoff, ainda, mais faltos de apetite que eu. Sem sal, nem tempero algum, achamos esse

---

[406] Mantéu: capa com colarinho estreito que os frades usavam sobre as túnicas.

[407] Caititu: Caititu (caitatu, taititu, cateto, tateto, pecari): mamífero da família dos Taiaçuídeos, que vive em bandos e possui hábitos diurnos. Tem pelos ásperos, pernas longas e patas com dedos pares e casco curto.

assado suculento, provindo a excelência do modo por que os índios o preparam. Embrulham-no em folhas e, espetado em comprido pau, fincam-no em terra a distância calculada do fogo, conforme é o calor mais ou menos intenso. Coze tão lentamente que são necessários até dois dias, mas dessa maneira torna-se a carne mais tenra, conservando-lhe as folhas o caldo e preservando-a da fumaça.

Em razão da marcha que durara muitos dias, estavam quase esfaimados esses índios, dos quais um tão útil fora ao nosso apetite estragado pelos sofrimentos. Demos-lhes uma boa refeição e foram-se para outro lado do Rio, depois de terem feito suas despedidas. A alguns dias de viagem dali moravam, nas margens do Rio Tapajós, onde cultivavam mandioca e fabricavam farinha que os negociantes do Pará iam-lhes comprar.

A aparição, pois, deles em lugares que nunca visitavam, dava lugar a comentários; mas como sabíamos pelo sujeito que encontráramos no dia 28 de abril, que haviam morto um brasileiro malfeitor, destruidor de suas plantações, supusemos que o receio de serem perseguidos os forçara a abandonar suas moradas, pouco afastadas dos estabelecimentos brasileiros.

De repente, recordamos da barraca, bagagens e mantimentos deixados no Salto, e temendo que os selvagens os descobrissem e saqueassem, fizemos logo descarregar uma canoa, ordenando ao guia fosse buscá-los com 6 homens. Achando-se, porém, o dia adiantado, não partiu senão no dia seguinte, voltando à tarde para nos participar que os Munducuru por lá já tinham passado, tendo desaparecido a farinha de milho, objetos de ferraria, os arcos e flechas com que nos haviam presenteado os Apiacás, uma rede de pescar e outros objetos.

Algumas caixas haviam sido arrombadas. Trouxe-nos, contudo, a barraca e o resto da bagagem. Causou-nos surpresa saber que não haviam tocado no feijão, do qual havia cinco sacos, de modo que, para levá-los vazios, entornaram o conteúdo nas bruacas. Pouca confiança merecia-nos o guia, mas se fora ele o ladrão, por que motivo traria o feijão e que destino daria a arcos e flechas?

Depois de 12 dias da parada no Tucurizal, deitamos enfim a embarcação à água e partimos, em extremo satisfeito por deixar esses malfadados desertos. Naquele dia, tivemos, desde que saímos do Tucurizal, boa navegação, sem cachoeiras nem correntezas, chegando à noite à corredeira dos Ternos, onde se juntou a nós uma igarité que vinha subindo o Rio. Tripulada por 8 homens; pertencia aquela embarcação a 3 negociantes que haviam deixado atrás suas monções, impacientes por se libertarem dos sofrimentos que tinham vindo aturando e também se furtarem às insolências e insultos dos camaradas, gente que, uma vez no sertão, perde todo comedimento, chegando a ponto de arrombarem os caixões à vista dos próprios donos e, sem rebuço, sacarem garrafas de vinho e aguardente para se embebedarem, acrescentando chufas ([408]) grosseiras a tais desmandos. Nossa marinhagem fazia-nos, é certo, alguns furtos de pequeno valor, mas nunca nos faltara com o devido respeito, e isso pelo receio que lhes inspirava o Cônsul, o qual desde o princípio mostrara-se severo para com ela. Demais o tinham na conta de General. Em lastimável estado achavam-se aqueles infelizes! Como não usassem luvas e botas, tinham as mãos, as pernas e pés cobertos de feridas, provenientes das picadas dos piuns e borrachudos. Foram eles que nos disseram o dia e o mês em que estávamos então: **20.05.1828 (terça-feira)**.

[408] Chufas: zombaria.

21.05.1828 (quarta-feira)

Recomeçou a igarité a subir o Rio e nós nos preparamos para descer a cachoeira. Antes haviam o guia e o piloto ido na canoa nova examinarem se as rochas do canal estavam descobertas ou debaixo d'água. Voltaram a fim de passar a primeira canoa, e tal é a extensão da cachoeira que não regressaram senão uma hora depois para levar a minha embarcação. Atiramo-nos em cheio no meio dos rebojos. As águas não têm direção certa, cortada que é a superfície de sulcos tortuosos; arrebentam do fundo e borbulham como azeite a ferver. Enquanto eu observava esse fenômeno, percebi que se acelerava nossa marcha. Olhei para diante e vi um canal estreito e inclinado, onde a correnteza recrudesce de velocidade. Penetramos resolutamente. Aí a canoa verga, voa, e, alagando-se toda, pula no meio da espuma que dos dois lados espadana como tocada de violento vento. Se esbarrar contra um dos parcéis ([409]) que pejam o leito, está perdida. O piloto e seu ajudante à popa, à proa o proeiro e remadores desenvolvem admirável perícia para, a cada instante, virarem de bordo, segundo as sinuosidades e perigos desse angusto ([410]) canal. Afinal dele nos safamos e abicamos tranquilamente à esquerda numa praia, onde a gente da primeira canoa já suspendera as redes e estendera a roupa.

Novamente esquecemos o dia do mês, tão doentes estávamos todos. Transpusemos diversas cachoeiras, cujo nome e trabalhos se me riscaram da Memória. Lembro-me que, alguns dias depois da passagem da das Furnas, por pouco ia se perdendo nosso batelão numa delas.

---

[409] Parcéis: recifes ou bancos de areia encobertos a pequena altura pela água do Rio.

[410] Angusto: estreito.

Ao sairmos da de São Lucas, escapou minha canoa de cair num medonho rebojo ou torvelinho onde, de repente, se some uma embarcação, sem que o melhor nadador possa se salvar. Assim perderam-se já naquele redemoinho muitas canoas com tripulações inteiras. Nessas paragens, todas as cachoeiras são criminosas, na enérgica expressão da nossa gente, isto é, nelas se têm dado sinistros. Na tarde do dia em que vencemos a de São Lucas, passamos pela de São Rafael.

Aí estavam todas as canoas no porto inferior, à margem esquerda, quando demos por falta da canoinha. Caiu a noite, quase sem crepúsculo, como acontece nessas latitudes, e nada de ela aparecer. Supusemos então que naufragara num canal apertado e revolto que separa duas Ilhas e que os três homens que a tripulavam se salvaram nas margens. Como a escuridão era intensa, não podíamos subir a corrente à procura deles sem nos arriscarmos também; limitamo-nos, pois a tocar toda a noite buzina, para avisarmos àqueles infelizes que não estávamos longe.

22.05.1828 (quinta-feira)

De manhã embarcamos eu e mais o guia e três camaradas a fim de indagarmos de seu destino e frechamos ([411]) a cachoeira com dificuldade. Enquanto trabalhavam os remadores, eu dava tiros de espingarda e tocava buzina; ninguém nos respondeu. Chegados a São Lucas, onde tinham sido vistos e ficando os sinais sem resultado, voltamos ao ponto donde saíramos contristados ([412]) com a inutilidade de nossos esforços. O Sr. Langsdorff mostrou-se muito aflito com tudo isso.

[411] Frechamos ou flechamos: atravessamos com rapidez.
[412] Contristados: penalizados.

Partimos às 10h00 e, ao meio-dia, chegamos a uma grande cachoeira. O primeiro remador que saltou na praia gritou: Rasto de Joaquinzinho! Nome de um dos homens extraviados, crioulozinho por nós trazido de Itu e bom caçador. Acudimos todos a ver, mas ficamos tristemente desenganados, verificando que havia muitas pegadas de homens, mulheres e crianças. Por ali tinham os Mundurucu passados deixando um fogo que não se apagara de todo.

23.05.1828 (sexta-feira)

No dia seguinte o guia e um caçador voltaram por terra até São Rafael, fazendo sinais para chamar os naufragados. A medida foi ainda infrutífera. Saindo do pouso ao meio-dia, meia hora depois alcançamos um salto bastante perigoso. O guia, depois de examiná-lo, declarou que as canoas podiam transpô-lo com meia carga. Como de costume, iam os Srs. Langsdorff e Rubzoff de rede. Entrei na primeira canoa para ir observar a passagem, porque o guia não me inspirava mais confiança. Tinha sempre tanta pressa que, por mais de uma vez, pôs-nos a todos em perigo de vida. Descemos com a rapidez de um cavalo a todo galope: a arfagem era a mais forte possível. A proa cortava as ondas que, entrando de bulcão ([413]), lavavam tudo.

À saída do canal, mais um risco corremos. Ali há uma queda de um metro de alto que se não passa ordinariamente sem ter tirado o resto da carga, para o que é preciso encostar à margem direita, mas nossa canoa, levada de rodo, tombou e alagou-se. Não víamos mais as margens pela muita espuma: felizmente conseguimos atirar um cabo para a terra, que alcançamos ajudados pela camaradagem a qual de pronto nos acudira.

---

[413] De bulcão: em redemoinhos violentos.

24.05.1828 (sábado)

No dia seguinte cargas e canoas estavam no porto inferior, donde se avista a grande cachoeira chamada Canal do Inferno, cujo estrondo ao longe ecoa. Em menos de um quarto de hora a atingimos. Durante o dia, indo me assentar nas pedras da margem direita e pondo-me a contemplar a velocidade da corrente, vi passar uma pirarara que, nadando a montante, deitava dez nós pelo menos. Quanta força por toda a parte ostenta a natureza! A pirarara é um peixe grande de 80 cm de comprido e pouco apreciado. Enquanto estávamos no Canal do Inferno, aí chegou uma das monções dos negociantes da igarité, composta de 4 canoas carregadas de mercadorias procedentes de Santarém.

Vencemos a cachoeira Misericórdia e, na manhã seguinte, alcançamos a de São Florêncio, uma das maiores dessa zona. A montante, é dividida em dois braços por uma Ilha cheia de mato e, a jusante, termina numa bela praia, onde fomos acampar com todas as comodidades. Chegou então a segunda monção dos negociantes, composta de 7 canoas e trazendo mais de 50 pessoas. Em nada nos agradavam esses encontros, pois o guia e os pilotos descuidavam-se demais dos seus deveres. À entrada do mato, à esquerda, dormia nossa camaradagem. Saindo da barraca de madrugada, achei-os todos eles sentados nas redes e tolhidos ([414]) de medo. Perguntei-lhes a causa e disseram-me que não haviam toda a noite pregado olho porque, desde a meia-noite, lhes tinham sido atiradas, da outra margem, pedradas que caíam à direita, à esquerda, nas árvores e no chão. Ora, a margem de lá ficava numa distância tripla da que poderia alcançar uma pedra jogada por braço de um homem, o que mostra a que ponto chega a superstição dessa gente.

[414] Tolhidos: possuídos, tomados.

28.05.1828 (quarta-feira)

Depois de uma parada de 3 dias ([415]) em São Florêncio, partimos para a grande cachoeira, ou Salto de São Simão de Gibraltar, acima da qual encontramos uma monção de 9 canoas e 90 pessoas, que no dia seguinte seguiu viagem. As 7 primeiras embarcações transpuseram com facilidade o canal; a 8ª correu três vezes o perigo de ser levada pela corrente até a queda, que tem 1,5 m de altura e onde se despedaçaria infalivelmente; a tripulação perdera a cabeça, salva de cada vez pelos esforços da gente da 9ª canoa que ficara no porto para lhes dar socorro. O que muito nos tocou foi a ansiedade de um passageiro que consigo levava sua mulher e 2 filhos de tenra idade. Empregava todas suas forças para ajudar os companheiros. Por fim, o piloto procurou outra passagem e atravessou o canal.

Depois do Salto Augusto, é a cachoeira de São Simão de Gibraltar a mais penosa de todas dessa navegação, porque é comprida, pejada de quedas e cortada de dois saltos de 1,5 m e 2 m de altura. As canoas têm que ir, em alguns trechos, arrastadas sobre as pedras. O descarregadouro é o mais extenso de toda a carreira desde o Diamantino até Santarém. Não foi senão depois de 4 dias ([416]) de canseiras, que pudemos vencer esse afanoso obstáculo, passando, nesse mesmo dia da partida, outro denominado Todos os Santos. A tão pesados trabalhos sucederam 2 dias e 2 noites ([417]) de perfeita calma, durante os quais navegamos de dia muito a gosto, não abicando a terra senão para prepararmos as refeições. À noite, ia a branda correnteza nos levando as canoas, que só precisavam de uma sentinela em cada uma delas.

[415] 3 dias: 24 a 27 de maio.
[416] 4 dias: 28 a 31 de maio.
[417] 2 dias e 2 noites: 01 a 02 de junho.

05.06.1828 (quinta-feira)

No terceiro dia, porém, penetramos numa infinidade de cachopos ([418]), bancos de pedra e correntezas mais difíceis do que as cachoeiras, pois, numa distância de quase dois quartos de légua, não há um descarregadouro que permita aliviar a carga das canoas. Esses baixios são também considerados o trecho mais perigoso de toda a viagem. Transpusemo-los com rapidez, tomando vários desvios para fugir de uma porção de rochas à flor e fora d'água. A poder de fadigas imensas, safamo-nos de sucessivos rebojos ([419]), cortando correntezas, cujas ondas a cada instante pareciam querer devorar nossos frágeis batéis ([420]). Entretanto, corríamos por entre suas águas tranquilas. Imaginem essa carreira vertiginosa pelo meio de inúmeros parcéis e em ligeiras embarcações! Não cessou a grita dos pilotos um instante sequer, muitas vezes uma hora a fio, porque avançávamos diagonalmente, ora achegando-nos a uma margem, ora a outra, como um navio que bordeja em estreito canal. Tivemos ainda metade de um dia e uma noite ([421]) de Rio morto para entrarmos na região dos Mundurucu, cujas palhoças começávamos a avistar nas margens. No interior e à esquerda, têm eles mais importantes rancharias.

Em duas delas penetramos, saltando em terra. A primeira consistia em duas ou três choupanas, perto das quais se via uma plantaçãozinha de mandioca e algodão. Numa destas, entrei e lá achei cinco mulheres e igual número de crianças sentadas em redes, e vestidas somente com uma tanga grosseira que os negociantes lhes vendem a troco de mantimentos.

---

[418] Cachopos: rochedos à flor da água.
[419] Rebojos: redemoinhos.
[420] Batéis: barcos.
[421] Um dia e uma noite: 06 de junho.

Tinham o pescoço cercado de colares de sementes de gramíneas ou de contas de vidros que conseguem também por aquele meio de permuta. Pareceram-me, contudo, aborrecidas de nossa visita, naturalmente pela ausência dos maridos que então cuidavam das plantações. Querendo eu desenhar esse grupo, voltei à canoa para buscar o álbum, mas de volta achei a porta fechada e a gente da parte de fora da choupana. Abri-a devagar mas, como as mulheres tinham acendido dentro um fogaréu, era tal a fumaça que não me arrisquei a entrar. Ao invés dos Apiacás, pelo menos nessa ocasião, haviam usado desse meio para nos repelirem. No porto de outra casa pouco distante da beira do Rio, fomos jantar. Vários Mundurucu vieram até nossas canoas, acompanhados de mulheres e crianças. Apresentaram-se nus. Por duas facas de nenhum valor, deram-me dois cestos de cará ([422]) e aipim, em tal abundância que, depois de distribuir pela tripulação, tive para guardá-los por oito dias.

07.06.1828 (sábado)

No dia seguinte, paramos algumas horas numa grande choupana cheia de redes e onde se achavam perto de 40 pessoas. Algumas mulheres se ocupavam em socar mandioca, outras em tirar-lhe o suco que é veneno mortal ([423]); outras ainda em secá-la ao fogo numas grandes panelas de barro. O modo de extraírem o suco é muito curioso e demonstra como esses pobres índios estão atrasados em sua indústria.

[422] Cará (Dioscorea alata L.): em espanhol é "*ñame*", por isso é confundido com o inhame.

[423] Tucupi: líquido amarelado extraído da raiz da mandioca brava que, depois de descascada e ralada, é prensada usando-se um tipiti. O caldo obtido é colocado para descansar de maneira que a goma (amido) se separe do tucupi (líquido). O líquido venenoso, que contém ácido cianídrico, é então cozido durante 3 a 5 dias, para eliminar totalmente o veneno, podendo, então, ser usado na culinária.

Suspendem a uma das linhas da choupana uma manga feita de juncos e de embiras ([424]), tendo 20 cm de diâmetro e 2 a 3 de comprimento, toda cheia de massa de mandioca, de modo que toma um volume duplo do que tem quando vazia. Na extremidade inferior, prendem dois paus atravessados em cruz, onde se assentam quatro mulheres que, com o peso, distendem a tira e fazem escorrer o suco ([425]) num cocho. Por esse processo é fácil conceber quão pouco deve cair, mas de que mais precisa o selvagem? A prensa mais rudimentar supõe já um princípio de ideias sobre mecânica, de que ele nem vislumbre tem. Por tal modo grosseiro é a farinha de mandioca que preparam, que há caroços do tamanho de uma ervilha, duros como pedra e que a gente é obrigada a engolir sem triturar; o que contudo a torna em extremo nutritiva, pois contém quase toda a fécula; no que muito diferem esses índios dos que hoje se dizem civilizados que tiram o mais que podem o amido, para ir vender a fregueses esfaimados serragem lenhosa em vez de farinha de mandioca.

Se, quando seca, é difícil de comer e assim é que dela usam com todas as comidas, pelo contrário é excelente depois de escaldada, qualquer que seja o modo por que a preparem, em consequência sempre da abundância de fécula que contêm. O mingau de tapioca, de que fazem muito uso no Pará, é uma papa sobremaneira agradável, preparada com farinha dessa qualidade, ovos, açúcar, canela, etc. No meio daqueles Mundurucu fui assentar uma espécie de tenda de negociante, buscando trocar facas, machados e colares de todas as cores, por galinhas, patos e raízes nutritivas; única coisa que pude, apesar dos esforços, conseguir.

---

[424] Feita de juncos e de embiras: tipiti.
[425] Suco: tucupi.

Entretanto, a privação daqueles alimentos nos era extremamente sensível, mais ainda por causa dos nossos dois companheiros, cuja fraqueza era tanta que não podiam sair em viagem da barraca e, em terra, da rede.

Como as demais choupanas de Mundurucu e, aliás, as casas de pobres em todo o Brasil, essa era construída de paus-a-pique ([426]) colocados juntinhos uns aos outros com um trançado horizontal de tiras de palmeiras ou taquaras amarradas com cipós, grade que, tapada com terra amassada n'água, forma muros e tapumes perfeitamente fechados. Fácil é, porém, conceber a pouca duração de tudo aquilo pelo que depressa se formam buracos e inúmeros interstícios, em que aninham múltiplos e nojentos insetos. A coberta é feita de sapé ou folhas de palmeira.

12.06.1828 (quinta-feira)

Alguns dias depois que deixamos essa rancharia, passamos os baixios da Mangavera e a cachoeira da Montanha, que tem o apelido de uma Ilha cônica de cem metros de altura, cheia de árvores e bem no meio do Rio. Ainda transpusemos as cachoeiras Guapuz, Cuatá, Maranhão Grande e Maranhãozinho. São perigosas e pejadas de rochas, Ilhas e árvores, que lhes dão aspecto sumamente pitoresco. Na saída do Maranhãozinho, última cachoeira dessa viagem, esteve minha canoa a ponto de partir-se de encontro a uma pedra submersa, incidente que era, aliás, o tipo de nossa navegação desde o Rio Preto, isto é, uma sucessão interrompida de perigos, canseiras sem nome, perícia e lances felizes.

---

[426] Paus-a-pique: taipa de mão, taipa de sopapo ou taipa de sebe.

Estávamos então no Rio Morto, sem a menor correnteza, o mais insignificante baixio, desvanecidos todos os receios. Os pilotos davam-nos os parabéns, trocavam felicitações e deixavam ir as canoas à feição das águas; sem mais cuidados, nem cautelas. De seu lado os remadores, abandonando os remos, bebiam, cantavam e em sinal de regozijo atroavam os ares com tiros de espingarda. À noite, vimos uma fogueira à margem esquerda, donde partiam salvas que respondiam às nossas. Era gente no mato à procura de salsaparrilha com índios. A festança durou até meia-noite: depois aos poucos entregamo-nos todos ao descanso e ao sono, confiados nos vigias, enquanto as canoas desciam calma e vagarosamente o Rio.

13.06.1828 (sexta-feira)

De madrugada, avistamos choupanas de Mundurucu, mais bem construídas e à esquerda outras de Maués, tribo diversa daquela e que mora nessa margem, estendendo-se para o interior, onde fica mais bravia. As plantações e a região, embora pouco cultivada, trouxeram-nos agradável diversão às vistas, cansadas de ver tantos desertos.

Ao surgir o Sol, arvoramos a bandeira russa que os contra-pilotos salvaram ([427]), com descargas, ao passo que a camaradagem ia remando e cantando e os proeiros batendo cadencialmente com os pés à proa ou com as mãos no chato das pás. Com essas festivas demonstrações, abicamos em frente à casa de um morador oriundo de Cuiabá e muito conhecido da nossa gente, o qual nos recebeu cordialmente, e nos proporcionou uma refeição de tartaruga e pirarucu, pratos que, pela novidade, nos agradaram.

---

[427] Salvaram: deram salvas de artilharia.

O de tartaruga tinha parecença com um excelente cozido de carne de vaca, ornado demais de colares de gemas de ovos, prato suculento, capaz a um tempo de satisfazer os olhos e o apetite. Tornando a embarcar, fomos mais abaixo a Itaituba, onde morava o Comandante do Distrito, excelente velho muito estimado. Estabelecido uns cinco anos atrás nesse lugar que achou deserto, reuniu cerca de 200 Maués, os quais, apesar de pouco dados ao trabalho, tinham já levantado 10 ou 12 casas e plantado alguma mandioca, ocupando-se também um tanto na extração da salsaparrilha. Com cachaça, porém, gastam tudo quanto podem receber.

Em Itaituba achamos uma goleta ([428]) de Santarém, ancorada diante da casa do Comandante, vista que me impressionou agradavelmente, pois era indício de que chegáramos a país marítimo, embora ainda ficássemos distantes do Oceano umas 160 léguas portuguesas.

O Distrito tem o nome de Itaituba. Compõe-se a parca população de portugueses e seus escravos, brasileiros e Maués, estes em maior número.

Espontâneos são em sua maior parte os produtos de exportação: a salsaparrilha que os colhedores vão buscar do Pará nas matas do Tapajós; a borracha, fonte de grande riqueza futura; o cravo; o pichiri, preciosas especiarias que atestam o vigor das regiões equatoriais, quando banhadas por grandes Rios; o guaraná tão procurado da gente de Cuiabá, e que um dia juntará uma beberagem fresca e aromática ao luxo dos botequins das cidades da Europa.

---

[428] Goleta: pequena embarcação de origem espanhola, que possuía a vela gávea situada na proa.

Como complemento dessa produção espontânea, deveríamos acrescentar a da pesca, como o pirarucu, que por si só pode dar alimento ao Norte inteiro do Brasil, e a tartaruga, da qual tratarei no capítulo intitulado Gurupá, onde então mencionarei não só os produtos nativos do Amazonas e seus afluentes, mas também os cultivados, como cacau, café, açúcar, etc.

Defronte de Itaituba, na margem oposta, fica o Distrito de Uxituba, igualmente habitado por alguns portugueses e Munducuru que se exprimem em outro idioma que não os Maués, embora derivem todos eles da língua geral brasílica.

14.06.1828 (quarta-feira)

Como a goleta estava prestes a seguir viagem, não perdemos esse excelente ensejo de comodamente alcançarmos Santarém. Dissemos então adeus à nossa camaradagem, e adeus eterno, pois ela naquelas mesmas canoas devia regressar para os lugares donde tinha saído, afrontando novamente os perigos, de que nos víamos livres; e, agradecendo ao Comandante sua amável hospitalidade.

Abrimos no dia 18 de junho as velas à bonançosa brisa, no meio de salvas que de terra e água saudavam nossa partida. Tão fraco se achava o Sr. de Langsdorff, que só carregado em rede é que pôde ser embarcado. O patrão do navio era um moço brasileiro de excelente caráter, cujo pai, português e morador em Santarém, apesar de analfabeto, conseguiu grandes cabedais ([429]) nesse abençoado país, o que lhe valera além do mais o posto de Coronel de milícias.

[429] Cabedais: bens.

Durante a guerra civil de 1824, em que foram perseguidas pelos nacionais as pessoas de origem portuguesa, estivera acoutado ([430]) em Cuiabá, deixando a casa de negócio entregue ao filho, que, ou por inclinação, ou para salvaguarda dos bens que lhe eram confiados, não só se declarou filiado ao partido brasileiro, como transformou um grande prédio pertencente ao pai em quartel de tropa. Organizando e fardando à sua custa uma companhia de cavalaria, marchou contra a gente de Monte Alegre, que, segundo era voz geral, queria o assassinato em massa dos portugueses e assim concorreu eficazmente para a manutenção da ordem pública em Santarém, devendo-lhe até a própria vida muitos patrícios de seu pai; entretanto, voltando este por ocasião de sanados os distúrbios, censurou acremente ([431]) o filho e não lhe perdoou ter feito despesas que subiam a três contos de réis (9 a 10.000 francos).

A bordo tínhamos para regalo habitual bananas chamadas do Maranhão, secas com casca e achatadas, como figos secos. Assim preparadas, são exportadas até para Portugal. Reinam, no Amazonas e seus afluentes, durante quase todo o ano, os ventos alísios. Os de Oeste às vezes não sopram senão em janeiro, fevereiro e março. Ora, como o Tapajós corre para N.E. e estávamos então em junho, tínhamos sempre, com exceção de inconstante brisa que vinha de terra quando o vento caía ou às vezes à noite, vento contrário. Acrescente-se a isto a quase nenhuma correnteza e ter-se-á a explicação de 13 dias de navegação para chegarmos a Santarém, e ainda assim por estarem os índios e negros de bordo agarrados de contínuo aos remos.

[430] Acoutado: foragido.
[431] Acremente: violentamente.

Uma légua ([432]) de largura tem o Tapajós, imensa superfície de água doce que se agita com o furacão, levantando grandes ondas onde joga o navio como se fora Mar alto. Bandos de botos passam a cada instante de lado e de outro, de modo que se não fora a esplêndida vegetação que por toda a parte limita o horizonte ou surge do meio das águas como Ilhas esparsas, crer-se-ia a gente em pleno oceano. E entretanto o Tapajós não é mais que um afluente do Amazonas!

Durante a viagem não vimos senão três povoações maiores: Aveiro, Santa Cruz e Alter do Chão, destinadas sem dúvida nesta rica região a tornarem-se grandes cidades. Há ainda Pinhais, Boim e Vila Franca que não visitamos. De vez em quando, enxergam-se aqui e ali, choupanas de pobres lavradores.

01.07.1828 (terça-feira)

Chegamos a Santarém. Do porto avista-se o Amazonas que aí tem duas léguas de largo. Assente na confluência dos dois Rios e à margem Oriental do Tapajós, é o povoado bonito e bem situado em terreno plano que desce por uma rampa suave para a água. Numa eminenciazinha a Este, veem-se ainda as ruínas de um fortim construído pelos holandeses, quando até aí levaram suas conquistas. As terras em torno são planas umas três léguas para o Sul, onde se erguem montanhas, as primeiras que vimos desde Itaituba. As ruas são largas, cortadas em ângulo reto e bem alinhadas a cordel. A igreja, bem no centro, a melhor que se me deparou desde São Paulo, tem a fachada ornada de um frontão e de duas torres.

---

[432] Légua marítima: vigésima parte do grau, contada num círculo máximo da Terra (360° = 40.075 km), e que equivale a 5.556 km.

Como quase todas as povoações da Província, possui Santarém seu aldeamento de índios. Fica ele para Leste, separado por um grande terreno quase baldio. Transposto que seja, não se ouvem mais os ásperos sons da palavra portuguesa, porém sim as doces e incompletas entonações da língua geral brasílica, que falavam os pais daqueles aldeados, reunidos e congregados nessas choupanas pelos jesuítas. O nome primitivo da Aldeia fora Tapajós, nome também da povoação próxima, substituído porém pelo de Santarém, sem dúvida por efeito da influência que buscou dar denominações de origem portuguesa a todas as localidades do vale do Amazonas.

Quando se chega do interior, uma coisa que causa estranheza é o modo de falar dos habitantes, carregado e com sotaque dos filhos dalém Atlântico: é que os portugueses são ali numerosos, e a pronúncia europeia pode-se conservar em sua integridade sem sofrer a modificação brasileira. A meia légua N. de Santarém, há umas Ilhas rasas formadas pelas Bocas do Tapajós e braços do seu grande confluente.

Na Baía, havia dez a doze sumacas ([433]) de fundo chato e número duplo de canoas. Veio-nos visitar a bordo o Comandante de uma goleta de guerra de quilha. Ia partir para o Rio Negro, a 230 léguas portuguesas do Mar.

Além desta que viera do Rio de Janeiro e que já anteriormente subira o Amazonas até aquele ponto, estava ancorada outra goleta, essa de marinha mercante que pertencia a um negociante do Pará e fora construída nos Estados Unidos.

---

[433] Sumacas: barcos pequenos de dois mastros.

Em Santarém, caíra à água uma embarcação que pudera ir até Portugal, mas tão mal construída que nunca de lá voltara. Assim abortam muitas empresas. Por uma linha são povos novos e velhos separados do progresso, mas essa linha equivale a um muro de bronze. Onde se encontra o segredo de aplainar dificuldades tão acabrunhadoras? Cinco classes distintas se notam na população de oito a dez mil almas de Santarém: brancos, índios, mamelucos, mulatos e negros. Entre os primeiros, a metade é filha da Europa, de modo que as paixões políticas são ainda muito veementes.

Os índios são geralmente apelidados tapuios e menos cobreados que os das matas. Livres por lei, o são de fato, graças mais às florestas do que pelo respeito que merecem seus direitos. Dóceis, e, embora indolentes, são eles que fazem quase exclusivamente a navegação dos inúmeros Rios da Província do Pará. Com pouco se contentam: uma choupana, umas plantaçõezinhas, algumas galinhas, roupa pouca de algodão, uma viola, eis o que desejam. Quando lhes dá na cabeça, deixam o amo sem se lhes importar com o que devem ou têm que receber. Nem fazem caso da roupa e objetos de propriedade sua, quando não se lhos entregam. Fogem para o mato, deixando a casa no momento mais urgente ou a canoa em meio da viagem. O que pode ainda prendê-los é a aguardente, que apreciam mais que o dinheiro. Da mistura de brancos com Índias nasce a classe dos mamelucos. Com hábitos mais ou menos indiáticos, são um tanto mais claros. A língua porém é a mesma. As mulheres, em geral, são muito licenciosas. Seu traje consiste numa camisa de musselina bordada, de mangas compridas e de uma saia de chita, cheia de dobras atrás e dos lados, com uma abertura pela qual se vê a camisa também toda artisticamente franzida. Não andam senão de branco.

Sustenta-lhes os cabelos um imenso pente, inclinado para a frente e com certos ares de enorme viseira. No pescoço trazem colares e relíquias de ouro, metal que brilha também nas orelhas e no meio das tranças negras e escorridas da cabeleira. Vão sempre descalças. Na Província do Pará, os negros e mulatos são em pequeno número, porque, tendo logo em princípio sido os índios reduzidos à escravidão, tornou-se tardia e menos ativa do que em outros pontos do Brasil a introdução dos filhos da África.

Da janela do quarto que eu ocupava em Santarém, e no qual todos os dias ficava duas horas a tremer de frio e febre, via a pequena distância e do lado Setentrional, não só o maior Rio do mundo, da largura aí de 6.000 braças, como, do outro lado, a Guiana Brasileira ([434]).

Necessitando fazer provisão de galinhas, aluguei uma igarité e um homem e, atravessando o Tapajós, dobrei a ponta Noroeste de sua embocadura e fui navegar no grande Rio, tal qual Orellana, seu primeiro explorador, um desses memoráveis filhos de Colombo que completaram o descobrimento do Novo Mundo. Eram no XVI século o que são hoje os Volta, Fulton, Jacquart e tantos outros.

As floresta circunvizinhas de Santarém estão cheias de uma linda palmeira ([435]), de viso ([436]) não alto, e que deita cachos de cocozinhos, com os quais se faz uma bebida agradável do gosto e consistência do leite, do qual contudo tanto se afasta que a cor parece calda de mirtilo ([437]).

---

[434] Guiana Brasileira: Amapá.
[435] Linda palmeira: açaí.
[436] Viso: copa.
[437] Mirtilo: uma fruta exótica com sabor agridoce e cor azul escura.

Nessa minha primeira excursão em águas do majestoso Amazonas, por muitas Ilhas fui passando que impediam a vista da outra margem. A uma dessas abiquei atraído por uma casa pitorescamente colocada e pertencente, como daí a instantes soube, a um lavrador português que me deu bom agasalho, como é de uso no Brasil. Passei, pois, o resto do dia com ele.

A vivenda nada tinha de confortável, mas deleitava-me passear à sombra dos cacaueiros plantados em linha reta ou das múltiplas árvores a ensombrarem aquele sossegado e ilhado recanto, que surge uns dois metros quando muito do seio das águas, coberto por espessa e verdejante cúpula.

Fiquei ainda à noite com esse meu hóspede ocasional, que à ceia me apresentou postas de peixe-boi e tartaruga. No dia seguinte, voltei para Santarém.

Não permitindo mais o estado de saúde do Sr. Langsdorff a continuação da viagem, despachamos um próprio para o Rio Negro, a fim de levar cartas ao Sr. Riedel, dando-lhe conta de todo o ocorrido e marcando a capital do Pará para ponto de reunião.

De Santarém a Belém

01.09.1828 (segunda-feira)

A bordo da goleta mercante, partimos para a cidade de Belém. [...] (FLORENCE, 1875/1876)

A "*Correio Popular*", de Campinas, SP, fez uma bela homenagem no Centenário do falecimento do inventor, desenhista, polígrafo e pioneiro da fotografia Antoine Hercule Romuald Florence, conhecido, também, como "*Hercule Florence*" ou "*Hércules Florence*":

Correio Popular, n° 07 – Campinas, SP

Quarta-feira, 29.11.1978

Suplemento Especial – Hércules Florence

1979: Centenário de Sua Morte em Campinas

Depois de uma atividade intensa durante meio século, nos mais variados campos da técnica e da arte, faleceu em Campinas a 27.03.1879, o cidadão francês Hércules Florence, aqui radicado. Nascido em Nice em 1804, Hércules Florence viveu na Europa até seus vinte anos, uma vida cheia de aventuras.

Em 1924, na fragata francesa "*Marie Thérèze*", veio para o Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro a 1° de maio daquele ano, data muito significativa na vida de Hércules, como acentua Estevam Bourroul, na alentada biografia que fez do nosso herói:

> Cumpre tomarmos nota desta data, que marca a era em que o nosso biografado assentou a sua tenda de trabalho no Brasil, onde devia ilustrar o seu nome por cerca de sessenta anos, no seio da terra que ele adotou como Pátria.

Pouco viveu, porém na Capital do Império. Depois de haver trabalhado na loja do Sr. Dillon e na livraria do Sr. Plancher, tomou novo rumo. Estava neste estabelecimento, quando lhe mostraram um anúncio nestes termos:

> Um naturalista russo, tendo de fazer uma viagem no interior do Brasil, precisa de um pintor. Quem estiver em condições, queira se dirigir ao Vice-Consulado da Rússia".

O "*naturalista russo*" outro não era se não o Sr. Georges Henri de Langsdorff – Barão de Langsdorff como era conhecido o Cônsul Geral da Rússia, no Brasil, que então organizava uma expedição científica ao interior brasileiro. Hércules Florence a ela se incorporou, cabendo-lhe, de início, funções outras que não as da categoria especificada no anúncio.

Essa expedição, sob os auspícios do Czar Alexandre I, partiu do Rio, a 03.09.1825, chegando ao porto de Santos a 5 do mesmo mês, onde Hércules Florence se separou dos demais membros, por ter-lhe sido atribuída a missão de organizar os preparativos da expedição, que deveria ir por terra pelo antigo caminho dos bandeirantes, hoje via Anhanguera.

Em Campinas, entretanto, os planos foram modificados, preferindo o Barão Langsdorff a via fluvial, partindo de Porto Feliz, de onde saiam as monções.

Nessa vila conheceu o cirurgião-mor Francisco Álvares Machado e Vasconcelos e a filha deste, Maria Angélica, com a qual se casaria em 1930, data de sua fixação em Campinas, donde seu sogro passara a residir e instalara uma farmácia.

O regresso de Hércules Florence da selva se deu em março de 1829, com o malogro da expedição, principalmente em consequência da insanidade mental de seu chefe. Além de farta documentação iconográfica, reproduzindo aspectos da selva brasileira, Hércules Florence legou à posteridade o relato do acontecido durante a longa viagem que durou quatro anos, escrito em francês.

O Esboço de viagem feita pelo Sr. Langsdorff ao interior do Brasil desde setembro de 1825 até março de 1829 é um precioso repositório de informações sobre malogrado evento, durante o qual morreu afogado no Rio Guaporé, o primeiro desenhista Alfredo Adriano Taunay.

Duas traduções existem desse trabalho, uma do Visconde de Taunay e outro do bisneto de Hércules, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence.

Esse relato em que Hércules narra as peripécias por que passaram durante a amarga viagem fluvial que terminou em Belém do Pará, os componentes da expedição – o naturalista Barão de Langsdorff, o astrônomo Néster Rubtsov, o botânico Ludwig Riedel, o desenhista Taunay e o próprio Hércules – não é, entretanto, o único documento legado pelo homem, que descobriu a fotografia e que Afonso E. de Taunay cognominou de "*O Patriarca da Iconografia Paulista*".

Arnaldo Machado Florence tem em seu poder outros manuscritos preciosos de Hércules, como aquele em que narra as circunstâncias em que fez suas descobertas e descreve tecnicamente as suas experiências.

Legou-nos ainda um folheto em que estuda o canto dos pássaros e as vozes dos animais, trabalho ao qual deu o nome de "*Zoofonia*", assim como poesias.

Outro aspecto: vendo a beleza e forma da "*Pindoba*", palmeira chata da Chapada, pensou em nova arquitetura a que denominou "*Ordem Brasileira ou Palmeana*".

Comerciante e fazendeiro em Campinas, proprietário da fazenda "*Soledade*", Hércules, paralelamente a essas atividades, dedicava-se a experiências como as relacionadas com a "*Poligrafia*" e com o papel inimitável. Em 1832, dois anos após estar residindo em Campinas, faz as experiências que o levaram a descobrir a fotografia, cuja glória coube, em 1839 ao seu compatriota Daguerre, por Hércules não ter dado divulgação em tempo oportuno, os resultados obtidos seis anos antes.

Recentemente, as experiências de Campinas foram repetidas, com resultados positivos, que confirmaram as afirmações de Hércules contidas em seus manuscritos, nos EUA, nos laboratórios do Roschester Institute of Thecnology, pelo Prof. Thomas T. Hill.

Embora a invenção de Hércules não tenha sido o ponto de partida para a evolução do processo fotográfico e nem concorrido para tal, o mérito de seu trabalho nesse sentido em Campinas, não pode ser minimizado, sendo justas, portanto, as homenagens que lhe prestamos. Sua personalidade merece um estudo mais amplo, o que não cabe neste enfoque limitado às oito páginas deste tabloide.

O centenário de sua morte será, pois, uma oportunidade para o estudo das várias facetas do talento de Hércules Florence, que não deve ser visto apenas como um dos pioneiros da Fotografia. Foi o introdutor das artes gráficas em Campinas, com a instalação aqui, em 1936, de uma tipografia adquirida, no Rio de Janeiro, graças a seu sogro.

Essa tipografia, que fora enterrada por ocasião dos acontecimentos de 1842, foi, serenados os ânimos, desenterrada. Vendida aos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, nela se imprimiu o nosso primeiro jornal, a "*Aurora Campineira*", no, ano de 1858.

A trajetória de Hércules Florence na vida foi rica de eventos fascinantes, desde a sua juventude, que, já afirmamos, se caracterizou por muitas aventuras. Não se pode aqui, como é óbvio, inserir tudo que foi relevante nessa vida cheia da atividade múltipla de um homem, cujo talento multiforme e cuja curiosidade o levavam a tentar as mais arrojadas experiências no campo da ciência e da técnica. Alguns episódios dessa vida dedicada às mais variadas atividades, aqui estão, entretanto, retratados, mas não bastam para mostrar Hércules Florence em toda a sua plenitude, tal a riqueza de atributos de sua personalidade marcante na vida brasileira do Século XIX: Antonio Romualdo Hércules Florence. (CORREIO POPULAR, N° 07)

As Fronteiras de Henri Coudreau

Desembocadouro fluvial e terrestre do vale e dos planaltos do Amazonas, destinado, por causa dos seus prados e das suas terras altas a ser sempre domínio da raça ariana, o Pará, já tão apaixonadamente votado às questões da ciência, das letras e das artes, pode, com todo o direito, sentir a impaciência de ver se desenrolarem os quadros sucessivos dos seus magníficos destinos. Que seja facultado entretanto, a um modesto viajante, que percorreu um pouco as vastas regiões da Amazônia do Norte e do Sul, insistir na necessidade de ser particularmente estudada a Amazônia marítima: o Estado do Pará. (COUDREAU)

Henri-Anatole Coudreau foi um valoroso pesquisador do século XIX, que nos brindou com descrições fascinantes das plagas ainda selvagens de uma república embrionária às voltas com um processo de colonização deveras incipiente. Embora a viagem não tivesse o objetivo de definir as divisas interestaduais entre o Estado do Pará e o Mato Grosso ele sugere o Salto Augusto, no Tapajós, como o ponto mais adequado para se estabelecer o limite natural entre os dois Estados.

> Examinando mais uma vez a questão das regiões litigiosas subsistentes nas fronteiras do Pará, é interessante abordar ainda certas considerações:
>
> > A mais conhecida destas regiões é a que se acha em litígio com a Guiana Francesa, e que os dois nomes de Cunani e Amapá marcam de celebridade, parte trágica, parte grotesca.
> >
> > Além deste, há mais dois outros territórios, discutidos com o Estado do Amazonas, um ao Norte, entre o Trombetas e Jamundá, outro na zona do Tapajós e Alto Tapajós. Por fim, há o "*Contestado*" com Mato Grosso, de que já nos ocupamos atrás.

> Com respeito ao "*Contestado*" entre Pará e Amazonas, no Tapajós – posto não tenha sido absoluto encarregado de tratar desta questão – permito-me, acidentalmente, exprimir minha opinião, sem pretender que ela venha a ser esposada pelo Governo do Pará.
>
> Se estou bem informado, o Pará pediu, na região tapajônica, para fronteira com o Amazonas, uma linha reta tirada da serra de Parintins à confluência do São Manoel. E de seu lado, o Amazonas pediu o Meridiano de Parintins, até o encontro do Tapajós, e daí por diante, este ([438]).

Apoiando-me no fato de que os afluentes da esquerda do grande Rio, por sinal pouco importantes, são povoados exclusivamente por Paraenses, pois os amazonenses nunca para aí se mudaram, acho que lógico seria escolher como divisa uma linha que, partindo da Serra de Parintins, fosse a partilha das águas entre o Tapajós e os afluentes superiores do Amazonas. Pará e Amazonas ganhariam em ter para fronteira comum com Mato Grosso uma linha determinada pela posição verdadeiramente mais importante da maior queda do Tapajós: "*Salto Augusto*".

Aliás, se consultado, eu proporia simplesmente, pela importância de Salto Augusto, o paralelo deste, até o Araguaia e Madeira. Salvo, já se vê, as ligeiras modificações que a este traçado aconselhassem certos acidentes geográficos importantes que, embora fora da linha exata do paralelo, deveriam ser preferidos, tal, por exemplo, a cachoeira das Sete Quedas. (COUDREAU)

O relatório de Coudreau não se ateve apenas aos aspectos técnicos atinentes à sua missão ou à

---

[438] Este: Rio Tapajós.

descrição das condições de navegabilidade do Rio. Com a visão holística de um verdadeiro naturalista, ele analisa a topografia, a vegetação, as rochas, sugere como deveriam ser ocupadas e exploradas as terras, descreve os costumes e as crenças dos ribeirinhos e, em especial, dos indígenas, comparando seus dialetos, seu folclore e rituais. Coudreau cita relatos interessantes sobre os Munduruku de João Barbosa Rodrigues – "*Exploração e Estudos do Vale do Amazonas: Rio Tapajós*", Antônio Manoel Gonçalves Tocantins – "*Estudos Sobre a Tribo Mundurucu*", Manuel Aires Casal – "*Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*", acrescentando-lhes suas próprias observações.

> Que me seja permitido, primeiramente, inscrever na cabeça deste capítulo, o nome de dois homens, um dos quais é um dos príncipes da ciência brasileira, Barbosa Rodrigues, e o outro, modesto e digno sábio, meu bom amigo Gonçalves Tocantins.
>
> Ambos publicaram bons trabalhos sobre os Mundurucu. Não quero arrogar-me a pretensão de inventar esta tribo. De sorte que apresento o meu estudo como uma espécie de revisão dos trabalhos dos meus predecessores, revisão um pouco aumentada, esclarecida com informações novas ao trabalho comum. [...]
>
> Aires de Casal, na sua Corografia Brasileira, dá, em 1817, o nome de Mundurucania à região compreendida entre o Tapajós, o Madeira, o Amazonas e o Juruena, em razão da preponderância numérica ou guerreira, nessa região, dos Mundurucu. Estes, cujo habitat está hoje entre o Tapajós e o Xingu, viriam portanto de Leste, o que fez crer a alguns etnógrafos que se devia colocar o berço desta nação entre as populações andinas. (COUDREAU)

Henri–Anatole Coudreau (1859 – 1899)

Revista Brasileira de Geografia - abril/junho, 1943

Dos exploradores franceses que, realizando investigações geográficas, percorreram a América do Sul ou trechos mais ou menos delimitados do continente, nenhum foi mais completo – do ponto de vista do acervo deixado para estudos e apreciações críticas posteriores – que o antigo aluno da Escola Normal especial de Cluny – Henri-Anatole Coudreau, nascido em Sonnac [Charente-Inferior], a 06.05.1859 e falecido na altura da cachoeira Porteira, nas proximidades da embocadura do Mapuera com o Trombetas, no Estado do Pará, às 6 horas da tarde do dia 09.11.1899. Professor de História e de Geografia foi, em 1881, com a idade de 21 anos, enviado à América do Sul, como professor no Liceu de Caiena, tendo antes exercido por pouco tempo o magistério em Reims.

Na Guiana Francesa iniciou, nos períodos de férias, explorações nos arredores de Caiena, dilatando pouco a pouco suas viagens de estudos e observações até regiões mais afastadas, colhendo o material para o trabalho, publicado em 1883, denominado "*Richesses de la Guyane Française*", trabalho que obteve medalha na Exposição de Amsterdam. De imaginação forte, amante da vida em contato com a Natureza, robusto, tenaz como Champlain e Renê Caillé, Henri-Anatole Coudreau sempre almejou o patrocínio oficial de uma viagem de exploração na América do Sul.

Em 1883 seus desejos foram satisfeitos. A serviço do Ministério da Marinha e das Colônias estudou, numa primeira missão, e nos anos de 1883, 1884 e 1885, os imensos territórios, então contestados, entre a Guiana Francesa e o Brasil.

Partindo da Aldeia de Counani, passou depois ao Rio Branco indo até o Rio Negro permanecendo, nessa viagem de estudos, dois anos cheios de aventuras, sozinho entre os naturais da região.

Os resultados dessa primeira missão exploradora valeram-lhe uma segunda, desta vez sob os auspícios do Ministério da Instrução Pública e do Ministério da Marinha e das Colônias, também.

Sua segunda missão durou ainda dois anos [maio de 1887 a abril de 1889] e, do ponto vista geográfico, foi particularmente rica, pois, além de percorrer um itinerário de 4.000 quilômetros levantados na escala de 1:100.000, realizou levantamentos considerados completos do Rio Oiapoque, do Maroni e do Moronini, da embocadura à nascente.

Viajando 2.600 quilômetros em Rios e 1.400 em montanhas, Coudreau precisou, para cobrir os 1.400 quilômetros no Tumucumaque, marchar efetivamente 210 dias a pé, dos quais 160 pelos caminhos indígenas da floresta e 50 através da própria mata virgem valendo-se da bússola e do sabre para a abertura de picadas e, principalmente, da caça para a alimentação. Acompanhavam-no, então, dois ou três índios, insignificante escolta para uma tão longa e perigosa travessia.

Descobrira 150 cumes que foram medidos e levantados. Quase todas as nascentes dos cursos d'água das duas vertentes foram fixadas, bem como descrito o relevo geral da região dos picos rochosos. Num itinerário quase igual a mil e quinhentos quilômetros, Henri-Anatole Coudreau fez, por assim dizer, uma revelação quase completa da Cadeia, como, aliás, já acentuara em 1889 "*Le Monde illustré*", de Paris.

O estudo do clima, a descrição da floresta de cacaueiros nativos e de árvores da borracha na região de Tumucumaque, ao pé das montanhas, tudo foi considerado pelo explorador francês que acreditou, com sinceridade, na possibilidade da sua exploração econômica e consequente colonização.

Do ponto de vista etnográfico descobriu, na região, cerca de 20 tribos indígenas todas sedentárias e agrícolas, pacíficas e inteligentes, das quais estudou os costumes, os hábitos e os dialetos.

Às duas viagens de 1883-1885 e de 1887-1889, seguiu-se a de 1889-1891, no decorrer da qual escreveu:

> Ou ne pense, plus à la terre d'Amérique, on croit lui avoir tous pris parce qu'on a tiré un peu de l'or renfermé dans son sein Erreur! Cette terre éternéllement jeune ne demande qu'a produire et toute la flore exotique croit en Guyane.

Para se avaliar da infatigável atividade do explorador após as 3 primeiras missões, basta que se atente para os trabalhos enumerados por sua diligente e inseparável companheira Madame O. Coudreau, ao escrever a biografia do ilustre esposo, exarada em "*Voyage au Rio Trombetas – 07 Août 1889 – 25 Novembre 1889*"; "*La France Équinoxiale : Voyage a Travers les Guyanes et l'Amazonie*"; "*Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au haut Trombetta*"; "*Les Français en Amazonie*"; "*Dialectes Indiens de la Guyane*"; "*Les Indiens de la Guyane*"; "*Les Caraibes*"; "*Les Tumuc-Humac*"; "*Les Lèjendes des Tumuc-Humac*"; "*Le Brésil Nouveau*"; "*L'émigration au Nouveau Monde*"; "*Dix ans de Guyane*", etc, etc.

Quanto aos itinerários e levantamentos, foram assinalados por Madame Coudreau, ao todo, 38 folhas de levantamentos! Em 1895, Henri-Anatole Coudreau inaugurou um serviço de exploração no Estado do Pará, tendo sucessivamente explorado o Tapajós, o Xingu, o Tocantins, o Araguaia, o Itaboca, o Itacaiunas, bem como a zona compreendida entre o Tocantins e o Xingu, o Jamundá e o Trombetas, em cujas margens faleceu. Acerca da sua atividade e do valor de seus trabalhos escreveu Madame Coudreau:

> Ao cabo de cada viagem publicou um livro relatando-a. Era muito produzir para um diletante como Coudreau.

Em 1895, foi incumbido pelo Governador do Pará – Lauro Sodré – de uma missão científica no Rio Tapajós. A respeito publicou, em Paris, 1897, "*Voyage au Tapajoz*", volume traduzido para o português por A. de Miranda Bastos, com anotação de Raimundo Pereira Brasil, Companhia Editora Nacional, Volume 208 – Série 5, Brasiliana, Biblioteca Pedagógica Brasileira, S. Paulo.

No volume em apreço, teve ocasião de finalizar o capítulo IX com as seguintes e sugestivas palavras sobre o futuro do Pará:

> O Pará, mais povoado, mais rico, tem o dever de tomar as grandes e audaciosas iniciativas que progressivamente farão desta região a rainha das regiões equatoriais, num meio de produção rico e variado, um centro deslumbrante e atraente de civilização. É indiscutível que se o Pará aplicar com decisão e perseverança a divisa – "*Conhecer e fazer conhecer*", esta terra, para a qual o futuro começa a desenhar-se, conhecerá eras de esplendor e opulência. (RBG)

Viagem ao Tapajós - Henri Coudreau

Coudreau, incumbido pelo Governador do Pará, Ir∴ Lauro Nina Sodré e Silva, de estabelecer os limites entre os Estados do Pará e Mato Grosso, atendendo a critérios estritamente científicos, fez, na conclusão de seus trabalhos, em 1896, uma consideração importante e atual tendo em vista que depois de mais de cem anos, continua espelhando uma realidade que vem se arrastando graças às inúmeras e pirotécnicas contestações promovidas pelo Estado do Mato Grosso.

> Embora falar em territórios contestados, na época atual, cheire mais à pólvora que à diplomacia, permito-me bordar, sobre o "*Contestado*" entre Pará e Mato Grosso algumas considerações, de ordem exclusivamente científica.
>
> Desconhecendo por completo os documentos históricos da questão, os quais não me compete examinar, coloco-me apenas como julgador do que denominaremos as conveniências geográficas. Existindo uma região litigiosa entre dois Estados duma mesma federação, onde deve ser estabelecida a fronteira?
>
> Parece-me que, se nessa região há um ponto em que se encontram dois meios climatológicos diferentes, e que estes, embora povoados por elementos da mesma raça, o são por subgrupos étnicos distintos; se, além disto, a partir deste ponto, todos os interesses econômicos dependem, por exemplo, os do lado Norte, dos mercados Setentrionais, e os do lado Sul, dos mercados Meridionais, por esse lugar é que deve passar o que em linguagem moderna se pode denominar uma boa fronteira.
>
> Ora, um ponto assim existe no alto Tapajós: Salto Augusto.

Fronteira climatológica

Salto Augusto, situado a cerca de 450 m de altitude sobre o nível do Mar, fica no extremo limite do altiplano mato-grossense. Depois de percorrer de Sul a Norte este altiplano, o Tapajós, formado mesmo no centro de Mato Grosso, pela reunião do Juruena e do Arinos, vai precipitar-se, já a mais de 800 km das fontes dos seus formadores, e num salto de 10 m, numa terra nova, numa outra região brasileira: a Amazônia Paraense.

Chandless constatou isto antes de mim, de forma que não insistirei em debater o que já está aceito como verdade clássica: Salto Augusto é um ponto do limite entre o Planalto Mato-grossense e a Bacia Amazônica. Ao Sul, é o clima semitemperado; ao Norte, o clima amazônico. A transição estabelece-se, aliás, não só quanto ao clima, como quanto à flora e à fauna.

Fronteira étnica

No seio duma mesma federação, o que pode constituir uma fronteira étnica entre dois Estados? Evidentemente, uma linha situada na zona onde acaba a superioridade numérica dos originários dum Estado e começa a dos oriundos do outro. Ora, segundo as últimas avaliações oficiais, Mato Grosso, para 1.390.000 km^2, possui 100.000 habitantes, e o Pará, para 1.070.000, 500.000 habitantes, o que mostra que o segundo é, proporcionalmente à sua superfície, oito vezes mais densamente povoado que o primeiro.

Nestas condições, difícil seria admitir a priori que seja Mato Grosso o povoador do Território Contestado. E estas indicações, fornecidas pelo bom senso, são confirmadas pela observação dos fatos.

O São Manoel civilizado, do confluente à cachoeira das Sete Quedas, conta 36 casas de moradores, dos quais 5 mato-grossenses, 7 maranhenses ou cearenses, e 24 Paraenses. É uma estatística que dispensa comentários. Com respeito ao Tapajós propriamente dito, sobre duzentas casas aproximadamente que se espalham pelas suas margens, não encontrei senão um único Mato-grossense, estabelecido há trinta e cinco anos na região, e não tendo negócios senão com o Pará.

Todos os 3.000 civilizados que povoam a totalidade da Bacia do grande Rio, de Salto Augusto a Itaituba, nos afluentes da esquerda como nos da direita, são Paraenses, maranhenses ou cearenses, trabalhando pelo e para o Pará. Seria difícil encontrar aí uma dúzia de mato-grossenses. A colonização, a penetração do Tapajós por Mato Grosso é portanto um mito. Está nas mãos dos Paraenses, e dos seus auxiliares, os maranhenses e cearenses.

No alto Tapajós, menos povoado, pois apresenta apenas uma meia dúzia de casas de civilizados, a confluência do São Manoel a Salto Augusto, dois terços dos habitantes são Paraenses, e seus aviadores são necessariamente Paraenses, porque as comunicações com o Estado central, além de difíceis, por causa da falta de população, são também perigosas, devido aos índios bravos. As mercadorias vêm do Pará, a borracha desce para o Pará. Mesmo os Mato-grossenses vêm-se obrigados a passar por Belém, se desejam rever sua Cuiabá distante.

Fronteira econômica

Para cima de Salto Augusto, o deserto é completo. Sob o ponto de vista econômico, pois a fronteira desta barragem representa para o Pará uma reivindicação perfeitamente moderada.

Pode-se mesmo insistir sobre este ponto: de Salto Augusto ao Mato Grosso povoado são ainda 15 dias de subida pelo Tapajós e pelo Arinos, 15 dias de deserto inóspito e hostil, terra percorrida pelos Tapanhunas e Nhambiquaras.

Foi ao sair desta zona para penetrar no Mato Grosso reputado seguro que o infeliz funcionário que retornava da Coletoria do São Manoel foi inesperadamente assassinado pelos índios que impunemente operam no próprio coração do Estado vizinho.

O que se constata acima de Salto Augusto, afinal, é o mesmo que na cachoeira das Sete Quedas. A um dia abaixo desta, há civilização. Transposta a grande barreira, é o "*sertão bravo*". (COUDREAU)

Limites entre Pará e Mato Grosso

Precisamos corrigir um erro histórico. Todos sabem que a demarcação feita por Marechal Rondon não foi respeitada pelo próprio Governo Federal. Nessa reunião, nós queremos garantir que o nosso Estado não seja mais uma vez prejudicado.
(Deputado Estadual do PSD do MT Pedro Satélite)

Limites Mato Grosso – Pará

Fernando Rodrigues de Carvalho – MundoGEO – 16.07.2009

Tendo desempenhado, de 1990 a 1997, a função de Chefe do Departamento de Estruturas Territoriais da Diretoria de Geociências do IBGE – DETRE/DGC/IBGE, coube-me a honrosa tarefa de pesquisar, relatar, redigir e dar corpo às análises das definições legais e do posicionamento dos limites entre Mato Grosso e Pará a serem expedidas pelo IBGE para cumprimento pelos Estados e órgãos interessados.

Instado por colegas e sobretudo por bibliotecários, carentes e cobrados por documentação sobre o assunto, bem como sobre o Sistema de Coordenadas Planas LTM, e documentação sobre outros litígios interestaduais, notadamente Maranhão – Pará; Baía – Espírito Santo; e Acre – Rondônia – Amazonas, decidi coligir a documentação existente em meus arquivos, quase sempre em papel, convertidos a meio magnético, organizando-a segundo os temas respectivos, em arquivos magnéticos reunidos em "*CD*". A presente coletânea apresenta os seguintes componentes: [...]

NOTA TÉCNICA – DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS – DGC/IBGE

DEPARTAMENTO DE ESTRUTURAS TERRITORIAIS

DETRE/DGC

Autor: Eng. MS Fernando Rodrigues de Carvalho – IBGE [...]

I – OS ANTECEDENTES

O "*Diário de Cuiabá*", em sua edição de 07.02.1988, publicou o artigo "*Litígio Mato Grosso – Pará*" onde acusou o IBGE de, em seus mapas, haver locado com nome trocado o ponto de partida da linha Salto das Sete Quedas – Ponta Norte da Ilha do Bananal.

Em seguida, a 4 de abril de 1988, a Fundação de Pesquisas Cândido Rondon, por seu Presidente Pedro Alexandrino Pinheiro de Lacerda Neto e pelo técnico Aníbal Alencastro, em Ofício OF/FCR/CC/00102/88, levantou a mesma questão junto ao Delegado do IBGE em Mato Grosso, solicitando da alta direção do IBGE, orientação para esclarecimento da questão.

A questão foi dirimida pelo Diretor de Geociências do IBGE, Dr. Mauro Pereira de Mello, em 20.05.1988, através do Oficio DGC-110/88. Em junho de 1990, o periódico "*Contato Hoje*", em seu artigo – "*IBGE Reduz Mato Grosso*", baseado no estudo de Aníbal Alencastro, Técnico da Fundação Cândido Rondon, e Célia Alves Borges, renova a acusação do Diário de Cuiabá que, no Ofício da Fundação Cândido Rondon, foi denominada como "*certa discrepância*".

Em 07.08.1990, o Vereador Nelson Barboza, Presidente da Comissão de Revisão Territorial da Câmara Municipal de Vila Rica, solicitou pronunciamento do IBGE a respeito da questão, através do Ofício 003/90-CRT que trazia, em anexo, a cópia do artigo da revista "*Contato Hoje*".

II – INTRODUÇÃO

O assunto já foi tratado, a nosso ver, exaustivamente no Ofício-Resposta do Diretor de Geociências do IBGE DGC 110/88, de 20.05.1988. [...] Para os fins deste estudo e de agora em diante, chamaremos "*Cachoeira*" a "*Cachoeira das Sete Quedas – 1900*", atual Salto das Sete Quedas – 1990, o ponto mais ao Norte [Rio-abaixo]. Trata-se realmente de, pelo menos, quatro localizações, distantes umas das outras, com as coordenadas seguintes:

Ponto 1: 08°45′30″ S / 57°36′15″ O;
Ponto 2: 08°45′09″ S / 57°35′00″ O;
Ponto 3: 08°44′15″ S / 57°36′48″ O;
Ponto 4: 08°44′00″ S / 57°36′00″ O.

Chamaremos "*Salto*" o "*Salto das Sete Quedas – 1900*", atual Cachoeira das Sete Quedas – 1990, o ponto mais ao sul [Rio-acima]. Trata-se do Ponto IBGE SAT-PA 35 de coordenadas 09° 22′ 03,451″ S e 56° 40′ 20,600″ O.

III – A QUESTÃO SEGUNDO OS RECLAMANTES

3.1 – No artigo do “*Diário de Cuiabá*” e no Ofício n° 00102/88, da Fundação Cândido Rondon, a questão levantada é de que o IBGE trocou, em seus mapas, os nomes dos acidentes geográficos “*Salto das Sete Quedas*” e “*Cachoeira das Sete Quedas*” [Apologia em 4.1 e subparágrafos até 4.1.4]

3.2 – No artigo do periódico “*Contato Hoje*”, fazem-se as seguintes asserções: [Apologia em 4.2 e subparágrafos]

3.2.1 – A convenção de limites Mato Grosso – Pará se baseou no Relatório de Henri Coudreau “*encomendado pelo então Governador Lauro Sodré, do Pará*” para “…*indicar o ponto mais adequado para se estabelecer o limite natural entre os Estados do Pará e Mato Grosso*”. [Apologia em 4.2.1.2]

3.2.2 – A viagem durou “*cinco anos e meio e resultou num relatório que levou o nome de Voyage au Tapajós [1897]*”. [Apologia em 4.2.2].

3.2.3 – O relatório é um trabalho sucinto onde Coudreau “*[...] faz a análise detalhada da topografia, vegetação e rochas [...]*” [Apologia em 4.2.3]

3.2.4 – Na conclusão dá seu parecer: “*De fato, se consultado, eu proporia, pura e simplesmente, em razão da importância do Salto Augusto, que o limite do Pará, de uma parte do Amazonas e de outra o Mato Grosso, fosse o paralelo que passa pelo Salto, até o Araguaia e até o Madeira [...]*”. [Apologia em 4.2.1.2]

3.2.5 – “*[...] Coudreau, partindo do Pará, subiu o Rio Tapajós até a altura do Salto Augusto, retornando até a confluência do Tapajós com o São Manoel ou Teles Pires e daí*

subiu o São Manoel até a Cachoeira das Sete Quedas e não ultrapassou o paralelo 9°". [Apologia em 4.2.4 e 4.2.5]

3.2.6 –"*No seu relatório, Coudreau relaciona os Saltos e Cachoeiras encontradas sequencialmente de Jusante a Montante: São José, Acari, Frechal, Vira-Volta, Trovão, São Feliciano, Jaú e Sete Quedas e não deixa dúvidas quanto à localização ou quanto à paisagem da Cachoeira das Sete Quedas quando a descreve*". [Apologia de 4.2.4 a 4.2.6].

3.2.7 –"*O mapa da região limítrofe, executado por José Lobo Pessanha e que acompanhava o decreto de oficialização dos limites, publicado em dezembro de 1900, traz a divisão proposta por Coudreau que foi acatada na Convenção de limites pelos dois estados*". [Apologia em 4.2.4]

3.2.8 –"*Em 1952, o Marechal Rondon, ao elaborar a Primeira Carta Geográfica de Mato Grosso, seguiu fielmente o texto da Lei, identificando perfeitamente o Salto, a Cachoeira e os limites estabelecidos*". [Apologia de 4.2.4 a 4.2.7)

3.2.9 –"*Entretanto, o IBGE, em 1971, ao publicar o Mapa do Brasil ao Milionésimo, interpretou a Lei, o relatório de Coudreau e a primeira Carta Geográfica de Mato Grosso feita por Rondon, de forma bastante diversa, à revelia de qualquer base científica. A divisa traçada pelo IBGE está a 130km da linha traçada por Rondon e do acordo de limites feito por Mato Grosso e Pará em 1900, que foi sugerido por Coudreau*". [Apologia em 4.1]

3.2.10 –"*Errou o IBGE duas vezes: Chamou a Cachoeira de Salto e mudou a linha divisória*". [Apologia em 4.1]

3.2.11 –A resposta do IBGE tida como "*um pouco confusa*". [Apologia em 4.3]

3.2.12 – “*A legislação é clara. O estudo feito por Coudreau é límpido e Rondon obedeceu à Lei [...]*” [Apologia em 4.1 e subparágrafos]

IV – APOLOGIA – REBATENDO AS QUESTÕES

4.1 – A troca de nomes ocorrida nos mapas mais recentes do IBGE se deve ao fato de que, por norma, a Reambulação – fase de pesquisa de campo para denominar os topônimos – deve refletir o uso corrente local e dos naturais da região sobre o topônimo pesquisado. O mesmo critério supomos ter sido seguido por Rondon em seu Mapa de 1952. Só não nos responsabilizamos é pela locação dos limites.

4.1.1 – No livro “*Voyage au Tapajós*”, Henri Coudreau não deixa dúvidas quanto à localização e caracterização da Cachoeira, descrita com todos os detalhes às folhas 156 e 157 da tradução daquele livro, intitulada “*Viagem ao Tapajós*” – volume 208, série 5 da “*Coletânea Brasiliana*” e página 106 – 107 do original.

4.1.2 – Não deixa dúvidas ainda quanto à localização e caracterização de Salto, nas páginas 158 – 160 da tradução retromencionada e página 107 – 108 do original, onde o autor chega a estabelecer um paralelo entre a Cachoeira [ao Norte] e o Salto [ao Sul].

Neste ponto, julgamos conveniente transcrever o trecho do original que não foi realçado na tradução:

> Le Salto das Sete Quedas est salto, comme Salto Augusto ou Salto Tavares et non cachoeira comme la Cachoeira das Sete Quédas. Il est, parait-il, d’une hauter double de Salto Augusto ou de Salto Tavares; il aurait donc, par conséquent, environ 20 metres! … Toutefois, les sept “*quédas*” sont sur le même plan et non pas en retrait. Il n’y a en réalité qu’une seule

chute, mais divisée en sept sections par des roches qui s'érigent dans la chute en colones ou en murailles. Ce sont sept bouches placées les une à côté des autres sur la même ligne d'horizon.

O Salto das Sete Quedas é Salto como Salto Augusto, ou Salto Tavares e não cachoeira como a Cachoeira das Sete Quedas, ele é, assim parece, de uma altura o dobro de Salto Augusto ou de Salto Tavares; seria então, por consequência, em torno de 20 metros! … Todavia as sete "*quedas*" estão sobre o mesmo plano e não em reentrâncias. Não há, na realidade, senão uma queda, porém dividida em sete seções por rochedos que se erguem através das quedas em colunas ou muralhas. São sete bocas colocadas umas ao lado das outras sobre a mesma linha de horizonte.

Eis, para quem conhece, a descrição vívida e panorâmica do Salto das Sete Quedas, ponto mais ao Sul, atualmente denominado nos mapas Cachoeira das Sete Quedas.

4.1.3 –Já à época da "*Viagem ao Tapajós*", Coudreau alertava para a tendência de troca dos topônimos em causa; à página 151 da tradução do livro Voyage au Tapajós – volume 208 série 5 da Coleção "*Brasiliana*" e página 103 do original lê-se:

Outra coisa que faz confusão é a mudança proposta nos últimos anos por algumas pessoas, bem intencionadas sem dúvida, porém mal inspiradas, que, sob o pretexto de já existir um Salto das Sete Quedas, mudaram o nome da Cachoeira das Sete Quedas para Salto das Campinas, esquecendo que Sete Quedas é uma Cachoeira e não um Salto, e que não são campinas que existem nas suas cercanias, mas colinas cobertas de caatingas.

Realmente, na Carta do Clube de Engenharia se faz menção à Cachoeira das Campinas como nome alternativo para a Cachoeira das Sete Quedas [ponto mais ao Norte – Rio-abaixo].

4.1.4 – Na Convenção de Limites Mato Grosso – Pará, o Topônimo em questão é ligado ao acidente geográfico "*in loco*", com a denominação da época e não ao nome em si sem as vinculações necessárias de vizinhança e localização.

A respeito disso, vale a pena transcrever a declaração de Epitácio Pessoa sobre fato semelhante, no Laudo Arbitral do litígio Paraná – São Paulo:

> Mas o que importa não é qual dos dois Rios os últimos estudos geográficos da região apontam como sendo o lanço inicial do Itararé, mas sim qual deles era tido como tal antes dessas novas explorações, quando as duas Províncias, de comum acordo, acham ser o Itararé a linha divisória.

No caso Mato Grosso – Pará, o que importa é o que "*na época*" era conhecido como Salto das Sete Quedas na latitude 09°22'03,451" e que, hoje em dia, é conhecido como Cachoeira.

4.2 – A respeito das asserções de "*Contato Hoje*", temos os seguintes reparos:

4.2.1 – Relatório de Coudreau, base da Convenção de Limites:

4.2.1.1 – Verifica-se pela leitura do relatório que ele não pautou a Convenção; quando muito, orientou as linhas gerais do exame do problema. Nem o ponto de partida sugerido para o limite Amazonas – Mato Grosso [Salto

Augusto] nem o ponto de partida para o limite Mato Grosso – Pará [Cachoeira das Sete Quedas] foram os pontos acertados nos dois casos.

4.2.1.2 – A viagem e o relatório de Coudreau não foram realizados especificamente para estabelecer o limite natural Pará – Mato Grosso; se fosse, Coudreau não diria:

> Com respeito ao Contestado entre Pará e Amazonas, no Tapajós – posto não tenha sido em absoluto encarregado de tratar desta questão, [...]. Aliás, se consultado, eu proporia pura e simplesmente, em razão da importância do Salto Augusto, como limite entre Pará e Amazonas dum lado e Mato Grosso do outro, o paralelo de Salto Augusto até o Araguaia e até o Madeira; [...]

4.2.2 – A viagem não durou 5 anos e meio e sim 5 meses e dez dias, conforme está no frontispício do livro: 28 de julho de 1895 a 07 de janeiro de 1896.

4.2.3 – O relatório não é um trabalho sucinto; pelo contrário, nos parece exaustivo, pois sucinto quer dizer "*de poucas palavras, breve, resumido, condensado, conciso*". Quanto a Coudreau, fazer análise detalhada da topografia, vegetação e rochas, fica por conta dos articulistas. Nós entendemos que ele foi descrevendo o que via, com os comentários que achou conveniente fazer.

4.2.4 – O Mapa de José Pinheiro Lobo Pessanha, citado no item 2.7 desta nota, não traz a divisão proposta por Coudreau; traz, sim, a posição real do acordo firmado, em 1900, pelos Delegados dos dois Estados, no Rio de Janeiro.

Veja-se que Salto Tavares está ao Norte [Rio-abaixo] de Salto das Sete Quedas [Rio-acima] exatamente como na Carta de Rondon, na Carta ao Milionésimo do Clube de Engenharia [1922] e na Carta de 1935, não constando no Mapa de Coudreau simplesmente porque ele não chegou ao Salto das Sete Quedas. Ficou na Cachoeira das Sete Quedas, mais ao Norte [Rio abaixo].

4.2.5 – Têm razão os articulistas quando dizem que Coudreau não ultrapassou o paralelo 9°S. Ao descrever o Salto das Sete Quedas, Coudreau se refere ao "*relato dos dois sobreviventes da expedição de 1889*" sobre o trecho que vai da Cachoeira das Sete Quedas, mais ao Norte [Rio-abaixo], aonde ele chegou, e Salto das Sete Quedas, mais ao Sul [Rio-acima], atualmente chamado de Cachoeira das Sete Quedas.

4.2.6 – Têm razão os articulistas ao afirmarem que Coudreau "*não deixa dúvidas quanto à localização ou quanto à paisagem da Cachoeira das Sete Quedas quando a descreve*". À página 156 da tradução pode-se ler: Passados os últimos rápidos, alcança-se a cachoeira do Jaú, igualmente pouco para temer, e, por fim, a Cachoeira das Sete Quedas. É esta um significativo acidente geográfico, não só por causa do seu desnivelamento total, que deve atingir perto de dez metros nas águas médias, como em razão da multiplicidade de quedas laterais, repartidas em cinco

grupos por pequenas Ilhas, numa das quais se acha, mesmo, minúscula cadeia montanhosa. (COUDREAU)

De fato, nas Cartas do Clube de Engenharia [1922] e da American Geographic Society [1935], a Cachoeira do Jaú vem registrada imediatamente a jusante do local onde se encontram os quatro pontos definidores da Cachoeira das Sete Quedas, como relatamos na seção II -INTRODUÇÃO, em que listados estão quatro pontos com a denominação Cachoeira das Sete Quedas, aliás, nos mapas atuais "*Salto das Sete Quedas*". Acresce que, ao examinarmos a carta em escala maior – 1:100.000, verifica-se nitidamente que uma das Ilhas tem "*minúscula cadeia montanhosa*", sinalizada pela curva de nível de 100 m, com um ponto culminante a 130 m.

4.2.7 – Relação dos acidentes mais destacados no Rio São Manoel desde a Cachoeira das Sete Quedas [ponto mais ao norte, Rio-abaixo] até o Salto das Sete Quedas [ponto mais ao sul, Rio-acima]:

COUDREAU	PESSANHA	RONDON	CLUBE/ENG.	AMER. GEOG.SOC.
CACH.7 Quedas	-------------------	SALTO 7 Quedas	Cac.7 Q (Campinas)	Cach. 7 Quedas
----------------	-------------------	Cach. Cururu	Cach. Cururu	Cach. Cururu
----------------	-------------------	Ilha Guariba	Ilha Guariba	Ilha Guariba
----------------	-------------------	Ilha Guandu	Ilha Guandu	Ilha Guandu
----------------	Cach. Perdição	Cach. Perdição	Cach. Perdição	Cach. Perdição
----------------	------------------	Cach. Capitão Fogo	Cach. Capitão Fogo	Cach. Capitão Fogo
----------------	------------------	Cach. Villeroy	Cach. Villeroy	Cach. Villeroy
Fechos	------------------	------------------	------------------	------------------
Salto Tavares	Salto Tavares	Cach.Oscar Miranda (antigo Tavares)	Salto Tavares	Salto Tavares
SALTO 7 Quedas	SALTO 7 Quedas	Cach.7 Quedas	SALTO 7 Quedas	SALTO 7 Quedas

Se o mapa de Pessanha estivesse de acordo com os argumentos dos reclamantes, não representaria Salto Tavares e Cachoeira da Perdição entre o Salto [Rio-acima] e a Cachoeira das Sete Quedas [Rio-abaixo].

4.3 – Em que pese a opinião respeitável dos subscritores do artigo da Revista "*Contato Hoje*", face aos esclarecimentos ora aduzidos, não nos parece que a resposta do IBGE tenha sido "*um pouco confusa*", porém bastante esclarecedora. Espera-se que não mais restem dúvidas quanto à validade dos limites lançados nas cartas do IBGE, confeccionados, aliás, dentro da Técnica mais moderna para Cartas Topográficas.

V – CONCLUSÃO

Face ao exposto, acreditamos não mais existirem dúvidas quanto à correção da plotagem e locação pelo IBGE dos limites entre Mato Grosso e Pará, não interpretando, mas traduzindo em linguagem cartográfica e geodésica as cláusulas acordadas entre esses Estados. O respeito à Toponímia local à época da definição dos limites [1900] e os "*usos e costumes locais*" trocando ao longo do tempo os nomes dos acidentes em estudo é que ocasionaram o "*quid pro quo*" ([439]), que esperamos tenha sido devidamente desfeito face aos argumentos aqui aduzidos.

Concluindo: o ponto definidor do Extremo Oeste da Linha Geodésica representativa do limite Mato Grosso – Pará é o Salto das Sete Quedas, tal como definido em 1900, hoje denominado Cachoeira das Sete Quedas, materializado pelo ponto IBGE SAT-PA 35 de coordenadas 09°22'03,451" S / 056°40'20,600" O, conforme o acordo de limites ratificado por Mato Grosso e Pará em 1900 e os mapas da época inclusive aqueles editados até 1935. (CARVALHO)

[439] "*Quid pro quo*": tomar uma coisa por outra.

Terra na Divisa com o Mato Grosso é do Pará

Diário do Pará, 24.11.2011

Não é ainda uma decisão definitiva, mas o Pará sai na frente, e com uma enorme vantagem comparativa, no contencioso que vem sustentando com o Mato Grosso por causa da indefinição de limites. O Serviço Geológico do Exército Brasileiro emitiu nesta semana, como estava previsto, o laudo da perícia judicial realizada na área fronteiriça entre os dois Estados. O relatório confirmou que as terras, cujo domínio é pleiteado pelo Mato Grosso, pertencem efetivamente ao Estado do Pará. [...]

De acordo com o procurador, a previsão é de que o julgamento do processo venha a ser marcado para o início de 2012. O Pará vai para o julgamento numa posição bastante confortável, conforme frisou, porque tem a seu favor o laudo pericial elaborado pelo Exército. (DIÁRIO DO PARÁ)

Litígio de limites de MT - 1

José Lacerda, Chefe da Casa Civil do MT, 23.12.2011

O processo jurídico para resolver a questão envolvendo os limites da divisa do norte mato-grossense com o estado do Pará já está chegando na reta final. Isso pode resultar no aumento da área de Mato Grosso em 22 mil quilômetros quadrados, equivalente a 2 milhões e 200 mil hectares de terras. [...] A petição do governo mato-grossense rebate, técnica e juridicamente, o Laudo Pericial n° 01-2011/DSG, assinado pela Direção do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro, em 16 de novembro deste ano.

O STF acolheu a petição do governo de Mato Grosso e intimou o Ministério da Defesa a se manifestar. (LACERDA)

Exército Conclui Nova Demarcação entre MT e PA e Ação Civil Ordinária Aguarda Parecer da PGR

Vinícius Tavares, Olhar Direto, 13.04.2013

A Diretoria do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro concluiu, em novembro passado, a perícia histórica que vai delimitar os novos limites entre os Estados do Pará e Mato Grosso. De posse do laudo pericial, o Ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo Tribunal Federal [STF], relator da Ação Civil Ordinária [ACO 714] que trata da demarcação dos novos limites, solicitou em 14 de março ao Procurador Geral da República Roberto Gurgel a emissão de parecer final sobre a ação que tramita desde 2004 na Suprema Corte. O prazo para que as procuradorias dos dois Estados apresentem alegações finais na ACO 714 já se esgotou. De acordo com a PGR, a entrega do parecer aos Ministros do STF não tem hora para acontecer. A área em disputa abrange cerca de 2,2 milhões de hectares, onde mais de mil famílias ocupam uma área chamada de Vale do 15, na margem direita do rio Teles-Pires, e vivem da produção agropecuária. Os produtores rurais reclamam estar impedidos de obter o registro das terras e acusam os poderes públicos mato-grossense e paraense de não darem nenhuma assistência por conta do litígio.

Exército Confirma Perícia Histórica na Divisa entre MT e PA

Ao ingressar com a ação, a Procuradoria Geral do Estado [PGE] de Mato Grosso pretende manter a divisa nos marcos definidos pelo marechal Cândido Rondon há mais de 100 anos. A ação foi movida pela PGE devido a um equívoco cometido pela equipe do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, hoje IBGE, que substituiu o Salto das Sete Quedas pela

Cachoeira das Sete Quedas, ao traçar a linha divisória entre os Estados do Pará e de Mato Grosso, em 1922.

Decisão do STF Acirra Batalha Jurídica entre MT e PA por área

Pelo fato de o erro na delimitação ter sido cometido pelo órgão que antecedeu ao IBGE, a PGE-MT pediu ao ministro Marco Aurélio Mello que a nova perícia fosse feita pelo Exército Brasileiro, órgão que teria, na avaliação da PGE, mais isenção para redefinir os limites territoriais.

Silval Assina ato que Permite Perícia na Divisa de MT e PA

Segundo apurou a reportagem do Olhar Direto, a perícia teve início em maio de 2011 e os custos foram estimados em cerca de R$ 500 mil a serem bancados pelo Estado de Mato Grosso, autor da ação. No entanto, o General-de-Divisão Pedro Ronalt Vieira, Diretor do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro, providenciou a devolução de R$ 358.871,06 ao Estado que não foram utilizados nos trabalhos necessários à confecção do laudo pericial. Segundo a PGE, o erro cartográfico do IBGE atingiu os municípios de Alta Floresta, Guarantã do Norte, Matupá, Novo Mundo, Paranaíta, Peixoto de Azevedo, Santa Cruz do Xingu, Santa Terezinha e Vila Rica. Ainda conforme exposição de motivos da PGE apresentada ao ministro, existe um rebanho de aproximadamente 400 mil cabeças de gado na área em litígio. "*Só em Paranaíta estão 170 mil dessas reses; e os produtores fazem o controle de sanidade animal junto ao Instituto de Defesa Agropecuária e Animal da Unidade de Paranaíta. Isso porque não há nenhum contato com o Estado do Pará*", argumenta o Procurador Jenz Prochnow. (VINÍCIUS TAVARES)

Imagem 20 – Área em Litígio (Reprodução/TVCA)

Diário do Fronteiriço

(Érlon Péricles)

[...] Sou da fronteira, me pilcho a capricho
Potrada é de lei da lida que eu sei
Aperto o serviço
Meio gente, meio bicho
Ninguém me maneia
Loco das ideias, sou duro de queixo

Um trago de canha, os amigos de fé
O pinho afinado tocando milongas
E algum chamamé
Com a alma gaúcha e um sonho dos buenos
Eu guardo a querência, que a vida anda braba,
E só mete a cara quem tem a vivência

Ah! Livramento me espera num finzito de tarde,
Um olhar de saudade a mirar da janela
Lá onde o xucro se amansa
Na ânsia do abraço eu apresso o passo
Pra matear com ela.

O Histórico Imperialismo Mato-Grossense

O Amazonas vem, sistematicamente, perdendo áreas de seu território para os estados vizinhos.

As reivindicações totalmente infundadas por parte do Mato Grosso abordadas no capítulo anterior, na época, em relação ao Estado do Pará, tem um perigoso e centenário precedente histórico, com o Amazonas, como podemos observar no artigo publicado, em 27.08.1917, no:

A Capital, n° 38 – Manaus, AM

Quarta-feira, 27.08.1917

Amazonas-Mato Grosso

Positivamente luminoso o Parecer que o Sr. Deputado Aristides Rocha, como Relator da "*Comissão de Poderes, Guarda da Constituição, das Leis e Negócios Municipais*", ofereceu ontem à consideração da Assembleia Legislativa. Refundindo os Projetos dos Srs. Deputados Adriano Jorge e Paulo Emílio que longamente trataram do assunto, o "*Parecer*", estuda de fato e de direito, a questão que é de suma importância para o Amazonas.

O trabalho é um histórico consciencioso e, quanto possível, completo, do relevante caso, remontando às suas origens, pormenorizando o assunto, evidenciando as razões que propugnam a nosso favor, numa abundância eloquente de argumentos seguros.

À luz do "*Acórdão*", de 1889, que é uma frisante e concludente afirmação dos nossos direitos, o Parecer expõe o quanto logrou o Amazonas por essa sentença da Suprema Instância Judiciária do País a qual reconheceu, "*de modo pleno, cabal, o que este Estado pleiteava*". Até ali, a posição do Amazonas, na pendência, era a do vencedor na lide, situação que involuiu à ação, até agora *indefensável* e cada vez mais *incompreensível*, do Sr. Coronel Antônio Bittencourt, o Governador, que, pelo Acordo de 14.09.1910, deu ao Mato Grosso o que Mato Grosso não tivera em virtude da sentença aludida.

Então, o "*Parecer*" critica sob a lógica de ponderações incisivas toda a flagrante desvantagem desse Acordo de 1910 e o iniludível prejuízo que nos trouxe o ato daquele Governador, consentindo, ou melhor, *promovendo a perda de territórios nossos*, inexecutando o Acórdão que foi, na sua íntegra, favorável ao Amazonas. E tudo foi feito com um açodamento sem exemplo, inexplicável, num doloroso abandono pelo que era nosso e ainda o é por força da mencionada sentença, da qual se infere nenhum direito de Mato Grosso ao território que demora ao Sul do Paralelo de 08°48' S, território onde a cobrança feita por aquele Estado foi julgada indevida.

Nenhuma formalidade legal a coonestar ([440]) o que se fez; nenhum ato defensável para justificar a entrega célere e preste, de uma região riquíssima, como a de que se trata. É difícil chegar-se ao conhecimento da influência que nos predestinou a insucesso tão grande, podendo dizer-se que sobre a decisão do Supremo Tribunal, foi jogado um borrão negro, num gesto, de menosprezo pela justiça que nos fez.

[440] Coonestar: dar aparência honesta.

E daí, a sequência dos desastres para o Amazonas nessa questão se representa por fatos que enchem a todos de tristeza. Foi um descer contínuo para um quase descalabro, a caminhar incessante para o prejuízo, a atração direta para uma ruinosa situação.

A defesa do Amazonas notabiliza-se pelo esforço em entregar a Mato Grosso o que a este não era nem é devido; seus advogados, tudo aceitando do que não deviam aceitar, ou deixando correr à revelia a audiência para início dos Trabalhos de Demarcação, concordaram com o que não assistiram nem viram, não interpondo recurso algum, tudo passando em julgado!

Está tudo isto no fulgurante "*Parecer*" da Comissão de Poderes da Assembleia que, de leve, aludimos, manifestando o nosso pleno acordo às judiciosas razões que lhe destacam o valor de peça inteiriça, feita sob o sereno domínio da verdade histórica, à luz dos ensinamentos da tradição, obediente ao que o Direito exara.

É assim o "*Parecer*" que adiante publicamos, trabalho feliz de Aristides Rocha que, com louvável interesse por uma grande causa do Amazonas, lhe prestou um contingente de inestimável labor altamente valioso.

Já o Executivo do Estado, em sua Mensagem oferecida à Assembleia, deixou claro que a reivindicação das terras amazonenses nessa parte com Mato Grosso lhe era preocupação, que o Poder Legislativo tem apoiado numa solene demonstração de solidariedade magnífica. Posta assim a questão, a prudente orientação do momento político-administrativo nos conduzirá, com Mato Grosso, a uma solução pacífica, sem prejuízos dos seus e dos nossos direitos. Eis o:

PARECER

A "*Comissão de Poderes, Guarda da Constituição, das Leis e Negócios Municipais*", a que foram presentes os projetos números 9 e 10 dos Deputados Paulo Emílio e Adriano Jorge, sobre a Questão de Limites deste Estado com o de Mato Grosso, vai aduzir considerações várias, de fato e de direito, no intuito de demonstrar que os mesmos projetos, depois de refundidos, devem ser aprovados, porque consultam a altos interesses do Estado do Amazonas. O Estado do Amazonas sempre exerceu jurisdição plena em todo o território do baixo Rio Madeira, com todos os seus afluentes, até a Cachoeira de Santo Antônio. Em 1891, o Governador do Estado de Mato Grosso baixou um Decreto criando uma Coletoria em Santo Antônio do Rio Madeira, neste Estado, determinando a sua instalação, em 1894, repartição fiscal essa que funcionou e indevidamente arrecadou impostos, a cuja percepção somente o Amazonas tinha direito. Esta a origem da ação que o Estado do Amazonas propôs contra o Mato Grosso, na qual alegou que:

> desde o tempo da Capitania de São José do Rio Negro, teve sempre jurisdição sobre o território compreendido pela linha de Limites que, partindo do Rio Uruguatar, um dos ramos de origem do Ji-Paraná, no 09° Paralelo, segue por este para Oeste até à Cachoeira de Santo Antônio do Rio Madeira, subindo daí pelo centro deste Rio, até a fronteira com a República da Bolívia.

Pediu o Amazonas que, julgada procedente a ação, fosse mantido o seu domínio e jurisdição sobre o aludido território, observada a mencionada Linha de Limites e condenando o Estado de Mato Grosso a lhe restituir a importância dos impostos indevidamente arrecadados.

Resolveu o Supremo Tribunal Federal, perante o qual foi a ação proposta:

a) que sempre havia servido de limite, entre os Estados litigantes, a Cachoeira que os portugueses denominaram de S. João ou de Araguay [Cachoeira de Santo Antônio], como prescreveu a Carta de 1758, e mais tarde a Lei n° 582, de 05.09.1850, que criou a Província do Amazonas;

b) que, no "*regímen*" anterior, o Governo Imperial, por diversos atos administrativos, manteve sempre a jurisdição do Governo do Amazonas – sobre o território do Baixo Madeira até a Cachoeira de Santo Antônio, – verificando isso pelo Decreto n° 3.920, de 31.07.1867, que, regulando a navegação do Amazonas e seus afluentes, excluiu a jurisdição de MT;

c) que, no atual "*regímen*", o Governo do Amazonas continuou sempre a exercer jurisdição até às fronteiras especificadas por Mendonça Furtado, em 10.05.1758, como se evidencia da Portaria de 08.05.1890, em que o Governador subdividiu os Distritos Policiais do Município de Humaitá;

d) que os mapas apresentados por Mato Grosso não podiam favorecer a sua pretensão, ao passo que os exibidos pelo Amazonas tinham toda a autenticidade, porque consignavam a Cachoeira de Santo Antônio, no Rio Madeira, como a Linha de Limite com o Estado de Mato Grosso;

e) que o Estado de Mato Grosso sempre reconheceu a legitimidade do domínio que, há longos anos, o Estado do Amazonas exercia sobre esse território, e nunca o procurou reivindicar;

f) que a cachoeira de Santo Antônio está situada não no Paralelo 09°, mas no Paralelo 08°48'**.**

Dadas pelo Supremo Tribunal as razões de decidir, que acima foram transcritas, julgou ele procedente a ação para mandar que seja observada, como Linha de Limite, entre os Estados do Amazonas e Mato Grosso, a Cachoeira de Santo Antônio, no Rio Madeira, situada no Paralelo 08°48'. E porque o Amazonas houvesse também pedido, na ação, que Mato Grosso fosse condenado a lhe restituir os impostos que cobrara na região, decidiu o Supremo Tribunal que essa cobrança fora indevidamente feita por Mato Grosso, mas, *somente quanto a esta parte*, julgava improcedente a ação, porque a restituição dos impostos somente podia ser pedida por aqueles que os pagaram. Portanto, o Supremo Tribunal reconheceu, de modo pleno, cabal, o que este Estado pleiteara.

Proferido o julgado do Supremo Tribunal Federal, dando completo ganho de causa ao Amazonas, em 11.11.1899, liquidada naturalmente achava-se a pendência sobre Limites, entre este e o Estado de Mato Grosso. O Amazonas, cujos direitos o Supremo Tribunal reconhecera, deveria, pois, continuar a exercer o seu domínio e jurisdição sobre a região questionada, sem que o vizinho Estado lhe pudesse criar, diante da decisão judiciária, quaisquer embaraços. Como consequência, somente este Estado poderia tributar os produtos da região e arrecadar os respectivos impostos.

Em 1909, dez anos depois de haver o Supremo Tribunal Federal julgado a favor do Amazonas a ação que propusera contra Mato Grosso, este, vencido na lide, propôs um acordo para execução do Julgado. Nesse mesmo ano, o Governador de então, Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, em Mensagem

que, a 10.07.1909, dirigiu ao Poder Legislativo, dizia: "*há toda urgência em que seja resolvida a Questão de Limites entre o Amazonas e o Estado de Mato Grosso*", acrescentando que o Dr. Antônio Corrêa da Costa, Delegado de Mato Grosso lhe havia proposto um acordo para solucionar o caso, na realidade já solvido pela decisão do Supremo Tribunal. Declarava ainda em sua Mensagem, o aludido Governador, que o Supremo Tribunal havia determinado, como linha de limite entre este e o Estado de Mato Grosso "*o Paralelo 08°48' da Cachoeira de Santo Antônio do Rio Madeira*". E assim tiveram início as negociações, que tão nocivas foram ao Amazonas, – "*por não ser justo criar entraves ao bom andamento dos negócios do nosso gentil vizinho*", – como ao Poder Legislativo fizera sentir o Chefe do Executivo na aludida Mensagem de 10.07.1909. Em 1910, ainda em Mensagem que a 10 de julho o então Governador dirigia ao Poder Legislativo, expunha:

> Propôs o Governo de Mato Grosso, e eu aceitei, como Divisa entre aquele Estado e o Amazonas, a Linha determinada por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 10.05.1758, para a antiga Capitania de São José do Rio Negro, linha essa mandada observar pelo Acórdão do Supremo Tribunal Federal, de 11.11.1899.

No entanto, dois meses depois de haver informado ao Poder Legislativo que a Linha de Limites entre este e o Estado de Mato Grosso seria a traçada por Mendonça Furtado e mandada observar pelo Supremo Tribunal, – assinava o então Governador, a 14.09.1910, com o Delegado Fiscal de Mato Grosso, um acordo, estabelecendo uma Linha Divisória a demarcar, entre os dois Estados, "*o Paralelo de 8°48' de Latitude Meridional, a partir da margem direita do Rio Madeira, para Leste, de conformidade com o Acórdão, de 11.11.1899, do Supremo Tribunal*". De conformidade com o Acórdão, não, – porque o Acórdão mandou observar como Linha de

Limite, entre os dois Estados, a Cachoeira de Santo Antônio, dizendo-a situada no Paralelo 08°48'. O Acórdão, pois, não deu a direção da Linha Limite, assinalou a Cachoeira de Santo Antônio como ponto divisório entre os dois Estados.

Foi o Acórdão lavrado, em 11.09.1910, em discordância ao que decidira o Supremo, acordo esse observado pela Comissão Demarcadora, que estipulou ser o Paralelo 08°48' a linha a ser observada como limite entre os dois Estados. Não se argumente que a Lei deste Estado, n° 527, de 19.02.1907, que aprovou o acordo firmado em 29.10.1904, houvesse reconhecido que o Paralelo 08°48' devia ser a linha limítrofe, porque o artigo 7°, da referida Lei dispôs:

> As cláusulas deste Acordo não afetam de modo algum os direitos territoriais, que cada um dos Estados defende como seus.

Ora, os direitos territoriais que o Amazonas defendia como seus, foram os proclamados pelo Acórdão de 11.11.1899, direitos esses que o Acordo, de 11.09.1910, esqueceu e postergou apesar de se declarar no Acordo, que a convenção era em observância à decisão do Supremo! Não aproveita também o argumento de que o Executivo, fazendo o Acordo de 14.09.1910, estivesse autorizado pela Lei Estadual n° 558 de 17.08.1909. O que esta Lei autorizou ao Executivo foi o seguinte:

> 1° a mandar proceder aos estudos topográficos e geodésicos que julgou necessários, na região atravessada pelo Paralelo 08°48', a partir da Cachoeira de Santo Antônio até o Meridiano que passa pelo Outeiro Maracá-Assu – a fim de ser traçada a Linha de Limites do Estado do Amazonas com o Estado de Mato Grosso NA CONFORMIDADE DA LINHA ESTABELECIDA PARA LIMITE DESTES DOIS ESTADOS pelo Acórdão do Supremo Tribunal Federal, de 11.11.1899.

> 2° a entrar em acordo com o Governo de Mato Grosso para ser traçada a Linha de Limites e serem colocados os respectivos marcos e a usar de todos os meios prometidos em direito – PARA OBSERVÂNCIA FIEL DO REFERIDO ACÓRDÃO.

Ao Poder Executivo, pois, incumbia mandar proceder aos estudos prévios da região que o aludido Paralelo atravessasse. Não o fez, em vez de executar o que a lei determinara, fantasiou Limites arbitrários, cuja locação mandou proceder, de encontro ao julgado do Supremo. É de salientar que, realizado o acordo a 14.09.1910, dias antes de ele efetivado, isto é, em 31 de agosto do mesmo ano de 1910, nomeava o Governador Coronel Antônio Bittencourt a Comissão Amazonense de Limites com o Estado de Mato Grosso. De modo que o acordo, que alterava a linha de Limites, teve execução antes de o Poder Legislativo conhecê-lo, apesar de se achar funcionando a esse tempo, porque, só na Mensagem de 1911, levava o Chefe do Executivo ao conhecimento do Legislativo o lesivo acordo que assinara. E essa execução é a própria Mensagem de 1911, que noticia, transcrevendo trechos de uma informação do Capitão Thebano Barreto, Ajudante da Comissão, FOSSE FIELMENTE OBSERVADO:

> Os trabalhos astronômicos, tendo em vista a determinação do ponto na margem direita do Rio Madeira, onde passa o Paralelo de Latitude Sul de 08°48’, foram iniciados, fazendo-se observações astronômicas em Porto Velho, para determinação, por diversos modos, da Latitude do mencionado povoado. Depois de muitos dias de observações, verificado ser a referida Coordenada Geográfica inferior àquela acima citada, passou a Comissão a fazer as suas observações ao Sul do povoado supradito, na Vila de Santo Antônio, para determinar a respectiva Latitude, que se tendo verificado ser superior a 08°48’00” Sul, concluiu-se que o Paralelo terrestre em questão passava entre

> Porto Velho e Santo Antônio. Tornou-se então mister ligar o ponto de observação em Santo Antônio, a um ponto convenientemente escolhido ao Norte e determinar o Azimute Astronômico da Reta por eles assinalada, a fim de precisar um terceiro ponto na margem direita do Rio Madeira, do Círculo de Latitude predito. Assim procedendo-se, ficou determinado, próximo e ao Sul da Ilha do "*Português*" e ao Norte da Vila de Santo Antônio, na supracitada margem, o ponto de partida do segmento do Paralelo de Latitude Sul 8°48'00", Linha de Limite deste Estado com o de Mato Grosso.

Por aí se vê que o Acórdão do Supremo Tribunal Federal não estava sendo executado, apesar das constantes recomendações do Legislativo ao Executivo, inexecução esta prejudicial ao Amazonas, desde que o acordo de setembro de 1910, executado pela Comissão, fantasiou Limites outros, que não os mandados observar pelo Supremo. Assim é que a Cachoeira de Santo Antônio, ponto mandado observar, foi abandonado, deixado de lado, em detrimento aos nossos interesses. Argumentam, e um colaborador do "*Jornal do Commercio*", desta cidade, sob as iniciais A. B., disse de oitiva "*que não foi reconhecido ao Amazonas direito ao território que fica ao Sul do Paralelo 08°48', tanto assim que o Tribunal julgou improcedente a restituição dos impostos ali cobrados por Mato Grosso*". A verdade, atestada pelo Acórdão, não é essa. O Supremo Tribunal tanto reconheceu o direito do Amazonas ao território que fica ao Sul do Paralelo 08°48', território que Mato Grosso ocupando, sobre ele exercia sua ação fiscal, que julgou indevida a cobrança de impostos feita por Mato Grosso, impostos cuja restituição julgou improcedente, não porque sua arrecadação não pertencesse ao Amazonas, mas simplesmente pelo princípio de que a restituição dos impostos devia ser pleiteada por aqueles que os pagaram, o que é coisa bem diferente.

Vê-se, pois, que esse argumento não pode justificar que a divisa entre os dois Estados seja o paralelo 08°48’. Por outro lado, é de salientar haver reconhecido o Supremo o direito do Amazonas sobre todo o território do Baixo Madeira, até a Cachoeira de Santo Antônio, indicando, portanto, uma linha que, partindo da aludida cachoeira, não pode deixar de compreender, em seu percurso, todo o território do Baixo Madeira com todos os seus afluentes, hoje indevidamente em poder de Mato Grosso. O bom senso estava a indicar que cumpria aos peritos reconhecer, primordialmente, a Cachoeira e depois determinar Paralelo que passasse pelo meio dela, fosse qual fosse, verificado, como dizem ter sido, que o Paralelo 08°48’ não incidia sobre esse ponto, como supôs o Supremo Tribunal.

Assim, a execução não está dentro dos termos da decisão proferida. Mas os advogados do Amazonas, alheios ao assunto, aceitaram a demarcação feita nesta conformidade! Fizeram mais: tendo o advogado de Mato Grosso requerido que a linha não fosse traçada ponto por ponto, eles concordaram, tendo o Juiz Comissionado se transportado a Santo Antônio, onde realizou a audiência de início dos trabalhos à revelia do Amazonas porque o seu advogado, apesar de citado, lá não compareceu. No entanto, o advogado que a coisa alguma assistiu, demarcada a Linha até o Rio Machado, concordou com a demarcação! Homologada a demarcação feita pelos peritos e por suplentes de peritos, o advogado do Amazonas não interpôs recurso algum, tendo a decisão passado em julgado.

Obrigará ao ([441]) Amazonas, a irreflexão de seu advogado, emitindo parecer concordando com tão lesiva demarcação, evidentemente contrária ao Julgado do Supremo?

Pensa a Comissão que não.

---

[441] Obrigará ao: Ficará sujeito o.

Se com essa demarcação na parte homologada, o Amazonas perdeu grande parte do seu território, é evidente que o advogado transigiu com os direitos de seu cliente, sem ter poderes especiais para fazê-lo, sendo nulo o ato do advogado, quando concordou com a demarcação.

O próprio Governador do Estado não poderia dar poderes especiais para essa transigência, que vinha importar numa verdadeira alienação gratuita de terras do patrimônio do Estado, porque o Governador não tem competência para o caso em apreço. Compete ao Poder Legislativo do Estado legislar sobre a alienação, aquisição e arrendamento dos bens do Estado:

– Constituição de 1895, Artigo 32, n° 18;

– Constituição de 1910, Artigo 34, n° 18;

– Constituição de 1913, Artigo 27, n° 18.

Sendo assim, não pode produzir efeitos jurídicos contrários ao mandante, aquilo que o mandatário praticou sem os necessários poderes.

Acresce que somente quanto a direitos patrimoniais de caráter privado é que se permite a transação; artigo 1.035 do Código Civil.

Dirão que os advogados cumpriram, observaram o Ajuste ou Tratado realizado pelo Governador deste Estado, com o Delegado de Mato Grosso, em 14.09.1910.

Também não aproveita o argumento, porque ao Poder Legislativo, exclusivamente, compete autorizar ajustes e Tratados com outros Estados e aprovar os feitos pelo Governador, quando com eles concordar:

– Constituição de 1895, Artigo 29, n° 6;

– Constituição de 1910, Artigo 31, n° 6;

– Constituição do 1913, Artigo 24, n° 6.

Acresce e é de salientar logo que, se o acordo de 14.09.1910 tinha por efeito a incorporação de uma parte do território do Amazonas, que ficou mutilado, ao território de Mato Grosso, em tal caso, ainda nulo é o acordo de 1910, diante dos dispositivos constitucionais. A Constituição Federal, no Artigo 4°, determina que os Estados podem incorporar-se entre si, subdividir-se, ou desmembrar-se, para se anexar a outros, ou formar novos Estados, – mediante aquiescência das respectivas Assembleias Legislativas, em duas sessões anuais sucessivas e aprovação do Congresso Nacional. Em observância a esse princípio, dispuseram as diferentes Constituições do Amazonas, ser da competência do Poder Legislativo legislar sobre a incorporação do território de outro Estado ao do Amazonas, e sobre a divisão ou desmembramento deste, nos termos do Artigo 4° da Constituição Federal.

- Constituição do Amazonas, de 1895, Artigo 32, n° 14; idem de 1910, Artigo 34, n° 14; idem de 1913, Artigo 27, n° 14.

Diante de tudo isso, é evidente que ao então Governador do Amazonas e aos advogados por ele constituídos, falecia ([442]) competência para ajustar, tratar ou concordar de encontro ao julgado do Supremo Tribunal, sem expressa autorização legislativa, com a demarcação nos termos em que ela se está procedendo, em prejuízo do Amazonas, sob a ameaça de perder um grande território, parte do qual ilegalmente foi entregue pelo então Governador do Amazonas.

De fato, em 30.07.1912, tendo o Dr. Hermínio do Espírito Santo, Ministro Presidente do Supremo Tribunal Federal, telegrafado ao Governador noticiando a homologação da demarcação de Limites entre este Estado e o de Mato Grosso, dias depois, a 08.08.1912, apressava-se o Governador do Estado, em oficiar ao Delegado Fiscal de Mato Grosso, nesta

[442] Falecia: faltava.

cidade, a fim de lhe fazer entrega de todo o território, ao Sul do Paralelo 08°48’, até o Rio Ji-Paraná ou Machado, ao mesmo tempo em que oficiava ao Juiz do Direito de Humaitá para fazer cessar toda a ação administrativa e judiciária do Amazonas na região aludida! O Delegado do Mato Grosso, dois dias depois, isto é, a 10.08.1912, oficiava ao Governador do Amazonas, declarando haver entrado na posse do território que, com tanta solicitude, lhe foi entregue, independentemente de qualquer formalidade legal. Assumindo o Governo o Dr. Jonathas Pedrosa, em Mensagem dirigida ao Poder Legislativo, chamou patrioticamente a atenção do mesmo para o que se fizera de encontro aos interesses do Estado. E dizia:

> Devo chamar a vossa atenção para o referido acordo no qual verifiquei lamentável engano, que redunda em prejuízo de muitos quilômetros quadrados de terras para o Amazonas, além da perda que teve da Vila de Santo Antônio no Rio Madeira.
>
> O artigo 1° do acordo está concebido nos seguintes termos: “*A linha divisória a demarcar entre os dois Estados, do Amazonas e Mato Grosso, SERÁ O PARALELO DE 08°48’ DE LATITUDE MERIDIONAL, a partir da margem direita do Rio Madeira para Leste, DE CONFORMIDADE COM O ACÓRDÃO DE 11.11.1899, DO SUPREMO TRIBUNAL; entretanto, tendo sido demarcado o Paralelo 08°48’, como Linha do Limite entre os dois Estados, a demarcação não se realizou DE CONFORMIDADE COM O ACÓRDÃO DO SUPREMO TRIBUNAL*”.

Na Mensagem aludida, de 1914, diz que, embora homologada a demarcação, na parte executada, é de prever que o honrado Governo de Mato Grosso não se recuse à celebração de um novo acordo, em forma legal, pelo qual possam ser estabelecidas cláusulas retificadoras ou compensadoras do erro apontado.

Assim deve ser realmente, porque a presunção é que as duas altas partes contrataram de boa-fé. A vista do exposto, é a Comissão de Poderes de parecer que, refundidos os projetos 9 e 10, que tratam do mesmo assunto, seja adotado o seguinte:

PROJETO

A Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas

DECRETA:

Artigo 1° – Fica de nenhum efeito o acordo que, a 14.09.1910, foi realizado entre os Governos deste e do Estado de Mato Grosso, estabelecendo condições lesivas aos direitos do Amazonas, para a execução da Sentença do STF, sobre limites dos dois Estados.

Artigo 2° – Ficam desaprovados, como ilegais e nocivos aos interesses deste Estado, todos os atos do Poder Executivo que fizeram cessar a ação judiciária e administrativa do Estado do Amazonas, no território compreendido ou situado ao Sul do Paralelo de 08°48’ S, a partir da margem direita do Rio Madeira para Leste.

Artigo 3° – É o Poder Executivo autorizado a tomar todas as necessárias providências em defesa dos interesses do Amazonas, constituindo um advogado de notável saber e reputação que, perante o Supremo Tribunal, lhe patrocine os direitos no sentido de pleitear a nulidade da execução ilegalmente dada ao Julgado do Supremo Tribunal, de 11.11.1899, e praticar todos os atos assecuratórios dos direitos deste Estado a fim de reaver o território a que se refere o artigo 2°, caso não o consiga, amigavelmente.

Artigo 4° – O Poder Executivo poderá rever ou denunciar o acordo fiscal de 13.01.1916, realizado entre este e o Estado de Mato Grosso, submetendo a revisão ao conhecimento do Poder Legislativo.

Artigo 5° – O Governo nomeará uma Comissão de técnicos, que tomará a seu cargo evidenciar a plenitude dos direitos do Amazonas, na região disputada pelo Estado de Mato Grosso.

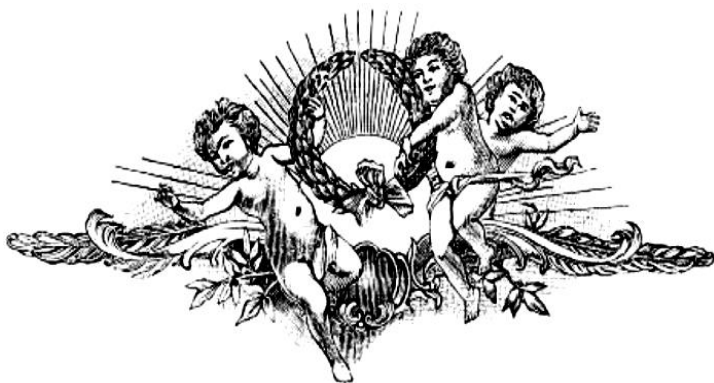
Artigo 6° – Fica o Governo autorizado a abrir no orçamento a verba necessária para execução desta Lei.

Artigo 7° – Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Comissões, na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, em 21.08.1917.

Aristides Rocha – Relator

Antônio Teixeira

Francisco Telles da Rocha (A CAPITAL, N° 38)

Bibliografia

A CAPITAL, N° 38. Amazonas-Mato Grosso – Brasil – Manaus, AM – A Capital, n° 38, 27.08.1917.

ACUÑA, Christóbal de. Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas – Espanha – Madrid – Ed. García, 1891.

AGASSIZ, Luís Agassiz & Elizabeth Cary Agassiz. Viagem ao Brasil (1865 – 1866) – Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2000.

AVÉ-LALLEMANT, Robert Christian Barthold. Viagem pelo Norte do Brasil no ano de 1859 – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura, 1961.

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. Ensaio Chorographico do Pará (1839) – Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2004.

BATES, Henry Walter Bates. Um Naturalista no Rio Amazonas – Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda. – Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BERREDO, Bernardo Pereira. Annaes Históricos de Berredo – Itália – Florença – Typographia Barbera, 1905.

BISPO, Antonio Alexandre. Georg Heinrich Graf Von Langsdorff (1774-1852) – Brasil – São Paulo, SP – Brasil Academia Brasil – Europa de Ciência da Cultura e da Ciência (digital) – Fórum Brasil – Europa de Leichlingen, 1984.

CARVALHO, Fernando Rodrigues de. Limites Entre Mato Grosso e Pará: Coletânea de Trabalhos Publicados – Brasil – Curitiba, PR – MundoGEO, 2009.

CASTRO, Miguel João de. Abertura de Comunicação Comercial Entre o Distrito de Cuiabá e a Cidade do Pará Por Meio da Navegação dos Rios Arinos e Tapajós – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral de Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil – Tomo XXXI – 1ª Parte, B. L. Garnier, 1868.

CAZAL, Manoel Ayres de. Corografia Brasílica ou Relação Histórico Geográfica do Reino do Brasil – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Régia, 1817.

CONDAMINE, Charles-Marie de La. Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas – Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2000.

CORDAS & WEINBERG, Táki Athanássios Cordas & Cybelle Weinberg. Clorose: a Efêmera Doença das Virgens – Brasil – São Paulo, SP – Revista de Psiquiatria Clínica n° 29 – Ponto de Vista, 2002.

CORREIO POPULAR, N° 07. Suplemento Especial – Hércules Florence 1979: Centenário de Sua Morte em Campinas – Brasil – Campinas, SP – Correio Popular, n° 07, 29.11.1978.

COUDREAU, Henri Anatole. Viagem ao Tapajós – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1940.

DANIEL, João. Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Contraponto Editora, 2004.

DIÁRIO DO PARÁ. Terra na Divisa com o Mato Grosso é do Pará – Brasil – Belém, PA – 24.11.2011.

DOU N° 97. Superintendência de Gestão e Estudos Hidroenergéticos – Despachos do Superintendente – Brasil – Brasília, DF – Diário Oficial da União n° 97, 25.05.2009.

FILHO, Virgílio Alves Correia. Ricardo Franco de Almeida Serra – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Volume 243 – Departamento de Imprensa Nacional, abril-junho 1959.

FLORENCE, Hercule. Esboço da Viagem feita pelo Sr. De Langsdorff no Interior do Brasil, desde Setembro de 1825 até Março de 1829 – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil – Tomos XXXVIII e Tomo XXXIX – Parte Segunda – B. L. Garnier, 1875/1876.

FLORENCE, Hercule – Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829 – Brasil – Brasília, DF – Edições do Senado Federal, 2007.

GÂNDAVO, Pêro de Magalhães. História da Província de Santa Cruz, que Vulgarmente Chamamos Brasil (1576) – Portugal – Lisboa – Biblioteca Nacional, 1984.

IBGE – Diamantino, Mato Grosso (MT) – Histórico – http://biblioteca.ibge.gov.br.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Dois Anos Entre os indígenas – Brasil – Manaus, AM – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

KOMISSAROV, Boris Nikolaevich. Expedição Langsdorff: Acervo e Fontes Históricas – Brasil – São Paulo, SP – Editora UNESP (Fundação para o Desenvolvimento da UNESP), 1994.

KRÜGER & TELLES, Tenório Krüger, Marcos Frederico Telles. Poesia e Poetas do Amazonas – Brasil – Manaus, AM – Editora Valer, Manaus, 2006.

LACERDA, José. Litígio de Limites de MT - 1 – Brasil – Cuiabá, MT – Mídia News, 23.12.2011.

LANGSDORFF, Georg Heinrich Von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807 (Volume 01) – Alemanha – Frankfurt – Friedrich Wilmans, 1812.

MAGALHÃES, Amílcar A. Botelho de. Pelos Sertões do Brasil (1928) – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1941.

MARCOY, Paul. Viagem pelo Rio Amazonas – Brasil – Manaus, AM – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

MELLO, Raul Silveira de. Um Homem do Dever - Cel Ricardo Franco de Almeida Serra – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército (Bibliex), 1964.

NORONHA, José Monteiro de. Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província (1768) – Brasil – Belém, PA – Typographia de Santos & Irmãos, 1862.

OLIVEIRA, J. J. Machado de. Memória da Navegação do Rio Arinos, até a Vila de Santarém... – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil – Tomo 19, B. L. Garnier, 1856.

PONTES, Rodrigues de Sousa da Silva. Documento Oficial – Oferecido ao Instituto pelo seu Sócio efetivo... – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral de História e Geografia – Tomo VI, 1844 – Kraus Reprint, 1973.

RBG (Revista Brasileira de Geografia). Vultos da Geografia do Brasil Henri-Anatole Coudreau – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Abril-Junho de 1943.

RTHG, 1842 – Provisão Régia do ano de 1752, para se Construir uma Fortaleza no Rio Branco – Brasil – Rio, RJ – Revista Trimestral de História e Geografia – Tomo IV, pg 501 – Imprensa Americana de L. P. da Costa, 1842.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil – França – Paris – J. P. Aillaud Editor, 1845.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1938.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. Tupaiulândia – Brasil – Santarém, PA – Gráfica e Editora Tiagão, 1999.

SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Navegação do Rio Tapajós para o Pará... – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral de História e Geografia – Tomo IX – 1° Trimestre de 1847 – Tipografia de João Ignácio da Silva, 1869.

SIQUEIRA, Joaquim da Costa. Compêndio Histórico Cronológico das Notícias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso desde o Princípio do ano de 1778 até o fim do Ano de 1817 – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Tomo XIII – 1° Trimestre de 1850 – Tipografia de João Ignácio da Silva, 1872.

SOUTHEY, Robert – História do Brasil, Volume VI – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria de B. L. Garnier, 1862.

SPIX & MARTIUS, Johann Baptist Von Spix & Carl Friedrich Philipp Von Martius. Viagem pelo Brasil (1817 – 1820) – Brasil – São Paulo, SP – Edições Melhoramentos, 1968.

SPRUCE, Richard. Notas de um Botânico na Amazônia – Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda. - Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TAVARES, Rufino Luiz. O Rio Tapajoz – Memória onde se estuda Semelhante Tributário do Amazonas, não só como Elemento de Riqueza e uma das Melhores Vias de Comunicação, como Também Porque Todo o Território que Banha – pelo Primeiro Tenente Reformado da Armada Nacional e Imperial Rufino Luiz Tavares – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Nacional, 1876.

VINÍCIUS TAVARES. Exército Conclui Nova Demarcação entre MT e PA e Ação Civil Ordinária Aguarda Parecer da PGR – Brasil - Cuiabá, MT – Olhar Direto, 13.04.2013.

VOZ DA RÚSSIA. Grigori Langsdorff, o Primeiro Russo a Pisar no Brasil – Rússia – Moscou – portuguese.ruvr.ru, 2012.

WALLACE, Alfred Russel. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro – Brasil – São Paulo, SP – Editora Companhia Editora Nacional, 1939.

Convido-os a participar da malograda Expedição Langsdorff pela Bacia do Tapajós que, apesar do infortúnio que se abateu sobre seu líder, é reconhecida como uma das mais importantes do século XIX. Graças a ela pudemos tomar conhecimento dos costumes e da língua dos Mundurucu, Apiacá e Guaná.

Vamos conhecer a vida de Sir Henry Alexander Wickham, responsável pelo furto de sementes da seringueira (Hevea brasiliensis) de seu habitat amazônico provocando um total colapso no ciclo da borracha e um gradual esvaziamento econômico da região amazônica.

Acompanhemos a desdita de Henry Ford nas regiões de Fordlândia e Belterra. Um empreendimento faraônico no qual ficou patente a má gestão e a falta de compreensão das coisas e das gentes da Amazônia.

Descortinemos as maquinações da Revolta de Jacaré-Acanga, redescubramos o Berço da Humanidade e desvendemos os mistérios da Cerâmica Tapajoara dentre outros tantos segredos perdidos no longínquo pretérito tapajônico.

Coronel Hiram Reis e Silva
(Pesquisador Militar)